

AUTOR Nº 1 DO NEW YORK TIMES

DANIEL
SILVA

AUTOR DO BEST-SELLER AS REGRAS DE MOSCOVO E O CONFESSOR

O ARTISTA DA
MORTE

A VINGANÇA COMO OBRA DE ARTE

11
17

SÉRIE
GABRIEL ALLON

1



DANIEL
SILVA

*O artista
da morte*

THE KILL ARTIST
2002

DANIEL SILVA

O ARTISTA DA MORTE

Tradução de VASCO T. MENEZES

BERTRAND EDITORA, Lisboa, 2008

Título Original: The Kill Artist

Copyright (c) Daniel Silva, 2000

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, excepto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1 0-499 Lisboa

Telefone: 21 762 61 00

Fax: 21 762 61 50

Correio eletrónico: editora@bertrand.pt

Revisão: Fernanda Alves

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Impressão e acabamento: Tipografia Peres

Depósito legal nº 271 211/08

Acabou de imprimir-se em Abril de 2008

ISBN: 978-972-25-1676-1

SINOPSE

Gabriel Allon foi importante agente dos serviços secretos israelenses, mas agora só pensa em fugir do passado para viver uma vida tranquila como restaurador de arte. Seu antigo mentor, no entanto, o arrasta de volta ao perigo. O motivo: astuto terrorista em sua derradeira trilha de matança, não por acaso é responsável por uma fase negra na antiga vida de Gabriel. Num mundo em que mentira e a duplicidade são comuns, a vingança é um luxo sem preço.

Para Jamie, que tornou este livro possível, e todo o resto, aliás

NOTA DO AUTOR

O Artista da Morte é uma obra de ficção e deve ser interpretada apenas como tal. Todas as personagens e todos os locais e incidentes retratados no romance são produtos da imaginação do autor ou foram utilizados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, é pura coincidência. No entanto, de modo a acrescentar verossimilhança à história e às personagens, parti de episódios verdadeiros na guerra secreta entre os serviços de espionagem israelenses e as guerrilhas palestinas. Por exemplo, o assassinato, em 1988, de Abu Jihad, líder do comando da OLP, aconteceu em grande parte como é retratado, com pequenas modificações. Francesco Vecellio é um dos velhos mestres pintores italianos — na realidade, era o irmão menos conhecido de Ticiano —, mas A Adoração dos Pastores retratada no romance é fictícia. Infelizmente, a galeria de arte londrina retratada em O Artista da Morte não existe, nem tampouco seu dono.

O Senhor falou a Moisés, dizendo:

Envia homens para que possam reconhecer a terra de Canaã, a qual dou aos filhos de Israel; de cada tribo dos seus pais, enviarás um homem, cada um, um príncipe entre eles.

NÚMEROS 13:1-2

Por meio do engano farás a guerra.

LEMA DO MOSSAD

PRÓLOGO

VIENA: JANEIRO DE 1991

O restaurador ergueu a viseira de ampliação e desligou a série de luzes fluorescentes. Aguardou que os olhos se adaptassem à obscuridade do anoitecer na catedral; a seguir, inspecionou uma porção minúscula do quadro, logo abaixo da ferida de flecha na perna de São Estêvão. Ao longo dos séculos, a tinta desgastara-se por completo até a tela. O restaurador tinha reparado o dano tão cuidadosamente que, sem o uso de equipamento especializado, era agora bastante impossível diferenciar o seu trabalho do original, o que significava que tinha feito o seu trabalho realmente muito bem.

O restaurador agachou-se na plataforma de trabalho, limpou os pincéis e a paleta, e arrumou as tintas num estojo simples e retangular de madeira encerada. O cair da noite escurecera as sublimes janelas de vitral da catedral; um manto de neve nova abafara o zumbido da hora de ponta do anoitecer vienense. A Stephansdom estava tão silenciosa que o restaurador dificilmente teria ficado surpreendido por ver um sacristão medieval a passar apressadamente pela nave, à luz de uma tocha.

Desceu do andaime alto com a agilidade de um gato doméstico e deixou-se cair silenciosamente no chão de pedra da capela. Um grupo de turistas tinha estado a observá-lo a trabalhar durante vários minutos. Em regra, o restaurador não gostava de espectadores — na realidade, em certos dias cobria a plataforma com uma lona cinzenta. O grupo deste dia dispersou enquanto ele vestia um casaco assertoado e um gorro de lã azul. Suavemente, disse-lhes *buona sera*, gravando instintivamente cada rosto

na cabeça, de forma tão permanente como se estivessem representados a tinta de óleo numa tela.

Uma atraente moça alemã tentou encetar conversa com ele. Falou-lhe num italiano fraco. Num alemão rápido e com sotaque de Berlim — a mãe tinha vivido em Charlottenburg antes da guerra —, o restaurador respondeu que estava atrasado para um compromisso e que agora não podia conversar. As moças alemãs punham-no pouco à vontade. Por reflexo, os olhos dele percorreram-na de cima abaixo — os seios grandes e redondos, as pernas compridas. Ela confundiu a atenção dele com um flerte, inclinou a cabeça, sorriu por entre uma madeixa de cabelos claros, sugeriu um café no outro lado da praça. O restaurador pediu desculpas e respondeu que precisava ir embora. — Além do mais — disse, olhando para cima, para a nave sublime — isto é Stephansdom, Fraülein. Não um bar de paquera.

Um momento mais tarde, atravessou a entrada da catedral e disparou pela Stephansplatz. Era de estatura média, bem abaixo do metro e oitenta. O cabelo preto tinha riscas grisalhas nas têmporas. O nariz era bastante comprido e angular, com contornos duros na cana que davam a impressão de ter sido esculpido a partir de madeira. Lábios carnudos, queixo marcado, maçãs do rosto largas e robustas. Havia um traço das estepes russas nos olhos — em forma de amêndoa, de um verde não natural, muito rápidos. A sua visão era perfeita, apesar da natureza exigente do trabalho. Tinha um andar confiante, não um andar com ar de superioridade arrogante nem uma marcha, mas sim um passo largo, determinado, que o parecia impelir sem esforço ao longo da praça coberta de neve. A caixa que continha as tintas e os pincéis estava debaixo do braço esquerdo, apoiada no objeto de metal que utilizava habitualmente na anca esquerda.

Caminhou ao longo da Rotenturmstrasse, uma ampla alameda para peões, com filas de lojas e cafés resplandecentes, parando em frente das montras das lojas, olhando para canetas Mont Blanc e relógios Roex reluzentes, mesmo não tendo nenhuma necessidade dessas coisas. Parou junto a um quiosque de salsichas coberto de 15 neve, comprou uma kasewurst e deitou-a para um caixote de lixo a uns cem metros à frente, sem lhe dar uma dentada. Entrou numa cabina telefônica, enfiou um xelim na ranhura das moedas, premiu uma série aleatória de números nas teclas,

enquanto inspecionava a rua e as fachadas de lojas em seu redor durante todo esse tempo. Uma gravação informou-o de que tinha cometido um erro terrível. O restaurador recolocou o receptor, recolheu o xelim do tabuleiro das moedas e continuou a andar.

O seu destino era um pequeno restaurante italiano no Bairro Judeu. Antes dos nazistas, tinha havido duzentos mil judeus a viver em Viena, e os judeus dominavam a vida cultural e comercial da cidade. Agora havia apenas uns quantos milhares, principalmente do Leste, e o chamado Bairro Judeu era uma faixa de lojas de roupa, restaurantes e clubes noturnos, enclausurada à volta da Judenplatz. Entre os Vienenses, o bairro era conhecido como o Triângulo das Bermudas, o que o restaurador considerava vagamente ofensivo.

A mulher e o filho do restaurador estavam à sua espera — mesa dos fundos, virada para a porta, tal como ele lhes tinha ensinado. O rapaz estava sentado ao lado da mãe, a chupar fios de esparguete cozido com manteiga, por entre lábios rosados. Observou-a por um instante, apreciando-lhe a beleza do mesmo modo como poderia avaliar uma obra de arte: a técnica, a estrutura, a composição. Tinha uma pele pálida de tons de verde-azeitona, olhos castanhos ovais e cabelo castanho comprido, o qual estava puxado para trás e caído sobre a frente de um ombro.

Entrou no restaurante. Beijou o filho no cimo da cabeça, conversou em italiano com o homem por trás do bar e sentou-se. A mulher serviu-lhe vinho.

— Não muito. Tenho de trabalhar hoje à noite.

— A catedral?

Puxou os lábios para baixo e rodou ligeiramente a cabeça.

— Tens as malas feitas? — perguntou.

Ela acenou com a cabeça, depois olhou para a televisão por cima do bar. Sirenes de ataques aéreos em Telaviv, outro míssil Scud iraquiano a aproximar-se a toda a velocidade de Israel. Os habitantes de Telaviv a colocarem máscaras de gás e a abrigarem-se.

O plano mudou: uma língua de fogo, a descer do céu negro em direção à cidade.

A mulher do restaurador esticou-se sobre a mesa e tocou-lhe na mão.

— Quero ir para casa.

— Está quase — respondeu o restaurador e serviu-se de mais vinho. Ela tinha deixado o carro na rua mesmo à porta do restaurante, um Mercedes sedã azul-escuro, matrícula de Viena, adquirido em leasing por uma pequena companhia farmacêutica em Berna. Colocou o rapaz no assento de trás, apertou-lhe o cinto de segurança e beijou a mulher.

— Se não estiver lá até as seis horas, alguma coisa correu mal. Lembras-te do que tens de fazer?

— Ir ao aeroporto, dar-lhes a palavra-passe e o número de autorização e cuidarão de nós.

— Seis horas — repetiu ele. — Se não atravessar a porta até as seis horas, vai direita ao aeroporto. Deixa o carro no parque de estacionamento e deita fora as chaves. Estás a perceber-me?

Ela acenou com a cabeça.

— Não te esqueças é de estar em casa até as seis.

O restaurador fechou a porta, acenou brevemente com a mão através do vidro e começou a afastar-se. À sua frente, a pairar sobre os telhados da cidade antiga, estava o topo da catedral, a resplandecer de luz. Mais uma noite, pensou. Depois para casa durante umas poucas semanas, até o próximo trabalho. Atrás de si, ouviu a ignição do Mercedes a ligar, a seguir a hesitar, como um disco a ser tocado à velocidade errada. O restaurador parou de andar e voltou-se.

— Não! — gritou, mas ela rodou outra vez a chave.

PARTE I

AQUISIÇÃO

PORT NAVAS, CORNUALHA

DIAS ATUAIS

Por coincidência, Timothy Peel chegou à aldeia na mesma semana de Julho em que o estranho. Ele e a mãe mudaram-se para um chalé em ruínas na parte de cima do ribeiro, com o último amante dela, um dramaturgo em dificuldades chamado Derek, que bebia demasiado vinho e detestava crianças. O estranho chegou dois dias mais tarde, instalando-se no chalé do velho capataz, logo acima do ribeiro, do lado do viveiro de ostras.

Peel tinha pouco para fazer nesse Verão — quando Derek e a sua mãe não estavam a fazer amor ruidosamente, davam inspiradoras caminhadas forçadas ao longo dos penhascos —, por isso resolveu descobrir quem era exactamente o estranho e o que estava a fazer na Cornualha. Peel decidiu que a melhor maneira de começar era observar. Uma vez que tinha onze anos e era o filho único de pais divorciados, Peel estava bem treinado na arte da observação e investigação humanas. Como qualquer bom artista de vigilância, necessitava de um posto fixo. Decidiu-se pela janela do quarto, que tinha uma vista desimpedida sobre o ribeiro. No barracão que servia de arrecadação encontrou um par de antigos binóculos Zeiss, e na loja da aldeia comprou um pequeno bloco de notas e uma caneta esferográfica para registar o seu relatório de vigilância. A primeira coisa que Peel notou foi que o estranho gostava de objetos antigos. O carro era um descapotável MG clássico. Peel observava da janela, enquanto o

homem se debruçava sobre o motor durante horas a fio, as costas a espreitarem debaixo do capô. Um homem de grande concentração, concluiu Peel. Um homem de grande resistência mental. Após um mês, o estranho desapareceu. Passaram uns quantos dias, depois uma semana, depois uma quinzena. Peel receou que o estranho o tivesse descoberto e partido. Aborrecido até a medula sem a rotina da vigilância, Peel arranhou problemas. Foi apanhado a arremessar um calhau à janela de uma loja de chás na aldeia. Derek sentenciou-o a uma semana de solitária no quarto. Mas, naquela noite, Peel arranhou maneira de se escapular com os binóculos. Caminhou ao longo do cais, passando pelo chalé escurecido do estranho e pelo viveiro de ostras, e parou no ponto em que o ribeiro desaguava no rio Helford, a observar os barcos à vela a chegarem com a maré. Avistou uma chalupa a vir para terra com o motor a trabalhar. Ergueu os binóculos até os olhos e estudou a figura em frente ao leme.

O estranho tinha regressado a Port Navas.

A chalupa era antiga e bastante necessitada de restauro, e o estranho cuidava dela com a mesma devoção que demonstrara para com o seu volúvel MG. Trabalhava arduamente durante várias horas todos os dias: a lixar, a envernizar, a pintar, a polir latão, a mudar linhas e velas. Quando o tempo estava quente, despiu-se até a cintura. Peel não podia deixar de comparar o corpo do estranho com o de Derek. Derek era mole e flácido; o estranho era compacto e muito rígido, o tipo de homem com quem alguém se arrependeria rapidamente de provocar uma luta. Por alturas do final de Agosto, o seu corpo tinha-se tornado praticamente tão escuro quanto o verniz que aplicava meticulosamente ao convés da chalupa. Desaparecia a bordo do barco durante dias a fio. Peel não tinha maneira de o seguir. Podia apenas imaginar para onde o estranho estaria a ir. Pelo Helford abaixo, em direção ao mar? À volta da península Lizard, em direção ao monte de St. Michael ou a Penzance? Talvez à volta do cabo, até St. Ives. A seguir, Peel lembrou-se de outra possibilidade. A Cornualha era famosa pelos seus piratas; na verdade, a região tinha ainda a sua quota considerável de contrabandistas. Talvez o estranho estivesse a levar a chalupa para o alto mar para se encontrar com navios de carga e transportar contrabando até terra.

Da vez seguinte em que o estranho regressou de uma das suas viagens, Peel manteve uma vigilância apertada à janela, na esperança de o

apanhar em pleno ato de retirada de contrabando do barco. Mas ao saltar da proa da chalupa para o cais, não tinha nada nas mãos a não ser uma mochila de lona e um saco de lixo de plástico.

O estranho velejava por prazer, não lucro.

Peel puxou do bloco de notas e passou uma linha sobre a palavra contrabandista. A encomenda grande chegou na primeira semana de Setembro, um caixote de madeira lisa, quase tão grande como a porta de um celeiro. Chegou numa van vinda de Londres, acompanhada por um homem agitado, vestido às riscas. Os dias do estranho assumiram imediatamente um ritmo inverso. À noite, o piso de cima do chalé brilhava com luz — não luz normal, observou Peel, mas uma luz branca muito clara. De manhã, quando Peel saía de casa para a escola, via o estranho a descer o ribeiro na chalupa, ou a trabalhar no seu MG, ou a pôr-se a caminho com o seu velho par de botas usadas, para calcorrear pesadamente os carreiros da Passagem de Helford. Peel supunha que ele dormisse durante as tardes, embora parecesse um homem que podia aguentar muito tempo sem descanso.

Peel interrogava-se sobre o que o estranho faria durante toda a noite. Uma noite, já tarde, decidiu ver mais de perto. Vestiu uma camisola e um casaco e escapuliu-se do chalé sem dizer à mãe. Parou no cais, a olhar para cima, em direção ao chalé do estranho. As janelas estavam abertas; um odor forte pairava no ar, algo entre uma substância antisséptica e gasolina. Também conseguia ouvir algum tipo de música — canto, talvez ópera.

Estava prestes a aproximar-se mais da casa quando sentiu uma mão pesada no ombro. Voltou-se e viu Derek parado, as mãos nas ancas, olhos enormes de raiva.

— Mas que raio estás a fazer aqui fora? — perguntou Derek.
— A tua mãe estava preocupadíssima!
— Se estava tão preocupada, porque é que te mandou a ti?
— Responde à minha pergunta, rapaz! Porque é que estás aqui fora?

— Não tens nada a ver com isso!

Na escuridão, Peel não viu a pancada vindo: de mão aberta, contra o lado da cabeça, com força suficiente para lhe pôr o ouvido a zumbir e trazer instantaneamente água aos olhos.

— Não és meu pai! Não tens o direito!
— E tu não és meu filho, mas enquanto viveres na minha casa, fazes o que eu mandar.

Peel tentou fugir, mas Derek agarrou-o com dureza pela gola do casaco e levantou-o do chão.

— Larga-me!

— De uma maneira ou outra, vens para casa.

Derek deu uns passos, depois ficou imóvel. Peel torceu a cabeça para ver o que se passava. Foi então que viu o estranho, parado no meio do caminho, os braços cruzados à frente do peito, cabeça ligeiramente inclinada para o lado.

— O que é que quer? — ladrou Derek.

— Ouvi barulho. Pensei que pudesse haver algum problema.

Peel apercebeu-se de que esta era a primeira vez que tinha ouvido o estranho falar. O inglês era perfeito, mas havia um traço de sotaque nele. A dicção era como o corpo: dura, compacta, concisa, sem gordura.

— Nenhum problema. Só um rapaz que está num lugar onde não devia estar.

— Talvez o devesse tratar como um rapaz e não um cão.

— E talvez se devesse meter na puta da sua vida.

Derek soltou Peel e olhou fixamente para o homem mais baixo. Por um instante, Peel receou que Derek fosse tentar bater no estranho. Lembrou-se dos músculos tensos e duros do homem, a impressão de que era um homem que sabia lutar. Derek pareceu senti-lo também, pois pegou simplesmente em Peel pelo cotovelo e levou-o de volta ao chalé. Ao longo do percurso, Peel olhou de relance por cima do ombro e vislumbrou o estranho ainda parado no caminho, braços cruzados como urna sentinela silenciosa. Mas na altura em que Peel regressou ao quarto e espreitou pela janela, o estranho tinha desaparecido. Apenas a luz permanecia, clara e de um branco cortante.

Por alturas do final do Outono, Peel estava frustrado. Não descobrira os fatos mais básicos sobre o estranho. Continuava a não ter nome — ah, ouvira um par de nomes possíveis cochichados pela aldeia, ambos vagamente latinos —, nem tinha descoberto a natureza do seu trabalho noturno. Decidiu que estava na altura de uma operação de choque.

Na manhã seguinte, quando o estranho entrou no seu MG e acelerou em direção ao centro da aldeia, Peel apressou-se ao longo do cais e enfiou-se no chalé por uma janela aberta para o jardim.

A primeira coisa em que reparou foi que o estranho estava a utilizar a sala de estar como quarto.

Subiu rapidamente as escadas. Um calafrio percorreu-o.

A maioria das paredes fora posta abaixo para criar um amplo espaço aberto. No centro havia uma comprida mesa branca. Montado num dos lados estava um microscópio com um longo braço retrátil. Noutra mesa estavam balões de vidro transparentes com químicos, que Peel calculou serem a fonte do peculiar odor, e duas estranhas viseiras com lupas poderosas acopladas. No cimo de uma bancada alta e ajustável estava uma série de luzes fluorescentes, a fonte do brilho peculiar do chalé.

Havia outros instrumentos que Peel não conseguia identificar, mas estas coisas não eram a fonte do seu alarme. Montados num par de pesados cavaletes de madeira estavam dois quadros. Um era grande, com aspecto antigo, uma cena religiosa qualquer. Havia partes que estavam descamadas. No segundo cavalete estava uma pintura de um homem velho, uma mulher jovem e uma criança. Peel examinou a assinatura no canto inferior direito: Rembrandt.

Voltou-se para ir embora e deparou-se cara a cara com o estranho.
— O que estás fazendo?

— D-d-esculpe — gaguejou Peel. — Pensei que estivesse aqui.

— Não, não pensaste. Sabias que estava fora porque me estavas a vigiar da janela do teu quarto quando saí. Na verdade, tens estado a vigiar-me desde o Verão.

— Pensei que pudesse ser um contrabandista. — O que é que te pode ter dado essa ideia? — O barco — mentiu Peel.

O estranho sorriu brevemente. — Agora sabes a verdade. — Nem por isso — respondeu Peel.

— Sou restaurador de arte. As pinturas são objetos antigos. Às vezes precisam de uns pequenos retoques, como um chalé, por exemplo.

— Ou um barco — respondeu Peel.

— Exato. Algumas pinturas, como estas, são muito valiosas.

— Mais do que um barco à vela?

— Muito mais. Mas agora que sabes aquilo que está cá dentro, temos um problema.

— Não vou contar a ninguém — suplicou Peel. — A sério.

O estranho passou a mão sobre o cabelo curto e quebradiço dele.

— Dava-me jeito um ajudante — disse suavemente. — Alguém para tomar conta enquanto estou fora. Gostaria de um trabalho assim?

— Sim.

— Vou dar um passeio de barco. Quer me acompanhar?

— Sim.

— Precisa perguntar a teus pais?

— Ele não é meu pai, e a minha mãe não se importa.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Como é seu nome?

— Chamo-me Peel. E o senhor?

Mas o estranho limitou-se a olhar ao redor da sala, para se certificar de que Peel não desarrumara nenhuma das suas coisas.

PARIS

A quarentena irrequieta do estranho na Cornualha poderia ter passado imperturbada se Emily Parker não tivesse conhecido um homem chamado René num jantar de embriaguez, que foi organizado por uma estudante jordana chamada Leila Khalifa, numa noite chuvosa em finais de Outubro. Tal como o estranho, Emily Parker vivia num exílio auto-imposto: mudara-se para Paris após a licenciatura, na esperança de que isso a ajudasse a consertar um coração partido. Não possuía nenhum dos atributos físicos dele. O modo de andar era desconjuntado e caótico. As pernas eram demasiado compridas, as ancas demasiado largas, os peitos demasiado pesados, de modo que, quando se mexia, cada parte da anatomia parecia em conflito com o resto. O guarda-roupa variava pouco: calças de ganga desbotadas, rasgadas nos joelhos como exigia a moda, um casaco acolchoado que a fazia parecer-se bastante com uma grande almofada decorativa. E depois havia a cara — a cara de uma camponesa polaca, a mãe sempre lhe dissera: bochechas arredondadas, uma boca grossa, uma queixada pesada, olhos mortícios, demasiado juntos. Tenho pena mas tens a cara do teu pai, dissera a mãe. A. cara do teu pai e o coração frágil do teu pai.

Emily conheceu Leila em meados de Outubro no Musée de Montmartre. Ela era estudante na Sorbonne, uma mulher estonteantemente atraente, com lustrosos cabelos pretos e grandes olhos castanhos. Tinha sido criada em Ama, Roma e Londres e falava fluentemente uma meia dúzia de línguas. Era tudo aquilo que Emily 26 não era: linda, confiante, cosmopolita. Aos poucos, Emily descarregou todos os segredos em Leila: o modo como a mãe a tinha feito sentir-se tão terrivelmente feia; a dor que sentira por ter sido abandonada pelo noivo; o medo enraizado de que ninguém a voltaria a amar mais. Leila prometeu resolver tudo. Leila prometeu apresentar Emily a um homem que a faria esquecer tudo sobre o rapaz por quem se tinha tolamente apaixonado na faculdade. Aconteceu no jantar de Leila. Ela tinha convidado vinte pessoas para o seu pequeno e apertado apartamento em Montparnasse. Comeram onde quer que arranjassem espaço: no sofá, no chão, na cama. Tudo muito

boêmio parisiense: galinha assada do restaurante de comida na brasa da esquina, uma pilha de salade verte, queijo e sem dúvida demasiado Bordeaux barato. Havia outros estudantes da Sorbonne: uma artista, uma jovem ensaísta alemã de renome, o filho de um conde italiano, um inglês bonito com cabelo loiro ondulante, chamado Lorde Reggie, e um músico dejag que tocava guitarra como Al DiMeola. A sala soava como a Torre de Babel. A conversa passava de francês para inglês, a seguir de inglês para italiano, e a seguir de italiano para espanhol. Emily observou Leila a circular pelo apartamento, a beijar bochechas, a acender cigarros.

Admirava-se com a facilidade com que Leila fazia amigos e os juntava.

— Ele está aqui, Emily, sabes — o homem por quem te vais apaixonar. René. René, algures do Sul, de uma aldeia de que Emily nunca ouvira falar, algures nas colinas acima de Nice. René, que tinha um pouco de dinheiro de família e nunca tivera tempo, ou a predisposição, para trabalhar. René, que viajava. René, que lia muitos livros. René, que desprezava a política — A política é um exercício para os fracos de espírito, Emily. A política não tem nada a ver com a vida real. René, que tinha uma cara pela qual se poderia passar num grupo sem nunca a notar, mas que, se se olhasse com atenção, era bastante bem-parecido. René, cujos olhos eram iluminados por uma qualquer fonte de calor secreta, que Emily não conseguia sondar. René, que a levou para a cama na noite do jantar de Leila e a fez sentir coisas que ela nunca tinha julgado possíveis. René, que disse que queria permanecer em Paris durante algumas semanas — Seria possível dormir em tua casa, Emily? A Leila não tem sítio para mim. Conheces a Leila. Demasiadas roupas, demasiadas coisas. Demasiados homens. René, que a fizera feliz outra vez. René, que iria acabar por quebrar o coração que curara.

Ele já se estava a afastar, conseguia senti-lo ficar ligeiramente mais distante a cada dia. Passava mais tempo sozinho, desaparecendo durante várias horas por dia, reaparecendo sem aviso. Quando lhe perguntava onde tinha estado, as respostas eram vagas. Receou que estivesse a ver outra mulher. Uma moça francesa magricela, imaginou. Uma moça à qual não fosse preciso ensinar a fazer amor.

Nessa tarde, Emily serpenteou pelas ruas estreitas de Montmartre, até a rue Norvins. Parou em frente ao toldo carmesim de um pequeno

restaurante e espreitou pela janela. René estava sentado a uma mesa próxima da porta. Engraçado como insistia sempre em sentar-se próximo da entrada. Estava um homem com ele: cabelos escuros, uns anos mais novo. Quando Emily entrou no restaurante, o homem levantou-se e foi embora, rapidamente. Emily tirou o casaco e sentou-se. René serviu-lhe vinho.

- Quem era aquele homem? — perguntou.
- Uma pessoa que eu conhecia.
- Como se chama?
- Jean — respondeu. — Quer...
- Seu amigo deixou a mochila.
- É minha — respondeu René, colocando a mão em cima.
- Sério? Nunca te vi com ela antes.
- Vai por mim, Emily. É minha. Está com fome? E está mudando de assunto outra vez.

Ela respondeu:

- Estou faminta, na verdade. Estive a tarde inteira no frio.
 - Estevé, é? E por quê?
 - Apenas para pensar um pouco. Nada de importante.
- Ele tirou a mochila da cadeira e pôs no chão, junto a seus pés. — Em quê?

- Sério, René, não foi nada de importante.
- Costumava contar todos os seus segredos.
- Sim, mas nunca me contou os seus.
- Ainda estás chateada por causa deste embrulho?
- Não estou chateada. Só curiosa, apenas isso.
- Muito bem, se que mesmo de saber, é uma surpresa.
- Para quem?
- Para ti! Sorriu.
- Ia dar-te mais tarde.
- Compraste-me uma mochila? Mas que atencioso, René. Que romântico.
- A surpresa está dentro da mochila.
- Não gosto de surpresas.
- Por que não?

— Porque a minha experiência tem sido que a surpresa propriamente dita nunca consegue corresponder à expectativa da surpresa. Já fiquei desiludida demasiadas vezes. Não quero ficar desiludida outra vez.

— Emily, nunca te vou desiludir. Amo-te demasiado.

— Oh, René, gostava que não tivesses dito isso.

— Acontece que é verdade. Vamos comer qualquer coisa, sim? A seguir, damos um passeio.

O embaixador Zev Eliyahu encontrava-se no grande hall central do Musée d'Orsay, a utilizar todos os seus talentos diplomáticos para esconder o fato de estar aborrecido ao máximo. Elegante, atlético, profundamente bronzeado, apesar do Outono parisiense desolador, crepitava com uma energia vistosa. Funções destas aborreciam-no. Eliyahu não tinha nada contra a arte, simplesmente não tinha tempo para ela. Continuava a ter a ética de trabalho de um kibbutnik, e entre colocações como embaixador fizera milhões em investimento bancário.

Tinha sido convencido a comparecer na recepção nessa noite por uma razão: dar-lhe-ia uma oportunidade para ter um ou dois instantes não oficiais com o ministro dos Negócios Estrangeiros francês. As relações entre a França e Israel estavam de momento frias. Os Franceses estavam zangados porque um par de funcionários dos serviços secretos israelenses tinha sido apanhado a tentar recrutar um funcionário do Ministério da Defesa. Os israelenses estavam zangados porque os Franceses tinham decidido recentemente vender caças e tecnologia de reator nuclear a um dos inimigos árabes de Israel. Mas quando Eliyahu se dirigiu ao ministro dos Negócios Estrangeiros francês para lhe dar uma palavra, o ministro ignorou-o praticamente e a seguir travou propositadamente uma conversa animada com o embaixador egípcio sobre o processo de paz no Oriente Médio.

Eliyahu estava zangado — zangado e aborrecido até a medula. Ia partir para Israel na noite seguinte. Aparentemente, era para uma reunião no Ministério dos Negócios Estrangeiros, mas também planejava passar alguns dias em Eilat, no mar Vermelho. Estava ansioso por fazer a viagem. Tinha saudades de Israel, da sua cacofonia, o atropelo, o perfume a pinho e poeira na estrada para Jerusalém, as chuvas de Inverno sobre a Galileia.

Um empregado com uma túnica branca ofereceu-lhe champanhe. Eliyahu abanou a cabeça.

— Traga-me café, por favor.

Olhou por cima das cabeças da multidão cintilante, à procura da mulher, Hannah, e descobriu-a ao lado do chargé d'affaires da embaixada, Moshe Savir. Savir era um diplomata profissional: altivo, arrogante, o temperamento perfeito para aquele cargo em Paris.

O empregado regressou, trazendo uma bandeja de prata com uma única xícara de café simples.

— Deixe estar — disse Eliyahu e cortou pelo meio da multidão.

Savir perguntou:

— Como foi com o ministro dos Negócios Estrangeiros?

— Voltou-me as costas.

— Sacana.

O embaixador esticou a mão em direção à mulher.

Vamos. Já chega desta idiotice.

— Não se esqueça de amanhã de manhã — disse Savir. —

Pequeno-almoço com o staff editorial do *Lê Monde* às oito.

— Preferia que me arrancassem um dente.

— É importante, Zev.

— Não se preocupe. Serei o meu eu encantador de sempre. Savir abanou a cabeça. — Até depois, então.

A Ponte Alexandre in era o local favorito de Emily em Paris.

Adorava ficar parada no centro do arco gracioso, à noite, e contemplar o Sena na direção de Notre Dame, com a dourada Église du Dome à direita, a flutuar sobre Lês Invalides, e o Grand Palais à esquerda.

René levou Emily até a ponte depois do jantar, para a sua surpresa. Caminharam ao longo do parapeito, passando pelos postes decorados, pelos querubins e pelas ninfas, até chegarem ao centro do arco. René retirou da mochila uma pequena caixa rectangular embrulhada e entregou-lha.

— Para mim?

— Claro que é para você!

Emily rasgou o papel de embrulho como uma criança e abriu o estojo de couro. Lá dentro estava uma pulseira de pérolas, diamantes e

esmeraldas. Devia ter-lhe custado uma pequena fortuna. — René, meu Deus! É linda! — Deixa-me ajudar-te a pôr.

Esticou o braço e puxou a manga do casaco para cima. René enfiou-lhe a pulseira à volta do pulso e prendeu o fecho. Emily levantou-a à luz do abajur. A seguir virou-se, encostou as costas ao peito dele e contemplou o rio:

— Quero morrer exatamente assim.

Mas René já não ouvia. O rosto estava inexpressivo, olhos castanhos fixos no Musée d'Orsay.

O empregado com a travessa de tandoori de galinha tinha sido incumbido de vigiar o embaixador. Retirou o celular do bolso da túnica e carregou num botão que ligou para um número reservado.

Dois toques, urna voz de homem, o zumbido do trânsito parisiense em fundo.

— Otti.

— Está indo embora.

O embaixador Eliyahu pegou em Hannah pela mão e conduziu-a através da multidão, parando de quando em vez, para desejar boa noite a um dos outros convidados. À entrada do museu, um par de guarda-costas juntou-se a eles. Tinham aspecto de meros rapazes, mas Eliyahu sentia-se reconfortado pelo fato de serem assassinos treinados que fariam qualquer coisa para proteger a sua vida. Avançaram para o ar frio da noite. A limusina estava à espera, o motor a trabalhar. Um guarda-costas sentou-se à frente com o motorista, o segundo acompanhou o embaixador e a mulher atrás. O carro arrancou, virou na rue de Bellechasse, e a seguir acelerou ao longo da margem do Sena.

Eliyahu recostou-se e fechou os olhos.

— Acorde-me quando chegarmos, Hannah.

— Quem era, René?

— Ninguém. Número errado.

Emily voltou a fechar os olhos, mas um instante mais tarde veio outro som: dois carros a chocarem na ponte. Uma van pequena tinha batido por trás num Peugeot sedã, o asfalto coberto de vidros estilhaçados, o trânsito parado. Os condutores saltaram para fora dos carros e começaram a gritar um com o outro num francês rápido. Emily conseguiu perceber que não eram franceses — árabes, talvez do Norte de África.

René pegou subitamente na mochila e caminhou para o meio da estrada, passando pelos carros parados.

— René! O que está fazendo?

Mas ele agiu como se não a tivesse ouvido. Continuou a andar, não em direção aos carros danificados, mas a uma limusine preta, comprida, presa no trânsito. A meio do caminho, abriu o fecho da mochila e tirou algo: uma pequena metralhadora.

Emily não podia acreditar no que via. René, o seu amante, o homem que se tinha introduzido na sua vida e roubado o seu coração, a caminhar ao longo da Ponte Alexandre in com uma metralhadora na mão. A seguir, as peças começaram a encaixar-se. A arreliadora suspeita de que René lhe estava a esconder algo. As ausências longas e inexplicadas. O estranho de cabelos escuros no restaurante naquela tarde. Leila?

O resto viu-o como meias imagens em câmara lenta, como se se estivesse a desenrolar debaixo de águas turvas. René a correr pela ponte. René a atirar a mochila para baixo da limusina. Um clarão de luz ofuscante, uma rajada de ar ferozmente quente. Tiroteio, gritos. Alguém numa mota. Máscara de esqui preta, dois poços de negro a olhar fixa e friamente pelos buracos para os olhos, lábios úmidos a reluzir por detrás da fenda para a boca. Uma mão enluvada a acelerar nervosamente. Mas foram os olhos que capturaram a atenção de Emily. Eram os olhos mais lindos que alguma vez vira.

Finalmente, ao longe, conseguia ouvir a melodia de duas notas de uma sirene da polícia parisiense. Afastou o olhar do motociclista e viu René a avançar devagar na sua direção, através da carnificina. Tirou da arma o carregador utilizado, inseriu outro com indiferença, puxou a culatra.

Emily recuou até ficar encostada ao parapeito. Virou-se e olhou para baixo, para o rio negro a deslizar vagarosamente por baixo de si.

— Você é um monstro! — gritou em inglês, pois, com o pânico, o francês a abandonara. — Um canalha e um monstro! Quem é você, porra?

— Não tente fugir de mim — respondeu na mesma língua. Só vai piorar as coisas.

Ergueu a arma e disparou vários tiros no coração dela. A força das balas atirou-a por cima do parapeito. Sentiu-se caindo no rio. As mãos esticaram-se e viu a pulseira no pulso. A pulseira que René, o amante, lhe

tinha dado ainda há uns instantes. Uma pulseira tão linda. Um desperdício tão grande.

Chocou-se com a água e afundou. Abriu a boca e os pulmões encheram-se de água glacial. Conseguia sentir o sabor do próprio sangue. Viu um clarão de um branco cintilante, ouviu a mãe a chamá-la. A seguir só havia escuridão. Uma vasta e silenciosa escuridão. E o frio.

TIBERÍADES, ISRAEL

Apesar dos acontecimentos em Paris, o estranho poderia ter conseguido permanecer em reclusão não fora a ressurreição do lendário mestre-espião Ari Shamron. Não foi necessário acordar Shamron nessa noite, pois há muito que tinha perdido a dádiva do sono. Na verdade, ficava tão agitado à noite que Rami, o jovem chefe do seu serviço de segurança, o batizara de Fantasma de Tiberíades. De início, Shamron suspeitou que fosse da idade. Tinha feito sessenta e cinco anos recentemente e pela primeira vez contemplara a possibilidade de que um dia poderia, de fato, morrer. Durante um exame físico anual realizado de má vontade, o médico tivera a audácia de lhe sugerir — E isto é apenas uma sugestão, Ari, porque Deus sabe que nunca tentaria dar-lhe realmente uma ordem — que Shamron reduzisse o influxo diário de cafeína e tabaco: doze xícaras de café simples e sessenta cigarros turcos fortes.

Shamron achara estas sugestões ligeiramente divertidas.

Fora apenas durante um período característico de introspecção, motivado pela reforma forçada do serviço, que Shamron havia determinado quais as causas para a sua insônia crônica. Tinha dito tantas mentiras, urdido tantos logros, que, por vezes, já não conseguia distinguir a realidade da ficção, a verdade da falsidade. E depois havia as mortes. Matara com as próprias mãos e tinha ordenado a outros homens, homens mais novos, a matarem por si. Uma vida de traição e violência tinha tido os seus custos. Alguns homens ficam loucos, outros deixam-se consumir. Ari Shamron fora condenado a permanecer para sempre acordado.

Shamron aceitara com desconforto a aflição, da maneira como algumas pessoas se acomodam à loucura ou a uma doença terminal. Tinha-se tornado um vagabundo noturno, errando pela casa de campo cor de arenito com vista para o mar da Galileia, sentado na varanda quando as noites estavam boas e tranquilas, a olhar fixamente para o lago e para a amplitude, banhada pela luz da Lua, da Alta Galileia. Por vezes, esgueirava-se até o estúdio e dava largas à grande paixão, consertar rádios antigos — a única atividade que lhe libertava completamente a mente dos pensamentos relacionados com o trabalho.

E, por vezes, vagueava até o portão de segurança e passava umas quantas horas sentado no barracão com Rami e os outros rapazes, a contar histórias regadas a café e cigarros. Rami preferia a história da captura de Eichmann. De cada vez que um novo rapaz se juntava ao serviço, Rami insistia para que Shamron a contasse de novo, de modo a que o novo rapaz percebesse que lhe fora concedido um grande privilégio: o privilégio de proteger Shamron, o super-homem Sabra, o anjo vingador de Israel.

Rami fizera com que voltasse a contar a história nessa noite. Como de costume, isso tinha desenterrado muitas recordações, algumas não muito agradáveis. Shamron não tinha rádios antigos nos quais se perder e estava demasiado frio e chuvoso para estar sentado lá fora, por isso deitou-se na cama, de olhos bem abertos, a tratar de novas operações, a recordar-se de antigas, a dissecar oponentes à procura de fragilidades, a planejar a sua destruição. Por isso, quando o telefone especial na mesa-de-cabeceira emitiu dois toques agudos, Shamron estendeu o braço com o ar aliviado de um velho agradecido pela companhia e encostou lentamente o receptor ao ouvido.

Rami saiu da casa da guarda e observou o velho a descer pesadamente a entrada. Era careca e compacto, com óculos com aros de aço. A cara era seca e muito enrugada — como o Negev, pensou Rami. Como de costume, vestia calças cor de caqui e um antigo casaco de couro de bombardeiro com um rasgão no peito do lado 36 direito, logo abaixo do sôco. No interior do serviço, havia duas teorias sobre o rasgão. Alguns acreditavam que o casaco fora furado por uma bala durante um ataque de represália à Jordânia, nos anos cinquenta. Outros defendiam que fora rasgado pelos dedos moribundos de um terrorista que Shamron tinha garroteado num beco, algures no Cairo. Shamron sempre insistira asperamente que a verdade era muito mais prosaica — o casaco tinha-se rasgado no canto da porta de um carro —, mas ninguém dentro do serviço o levava a sério. Andava como se estivesse a prever um ataque pelas costas, cotovelos para fora, cabeça para baixo. O andar arrastado à Shamron, o andar que dizia: Ponham-se a andar da merda da minha frente ou como-vos os tomates ao pequeno-almoço. Rami sentiu o pulso a acelerar ao ver o velho. Se Shamron lhe ordenasse para saltar de um penhasco, saltaria. Se o velho lhe ordenasse para parar a meio do salto, arranjaría maneira de o fazer.

À medida que Shamron se aproximava, Rami conseguiu ver-lhe a cara. As rugas em redor da boca estavam mais carregadas. Estava zangado — Rami conseguia vê-lo nos olhos —, mas parecia haver um traço de sorriso nos lábios áridos. Porque raio é que estará a sorrir? Os chefes não são incomodados depois da meia-noite, a não ser que seja urgente ou haja notícias muito más. Então Rami apercebeu-se da razão: o Fantasma de Tiberíades estava simplesmente aliviado por ter sido poupado a mais uma noite de insónias sem inimigos para enfrentar. Quarenta e cinco minutos mais tarde, o Peugeot blindado de Shamron entrava furtivamente na garagem subterrânea de um triste conjunto de escritórios que se avultava sobre o Boulevard do Rei Saul, na parte norte de Telaviv. Entrou num elevador privado e viajou até a sua suíte de escritórios no último andar. A rainha Esther, a sua paciente secretária-chefe, tinha deixado um maço de cigarros novo em cima da secretária, ao lado de um termo de café. Sharon acendeu de imediato um cigarro e sentou-se.

A primeira ação depois de voltar ao serviço tinha sido retirar os pomposos móveis escandinavos do antecessor e doá-los a um fundo de caridade para emigrantes russos. Agora, o escritório parecia o quartel-general num campo de batalha de um general em guerra. Acentuava a mobilidade e a funcionalidade sobre o estilo e a elegância. Como secretária, Shamron utilizou uma mesa de biblioteca grande e marcada. Ao longo da parede, em frente à janela, estava uma fila de armários de arquivo de bronze duro. Na prateleira por trás da secretária, estava um rádio de ondas curtas com trinta anos, fabricado na Alemanha. Shamron não precisava dos sumários diários do departamento de supervisão de rádios da sede, pois falava fluentemente meia dúzia de línguas e percebia outra meia dúzia. Também era capaz de consertar sozinho o rádio quando este se avariava. Na verdade, era capaz de arranjar quase qualquer coisa eletrônica. Uma vez, os funcionários superiores do seu serviço tinham chegado para uma reunião de planeamento semanal e encontrado Shamron a perscrutar as entranhas do leitor de vídeo da rainha Esther. O único traço de modernidade no escritório era a fila de grandes televisores em frente à secretária. Utilizando os controles remotos, ligou-os um por um. Tinha perdido a audição num ouvido, por isso aumentou bastante o volume, até soar como se três homens um francês, um inglês e um americano — estivessem a ter uma discussão violenta no escritório.

Lá fora, na sala entre o escritório de Esther e o seu, os funcionários superiores de Shamron tinham-se reunido como acólitos ansiosos, a aguardar uma audiência com o seu mestre. Havia Eli, do Planeamento, com aspecto de galgo, e o talmúdico Mordecai, o diretor-executivo do serviço. Havia Yossi, o gênio do Gabinete Europeu, que tinha estudado os Clássicos em Oxford, e Lev, o altamente inflamável chefe das Operações, que preenchia as preciosas horas livres a colecionar insectos predatórios. Só Lev parecia não ter um medo físico de Shamron. De poucos em poucos minutos, enfiava a cabeça angular pela entrada e gritava:

— Pelo amor de Deus, Ari! Quando? Ainda esta noite, espero!

Mas Shamron não tinha pressa especial em vê-los, pois estava bastante certo de que sabia mais acerca dos acontecimentos terríveis daquela noite em Paris do que eles alguma vez saberiam.

Durante uma hora, Shamron permaneceu sentado na cadeira, cara fechada, a fumar um cigarro atrás de outro, a ver a CNN Internacional numa televisão, a BBC noutra, a televisão pública francesa na terceira. Não lhe interessava especialmente o que os correspondentes tinham a dizer — não sabiam praticamente nada, nesta altura, e Shamron sabia que lhes podia pôr palavras na boca com um telefonema de cinco minutos. Queria ouvir as testemunhas, as pessoas que tinham visto o assassinato com os próprios olhos. Diriam o que queria saber.

Uma moça alemã, entrevistada pela CNN, descreveu o acidente de viação que precedeu o ataque:

— Havia dois veículos, uma espécie de van e um sedã. Talvez fosse um Peugeot, mas não consigo ter certeza. O trânsito na ponte ficou completamente parado numa questão de segundos.

Shamron utilizou o controle remoto para tirar o som à CNN e aumentar o volume da BBC. Um taxista da Costa do Marfim descreveu o assassino: cabelo escuro, bem vestido, bem parecido, com estilo. O assassino tinha estado com uma moça na ponte quando o acidente ocorrera:

— Uma moça loira, um pouco pesada, estrangeira, de certeza que não era francesa.

Mas o taxista não viu mais nada, pois refugiou-se debaixo do para-choque quando a bomba explodiu e não voltou a olhar para cima até o tiroteio parar.

Shamron tirou um bloco de notas revestido a couro e desgastado do bolso da camisa, pousou-o com cuidado em cima da secretária e abriu-o numa página em branco. Na sua letra pequena e precisa, escreveu uma única palavra.

GAROTA.

O olhar de Shamron regressou à televisão. Uma jovem inglesa atraente, chamada Beatrice, estava a relatar o ataque a um correspondente da BBC. Descreveu um acidente de viação, envolvendo uma van e um carro, que levou o trânsito na ponte a parar, prendendo o carro do embaixador. Descreveu como o assassino se 39 afastou da namorada e sacou de uma arma de dentro do saco. Como a seguir atirou o saco para baixo da limusina e esperou que detonasse, antes de avançar calmamente e matar toda a gente lá dentro.

A seguir, Beatrice descreveu como o assassino caminhou devagar até a moça — a moça que segundos antes tinha estado a beijar apaixonadamente — e lhe disparou várias balas no peito.

Shamron lambeu a ponta do lápis e por baixo da palavra GAROTA escreveu um nome:

TARIQ.

Shamron pegou no telefone com linha segura e marcou o número de Uzi Navot, o chefe da base de Paris.

— Eles tinham alguém naquela recepção. Alguém que alertou a equipe no exterior de que o embaixador se estava a ir embora. Sabiam o seu percurso. Planearam um acidente para empatar o trânsito e deixar o motorista sem maneira de escapar. Navot concordou. Navot tinha por hábito concordar com Shamron.

— Há uma grande quantidade de obras de arte muito valiosas naquele edifício — continuou Shamron. — Suspeito que exista um sistema de videovigilância bastante sofisticado, não achas, Uzi?

— Claro, chefe.

— Diz aos nossos amigos no serviço francês que gostaríamos de enviar uma equipe a Paris imediatamente, para supervisionar a investigação e providenciar todo o apoio de que necessitem. E a seguir deita a mão àquelas fitas de vídeo e envia pelo correio.

— Feito.

— E em relação à ponte? Há câmaras de vigilância da polícia a cobrir aquela ponte? com alguma sorte, podemos ter uma gravação do ataque inteiro, e da sua preparação.

— Vou investigar.

Sobrou alguma coisa da limusina?

— Não muito. O depósito de gasolina explodiu e o fogo consumiu praticamente tudo, incluindo os corpos, receio. — Como é que ele escapou?

— Saltou para cima de uma moto. Desapareceu numa questão de segundos.

— Algum sinal dele?

— Nada, chefe.

— Algumas pistas?

— Se as há, a polícia de Paris não as está a partilhar comigo. — E em relação aos outros membros da equipe?

— Também desapareceram. Eram bons, chefe. Muito bons.

— Quem é a moça morta?

— Uma americana.

Shamron fechou os olhos e praguejou em voz baixa. A última coisa de que precisava agora era do envolvimento dos Americanos.

— Os Americanos já foram avisados?

— Metade do pessoal da embaixada está agora na ponte.

— Esta moça tem nome?

— Emily Parker.

— O que é que estava a fazer em Paris?

— Ao que parece, estava a tirar uns meses de férias depois da licenciatura. — Que maravilha. Onde é que vivia?

— Montmartre. Uma equipe de policiais franceses está a investigar o bairro: a vasculhar, a fazer perguntas, a tentar apanhar tudo o que consigam.

— Descobriram alguma coisa interessante?

— Não ouvi mais nada, chefe.

— Vai a Montmartre de manhã. Dá uma olhada. Faça umas perguntas. Discretamente, Uzi. Talvez alguém no prédio dela ou num café da região tenha visto o Don Juan.

— Boa ideia, chefe.

- E faça outro favor. Leve as fotos de arquivo do Tariq.
- Acha que ele esteve por trás disso?
- Prefiro manter as opções abertas nesta altura.
- Mesmo que o tenham visto, aquelas fotografias antigas não vão ser grande ajuda. Mudou de aparência umas cem vezes desde então.
- Faz-me a vontade.

Shamron deu um murro na luz verde a piscar do telefone e cortou a ligação. Ainda era noite quando a limusina Peugeot de Shamron acelerou ao longo da planície costeira e atravessou as Montanhas Judias, em direção a Jerusalém. Shamron tirou os óculos e esfregou a pele vermelha debaixo dos olhos. Tinham passado seis meses desde que fora chamado da reforma e recebido uma missão simples: trazer estabilidade a um serviço secreto seriamente prejudicado por uma série de erros operacionais e escândalos pessoais altamente publicitados. A sua tarefa era recuperar o moral. Restaurar o *esprit de corps* que caracterizara o Escritório nos velhos tempos.

Conseguira estancar a hemorragia — não tinha havido mais humilhações, como a tentativa falhada de assassinar um clérigo muçulmano violento em Ama, que fora orquestrada pelo seu antecessor —, mas também não tinha havido sucessos formidáveis. Shamron sabia melhor do que ninguém que o Escritório não ganhara a reputação temível por jogar pelo seguro. Nos velhos tempos, roubara MiGs, colocara espiões nos palácios dos amigos e inimigos, semeara o terror sobre os que ousavam causar terror no povo de Israel. Shamron não queria que o seu legado fosse um Escritório que já não cometesse erros. Queria deixar um Escritório que se podia estender e atacar à vontade. Um Escritório que pudesse fazer os outros serviços do mundo abanar a cabeça de espanto. Sabia que não tinha muito tempo. Nem toda a gente no Boulevard do Rei Saul celebrara o seu regresso. Havia quem acreditasse que o tempo de Shamron já passara, que Shamron deveria ter sido deixado em Tiberíades, para lutar com os rádios e a consciência enquanto o testemunho era passado à geração seguinte. Por certo que um homem como Mordecai merecia ser chefe, depois de todos aqueles anos de labuta nas trincheiras das Operações, defenderam os detratores de Shamron. Eli tinha o potencial para vir a ser um ótimo chefe, diziam. Precisava apenas de um pouco mais de experiência na suíte executiva e estaria preparado para o cargo principal. Até Lev, das Operações, era considerado matéria

adequada, embora Lev deixasse, de fato, o temperamento apoderar-se de si, e Lev fizera a sua quota-parte de inimigos ao longo dos anos.

Shamron estava preso a eles. Por ser apenas um chefe temporário, não lhe tinha sido atribuído praticamente nenhum poder para fazer alterações no quadro dos funcionários superiores do Boulevard do Rei Saul. Por consequência, estava rodeado por uma matilha de predadores que atacaria ao primeiro sinal de fraqueza, e o vulcânico Lev era o mais ameaçador de todos, pois estava consagrado como o Brutus pessoal de Shamron.

Shamron pensava: Pobrezinho do Lev. Não faz ideia de com quem se meteu. — Zev Eliyahu era um amigo — disse o primeiro-ministro, enquanto Shamron se sentava. — Quem fez isso?

Pôs café na xícara e a deslizou pela mesa, os plácidos olhos castanhos fixos em Shamron. Como de costume, Shamron teve a sensação de que estava a ser contemplado por uma ovelha.

— Não posso dizer com toda certeza, mas suspeito que possa ter sido Tariq. Só Tariq. Sem sobrenome. Não era necessário nenhum. O seu currículo estava gravado no cérebro de Shamron. Tariq al-Hourani, filho de um ancião de aldeia da Alta Galileia, nascido e criado num campo de refugiados à saída de Sídon, no Sul do Líbano, educado em Beirute e na Europa. O irmão mais velho tinha sido membro do Setembro Negro, assassinado por uma unidade especial comandada pelo próprio Shamron. Tariq dedicara a vida a vingar a morte do irmão. Juntou-se à OLP no Líbano, combateu na guerra civil, a seguir aceitou um posto cobiçado na Força 17, a unidade de segurança pessoal e operações secretas de

Yasser Arafat. Durante os anos oitenta, treinara extensivamente atrás da Cortina de Ferro na Alemanha Oriental, na Romênia e em Moscou — e fora transferido da Força 17 para a Jihaz el-Razd, o aparelho de espionagem e segurança da OLP. Acabou por liderar uma unidade especial cuja missão era fazer guerra contra os serviços secretos e o pessoal diplomático de Israel. No início dos anos noventa, separou-se de Arafat, devido à sua decisão de entrar em negociações com Israel, e formou uma pequena e firmemente unida organização terrorista, dedicada a um fim: a destruição do processo de paz de Arafat. Após ouvir o nome de Tariq, os olhos do primeiro-ministro faiscaram e a seguir voltaram à sua calma

avaliação de Shamron. — O que o leva a pensar que foi o Tariq quem fez isto?

— Com base nas descrições preliminares, o ataque teve todas as marcas características de uma das suas operações. Foi meticulosamente planejado e executado.

Shamron acendeu um cigarro e afastou com o braço a nuvem de fumo. — O assassino era calmo e completamente impiedoso. E havia uma moça. Cheira ao Tariq.

— Então está a dizer-me que tem um palpite de que foi o Tariq?

— É mais do que um palpite — respondeu Shamron, insistindo perante o cepticismo do primeiro-ministro. — Recebemos recentemente um relatório que sugeria que a organização do Tariq estava prestes a retomar as suas atividades. Talvez se lembre de que o informei pessoalmente, senhor primeiro-ministro.

O primeiro-ministro concordou com a cabeça.

— Também me lembro de que me desencorajou de dar uma circulação mais alargada ao relatório. O Zev Eliyahu talvez estivesse vivo esta manhã se tivéssemos avisado o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Shamron apagou o cigarro.

— Ofende-me a sugestão de que o Escritório é de algum modo culpado da morte do embaixador. O Zev Eliyahu também era meu amigo. E um colega. Trabalhou no Escritório durante quinze anos, e é por isso que suspeito que o Tariq o tenha escolhido como alvo. E desencorajei-o de dar uma circulação mais alargada ao relatório por forma a proteger a fonte dessa informação. Por vezes, isso é necessário quando se trata de informações secretas vitais, senhor primeiro-ministro.

— Não me dê lições, Ari. Consegue provar que foi Tariq?

— Possivelmente.

— E se conseguir? O que acontece a seguir?

— Se conseguir provar que foi o Tariq, a seguir gostaria da sua autorização para o eliminar.

O primeiro-ministro sorriu.

— Eliminar o Tariq? Terá de o encontrar primeiro. Acha mesmo que o Escritório está preparado para algo assim? Não nos podemos dar ao luxo de uma outra situação como Ama, não agora, não com o processo de paz num estado tão tênue. — A operação em Ama foi deficientemente

planeada e desastrosamente executada, em parte devido à interferência e pressão sem precedentes do homem que estava sentado neste gabinete na altura. Se me der autoridade para ir atrás do Tariq, asseguro-lhe que será um tipo de operação muito diferente, com resultados muito diferentes.

— O que o leva a pensar que pode sequer encontrar Tariq?

— Porque, agora mais do que nunca, estou em melhor posição para encontrá-lo.

— Por causa desta sua fonte?

— Sim.

— Fale-me deste contato.

Shamron sorriu brevemente e limpou a unha do polegar da mão direita. — Foi um caso que tratei pessoalmente antes de me terem dito que os meus serviços já não eram necessários no Boulevard do Rei Saul; um caso de infiltração a longo prazo, algo que demorou anos a desenrolar-se. Agora, o contato está envolvido na parte de planeamento e logística da organização do Tariq.

— O contato sabia de Paris com antecedência?

— Claro que não! Se o contato me tivesse alertado sobre Paris, teria avisado toda a gente necessária, mesmo que isso implicasse retirar o contato.

— Então, faça-o — disse o primeiro-ministro. — Elimine Tariq. Faça-o pagar por Eliyahu e todos os outros que matou ao longo dos anos. Derrube-o com vigor e assegure-se de que nunca mais se volta a levantar.

— Está preparado para as repercussões de um assassinato a esta altura?

— Não haverá repercussões se for executado convenientemente.

— A Autoridade Palestina e os seus amigos em Washington e na Europa Ocidental não verão com bons olhos um assassinato, mesmo que o alvo seja o Tariq. — Então certifique-se de que não deixa impressões digitais. Assegure-se de que os seus kidons não são apanhados, como aquele par de amadores desastrados que foi enviado para Ama. Assim que eu assinar as ordens, a operação está nas suas mãos. Livre-se dele de qualquer maneira que achar apropriada, livre-se dele simplesmente. O povo de Israel nunca me permitirá fazer a paz enquanto Tariq, ou quem quer que seja, andar por aí matando judeus.

— Vou precisar da documentação apropriada para iniciar tudo.

— Terá até o fim do dia.
— Obrigado, senhor primeiro-ministro.
— Então quem tem em mente para o trabalho?
— Achei que não tivesse intenção de interferir.
— Apenas quero saber a quem vai atribuir o caso. Não me parece que isso seja interferência.
— Estava pensando no Allon.
— Gabriel Allon? Achei que tivesse abandonado o Escritório depois de Viena.

Shamron encolheu os ombros; tais coisas não importavam quando se tratava de um homem como Gabriel Allon.

— Já faz muito tempo que ninguém no Escritório lida com um caso assim. E normalmente nos fodem. Mas há uma outra razão pela qual quero Allon. Tariq opera principalmente na Europa. Allon tem muita experiência no continente. Sabe como fazer as coisas sem provocar alarido.

— Onde está ele agora?
— Morando em algum lugar da Inglaterra, da última vez que soube. O primeiro-ministro sorriu maliciosamente.
— Será mais fácil encontrar Tariq do que Gabriel Allon.
— Vou encontrar Allon, e Allon vai encontrar Tariq. — Shamron franziu os lábios, numa expressão fatalista. — E então estará feito.

SAMOS, GRÉCIA

O ferry vindo da Turquia chegou atrasado doze horas devido a mares agitados nos estreitos de Mycale. Tariq nunca gostara de barcos — detestava a sensação de estar rodeado por água, sem caminho de saída. Estava em pé na proa, gola levantada contra o vento da noite, a observar a aproximação a Samos. À luz da Lua, conseguia ver os picos das duas montanhas distintivas da ilha: o monte Ampelos em primeiro plano e o monte Kerkis à distância.

Nos cinco dias a seguir ao assassinato de Paris, foi atravessando a Europa, em direção ao sudeste, mudando de identidade e passaporte, alterando subtilmente o seu aspecto. Trocou de automóvel seis vezes. O último, uma van Volvo verde-escura, deixou-o perto do terminal em Kusadasi, no lado turco do estreito. Tinha sido recolhido por um agente da sua organização. Seduzira três mulheres durante a sua odisseia: uma empregada de mesa em Munique, uma cabeleireira em Bucareste e uma recepcionista de hotel em Sofia. Contou a cada uma delas uma história diferente. Para a moça alemã, era um vendedor de tecidos italiano, a caminho de Paris. Para a moça romena, era um comerciante egípcio com esperanças de fazer negócio na Ucrânia. Para a recepcionista búlgara, era um francês com pais ricos, que viajava e lia livros sobre filosofia. Fez amor com todas de modo diferente. Deu palmadas na moça alemã e não se preocupou com a sua satisfação. Deu à romena vários orgasmos e uma pulseira de ouro. A búlgara era uma moça de cabelo escuro e pele morena. Lembrou-lhe as moças da Palestina. Fizeram amor a noite inteira, até ser altura de ela voltar ao serviço. Ficou triste quando ela se foi embora. O ferry deslizou a caminho da água abrigada do porto e atracou. Tariq desembarcou e andou até a uma taberna bem iluminada. Estacionada à porta, estava uma lambreta azul-escura com um espelho retrovisor estilhaçado, tal como lhe tinha sido prometido. Dentro do bolso do casaco estava a chave. Prendeu o saco de fim-de-semana com uma correia à parte de trás da mota e ligou o motor. Um instante depois, estava a acelerar por uma faixa estreita, em direção às montanhas.

Não estava vestido para um passeio noturno; as luvas finas de couro, os mocassins muito abertos e as calças de ganga pretas não eram adversários à altura do frio. Ainda assim, carregou a fundo no acelerador e puxou o máximo que podia pela pequena mota, por uma longa colina acima, na base do monte Kerkis. Abrandou devido a uma curva apertada, depois voltou a carregar a fundo e atravessou a toda a velocidade uma vinha que descia pelo lado da colina e ia dar a um pequeno vale. Por cima da vinha estendia-se um olival e por cima do olival uma fila de imponentes ciprestes, silhuetas recortando-se no fundo de um tapete de estrelas úmidas. O cheiro característico dos ciprestes sentia-se com intensidade no ar. Algures, estava a ser cozinhada carne numa fogueira. O aroma lembrou-lhe o Líbano. Que bom estar fora de Paris, pensou. A cinzenta e melancólica Paris dos finais de Outono. Que bom estar de volta ao Mediterrâneo oriental.

A estrada transformou-se num caminho com covas. Tariq soltou um pouco o acelerador. Era uma coisa estúpida de se fazer, guiar tão depressa numa estrada desconhecida, mas tinha-se habituado a fazer coisas desnecessariamente arriscadas nos últimos tempos. Pela primeira vez desde que deixara Paris, pensou na moça americana. Não sentiu remorso nem culpa. A sua morte, ainda que infeliz, fora completamente necessária.

Voltou a carregar a fundo no acelerador e desceu a toda a velocidade uma encosta suave que dava para um vale minúsculo. Pensou nesta sua necessidade, nesta compulsão de estar na companhia de uma mulher durante uma operação. Calculou que viesse de ter crescido nos campos de Sidon. O pai morrera quando Tariq era novo, e o irmão mais velho, Mahmoud, tinha sido assassinado pelos judeus. Tariq fora criado pela mãe e pela irmã mais velha. Havia apenas um quarto na cabana deles no campo, por isso Tariq, a mãe e a irmã dormiam todos na mesma cama — Tariq no meio, a cabeça deitada contra o peito da mãe, o corpo ossudo da irmã encostado às suas costas. Por vezes, ficava acordado a ouvir os bombardeamentos e as pancadas compassadas dos helicópteros a pairar sobre o campo. Pensava no pai — como morrera de desgosto, com as chaves da casa da família na Alta Galileia ainda no bolso e pensava no pobre Mahmoud. Odiava os judeus com uma intensidade que lhe fazia doer o peito. Mas nunca sentia medo. Não quando estava na cama, protegido pelas suas mulheres.

A casa de campo caiada de branco ficava no cimo de um rochedo que emergia de uma vertente escarpada, entre as aldeias de Mesogion e Pirgos. Para chegar lá, Tariq teve de vencer um caminho íngreme que atravessava uma vinha antiga. O cheiro da última colheita permanecia no ar. Desligou o motor e o silêncio ecoou-lhe nos ouvidos. Pôs a mota no descanso, sacou da pistola Makarov e caminhou por um pequeno jardim até a entrada da casa de campo.

Enfiou a chave na fechadura, rodou-a devagar, testando o canhão, à procura de resistência forçada. A seguir abriu a porta e entrou, a Makarov em riste. Ao fechar a porta, uma luz acendeu-se na sala de estar, iluminando um rapaz elegante, com cabelo comprido, sentado num sofá rústico. Tariq quase disparou sobre ele antes de reparar que a arma do outro homem estava pousada na mesa em frente dele e as suas mãos levantadas em sinal de rendição.

Tariq apontou a Makarov para o rosto do rapaz.

— Quem és tu?

— O meu nome é Achmed. O Kemel enviou-me.

— Quase que te matava. E então nunca teria sabido porque é que o Kemel te enviou cá.

Ficaste de chegar esta manhã. Não tinha mais nenhum sítio onde esperar.

— O ferry atrasou-se. Terias ficado a saber isso se te tivesses dado ao trabalho de pegar no telefone e fazer uma única chamada. O que é que ele quer? — Quer um encontro. Diz que precisa de discutir uma coisa contigo e que é demasiado importante para o fazer pelos meios de comunicação habituais.

— O Kemel sabe que não gosto de encontros cara a cara.

— Tomou medidas especiais.

— Diz-me.

— Importavas-te de apontar essa arma para outro lado?

— Importava-me, por acaso. Como é que sei que foste mesmo enviado cá pelo Kemel? Se calhar o teu nome verdadeiro é Yitzhak ou Jonathan. Se calhar és um israelense. Se calhar trabalhas para a CIA. Se calhar o Kemel ficou queimado e vieste cá para me matar.

O rapaz suspirou fundo e começou a falar:

— O Kemel quer encontrar você em três dias, num compartimento de primeira classe de um trem de Zurique para Praga. Vais ter de te juntar a ele lá, em qualquer ponto na viagem que julgues seguro.

— Tens a passagem?

— Sim.

— Dê-me.

Achmed enfiou a mão no bolso do casaco. Tariq ergueu a Makarov.

— Devagar.

Achmed tirou a passagem, levantou-a para que Tariq visse e deixou cair em cima da mesa. Tariq olhou de relance para o bilhete e a seguir voltou a olhar fixamente para o rapaz sentado à sua frente.

— Há quanto tempo é que estás esperando aqui?

— A maior parte do dia.

— A maior parte do dia?

— Fui até a aldeia à tarde.

— Por que cargas d'água?

— Estava com fome e queria dar uma olhada.

— Fala grego?

— Um pouco.

Mas que maravilha, pensou Tariq de forma irônica. Um rapaz que fala algumas palavras de grego com um sotaque árabe tinha andado às voltas no porto durante a tarde toda. Tariq imaginou um quadro: um lojista grego metedido começa a suspeitar de um árabe a passear-se pela aldeia e chama a polícia. Chega um polícia para dar uma olhada. Talvez tenha um amigo ou um primo que trabalha nos serviços de segurança gregos. Poça! Era um milagre não ter sido preso mal saiu do ferry. Perguntou:

— Onde estás pensando em passar a noite?

— Pensei que talvez pudesse ficar aqui.

— Fora de questão. Vá à Taverna Petrino. É perto do porto.

Consegues um quarto lá a preço razoável. De manhã, apanha o primeiro ferry para a Turquia.

— Muito bem.

Achmed inclinou-se para a frente para apanhar a arma. Tariq alvejou-o duas vezes no topo da cabeça.

O sangue espalhou-se pelo chão de pedra. Tariq olhou para o corpo e não sentiu mais do que uma vaga sensação de desilusão. Tinha estado a

aguardar com ansiedade por alguns dias de recuperação na ilha antes da próxima operação. Estava cansado, os nervos estavam em franja e as dores de cabeça estavam a piorar. Agora iria ter de se pôr a mexer outra vez, tudo porque o raio ao ferry tinha ficado retido devido às marés altas e Kemel enviara um idiota desastrado para entregar uma mensagem importante.

Enfiou a Makarov no cóis da calça, pegou a passagem de trem e saiu.

TELAVIV

Uzi Navot viajou para Telaviv na manhã seguinte. Chegou ao gabinete de Shamron "preto", o que queria dizer que nem Lev nem nenhum outro membro dos quadros superiores testemunhara a sua chegada. Suspensa na ponta do seu braço de pedreiro estava uma pasta de metal de executivo, lustrosa, do tipo que os homens de negócios de todo o mundo levam, julgando que os seus papéis são demasiado valiosos para serem confiados a mero couro. Ao contrário dos outros passageiros do voo El Al de Paris naquela manhã, não tinha sido pedido a Navot que abrisse a mala para inspeção. Nem tinha sido forçado a suportar o interrogatório exasperantemente ritualista dos rapazes e moças bronzeados da segurança da El Al. Uma vez seguro no interior do gabinete de Shamron, aplicou a combinação da mala e abriu-a pela primeira vez desde que deixara a embaixada em Paris. Enfiou a mão lá dentro e tirou um único artigo: uma fita de vídeo.

Navot perdeu a conta do número de vezes que o velho viu a fita. Vinte vezes, trinta, talvez até cinquenta. Fumou tantos dos seus cigarros turcos repulsivos que Navot mal conseguia ver a tela através da neblina. Shamron estava fascinado. Estava sentado na cadeira, os braços cruzados, a cabeça inclinada para trás, para poder espreitar pelos óculos de ler, de aros negros, empoleirados na ponta do nariz com aspecto de punhal. Navot proporcionava o pedaço ocasional de fundo narrativo, mas Shamron estava a ouvir as suas próprias vozes.

— De acordo com a segurança do museu, o Eliyahu e o seu grupo entraram no carro às dez e vinte e sete — disse Navot. Como pode ver pelo temporizador na tela, o árabe faz o telefonema às dez e vinte e seis em ponto.

Shamron não disse nada, apenas golpeou o controle remoto, rebobinou a fita e viu-a uma outra vez mais.

— Observe a mão dele — disse Navot, ansiosamente. — O número está arquivado no celular. Ele limita-se a carregar no teclado um par de vezes com o polegar e começa a falar.

Se Shamron achou este pedaço de perspicácia interessante ou mesmo remotamente relevante, não deu qualquer indicação disso.

— Talvez pudéssemos arranjar os registros da companhia telefônica — disse Navot, insistindo. — Talvez pudéssemos descobrir o número que ele marcou. Aquele telefone pode conduzir-nos ao Tariq.

Shamron, caso tivesse escolhido falar, teria informado o jovem Navot de que havia provavelmente uma meia dúzia de operadores entre Tariq e a companhia telefônica do celular francês. Uma investigação assim, ainda que admirável, conduziria sem dúvida a um beco sem saída.

— Diz uma coisa, Uzi — disse Shamron, por fim. — Que tipo de comida é a aquela na travessa de prata?

— O que, chefe?

— A comida, os aperitivos, na travessa. O que eram?

— Galinha, chefe.

— Que tipo de galinha, Uzi?

— Não sei, chefe. Galinha, simplesmente.

Shamron abanou a cabeça em sinal de desapontamento.

— Era galinha tandoori, Uzi. Galinha tandoori, da Índia.

— Como queira, chefe.

— Galinha tandoori — repetiu Shamron. — É interessante. Devia saber disso, Uzi.

Navot requisitou um carro do Escritório e conduziu perigosamente depressa pela estrada costeira acima, a caminho de Cesareia.

Tinha acabado de concretizar um belíssimo feito — roubara uma cópia da fita de vídeo do Musée d'Orsay —, mas a única coisa com que o velho se importava era com a galinha. Que diferença fazia se era galinha tandoori ou Kentucky Fried Chicken? Talvez Lev tivesse razão. Talvez Shamron já estivesse longe de seus melhores tempos. Que se lixe o velho.

Havia uma máxima no interior do Escritório, nos tempos que corriam: quanto mais longe estamos do nosso último desastre, mais perto estamos do próximo. Shamron também pisaria em merda. Nessa hora iriam escorraçá-lo de novo, agora de vez.

Mas Navot percebeu que realmente se importava com o que o velho pensava dele. Na verdade, importava-se demasiado. Tal como a maioria dos funcionários da sua idade, venerava o grande Shamron. Tinha feito uma série de trabalhos para o velho ao longo dos anos — trabalhos

sujos que mais ninguém queria. Coisas que tinham de ser mantidas em segredo de Lev e dos outros. Faria quase tudo para voltar a cair nas suas boas graças.

Entrou em Cesareia e estacionou à porta de um prédio de apartamentos a alguns quarteirões do mar. Passou despercebido pela recepção dentro e viajou de elevador até o quarto andar. Ainda tinha uma chave, mas preferiu bater à porta. Não telefonara a avisar que estava a caminho. Ela podia ter outro homem lá dentro. Bella tinha muitos homens.

Abriu a porta vestida com calças de ganga desbotadas e uma camisa rasgada. Tinha um corpo comprido e uma cara linda que parecia estar perpetuamente de luto. Observou Navot com um olhar de malícia levemente disfarçada, depois afastou-se e deixou-o entrar. O apartamento tinha o ar de uma livraria de segunda-mão e cheirava a incenso. Ela era escritora e historiadora, especialista em assuntos árabes, consultora ocasional do Escritório para as políticas sírias e iraquianas. Tinham sido amantes antes de o Escritório enviar Navot para a Europa, e ela desprezava-o um pouco por escolher o trabalho de campo em detrimento de si. Navot beijou-a e puxou-a gentilmente para o quarto. Ela resistiu, apenas por um instante.

A seguir, perguntou:

— Está pensando em quê?

— Shamron.

— O que foi agora?

Contou-lhe o máximo possível, sem detalhes, apenas o essencial.

— Sabes como Shamron funciona — disse ela. — Derruba você quando quer alguma coisa. Das duas uma. Pode voltar para Paris e esquecer ou podes dirigir até Tiberíades e ver o que o sacana do velho tem em vista para você agora.

— Talvez não queira saber.

— Mentiras, Uzi. Claro que quer saber. Se te dissesse que nunca mais queria te ver, não pensaria nisso duas vezes. Mas se o velho olha pra você de soslaio, você desmorona inteiro.

— Está enganada, Bella.

— Sobre que parte?

— A primeira. Se me dissesse que nunca mais queria me ver, deixaria o Escritório e imploraria que casasse comigo.

Ela beijou-o na boca e disse: — Nunca mais quero te ver.
Navot sorriu e fechou os olhos. Bella disse: — Meu Deus, mas você é um mentiroso horrível, Uzi Navot.

— Há algum restaurante indiano em Cesareia?
— Um muito bom, por acaso, não muito longe daqui.
— Servem galinha tandoori?
— Isso é como perguntar se um restaurante italiano serve espaguete.

— Vista-se. Vamos até lá.
— Faça qualquer coisa para nós aqui. Não quero sair.
Mas Navot já estava vestindo as calças.
— Vista-se. Preciso de galinha tandoori.

Durante as setenta e duas horas seguintes, Ari Shamron comportou-se como um homem que sentia cheiro de fumaça e estava freneticamente à procura de fogo. O mero rumor da sua vinda era capaz de esvaziar uma sala tão seguramente como se uma granada antipessoal tivesse rolado no tapete. Rondou os corredores do Boulevard do Rei Saul, irrompendo sem anúncio reuniões adentro, exortando os funcionários a olhar melhor, a escutar com mais atenção. Qual tinha sido a última aparição confirmada de Tariq? O que acontecera aos outros membros da equipe do ataque de Paris? Tinha havido algumas interceptações eletrônicas interessantes? Andavam a falar uns com os outros? Andavam a planejar atacar outra vez? Shamron estava com a febre, disse Lev a Mordecai, durante um jantar tardio na cantina. A febre de sangue. O melhor era mantê-lo isolado dos não-infectados. Enviá-lo para o deserto. Deixá-lo uivar para a Lua até passar.

O segundo avanço no caso veio vinte e quatro horas depois de Navot entregar a fita de vídeo. Foi o delicado Shimon do Escritório de Investigação que fez a descoberta. Correu até a sala de Shamron, em camisa e descalço, apertando um arquivo nas pontas roídas dos dedos.

— É Mohammed Azziz, chefe. Já foi membro da Frente Popular, mas quando a Frente se inscreveu no processo de paz, Azziz juntou-se ao grupo de Tariq.

— Quem é Mohammed Azziz? — perguntou Shamron, olhando de lado para Shimon, com curiosidade, no meio de uma nuvem de fumaça.

— O rapaz do Musée d'Orsay. Disse aos técnicos do laboratório fotográfico para melhorar digitalmente a fita de vídeo de vigilância. Depois passei-a pela base de dados. Não há qualquer dúvida. O empregado com o celular era o Mohammed Azziz.

— Tem certeza de que é Azziz?

— Absoluta, chefe.

— E tem certeza de que Azziz agora trabalha para Tariq?

— Apostaria a minha vida nisso.

— Escolha as palavras com cuidado, Shimon.

Shimon deixou o arquivo na mesa e saiu. Shamron tinha agora o que queria: provas de que as impressões digitais de Tariq estavam por todo o ataque de Paris. Mais tarde, nessa mesma noite, Yossi, com os olhos inflamados, apareceu na porta de Shamron.

— Acabei de ouvir uma coisa interessante, chefe.

— Diga, Yossi.

— Um amigo nosso do serviço grego acaba de passar uma mensagem à base de Atenas. Um palestino chamado Achmed Natour foi assassinado há dois dias na ilha de Samos, na Grécia. Alvejado duas vezes na cabeça e deixado numa casa de campo.

— Quem é Achmed Natour?

— Não temos certeza. Shimon está dando uma olhada.

— De quem é a casa de campo?

— Isso é o mais interessante, chefe. A casa de campo foi alugada a um inglês chamado Patrick Reynolds. A polícia grega está tentando encontrá-lo.

— E?

— Não há nenhum Patrick Reynolds do endereço de Londres que está no contrato de aluguel. Também não há nenhum Patrick Reynolds no número de telefone de Londres. Tanto quanto as autoridades britânicas e gregas sabem, Patrick Reynolds não existe.

O velho estaria longe por algum tempo — Rami conseguia senti-lo.

A última noite de Shamron foi de agitação, mesmo pelos padrões grandiosos do Fantasma de Tiberíades. Passou muito tempo a andar para um lado e para o outro na varanda, depois queimou algumas horas às voltas com um rádio Philco que tinha acabado de chegar dos Estados

Unidos nesse dia. Não dormiu, não fez nenhum telefonema e só teve uma visita: um Uzi Navot com ar de penitência. Falou com o velho na varanda durante quinze minutos, depois partiu rapidamente. A caminho da saída, sua cara fez Rami lembrar-se do ar que Shamron tinha adotado na noite do ataque de Paris: parte determinação severa, parte sorriso afetado de satisfação consigo mesmo.

Mas foi a maleta da roupa que confirmou os piores medos de Rami: fabricação italiana, couro preto, molas e fivelas douradas. Era tudo o que o velho não era. O Fantasma era capaz de transportar o material de viagem no bolso de trás e ainda sobrar espaço para a carteira. Depois havia o nome na etiqueta balançando da maleta: Rudolf Heller, endereço de Berna, número de telefone de Berna. Shamron ia se infiltrar. Rami estava distante no café da manhã, como a mãe que arranja uma discussão com o filho no dia de uma separação. Em vez de se sentar com ele à mesa, ficou em pé junto da bancada e folheou com violência a seção de esportes do Maa'riv.

— Rami, por favor — disse Shamron. — Está lendo ou tentando arrancar uma confissão?

— Deixe-me ir com você, chefe.

— Não vamos voltar a ter esta conversa. Sei que pode achar isto difícil de acreditar, mas sei funcionar no terreno. Fui um katsa muito antes dos teus pais acharem por bem te trazer a este mundo.

— Já não é tão novo como era antes, chefe.

Shamron baixou o jornal e espiou Rami por cima dos óculos de meia-lua. — Quando achar que está pronto, pode experimentar testar minha forma física.

Rami apontou o dedo a Shamron como se fosse uma arma e respondeu:

— Bang, bang, está morto, chefe.

Mas Shamron limitou-se a sorrir e a acabar de ler o jornal. Dez minutos mais tarde, Rami acompanhou-o até o portão e pôs a maleta no carro. Ficou parado observando o carro se afastar, até que tudo o que restava de Ari Shamron era uma baforada de poeira rosa da Galileia.

ZURIQUE

A Farmacêutica Schloss era a maior farmacêutica da Europa e uma das maiores do mundo. Os seus laboratórios de pesquisa, as fábricas de produção e centros de distribuição estavam espalhados à volta do globo, mas a sede empresarial ocupava um imponente edifício de pedra cinzenta na restrita Bahnhofstrasse de Zurique, não muito longe da margem do lago. Por ser quarta-feira, os chefes de divisão e os vice-presidentes mais antigos tinham-se juntado na sala de reuniões forrada a madeira, no nono andar, para a reunião semanal. Martin Schloss estava sentado à cabeceira, por baixo de um retrato do bisavô, Walther Schloss, o fundador da empresa. Uma figura elegante, fato escuro, cabelo grisalho bem cortado. Ao meio-dia e meia, olhou para o relógio e levantou-se, indicando que a reunião tinha terminado. Alguns dos executivos juntaram-se em seu redor, à espera de uma última troca de palavras com o chefe. Kemel Azouri juntou as suas coisas e escapuliu-se. Era um homem alto, com uma figura esguia e aristocrática, feições estreitas e olhos verde-claros. Destacava-se no império Schloss não só pelo aspecto, mas pela história extraordinária. Nascido num campo de refugiados palestinos no Líbano, estudara brevemente Medicina na Universidade de Beirute, antes de vir para a Europa à procura de trabalho. Foi contratado por Schloss e deram-lhe um emprego de pequena importância no departamento de vendas. Veio a mostrar-se tão bem-sucedido que, em cinco anos, foi colocado à frente da divisão de vendas do Oriente Médio da empresa. O emprego o mantinha constantemente na estrada, deixando-o sem tempo para uma família ou uma vida pessoal de qualquer espécie. Mas a Kemel não o perturbava o fato de nunca ter arranjado tempo para casar e ter filhos. Tinha sido recompensado de muitas outras maneiras. Há um ano atrás, fora promovido a chefe da divisão de vendas da empresa. Martin Schloss fizera dele um milionário. Vivia numa casa grandiosa com vista para o rio Limmat e percorria Zurique num Mercedes com motorista da empresa.

Entrou em seu gabinete: uma sala espaçosa, tecto alto, tapetes persas, mobília dinamarquesa clara, uma vista magnífica do Zurichsee.

Sentou-se à secretária e recapitulou as notas da reunião. A secretária entrou na sala.

— Bom dia, Herr Azouri. Espero que a reunião tenha corrido bem.

Falou-lhe em alemão e ele respondeu sem erros na mesma língua:

— Muito bem, Margarite. Alguma mensagem?

— Deixei-as em cima da secretária, Herr Azouri. Os bilhetes de trem também lá estão, tal como as informações do hotel para Praga. Devia apressar-se, no entanto. O trem parte daqui a meia hora.

Deu uma olhada pela pilha de mensagens telefônicas. Não havia nada que não pudesse esperar. Puxou de um sobretudo, pôs um chapéu Fedora na cabeça e atou um lenço de seda à volta da garganta. Margarite entregou-lhe a pasta e uma maleta para o fim de semana.

Kemel disse:

— Gostaria de utilizar o tempo no trem para tratar de papelada em atraso.

— Não vou incomodar, a não ser que haja uma crise. O motorista está lá fora à espera.

— Diga-lhe para tirar o resto da tarde. Vou a pé até Hauptbahnhof. Faz-me falta o exercício.

A neve acumulava-se ao longo de Bahnhofstrasse, enquanto Kemel ia passando pelas lojas reluzentes. Entrou num banco e levantou discretamente uma grande quantia de dinheiro de uma conta pessoal numerada. Cinco minutos mais tarde, estava de novo lá fora, o dinheiro guardado num compartimento escondido da pasta.

Entrou em Hauptbahnhof e atravessou o hall principal, parando para verificar se era seguido. Depois caminhou até a um quiosque e comprou uma série de jornais para a viagem. Ao dar dinheiro ao empregado, passou os olhos em redor do terminal, para ver se alguém o estava a seguir. Nada.

Caminhou até o cais. O trem estava prestes a terminar o embarque. Kemel subiu para a carruagem e foi avançando pelo corredor, em direção ao seu compartimento de primeira classe. Estava vazio. Pendurou o casaco e sentou-se, ao mesmo tempo que o trem saía da estação. Enfiou o braço na pasta e tirou os jornais para fora. Começou pela edição europeia do *Wall Street Journal*, a seguir o *Financial Times*, o *The Times*, de Londres, e, por fim, o *Lê Monde*. Quarenta e cinco minutos mais

tarde, o empregado trouxe-lhe café. Kemel começou a analisar um conjunto de números de vendas trimestrais da divisão da América do Sul — apenas mais um executivo de sucesso, obcecado demais para relaxar nem que fosse por um instante. Kemel sorriu; isso estava tão longe da verdade. Durante anos, vivera uma vida dupla, a trabalhar para a Farmacêutica Schloss, enquanto, ao mesmo tempo, era um agente ao serviço da OLP. O emprego e a fachada respeitável tinham-lhe fornecido um disfarce a toda a prova, permitindo-lhe viajar pelo Oriente Médio e pela Europa sem levantar as suspeitas dos serviços secretos e de segurança. O exemplo máximo do lobo em pele de cordeiro, movia-se por entre os círculos mais elitistas e cultos da Europa, trabalhava com os líderes empresariais mais poderosos do Continente, socializava com os ricos e famosos. E, no entanto, durante todo esse tempo, estava a trabalhar para a OLP — mantendo redes de contatos, recrutando agentes, planejando operações, transmitindo mensagens, recolhendo dinheiro de doadores ao longo do Oriente Médio. Utilizava os sistemas de envio e distribuição da Schloss para fazer chegar ao destino armamento e explosivos para operações.

Na realidade, dava-lhe sempre uma sensação de prazer bastante mórbida pensar que, entre medicamentos para salvar vidas, estavam instrumentos de assassinio e terror.

Agora, a sua situação era ainda mais complicada. Quando Yasser Arafat concordou em renunciar à violência e entrar em negociações com os sionistas, Kemel ficou enfurecido e uniu secretamente forças com o antigo camarada Tariq al-Hourani. Kemel servia de chefe de operações e planeamento à organização de Tariq. Tratava das finanças, geria as redes de comunicações, assegurava o armamento e os explosivos e lidava com o planeamento operacional tudo a partir do gabinete em Zurique. Formavam uma parceria bastante única: Tariq, o terrorista impiedoso e o assassino de sangue-frio; Kemel, o refinado e respeitável representante, que lhe fornecia os instrumentos de terror.

Kemel fechou os relatórios de vendas e olhou para cima. Poça! Onde é que ele está? Talvez tivesse corrido alguma coisa mal.

Foi então que a porta do compartimento se abriu e um homem entrou: cabelos loiros compridos, óculos de sol, boné dos Yankees, música rock a sair aos berros dos receptores. Kemel pensou: Céus! Quem é este idiota? Agora, Tariq nunca se atreverá a aparecer.

Disse: — Peço desculpa, mas está no compartimento errado. Estes lugares estão todos ocupados.

O homem levantou um dos receptores e respondeu:

— Não consigo ouvir.

Falava inglês como um americano.

— Estes lugares estão ocupados — repetiu Kemel, impacientemente. — Saia, ou chamo o empregado.

Mas o homem sentou-se simplesmente e tirou os óculos.

— Que a paz esteja contigo, meu irmão — disse Tariq suavemente, em árabe.

Kemel não conseguiu deixar de sorrir.

— Tariq, meu sacana.

Fiquei preocupado quando o Achmed não deu notícias depois de o ter enviado para a Grécia — disse Kemel. — Depois ou — vi dizer que um corpo tinha sido encontrado na casa de campo de Samos e percebi que os dois deviam ter falado.

Tariq fechou os olhos, inclinou a cabeça ligeiramente para o lado.

— Foi desleixado. Devias escolher melhor os teus mensageiros.

— Mas precisavas mesmo de o matar?

— Vais descobrir outro, melhor, espero.

Kemel olhou cuidadosamente para ele durante um instante.

— Como é que te sentes, Tariq? Não...

— Ótimo — respondeu Tariq, interrompendo-o. — Como é que estão as coisas em Amsterdam?

— Bastante bem, por acaso. A Leila já chegou. Encontrou-te uma mulher e um sítio para ficares. Tariq respondeu:

— Fala-me dela.

— Trabalha num bar no bairro da luz vermelha. Vive sozinha numa casa flutuante no Amstel. É perfeito. — Quando é que vou?

— Daqui a mais ou menos uma semana.

— Preciso de dinheiro.

Kemel enfiou o braço na pasta e entregou a Tariq o envelope do dinheiro. Tariq meteu-o no bolso do casaco. Depois, os olhos cinzentos fixaram-se em Kemel. Como sempre, Kemel teve a desconfortável sensação de que Tariq estava a decidir como melhor o matar se precisasse.

— Com certeza que não me arrastaste este caminho todo até aqui para me criticares por ter morto o Achmed e perguntares pela minha saúde. O que mais tens?

— Umas notícias interessantes.

— Estou a ouvir.

— Os homens do Boulevard do Rei Saul estão convencidos de que estás por trás do ataque de Paris.

— Que brilhante da parte deles.

— O Ari Shamron quer-te morto e o primeiro-ministro deu-lhe luz verde.

— O Ari Shamron quer me ver morto há anos. Por que isso agora é tão importante?

— Porque ele vai dar o trabalho a um velho amigo teu.

— Quem?

Kemel sorriu e inclinou-se para a frente.

ST. JAMES'S, LONDRES

A firma Isherwood Fine Arts, por vezes solvente, estava instalada num armazém vitoriano a desmoronar-se, numa área tranquila e escondida de St. James's chamada Mason's Yard. Estava apertada entre os escritórios de uma pequena empresa de transportes e um bar que parecia estar sempre cheio de paquetes bonitas que conduziam motoretas. O letreiro formal na janela do primeiro andar afirmava que a galeria se especializava em trabalhos dos velhos mestres, que o dono, Julian Isherwood, era membro, com boa reputação, da Sociedade dos Negociantes de Artes de Londres, e que a sua coleção apenas podia ser vista por marcação. Galerias em Veneza e Nova York eram também prometidas, apesar de terem fechado há muito tempo atrás — Isherwood, simplesmente, não tinha a coragem, ou o dinheiro a mais, para atualizar o letreiro, de modo a refletir a prosperidade reduzida do seu império.

Shamron chegou às doze e trinta. O casaco de bombardeiro e as calças caqui tinham dado lugar a um fato de casaco assertoado, uma camisa de seda e gravata azul-escura a condizer, e um sobretudo cinzento de caxemira. Os óculos com aros de aço tinham sido substituídos por óculos de tartaruga à moda. No pulso estava um relógio Roex de ouro, no último dedo da mão direita, um anel de sinete. A ausência de uma aliança indicava disponibilidade sexual. Mexia-se num deambular descontraído e cosmopolita, em vez da sua habitual cavalgada mortal.

Shamron tocou à campainha rachada, junto à entrada do térreo. Um instante depois, a voz sensual de Heather, a mais recente na série de jovens e nada prestáveis assistentes pessoais de Isherwood, surgiu no intercomunicador.

— O meu nome é Rudolf Heller — disse Shamron num inglês com sotaque alemão.

— Estou aqui para ver o senhor Isherwood.

— Tem uma reunião marcada?

— Receio que não, mas Julian e eu somos amigos de longa data.

— Um momento, por favor.

Um momento transformou-se em dois, depois três. Por fim, o fecho automático da porta abriu com um estalido. Shamron entrou e subiu um pequeno lance de escadas lamurientas. Havia uma nódoa castanha grande no tapete do patamar. Heather estava sentada na antessala, atrás de uma secretária vazia e de um telefone silencioso. As moças de Isherwood seguiam todas um padrão familiar: bonitas licenciadas de escolas de arte, seduzidas a estar ao seu serviço com promessas de aprendizagem e aventura. A maioria desistia após um mês ou dois, quando ficavam desesperadamente aborrecidas, ou quando Isherwood não parecia conseguir juntar o dinheiro para lhes pagar.

Heather estava a folhear um exemplar de Loof. Sorriu e apontou para dentro do gabinete de Isherwood com a ponta roída de um lápis cor-de-rosa. Isherwood passou de rajada pela porta aberta, todo ele tecido às riscas e seda, a falar um italiano rápido num telefone sem fios.

— Entre se se atrever — disse Heather, com uma pronúncia lenta e arrastada de Mayfair que pôs secretamente os dentes de Shamron a ranger. — Vai desligar daqui a um minuto. Posso arranjar-lhe algo para beber?

Shamron abanou a cabeça e entrou. Sentou-se e inspecionou o quarto. Prateleiras pejadas de monografias sobre artistas, livros-razão encadernados a pano, catálogos antigos, um pedestal coberto de veludo preto para expor pinturas a potenciais compradores. Isherwood estava a andar de um lado para o outro em frente a uma janela com vista para Mason's Yard. Parou uma vez a olhar de forma irritada para Shamron, depois outra vez para conseguir com que um fax guinchante começasse a funcionar. Isherwood estava em apuros — Shamron conseguia senti-lo. Mas a verdade é que estava sempre em apuros. Julian Isherwood era muito seletivo com os quadros que comprava e ainda mais seletivo em relação a quem os vendia. Entrava num estado de melancolia sempre que via um dos quadros sair pela porta fora. Como consequência, era um negociante de arte que não vendia muita arte — quinze quadros num ano normal, vinte, num bom. Fizera uma fortuna nos anos oitenta, quando qualquer pessoa com alguns metros de espaço de galeria e meio cérebro fizera dinheiro, mas agora essa fortuna desaparecera.

Jogou o telefone na mesa caótica. — O que quer que seja que queira, a resposta é não.

— Como está, Julian?
— Vai para o inferno! Por que veio aqui?
— Livre-se da moça por uns minutos.
— A resposta vai continuar a ser não, esteja a moça aqui ou não.
— Preciso do Gabriel — disse Shamron tranquilamente.
— Bom, eu preciso mais dele e por isso não você não pode tê-lo.
— Diga apenas onde ele está. Preciso falar com ele.
— Desapareça! — disse Isherwood. — Quem diabos pensa que é, entrando aqui assim me dando ordens? Agora, se está interessado em adquirir um quadro, talvez possa ajudar em alguma coisa. Se não é arte que o traz aqui, então Helen o acompanhará até a porta.
— O nome dela é Heather.
— Oh, caramba!
Isherwood deixou-se cair com força na cadeira atrás da mesa.
— Helen era a moça do mês passado. Eu as confundo.
— As coisas não estão correndo bem, Julian?
— As coisas não têm corrido bem, mas tudo isso está prestes a mudar, e é por isso que preciso volte para baixo da sua pedra e nos deixe. a mim e ao Gabriel, em paz.
— E que tal um almoço? — sugeriu Shamron. — Pode me contar seus problemas e talvez consigamos chegar a uma solução benéfica para os dois.
— Você nunca me pareceu uma pessoa muito interessada em meios-termos.
— Vai buscar o casaco.
Shamron tomara a precaução de reservar uma mesa tranquila, num canto, no restaurante Green's em Duke Street. Isherwood pediu a lagosta canadense cozida, fria, e a garrafa mais cara de Sancerre na carta de vinhos. O maxilar de Shamron cerrou-se por um breve instante. Era conhecido por ser avarento quando se tratavam de fundos do Escritório, mas precisava da ajuda de Isherwood. Se isso exigia um almoço dispendioso no Green's, Shamron iria fazer cócegas ao relatório de despesas.
No léxico do Escritório, homens como Julian Isherwood eram conhecidos como os sayanim: os ajudantes. Eram os banqueiros que avisavam Shamron sempre que certos árabes faziam grandes transações ou

que podiam ser chamados a altas horas da noite quando um katsa estava em apuros e precisava de dinheiro. Eram os porteiros que abriam quartos de hotel quando Shamron queria dar uma olhada lá dentro. Eram os empregados dos stands de aluguer de automóveis que proporcionavam a Shamron agentes de campo com meios de transporte limpos. Eram os funcionários agradáveis em serviços de segurança nada agradáveis. Eram os jornalistas que se deixavam utilizar como condutas para as mentiras de Shamron. Nenhum outro serviço secreto no mundo podia reivindicar uma tal legião de acólitos empenhados. Para Ari Shamron, eram o fruto secreto da Diáspora. Julian Isherwood era um membro especial dos sayanim. Shamron recrutara-o para servir apenas um katsa muito importante, e era por isso que Shamron demonstrara sempre uma paciência incaraterística perante as voláteis mudanças de humor de Isherwood.

Deixa-me contar-te porque é que não podes ter o Gabriel neste preciso momento — começou Isherwood. — No último mês de Agosto, um quadro muito sujo e muito danificado apareceu nu— ma sala de vendas em Hull; um retábulo de altar italiano do século dezesseis, artista desconhecido. Essa é a parte mais importante da história, artista desconhecido. Tenho a tua inteira atenção, Herr Heller?

Shamron acenou com a cabeça e Isherwood prosseguiu:

— Tinha um palpite acerca do quadro, por isso empilhei uma série de livros no meu carro e fui até Yorkshire para dar uma olhada. Com base numa breve inspeção visual da obra, fiquei satisfeito por o meu palpite estar correto. Por isso, quando este mesmo quadro muito sujo e muito danificado, artista desconhecido, apareceu para venda na respeitável leiloeira da Christie's, pude consegui-lo por tuta-e-meia.

Isherwood lambeu os lábios e inclinou-se, de forma conspiratória, sobre a mesa. — Levei a pintura ao Gabriel e ele fez-lhe vários testes para mim. Raios X, fotografia com infravermelhos, a quantidade do costume. A inspeção mais cuidadosa confirmou o meu palpite. A obra muito suja e muito danificada da sala de vendas em Hull é, na realidade, um retábulo de altar desaparecido da Igreja de San Salvatore em Veneza, pintado nada mais nada menos do que por Francesco Vecellio, irmão do grande Ticiano. É por isso que preciso do Gabriel, e é por isso que não te vou dizer onde ele está.

O sommelier apareceu. Shamron deu uns puxões num fio solto da toalha enquanto Isherwood se ocupava com um elaborado ritual de inspeção, fungadelas, goles e ponderação. Após um dramático momento de incerteza, declarou o vinho apropriado. Bebeu um copo muito depressa, depois serviu-se de outro. Quando retomou a conversa, a voz tinha-se tornado melancólica, os olhos úmidos:

— Lembras-te dos velhos tempos, Ari? Tinha uma galeria em New Bond Strasse, mesmo ao lado de Richard Green. Hoje em dia, não tenho o dinheiro suficiente para New Bond Strasse. É tudo Gucci e Ralph Lauren, Tiffany e o raio da Mikimoto. E sabes quem é que ficou com o meu antigo espaço? O agonizante Giles Pittaway!

Já tem duas galerias só em Bond Street e ainda tem planos para abrir mais duas durante este ano. Caramba!, está a alastrar-se como o vírus Ebola, a alterar-se, a tornar-se mais forte, a matar tudo o que é decente pelo caminho.

Um negociante de arte rechonchudo com uma camisa cor-de-rosa e de braço dado com uma moça bonita passou pela mesa. Isherwood parou o tempo suficiente para dizer Olá, Oliver, e soprar-lhe um beijo.

— Este Vecellio é um verdadeiro golpe de mestre. Preciso de um golpe de mestre em cada par de anos. Os golpes de mestre são o que me mantém em atividade. Os golpes de mestre suportam todo o stock parado e todas as pequenas vendas que não me fazem ganhar praticamente nada.

Isherwood fez uma pausa e bebeu um longo gole de vinho.

— Todos precisamos de golpes assim de vez em quando, não é, Herr Heller? Suspeito que até alguém no teu ramo precise de um grande sucesso de vez em quando para compensar todos os falhanços. À nossa!

— À nossa! — respondeu Shamron, inclinando ligeiramente o copo.

— O Giles Pittaway podia ter comprado o Vecellio, mas não quis. Não quis, porque ele e os seus rapazes não fizeram o trabalho de casa. Não foram capazes de o autenticar. Eu era o único que sabia o que era porque fui o único a fazer o trabalho de casa. O Giles Pittaway não seria capaz de distinguir um Vecellio de um talharim. Vende trampa. Trampa de alto brilho. Já viste as coisas dele? completa trampa! Completa e absoluta trampa tipo cartão de parabéns! Shamron, desempenhando o papel de

Herr Heller, respondeu que já há algum tempo não visitava as galerias do infame Giles Pittaway.

Isherwood inclinou-se sobre a mesa, olhos bem abertos, lábios úmidos. — Preciso deste Vecellio limpo e pronto para venda até a Primavera — disse em voz baixa. — Se não estiver pronto, perco o meu comprador. Os compradores não crescem nas árvores, hoje em dia, em especial para um retábulo de altar de Vecellio. Consigo contar o número de potenciais compradores para uma peça destas pelos dedos de uma mão. Se o meu comprador se amedrontar, posso nunca encontrar outro. E se não conseguir encontrar outro, o meu Vecellio passa a ser apenas mais um estoque parado. Queimado, como se diz no ramo. Você queima agentes, nós queimamos os nossos quadros. Um quadro é arrebatado ou apodrece na arrecadação de um negociante de arte. E uma vez queimada, uma pintura fica sem valor, tal e qual teus agentes.

— Percebo o teu dilema, Julian.

— Percebes mesmo? Há talvez umas cinco pessoas no mundo capazes de restaurar aquele Vecellio convenientemente. Acontece que o Gabriel Allon é uma delas, e as outras quatro nunca baixariam os seus padrões para trabalhar com uma pessoa como eu.

— O Gabriel é um homem de talento. Infelizmente, também preciso dos talentos dele e é uma coisa um pouquinho mais importante do que uma pintura com quinhentos anos.

— Ai isso é que não! Os tubarões estão a rondar e o meu banco, volúvel, está a ameaçar abandonar-me. Não vou conseguir encontrar um financiador a tempo de salvar o barco. O Giles Pittaway tem financiadores! O Lloyd's Bank! Quando arte e altas finanças se começam a misturar, digo que é altura de nos pormos a caminho da Alta Escócia e construir o raio de uma arca.

Uma pausa.

— E, já agora, Herr Heller, poucas coisas nesta vida são mais importantes do que boas pinturas. E não me interessa quão antigas sejam.

— Devia ter escolhido as palavras com mais cuidado, Julian.

— Se tiver de fazer liquidações, fico sem camisa — disse Isherwood. — Teria sorte se conseguisse trinta cêntimos por libra em relação ao real valor da minha coleção.

Shamron não se comoveu com as súplicas.

— Onde é que ele está?
— Por que te diria?
— Porque preciso dele, Julian. Precisamos dele.
— Oh, Deus! Não me venha com essa merda, porque não vai funcionar uma segunda vez. Já ouvi suas histórias todas e sei como acabam. E, já agora, Gabriel sente o mesmo. Também terminou com vocês todos.

— Então diga-me onde ele está. Que mal é que pode fazer?
— Porque te conheço demasiado bem para confiar em ti. Ninguém no seu perfeito juízo confiaria em ti.

— Podes dizer-me onde ele está ou podemos descobri-lo nós próprios. Pode demorar uns dias, mas vamos descobri-lo.

— Suponhamos que digo. O que é que estás preparado para me oferecer em troca? — Talvez possa arranjar um financiador para te manter à tona até venderes o teu Vecellio.

— Financiadores de confiança são tão raros como um Vecellio de confiança.

— Conheço uma pessoa que tem andado a pensar em entrar no negócio da arte.

Talvez consiga falar com ele em teu nome.

— Qual é o nome dele?

— Temo que insistisse no anonimato.

— Se o Gabriel suspeita que te disse...

— Não vai suspeitar de nada. Isherwood lambeu os lábios pálidos.

PORT NAVAS, CORNUALHA

O velho chegou quando o estranho estava fora, no barco. Peel avistou-o da janela do quarto, enquanto o homem tentava conduzir um Mercedes grande pelo caminho estreito com vista para o cais. Parou junto do chalé do capataz, tocou à campainha e bateu à porta. Peel conseguia ouvir os nós dos dedos do velho a bater na madeira desde o outro extremo do ribeiro: golpes secos e brutais. Vestiu uma camisola e um impermeável e correu para fora do chalé. Momentos depois, estava parado atrás do homem, a arfar, a cara vermelha do esforço. O velho perguntou:

— Quem é você?

— Um sotaque, notou Peel — como o do estranho, mas mais carregado. — Sou Peel. Quem é você?

Mas o velho ignorou a pergunta:

— Estou à procura do homem que mora neste chalé.

— Agora não está.

— Sou um amigo. Sabe onde ele está?

Peel não disse nada, pois a noção de o estranho ter um amigo que apareceria sem aviso era ridícula. O velho olhou para o cais, depois o olhar fixo voltou a centrar-se em Peel.

— Está em viagem no barco, não está?

Peel acenou com a cabeça. Algo nos olhos do homem dava arrepios ao rapaz.

O velho olhou para o céu: nuvens de cor cinzento-azulada a exercerem pressão sobre o ribeiro, densas e carregadas com a chuva que aí vinha.

— Um tempo bastante desagradável para velejar.

— Ele é muito bom.

— Pois é. Quando é que regressa?

— Nunca diz. Digo-lhe que passou por cá.

— Por acaso, acho que prefiro esperar por ele.

Parecia um homem que era capaz de esperar muito tempo se se predispusesse a isso.

— Há algum sítio onde se arranje café por aqui?

Peel apontou para a aldeia. '??'

Mas o velho não foi até a aldeia à procura de café. Na verdade, não foi a lado nenhum. Limitou-se a entrar no Mercedes e deixou-se ficar atrás do volante como uma estátua. Peel caminhou até o pontão e montou um acampamento-base junto ao viveiro de ostras, a olhar fixamente para o rio, em direção ao mar, à espera do estranho. A meio da tarde, o rio unha ondas encrespadas e uma tempestade estava a caminho. Às quatro da tarde, estava completamente escuro. Peel estava encharcado, meio morto de frio. Estava prestes a desistir da vigília quando avistou um feixe de luzes de navegação azul-claras a flutuar rio acima, através da neblina. Um instante depois, ouviu o chocalhar rítmico de um motor: a bela chalupa de madeira do estranho, a dirigir-se para casa com o motor a trabalhar.

Peel acendeu a lanterna e fez sinal ao estranho. A chalupa fez um ligeiro desvio para estibordo, dirigiu-se na direção do promontório, a cortar a água preta.

Quando o barco estava a alguns metros da margem, o estranho gritou:

- O que se passa?
- Está um homem à sua espera.
- O que ele quer?
- Diz que é um amigo seu.
- Disse o nome?
- Não.

Peel escutou a sua voz a voltar-lhe desde o outro lado do rio.

- Qual era o aspecto dele? .— Descontente. — Tinha sotaque?
- Um pouco como o seu, mas mais carregado.
- Vai para casa.

Mas Peel não queria deixá-lo sozinho.

- Encontro você no cais e o ajudo a atracar.
- Faça como te digo — respondeu o estranho e desapareceu por baixo do convés.

Gabriel Allon entrou na cozinha do barco. No armário por cima do fogão a gás propano encontrou a arma, uma Glock de 9 mm semi-automática. Gabriel preferia o modelo de tamanho médio, que era ligeiramente menos preciso, devido ao cano mais curto, mas mais fácil de esconder. Puxou a culatra quadrada e pequena, colocando a primeira bala

na câmara, e deixou cair a arma no bolso direito da frente do impermeável de oleado amarelado. A seguir apagou as luzes de navegação e voltou a escalar até o convés.

Reduziu a velocidade à medida que a chalupa dava a volta ao promontório e penetrava na quietude do ribeiro. Avistou o Mercedes grande estacionado à porta do seu chalé, ouviu a porta abrir e o aviso eletrônico metálico tocar. A luz interior tinha sido apagada. Um profissional. Enfiou a mão no bolso e colocou-a à volta da Glock, o dedo junto do gatilho.

O intruso atravessou o cais e desceu um lance curto de escadas de pedra em direção ao nível da água. Gabriel tê-lo-ia reconhecido em qualquer lado: a cabeça em forma de bala, o maxilar curtido, o andar característico, como um pugilista a avançar para o centro do ringue. Por um momento, pensou em dar meia volta e voltar pelo rio abaixo, em direção à tempestade, mas, em vez disso, largou a Glock e guiou o barco em direção ao cais.

Shamron encetou uma visita ansiosa ao estúdio de Gabriel, parando em frente ao Vecellio.

— Então esta é a grande jogada do Isherwood, o retábulo de altar perdido de Vecellio. Imaginem, um rapaz judeu bem-comportado a trabalhar numa pintura destas. Não consigo perceber porque é que as pessoas desperdiçam tempo e dinheiro nestas coisas.

— Isso não me surpreende. O que é que fizeste ao pobre Julian para que ele me traísse?

— Paguei-lhe um almoço no Green's. O Julian nunca foi do tipo estoico.

— O que é que estás a fazer aqui?

Mas Shamron não estava preparado para mostrar as cartas.

— Saíste-te muito bem — disse. — Este chalé deve ter custado um bom dinheiro.

— Sou um dos restauradores de arte mais respeitados do mundo.

— Quanto é que o Julian te está a pagar para arranjares esse Vecellio?

— Isso não é da tua conta.

— Podes ser tu a dizer-me, ou pode ser o Julian a dizer-me. Preferia ouvi-lo de ti. É capaz de ter alguma semelhança com a verdade.

— Cem mil libras.

— Já viste alguma coisa delas?

— Estamos a falar do Julian Isherwood. Sou pago quando ele vender o Vecellio, e mesmo assim vou ser provavelmente forçado a arrancar dele.

— E o Rembrandt?

— Um trabalho rápido para a Christie's. Não precisa de muito trabalho, uma camada lisa de verniz, talvez alguns retoques. Ainda não terminei a avaliação. Shamron passou do Vecellio para o carrinho com os pigmentos e as tintas de óleo de Gabriel.

— Qual é a identidade que andas a utilizar hoje em dia?

— Nenhuma das tuas, se é isso que queres saber.

— Italiano?

— Sim. E você é?

— Rudolf Heller.

— Ah, Herr Heller, um dos meus preferidos. Suponho que o negócio tenha corrido bem ultimamente para Herr Heller?

— Temos os nossos dias bons e os nossos dias maus. Gabriel ligou a série de luzes fluorescentes e apontou as luzes a Shamron.

Shamron franziu os olhos.

— Gabriel, apague essa coisa.

— Sei que prefere trabalhar no escuro, Herr Heller, mas quero ver sua cara. O que quer?

— Vamos dar uma volta de carro.

Aceleraram por uma estrada estreita delimitada por sebes altas. Gabriel guiava com uma só mão e muito depressa. Quando Shamron lhe pediu para abrandar, Gabriel carregou ainda mais no acelerador. Shamron tentou castigá-lo com fumo, mas Gabriel baixou as janelas, enchendo o carro de ar gelado. Shamron assinalou a rendição atirando o cigarro para a escuridão.

— Sabe de Paris?

— Vi a televisão e li os jornais.

— Eram boas as pessoas que fizeram Paris, melhores do que tudo o que temos visto desde há muito tempo. Eram boas da mesma maneira que o Setembro Negro era bom. Não eram tipos a atirar pedras nem rapazes que entram num mercado com sete quilos de Semtex amarrados ao corpo.

Eram profissionais, Gabriel. Gabriel concentrou-se na condução e não na cadência de rufar de tambor do discurso de Shamron. Não gostava da reação que já lhe tinha provocado dentro de si. A pulsação acelerara e as palmas das mãos estavam úmidas. — Tinham uma equipe grande, dez, talvez doze agentes. Tinham dinheiro, transporte, passaportes falsos. Planearam o ataque até o último detalhe. A coisa toda terminou passados trinta segundos. Num minuto, todos os membros da equipe de assalto estavam fora da ponte. Conseguiram todos escapar. Os franceses não conseguiram descobrir nada.

— O que isso tem a ver comigo?

Shamron fechou os olhos e recitou um versículo da Sagrada Escritura: — "E o inimigo saberá que sou o Senhor quando puder abater a minha vingança sobre ele."

— Ezequiel — disse Gabriel.

— Acredito que, se uma pessoa matar alguém do meu povo, devo matá-la em retribuição. Acredita nisso, Gabriel?

— Costumava acreditar.

— Melhor ainda, acredito que se um rapaz pegar uma pedra para atirar a mim, devo dar-lhe um tiro antes mesmo de ela sair da mão dele.

O isqueiro de Shamron cintilava no escuro, criando sombras nas fissuras de seu rosto.

— Talvez eu seja só uma relíquia. Lembro-me de me comprimir contra o peito da minha mãe enquanto os Árabes incendiavam e saqueavam a nossa povoação. Os Árabes mataram o meu pai durante a greve geral em trinta e sete. Alguma vez te contei isso?

Gabriel manteve os olhos amarrados à estrada sinuosa da Cornualha e não disse nada.

— Também mataram o teu pai. No Sinai. E a tua mãe, Gabriel? Quanto tempo mais viveu depois da morte do teu pai? Dois anos? Três?

Na verdade, tinha sido um pouco mais do que um ano, pensou Gabriel, recordando o dia em que colocaram o seu corpo dominado pelo cancro numa vertente com vista para o vale Jezreel. — Onde é que queres chegar?

— Onde quero chegar é que a vingança é boa. A vingança é saudável. A vingança é purificadora.

— A vingança apenas leva a mais mortes e a mais vingança. Por cada terrorista que matamos, existe outro rapaz à espera de avançar e pegar na pedra ou na arma. São como os dentes dos tubarões: parte-se um e nasce outro no seu lugar. — Então não devemos fazer nada? É isso que queres dizer, Gabriel? Devemos afastar-nos e torcer as mãos de desespero enquanto estes sacanas matam o nosso povo?

Sabes que não é isso que estou a dizer.

Shamron calou-se, ao mesmo tempo que o Mercedes passava como um relâmpago por uma aldeia escurecida.

— Não é ideia minha, sabes. É do primeiro-ministro. Quer a paz com os palestinos, mas não pode fazer a paz se os extremistas estiverem a atirar tomates ao palco a partir do balcão.

— Desde quando é que te tornaste assim tão pacifista, Ari?

— As minhas opiniões são irrelevantes. Sou apenas um funcionário da secreta que faz o que lhe mandam.

— Tretas.

— Muito bem, se queres a minha opinião, acredito que não vamos ficar nem um pouco mais seguros depois de um acordo de paz do que antes dele. Se queres a minha opinião, acredito que o fogo no coração palestino nunca se extinguiu antes de os judeus serem empurrados para o mar. E digo-te uma outra coisa, Gabriel. Preferia muito mais combater um inimigo declarado do que um inimigo que encontra utilidade em passar-se por amigo.

Shamron esfregou o ponto na cana do nariz onde os elegantes óculos de tartaruga o estavam a apertar. Tinha envelhecido; Gabriel podia vê-lo nas extremidades dos seus olhos, quando tirou os pequenos óculos. Nem mesmo o grande Shamron era imune à ação devastadora do tempo.

— Sabes o que se passou em Ama? — perguntou Shamron.

— Li sobre isso nos jornais. Também sei o que aconteceu na Suíça.

— Ah, a Suíça — disse Shamron suavemente, como se a Suíça fosse um romance infeliz que preferisse esquecer. — Uma operação simples, certo? Pôr escutas no apartamento de um extremista islâmico de alto estatuto. Nada de especial. Nos velhos tempos, éramos capazes de fazer uma coisa destas com os olhos fechados. Coloca-se o aparelho e sai-se antes que alguém perceba que se esteve lá. Mas estes idiotas esqueceram

que os Suíços são as pessoas mais vigilantes do planeta. Uma velhota dá um telefonema e a equipe inteira fica nas mãos da polícia suíça.

— Que infelicidade.

E eu estou no voo seguinte para Zurique implorando aos nossos irmãos suíços para não o tornarem público.

— Gostaria de ter visto isso.

Shamron emitiu uns quantos grunhidos de riso. Gabriel apercebeu-se de que, de um modo estranho, tinha sentido falta do velho. Há quanto tempo não se viam? Oito anos? Não, quase nove. Shamron tinha vindo a Viena a seguir ao atentado à bomba, para ajudar a limpar a trapalhada e assegurar-se de que a verdadeira razão para a presença de Gabriel na cidade permanecia secreta. Gabriel viu Shamron uma vez mais depois disso: quando regressou a Telaviv para lhe dizer que queria sair.

— Não tenho certeza onde é que correu mal — disse Shamron. — Toda a gente acha que agora, que a paz está próxima, já não há mais ameaças à nossa sobrevivência. Não percebem que a paz só vai tornar os fanáticos mais desesperados. Não percebem que vamos precisar de espiar os nossos amigos árabes tão de perto como quando estavam abertamente empenhados na nossa destruição. — O trabalho de um espião nunca está feito.

— Mas, hoje em dia, todos os rapazes espertos fazem o serviço obrigatório nas Forças Armadas israelenses e depois pisgam-se como doidos. Querem fazer dinheiro e falar ao celular a partir dos cafés de Ben Yehuda Street. Costumávamos receber apenas os melhores. Como tu, Gabriel. Agora recebemos os que são demasiado estúpidos ou preguiçosos para triunfar no mundo real. — Mudem as vossas tácticas de recruta.

— Já o fiz, mas agora preciso de alguém. Alguém que possa chefiar uma operação na Europa sem a permissão do governo em causa e sem que ela acabe na primeira página do The Sunday Times. Preciso de você, Gabriel. Preciso de um príncipe.

Preciso que faças para o Escritório o que estás a fazer naquele Vecellio. O nosso serviço foi danificado. Preciso que me ajudes a restaurá-lo. — Quinhentos anos de porcaria e negligência consigo consertar. Dez anos de incompetência institucional é um assunto diferente. Encontra outra pessoa para descobrir os seus terroristas e consertar o seu Escritório. Já estou sob contrato.

Shamron tirou os óculos, respirou para cima das lentes, poliu-as com o cachecol.

— Foi o Tariq, já agora — disse, inspecionando os óculos sob a luz fraca do painel de instrumentos. — Mencionei isso, Gabriel? Foi o Tariq que matou o embaixador e a mulher em Paris. Foi o Tariq que fez o Sena correr vermelho com o sangue do meu povo. Tariq, o teu velho amigo.

Gabriel pisou o travão a fundo e os óculos de Shamron saltaram contra o para-brisas.

Gabriel atravessou o Lizard, a seguir passou a toda a velocidade por uma planície desolada de erva varrida pelo vento, na direção do mar. Parou num parque de estacionamento perto do farol e desligou o motor. O carro estremecia com o vento. Conduziu Shamron por um caminho escurecido em direção à falésia. A rebentação das ondas preenchia o ar. Uma ave marinha gritou-lhes. Quando a sirene do farol grunhiu, Shamron voltou-se e retesou-se como se se estivesse a preparar para uma execução silenciosa.

As luzes brilhavam no pequeno café à beira da falésia. O pessoal estava a tentar fechar, mas, com charme, Gabriel conseguiu extrair-lhes umas omeletes e um bule de chá. Shamron, desempenhando o papel de Herr Heller, utilizou um lenço de papel úmido para tirar, esfregando, a poeira do caminho dos carros mocassins de camurça. A moça que os serviu usava tantos brincos e pulseiras que soava como um espanta-espíritos quando se mexia. Havia algo de Leah nela — Gabriel conseguia vê-lo, Shamron conseguia vê-lo também.

— Por que acha que foi Tariq?

— Ouviu falar da moça? A moça americana? A que ele usou como cobertura e depois assassinou a sangue-frio? Tariq sempre gostou de mulheres. É uma pena que todas tenham acabado da mesma maneira.

— Mas isso é tudo o que você tem? Uma moça americana morta?

Shamron contou sobre a fita de vídeo, do empregado que de um telefonema misterioso um minuto antes de o embaixador e a mulher entrarem no carro.

— O nome dele é Mohammed Azziz. Disse à companhia de catering que era argelino. Não é um empregado e não é argelino. É membro da organização do Tariq há dez anos. Tem desempenhado papel secundário em várias operações do Tariq.

Shamron calou-se quando a moça das pulseiras se aproximou da mesa e juntou água quente ao bule de chá. Quando se afastou, ele perguntou:

— Você tem uma garota?

Não conhecia limites no que dizia respeito a perguntas pessoais. Nenhum recanto da vida de um homem, amigo ou inimigo, estava fora de alcance.

Gabriel abanou a cabeça e ocupou-se com o chá — leite no fundo, chá no cima, ao estilo inglês. Shamron despejou três pacotes de açúcar na xícara, agitou com violência e insistiu com as perguntas.

— Nenhum pequeno amor? Nenhuma mulher promíscua que atraia para o barco para um cruzeiro de prazer?

— Nenhuma mulher no barco. Só o Peel.

— Ah, sim, Peel. Seu vigia.

— Meu vigia.

— Posso perguntar por que não?

— Não, não pode.

Shamron franziu as sobrancelhas. Estava acostumado a acesso desimpedido à vida pessoal de Gabriel. — Então e esta garoto?

Shamron rodou a cabeça na direção da empregada.

— Não consegue tirar os olhos de vocêi. Não o interessa de maneira nenhuma?

— É uma criança — respondeu Gabriel.

— Você é uma criança.

— Estou quase nos cinquenta.

— Parece ter quarenta.

— Isso é porque já não trabalho para você.

Shamron sacudiu a omelete dos lábios.

— Talvez não arranje uma outra mulher por ter medo de que o Tariq tente matá-la também.

Gabriel olhou para cima como se tivesse ouvido um tiro.

— Talvez se me ajudar a pegar o Tariq consiga se perdoar pelo que aconteceu em Viena. Sei que se culpa, Gabriel. Se não fosse por Túnis, Leah e Dani nunca teriam estado em Viena.

— Cale-se...

— Se me ajudar a pegar o Tariq, talvez você consiga finalmente se soltar da Leah e continuar com sua vida.

Gabriel levantou-se, atirou uma nota amarrotada de dez libras na mesa e saiu. Shamron sorriu em sinal de desculpas para a moça e seguiu-o suavemente.

Na base da falésia, na pequena praia de areia cinzenta em Polpeor Cove, ficavam as ruínas de um posto de nadador salva-vidas. Uma Lua brilhante e úmida resplandecia através das nuvens despedaçadas e o mar retinha o reflexo da luz. Gabriel enfiou as mãos nos bolsos do casaco, pensando em Viena. A tarde antes do atentado. A última vez em que fizera amor com Leah. A última vez em que fizera amor com alguém... Leah insistira em deixar as persianas da janela do quarto abertas, apesar dela dar para o pátio do apartamento e Gabriel estar convencido de que os vizinhos os estavam a observar. Leah esperava que estivessem. Encontrava justiça perversa na ideia de judeus — até mesmo judeus secretos, a viver como um restaurador de arte italiano e a namorada suíça — à procura de prazer numa cidade onde tinham sofrido tanta perseguição. Gabriel recordou-se do calor úmido do corpo de Leah, o sabor a sal na sua pele. A seguir tinham dormido. Quando acordou, encontrou-a sentada na borda da cama, a observá-lo. Quero que este seja o teu último trabalho. Não consigo aguentar mais isto. Quero que deixes o Escritório e faças alguma coisa normal. Podemos ficar na Europa e podes trabalhar apenas como restaurador. Promete, Gabriel.

Shamron juntou-se a ele na praia. Gabriel olhou para cima. — Por que voltou para o Escritório? Por que não pôde ficar em Tiberíades vivendo a vida? Por que voltou correndo quando te chamaram?

— Muitos assuntos pendentes. Nunca conheci ninguém que deixasse o mundo da secreta com todos os seus assuntos em ordem. Todos deixamos para trás bocados de fios soltos. Operações antigas, inimigos antigos. Puxam-te, como recordações de amantes antigas. Também não conseguia mais aguentar ver o alsaciano e o Lev a destruir o meu serviço.

— Por que manteve Lev?

— Porque fui forçado a manter Lev. Lev tornou claro ao primeiro-ministro que não sairia sem fazer barulho se eu o tentasse afastar. A última

coisa que o primeiro-ministro queria era uma divisão das Operações paralisada. Teve medo e tornou o Lev intocável.

— É uma serpente.

— O primeiro-ministro?

— O Lev.

— Uma serpente venenosa que, no entanto, precisa de ser manuseada com cuidado. Quando o alsaciano se demitiu, o Lev julgou ser o próximo na linha de sucessão. O Lev já não é um homem novo. Consegue sentir as chaves da sala do trono a fugirem-lhe pelos dedos. Se eu chegar e partir depressa, o Lev talvez ainda possa ter a sua oportunidade. Se servir o meu mandato por completo, se resistir e demorar muito tempo a morrer, então talvez o primeiro-ministro escolha um príncipe mais novo como sucessor. Escusado será dizer que não incluo o Lev nos meus apoiantes do Boulevard do Rei Saul.

— Nunca gostou de mim.

— Isso é porque tinha inveja. Inveja dos teus feitos profissionais. Inveja do teu talento. Inveja do fato de ganhares três vezes mais com o teu emprego de fachada do que ele ganhava com o seu salário do Escritório. Meu Deus, até tinha inveja da Leah. Você é tudo o que o Lev queria ver nele próprio e odiava você por isso. Queria fazer parte da equipe que eliminaria o Setembro Negro.

— Lev é brilhante, mas nunca teve estofado de campo. Lev é um homem para a sede.

— Ele sabe que você está aqui?

— Não sabe nada — respondeu Shamron, friamente. — E se decidir voltar, também não saberá nada sobre isso. Lidarei com você pessoalmente, tal como nos velhos tempos.

— Matar Tariq não vai trazer de volta o Dani. Ou a Leah. Não aprendeu nada? Enquanto estávamos ocupados a matar os membros do Setembro Negro, não reparamos que os Egípcios e os Sírios se estavam a preparar para nos empurrar para o mar. E por pouco não conseguiam. Matamos treze membros do Setembro Negro e isso não trouxe de volta nem um dos rapazes que massacraram em Munique.

— Sim, mas foi bom.

Gabriel fechou os olhos: um edifício de apartamentos na Piazza Annabaliano de Roma, um vão de escada escurecido, um tradutor

palestino penosamente magro, chamado Wadal Abdel Zwaiter. O chefe de operações em Itália do Setembro Negro. Lembrou-se do som de um vizinho a praticar ao piano — uma peça bastante entediante que não reconheceu — e do baque repugnante das balas a rasgar tecidos e a partir ossos. Um dos tiros de Gabriel falhou o corpo de Zwaiter e estilhaçou uma garrafa de vinho de figo, escuro, roxo e castanho, a escorrer pelo chão de pedra, a misturar-se com o sangue do moribundo.

Abriu os olhos e Roma tinha desaparecido.

— Sabe bem durante um tempo — disse. — Mas depois começamos a pensar que somos tão maus como as pessoas que estamos a matar.

— A guerra deixa sempre marcas nos soldados.

— Quando olhamos para os olhos de um homem enquanto lhe despejamos chumbo no corpo, sabe mais a assassinato do que a guerra.

— Não é assassinato, Gabriel. Nunca foi assassinato.

— O que te leva a crer que consegues descobrir o Tariq?

Porque descobri alguém que trabalha para ele. Alguém que acredito que nos irá levar ao Tariq. — Onde é que ele está? — Aqui na Inglaterra. — Onde?

— Londres, o que me apresenta um problema. Segundo o nosso acordo com os serviços secretos britânicos, estamos obrigados a informá-los quando atuamos no seu solo. Preferia não respeitar esse acordo, já que os Britânicos vão informar os amigos em Langley, e Langley vai pressionar-nos a parar com isso, para bem do processo de paz.

— Tens mesmo um problema.

— E é por isso que preciso de você. Preciso de alguém que possa chefiar uma operação na Inglaterra sem levantar suspeitas entre as pessoas. Alguém que consiga executar uma simples operação de segurança sem a lixar.

— Vigio-o e ele leva-me até o Tariq?

— Parece simples, não é?

— Nunca é assim tão simples, Ari. Especialmente quando estás envolvido. Gabriel entrou com cuidado no chalé e atirou o casaco para cima do sofá-cama na sala de estar. De imediato, sentiu o Vecellio a puxá-lo. Era sempre assim. Nunca saía de casa sem passar primeiro mais um momento em frente ao trabalho, nunca regressava a casa sem ir

diretamente para o estúdio, para olhar fixamente para o quadro. Era a primeira coisa que via todas as tardes quando acordava, a última coisa que via todas as manhãs antes de ir dormir. Era como que uma obsessão, mas Gabriel acreditava que apenas um obcecado podia ser um bom restaurador. Ou um bom assassino, aliás.

Subiu as escadas para o estúdio, ligou a luz fluorescente, olhou fixamente para o quadro. Meu Deus, estava nisto há já quanto tempo? Seis meses? Sete? Vecellio provavelmente terminara o retábulo de altar numa questão de semanas. Gabriel iria demorar dez vezes o mesmo para o reparar.

Pensou em tudo o que tinha feito até agora. Duas semanas a estudar o próprio Vecellio. Vida, influências, técnicas. Um mês a analisar A Adoração dos

Pastores, com vários objetos de equipamento de alta tecnologia: o microscópio Wild para examinar a superfície, luz ultravioleta para expor retoques anteriores. Depois da avaliação, quatro meses a retirar o verniz sujo e amarelado. Não era como despir uma mesa de café; era trabalho entediante e moroso. Gabriel, primeiro, tinha de criar o solvente perfeito, um que dissolvesse o verniz mas deixasse a tinta intata. Molhava um esfregão caseiro de algodão no solvente e a seguir torcia-o por cima da superfície do quadro até ficar manchado de verniz sujo. A seguir fazia outro esfregão e começava tudo de novo. Molhar... torcer... deitar fora. Molhar... torcer... torcer... deitar fora. Como esfregar o convés de um navio de batalha com uma escova de dentes. Num dia bom, conseguia retirar alguns centímetros quadrados de verniz sujo.

Agora tinha iniciado a fase final do trabalho: retocar aquelas porções do retábulo de altar danificadas ou destruídas ao longo dos séculos. Era trabalho complexo e meticuloso, que lhe exigia passar várias horas de cada noite com a cara encostada ao quadro, a lupa sobre os olhos. O objetivo era tornar o retoque invisível a olho nu. As pinceladas, cores e textura tinham todas de corresponder ao original. Se a tinta envolvente estava estalada, Gabriel pintava falhas falsas no retoque. Se o artista tinha criado uma tonalidade singular de azul lápis-lazúli, Gabriel era capaz de passar várias horas a misturar pigmentos na paleta, a tentar duplicá-la. A missão era chegar e partir sem ser notado. Deixar o quadro

como o tinha encontrado, mas restaurado à glória original, limpo de impureza.

Precisava de dormir, mas precisava mais de tempo com o Vecellio. Shamron tinha despertado as suas emoções, aguçado os sentidos. Sabia que seria bom para o trabalho. Ligou a aparelhagem, aguardou que a música começasse, a seguir enfiou os Binomags na cabeça e pegou na paleta, ao mesmo tempo que as primeiras notas de La Bohème o inundavam. Colocou uma pequena quantidade de Mowolith 20 na paleta, acrescentou um pouco de pigmento seco, diluiu a mistura com diluente até a consistência parecer a ideal. Uma porção da bochecha da Virgem tinha-se lascado. Gabriel andava a esforçar-se para reparar o dano há mais de uma semana.

Levou o pincel à tinta, baixou a viseira de ampliação nos Binomags e tocou gentilmente com a ponta do pincel na superfície do quadro, imitando com cuidado as pinceladas de Vecellio. Rapidamente, ficou totalmente embrenhado no trabalho e em Puccini.

Após duas horas, Gabriel tinha retocado uma área com cerca de metade do tamanho do botão da camisa. Levantou a viseira nos Binomags e esfregou os olhos.

Preparou mais tinta na paleta e recomeçou.

Após mais uma hora, Shamron intrometeu-se nos seus pensamentos.

Foi Tariq que matou o embaixador e a mulher em Paris.

Se não fosse pelo velho, Gabriel nunca se teria tornado restaurador de arte. Shamron quisera um disfarce a toda a prova, algo que permitisse a Gabriel viver e viajar legitimamente na Europa. Gabriel tinha sido um pintor dotado — estudara arte num instituto de prestígio em Telaviv e passara um ano a estudar em Paris —, por isso Shamron enviou-o para Veneza para estudar restauro. Quando terminou a aprendizagem, Shamron tinha recrutado Isherwood para lhe encontrar trabalho. Se Shamron precisava de enviar Gabriel para Genebra, Isherwood utilizava os seus contatos para encontrar um quadro para Gabriel restaurar. A maior parte do trabalho era para coleções privadas, mas por vezes trabalhava para museus pequenos e para outros negociantes. Gabriel era tão talentoso que depressa se transformou num dos restauradores de arte mais procurados do mundo. Às duas da manhã, o rosto da Virgem enevoava-se diante dos

olhos de Gabriel. O pescoço parecia estar a arder. Afastou a viseira, esfregou a tinta da paleta, guardou as suas coisas. A seguir, desceu e caiu na cama, ainda vestido, e tentou dormir. Não serviu de nada. Shamron estava outra vez em seus cabeça.

Foi Tariq que fez o Sena correr vermelho com o sangue do meu povo.

Gabriel abriu os olhos. Lentamente, pedaço a pedaço, camada a camada, voltou tudo, como se estivesse retratado num qualquer fresco obscuro pintado no tecto do seu chalé: o dia em que Shamron o recrutou, o treino na Academia, a operação Setembro Negro, Túnis, Viena... Quase conseguia ouvir o léxico louco de origem hebraica do local: *kidon, katsa, sayan, bodel, bat leveyha*.

Todos deixamos para trás fios soltos. Operações antigas, inimigos antigos. Puxam você, como recordações de amantes antigas. Maldito seja, Shamron, pensou Gabriel. Arranje outra pessoa.

Ao amanhecer, pôs os pés no chão, levantou-se da cama e colocou-se em frente à janela. O céu estava baixo e escuro e pejado de remoinhos de chuva. Para lá do cais, na água agitada à frente da popa da chalupa, um grupo de gaivotas discutia ruidosamente. Gabriel foi até a cozinha e fez café.

Shamron deixara atrás um dossiê: uma pasta de papel manilha vulgar, sem marca, uma nódoa de café, gênero teste Rorschach, na contracapa, junto a uma mancha de cinza de cigarro parecida com um cometa. Gabriel abriu-o devagar, como se receasse que explodisse, e levantou-o com suavidade até o nariz — a sala dos arquivos no Gabinete de Pesquisa, sim, era isso. Anexada ao interior da capa, estava uma lista com todos os funcionários que já tinham requisitado o dossiê. Eram todos pseudônimos do Escritório e não tinham qualquer significado para si — exceto o último nome: Rom, o nome de código interno para chefe do serviço. Virou a primeira página e olhou para o nome do sujeito, a seguir folheou uma série de fotos granuladas de vigilância.

Leu-o uma vez rapidamente, a seguir serviu-se de mais café e voltou a lê-lo, mais devagar. Tinha a estranha sensação de estar a atravessar os quartos da sua infância — tudo era familiar mas ligeiramente diferente, um pouco mais pequeno do que se recordava, talvez um pouco mais esfarrapado. Como sempre, ficou surpreendido com as semelhanças

entre a arte de restauro e a arte de matar. A metodologia era precisamente a mesma: estudar o alvo, tornar-se como ele, fazer o trabalho, desaparecer sem deixar rastro. Podia ter estado a ler um texto erudito acerca de Francesco Vecellio em vez de um dossiê do Escritório sobre um terrorista chamado Yusef al-Tawfiki.

Talvez se me ajudar a pegar Tariq, consiga finalmente se soltar da Leah e continuar sua vida.

Quando o terminou pela segunda vez, abriu o armário por baixo do lava-louça e tirou um estojo de aço inoxidável. Lá dentro estava uma arma: uma Beretta .22 semiautomática, especialmente equipada com um cano de comprimento de competição. A arma preferida do Escritório para assassinatos — silenciosa, rápida, de confiança. Gabriel premiu a mola e, com o polegar, enfiou os oito cartuchos no carregador. As munições continham uma pequena carga de pólvora, o que tornava o disparo da Beretta extremamente silencioso. Quando Gabriel matou o agente do Setembro Negro em Roma, os vizinhos tomaram os disparos mortíferos por foguetes. Meteu o carregador na coronha e puxou a culatra, metendo na câmara o primeiro cartucho. Tinha afinado a mola do mecanismo de recuo para compensar a pouca pólvora dos cartuchos. Ergueu a arma e espreitou pela mira. Uma imagem surgiu à sua frente: pele verde-azeitona, olhos castanhos suaves, cabelo preto curto.

Foi Tariq que fez o Sena correr vermelho com o sangue do meu povo. Tariq, o teu velho amigo.

Gabriel baixou a arma, fechou o dossiê, carregou nos olhos com a parte de trás dos pulsos. Tinha feito uma promessa a si mesmo depois do desastre em Viena. Ia deixar o Escritório para sempre: nenhum trabalho ocasional, nenhuma viagem ao passado, nenhum contato com a sede, ponto final parágrafo. Ia restaurar os seus quadros e medir forças com o mar e tentar esquecer que Viena tinha alguma vez acontecido. Tinha visto demasiados veteranos a serem puxados, sempre que o Escritório tinha um trabalho horrível e ninguém para o fazer — demasiados homens a nunca conseguirem deixar realmente para trás o mundo dos serviços secretos.

Mas e se fosse verdade? E se o rapaz pudesse de fato levá-lo até Tariq? Talvez se me ajudares a apanhar o Tariq, consigas perdoar-te pelo que aconteceu em Viena.

Por instinto, deixou-se ir até o andar de cima, ao estúdio, e ficou parado em frente ao Vecellio, a inspecionar o trabalho daquela noite. Aprovou-o. Pelo menos alguma coisa boa tinha saído da visita de Shamron. Sentiu um remorso angustiante. Se fosse trabalhar para Shamron, teria de deixar o Vecellio para trás. Seria um estranho para o quadro quando regressasse. Seria como começar de novo. E o Rembrandt? O Rembrandt iria devolver à Christie's, com as mais profundas desculpas profissionais. Mas o Vecellio não. Tinha investido demasiado tempo — colocado tanto de si mesmo nele para deixar que outra pessoa lhe tocasse agora. Era o seu quadro. Julian teria simplesmente de esperar.

Desceu, apagou o gás, guardou a Beretta, enfiou o dossiê de Shamron numa gaveta. Ao sair para o exterior, uma rajada de vento úmido deixou-o de joelhos. O ar estava opressivamente frio, a chuva na sua cara como grãos de chumbo.

Sentiu-se como se estivesse a ser puxado de um sítio quente e seguro. As adriças batiam contra o mastro da chalupa. As gaivotas levantaram voo da superfície do rio, gritaram em uníssono, voltaram-se para o mar, asas brancas a bater de encontro ao cinzento das nuvens. Gabriel pôs o capuz por cima da cabeça e começou a andar.

À porta da loja da aldeia estava um telefone público. Gabriel marcou o número do Hotel Savoy e pediu para o ligarem ao quarto de Rudolf Heller. Imaginava sempre a figura de Shamron ao telefone: a cara fendida, as mãos de couro, a expressão angustiada, um pedaço de tela em branco sobre o sítio onde o coração poderia estar. Quando Shamron atendeu, os dois homens trocaram gentilezas em alemão durante um momento, depois passaram para inglês. Gabriel partia sempre do princípio de que as linhas telefônicas estavam a ser vigiadas, por isso, quando falava com Shamron da operação, utilizava um código rude: — Um projeto destes vai necessitar de uma grande quantidade de capital. Vou precisar de dinheiro para pessoal, espaço para escritório, arrendamento de apartamentos, um fundo de maneio para despesas inesperadas.

— Garanto-te, o capital não será um problema.

Gabriel levantou a questão de Lev e de como manter a operação no seu segredo: — Mas, se a memória não me falha, o banco onde no passado obtiveste financiamento para estes empreendimentos, está agora sob o controle dos teus concorrentes. Se abordares agora o banco para

financiamento, corres o risco de alertar a concorrência para as tuas intenções.

— Na verdade, tenho outra fonte de capital, que me vai permitir angariar o dinheiro para o projecto sem o conhecimento da concorrência.

— Se aceitar a tua proposta, exigiria autoridade completa para executar o empreendimento como achar apropriado. Manter o projecto no segredo da concorrência implicará a utilização de fornecedores independentes e demais pessoal por conta própria. Essas pessoas custam dinheiro. Vou necessitar da autoridade independente para gastar dinheiro e utilizar recursos como considerar necessário.

— Tem-la, embora o controle operacional do empreendimento na globalidade permaneça comigo em Genebra.

— De acordo. Depois há a questão da minha retribuição.

— Receio que estejas em posição de determinares o teu preço.

— Cento e cinquenta mil libras. Se o trabalho durar mais de seis meses, pagarão cem mil libras adicionais.

— Feito. Então, temos acordo? — Informar-te-ei ao final do dia.

Mas foi Peel, não Shamron, quem recebeu a notícia primeiro.

Ao final dessa tarde, Peel ouviu barulhos no cais. Levantou a cabeça dos trabalhos da escola e espreitou para fora da janela. Ali, no crepúsculo moribundo, viu o estranho no convés da chalupa, vestido com um oleado amarelo e um gorro de lã preto puxado tão para baixo que Peel mal lhe conseguia ver os olhos. Estava a arrumar a chalupa: a descer as velas, a retirar as antenas, a fechar à chave as tampas das escotilhas. A cara tinha uma expressão de determinação resoluta que Peel nunca vira antes. Pensou em correr até lá abaixo para ver se havia alguma coisa errada, mas o comportamento do estranho dava a entender que não estava com disposição para visitas.

Após uma hora, o estranho desapareceu no interior do chalé. Peel regressou aos trabalhos da escola, apenas para ser novamente interrompido uns minutos mais tarde, desta vez pelo som do MG do estranho a começar a trabalhar. Peel correu até a janela, a tempo de ver o carro a rodar lentamente pelo caminho acima, a chuva a flutuar através dos feixes dos faróis. Ergueu a mão, mais um gesto de rendição do que um aceno. Por um momento, pensou que o estranho não o tinha visto. A seguir, os faróis piscaram uma vez e o pequeno MG desapareceu.

Peel ficou à janela até o som do motor se desvanecer. Uma lágrima escorreu-lhe pela bochecha. Afastou-a com um soco. Os rapazes crescidos não choram, disse a si mesmo. O estranho nunca choraria por mim. Não vou chorar por ele. No andar de baixo, a mãe e Derek estavam outra vez a discutir. Peel deitou-se e colocou a almofada à volta das orelhas.

HOLBORN, LONDRES

A Looking Glass Communications, um conglomerado internacional editorial de múltiplos biliões de dólares, tinha sede num moderno edifício de escritórios com vista para New Square. Era propriedade de um tirano com um metro e oitenta de altura, vinte centímetros de largura e cento e trinta e cinco quilos, chamado Benjamin Stone. A partir do apartamento topo de gama luxuriosamente mobilado, Stone dominava um império de empresas que se estendia do Oriente Médio aos Estados Unidos. Era dono de dúzias de jornais e revistas, tal como de uma participação maioritária na venerável editora de Nova York, Horton &

McLawson. Mas a joia da coroa de Stone era o tabloide Daily Sentinel, o terceiro jornal nacional com maior tiragem da Grã-Bretanha. Entre os jornalistas de Fleet Street, o Daily Sentinel era conhecido como Daily Stone, pois não era invulgar o jornal publicar duas histórias num único dia sobre as atividades empresariais e filantrópicas de Stone.

O que os seus concorrentes não sabiam era que Stone, um judeu húngaro de nascimento, era também o sayan mais valioso de Ari Shamron. Quando Shamron precisava de inserir um katsa em território hostil em cima da hora, podia voltar-se para Stone e o Daily Sentinel para cobertura. Quando um antigo katsa descontente tentou vender um livro sensacionalista sobre o Escritório, Shamron voltou-se para Stone e a sua editora de Nova York para o deitarem abaixo. Quando Shamron queria introduzir uma história na imprensa ocidental, tinha simplesmente de pegar num telefone e sussurrar ao ouvido de Benjamin Stone.

Mas a contribuição mais valiosa de Stone para o Escritório era o dinheiro. Entre os funcionários superiores no Boulevard do Rei Saul, os instintos caritativos valeram-lhe a alcunha de Hadassah. Na verdade, o dinheiro saqueado dos fundos de pensão das empresas de Stone era utilizado para financiar as operações do Escritório há anos. Sempre que Shamron necessitava de fundos, Stone fazia circular dinheiro por uma série de sociedades fantoches e empresas-veículo, até chegar a uma das contas para operações de Shamron em Genebra.

Stone cumprimentou Shamron naquela noite à entrada garrida do hall. — Foda-se, com os diabos! — bradou, no seu típico rugido de barítono. — Rudolf, meu amor! Não percebi que estavas por cá. Porque é que não me disseste que vinhas? Tinha arranjado alguma coisa apropriada. Um banquete. Um sacrifício humano.

Stone pôs a pata gigantesca no ombro de Shamron.

— Sacana traidor! Tens sorte em eu estar cá. Maravilhoso! Sensacional! Vem. Senta-te. Come. Bebe.

Stone puxou Shamron até a sala de estar. Tudo era tamanho gigante, para acomodar a massa de Stone: cadeiras e sofás fundos de couro trabalhado à mão, um tapete vermelho grosso, otomanas grandes e mesas largas e baixas cobertas de flores e de bugigangas caras, dadas por outros homens ricos. Stone forçou Shamron a sentar-se numa cadeira como se estivesse prestes a interrogá-lo. Andou a passos largos até a janela, carregou num botão e as cortinas pesadas abriram-se. Um lavador de janelas estava a trabalhar do outro lado do vidro. Stone bateu, com uma pancada seca, com o nó gordo dos dedos no vidro e fez um aceno ao lavador de janelas como se fosse um golpe de caraté.

— Sou dono e senhor de tudo o que vês, Herr Heller — anunciou Stone, a admirar a vista. — Este homem lava-me a janela todos os dias. Não suporto uma janela suja. Consegues? Se o mandasse saltar, fá-lo-ia e agradecer-me-ia mais tarde pela sugestão. Não o faria por lealdade. Ou respeito. Ou amor. Fá-lo-ia porque te— 96 ria medo de não o fazer. O medo é a única emoção que realmente interessa.

O lavador de janelas terminou depressa e desceu o edifício em jeito de rappel. Stone arrastou-se pesadamente pela sala e abriu o frigorífico por trás do bar. Tirou duas garrafas de champanhe nunca abria apenas uma — e voltou a fechar a porta com força, como se estivesse a dar uma joelhada nos tomates a um concorrente. Tentou abrir uma das garrafas, mas os dedos grossos não estavam feitos para a tarefa de descascar papel de alumínio e torcer pedaços de arame. Por fim, atirou a cabeça para trás e rugiu: — Angelina!

Uma empregada portuguesa aterrorizada entrou na sala, os olhos ligeiramente desviados.

— Leva-as — ordenou Stone, segurando as garrafas pelo gargalo, como se estivesse a estrangulá-las. — Tira as rolhas, põe-nas em gelo. Traz

comida, Angelina. Pilhas de comida. Caviar, salmão fumado e não te esqueças dos morangos. Morangos grandes como ameixas. Grandes como as mamas de uma adolescente.

Stone deixou-se cair no canto de um sofá e pôs os pés em cima de uma otomana. Tirou a gravata, enrolou-a numa bola e atirou-a por cima do ombro, para o chão. Tinha vestida uma camisa às riscas, feita à mão a partir de algodão egípcio, e suspensórios vermelho-escuros. Os botões de punho de ouro eram quase tão grandes como o mostrador do relógio de pulso em ouro maciço. Angelina regressou à sala, depositou a bandeja de comida e fugiu. Stone deitou champanhe em flutes do tamanho de copos de cerveja. Agarrou um morango do tamanho de uma ameixa, molhou-o no vinho e devorou-o. Pareceu engoli-lo inteiro. Shamron sentiu-se de súbito como Alice. Tudo era demasiado grande: os copos, os morangos, as fatias grossas de salmão fumado, a televisão de tela gigante a passar em silêncio uma estação americana de notícias financeiras, Stone e a sua voz ridícula.

— Vamos deixar-nos de fingimentos, Herr Heller?

Shamron acenou com a cabeça. Um técnico da seção do Escritório de Londres já varrera o apartamento naquela noite e não encontrara aparelhos de escuta.

— Ari, meu amigo!

Stone mergulhou a ponta de uma torrada numa taça de caviar. Shamron ficou a ver trezentos dólares de beluga a desaparecerem pela goela de Stone abaixo. Durante vinte minutos, agradeceu Shamron com histórias dos seus empreendimentos comerciais, das atividades caritativas, do recentíssimo encontro com o príncipe de Gales, da vida amorosa ativa e diversa. Parou apenas uma vez, para gritar a Angelina para trazer outra tina de caviar. Shamron estava sentado com as pernas cruzadas, a ver as bolhas a subir no seu champanhe. De vez em quando, murmurava Que interessante ou Isso é fascinante.

— Como estão os teus filhos? — perguntou Stone abruptamente, mudando inesperadamente de direção.

Shamron tinha um filho ao serviço das Forças Armadas israelenses, na zona de segurança do Sul do Líbano, e uma filha que se tinha mudado para a Nova Zelândia, tornado nativa e nunca lhe respondia aos telefonemas.

— Ótimos — respondeu Shamron. — E tu? Como estão os rapazes?

— Tive de despedir o Christopher a semana passada.

— Ouvi dizer.

— Os meus concorrentes divertiram-se muito à minha custa, mas achei que isso demonstrou coragem. Todos os empregados da Looking Glass, por mais baixos que estejam na ordem das coisas, agora sabem que sou um sacana duro, mas justo. — Foi um bocado severo por chegar a uma reunião cinco minutos atrasado. — O princípio, Ari. O princípio. Devias utilizar algumas das minhas técnicas na tua loja.

— E o Jonathan?

— Foi trabalhar para a concorrência. Disse-lhe para esquecer a herança. Respondeu que a tinha esquecido há muito.

Shamron abanou a cabeça perante os estranhos comportamentos dos filhos.

—Então o que te traz à minha porta, Ari Shamron? Por certo, comida, não. Não tocou no caviar. Ou no champanhe. Não fique apenas aí sentado. Fala, Ari.

— Preciso de dinheiro.

— Consigo ver isso, não consigo? Não sou propriamente um idiota chapado. Estás praticamente de boné na mão. É para quê? Partilha, Ari. Tenho direito a isso, depois de tudo o que tenho feito por ti.

— Tem a ver com o incidente em Paris — respondeu Shamron. — Receio que seja tudo o que posso dizer.

— Então, Ari. Consegues fazer melhor do que isso. Dá-me alguma coisa em que possa pendurar o casaco.

— Preciso dele para apanhar os terroristas que o causaram.

— Assim está melhor. Quanto desta vez?

— Meio milhão.

— De que sabor?

— Dólares.

— Pagamento a prestações ou pagamento a pronto?

— Na verdade, talvez precise de uma linha de crédito, dependendo de quanto tempo durar a busca por esses rapazes.

— Acho que consigo arranjar isso. Como queres que seja entregue?

— Há uma pequena empresa de transportes marítimos com sede em Nassau chamada Carlton Limited. O seu maior navio contentor está na

doca seca, em reparações. Infelizmente, as reparações estão a demorar mais e a custar muito mais do que os donos da Carlton Limited estimaram. Precisam rapidamente de uma infusão de dinheiro, ou o navio pode ir ao fundo e levar a Carlton consigo.

— Estou a ver.

Shamron disparou o número de uma conta nas Bahamas, que Stone anotou num bloco com uma caneta de ouro.

— Consigo ter meio milhão na conta amanhã de manhã.

— Obrigado.

— Que mais?

— Preciso que faça outro investimento.

— Outra empresa de transportes marítimos?

Na verdade, é um negócio de arte aqui em Londres.

— Arte! Não, obrigado, Ari.

— Peço como um favor.

Stone deixou soltar um longo suspiro. Shamron conseguia cheirar o caviar e o champanhe no hálito.

— Estou a ouvir.

— Preciso que faça um empréstimo temporário a uma firma chamada Isherwood Fine Arts.

— Isherwood!

Shamron acenou com a cabeça.

— O Julian Isherwood? O Julie Isherwood? Já tenho a minha conta de investimentos questionáveis, Ari, mas emprestar dinheiro ao Julie Isherwood é o equivalente a deitar-lhe fogo. Não o vou fazer. Desculpa, não posso ajudar.

— Peço como um favor pessoal.

— E eu estou a dizer que não vou fazer. Julie pode afundar-se ou manter-se à tona por sua conta.

Stone fez outra das suas bruscas mudanças de direção:

— Não sabia que o Julie fazia parte da irmandade.

— Não disse que fazia.

— Não interessa, já que não lhe vou dar nenhum do meu dinheiro.

Tomei a minha decisão. Fim da discussão.

— Isso é decepcionante.

— Não me ameaces, Ari Shamron. Como é que te atreves, depois de tudo o que tenho feito por ti? O Escritório não teria onde cair morto se não fosse eu.

Perdi a conta a quantos milhões te dei.

— Tens sido generoso, Benjamin.

Generoso! Caramba! Sozinho, mantive-vos à tona. Mas para o caso de não teres reparado, as coisas não andam bem na Looking Glass ultimamente. Tenho credores à espreita em cada orifício. Tenho bancos a exigirem o seu dinheiro antes de me darem mais algum. A Looking Glass está a meter água, amor. E se a Looking Glass for ao fundo, perdes o teu fornecimento ilimitado de dinheiro.

— Estou ciente das tuas dificuldades atuais — respondeu Shamron.

— Mas também sei que a Looking Glass vai sair desta crise mais forte do que nunca.

— Sabes? Sabes mesmo? Merda! E o que te dá essa ideia?

— A minha total confiança em ti.

— Não me intrujes, Ari. Tenho dado de livre vontade durante muitos anos sem pedir nada em troca. Mas agora preciso da tua ajuda. Preciso que pressiones os teus amigos na City, para abrirem mão do seu dinheiro. Preciso que convenças os meus investidores israelenses de que é capaz de ser melhor para todos os envolvidos se me perdoarem uma parte substancial da dívida.

— Vou ver o que posso fazer.

— E há uma outra coisa. Publico a tua propaganda negra sempre que pedes. Porque é que não me atiras uma história verdadeira de vez em quando? Alguma coisa com um pouco de sumo. Alguma coisa que vá vender jornais. Mostra aos rapazes do dinheiro que a Looking Glass ainda é uma força a ter em conta.

— Vou tentar arranjar alguma coisa.

— Vais arranjar alguma coisa.

Stone empurrou outra mão cheia de caviar para dentro da boca.

— Juntos conseguimos mover montanhas, Ari. Mas se a Looking Glass for ao fundo, as coisas são mesmo capazes de ficar desagradáveis.

Na manhã seguinte, Shamron e Gabriel encontraram-se em Hampstead Heath. Andaram ao longo de um caminho para peões, delimitado por duas filas de faias a pingar. Shamron esperou que um par de

corredores passasse para falar: — Tens o teu dinheiro. Quinhentos mil em dólares americanos. A conta habitual em Genebra.

— E se precisar de mais?

— Nesse caso arranjo-te mais. Mas o poço não é sem fundo. Sempre foste cuidadoso com o dinheiro. Espero que não vá mudar nada, agora que não tens nenhuma razão para temer os contabilistas do Boulevard do Rei Saul.

Só vou gastar aquilo que precisar.

Shamron mudou o assunto para a comunicação. Como Lev controlava a seção de Londres, o pessoal e as instalações desta eram estritamente inacessíveis para Gabriel. Havia três *bodelim* londrinos que eram leais a Shamron e com os quais se podia contar para fazer favores a Gabriel sem contar ao chefe da seção. Shamron recitou uma série de números de telefone. Gabriel memorizou-os. Era como se estivessem de volta à Academia, a jogar jogos de memória e exercícios de atenção tolos, tal como contar os degraus num lance de escadas, ou registrar o conteúdo do armário de um homem, ou os números de registro de uma dúzia de carros estacionados, com uma breve olhadela.

Shamron prosseguiu. O cabo telegráfico seguro da seção de Londres não podia ser utilizado para comunicação eletrônica porque todas as transmissões teriam de ser autorizadas pelo chefe da seção. A mala da seção de Londres também não podia ser utilizada pela mesma razão. Num aperto, Gabriel podia introduzir um relatório de campo na mala diplomática endereçada a Amos Argov. Um amigo no Ministério dos Negócios Estrangeiros passá-la-ia a Shamron, no Boulevard do Rei Saul. Mas não devia abusar da regalia. Gabriel também estava proibido de utilizar os apartamentos seguros de Londres, pois a seção de Londres geria-os e Lev mantinha vigilância apertada sobre o seu uso.

Shamron disparou um número de telefone em Oslo que era redirecionado para sua casa em Tiberíades. Gabriel devia tratar a linha como se não fosse segura. — Se for necessário um encontro cara a cara, Paris será o local — disse Shamron. — Utilizaremos os sítios da operação Setembro Negro, em homenagem aos velhos tempos. A mesma sequência, as mesmas retiradas, a mesma linguagem corporal. Lembras-te dos lugares de Paris?

— Teremos sempre Paris.

— Alguma pergunta?

Gabriel sacudiu a cabeça.

— Há mais alguma coisa que possa fazer por ti?

— Pode abandonar o Reino Unido o mais depressa possível —
respondeu Gabriel.

A seguir, voltou-se e afastou-se rapidamente.

ST. JAMES'S, LONDRES

— Escuta, Julie — disse Oliver Dimbleby, inclinando a cabeça grande sobre a mesa e baixando a voz. — Sei que estás em apuros. Toda a rua sabe que estás em apuros. Por aqui não há segredos, pétala.

Oliver Dimbleby era um homem rosado com uma camisa cor-de-rosa, que parecia sempre excessivamente satisfeito consigo próprio. O cabelo era aos caracóis e ruivo-aloirado, com chifres minúsculos sobre as orelhas. Isherwood e Dimbleby eram tão chegados quanto dois concorrentes podiam ser no negócio da arte londrino, o que significava que Isherwood o desprezava apenas um pouco. — Perdeste o teu financiamento — disse Dimbleby. — Não és capaz de te desfazeres de um quadro. Até perdeste a moça deste mês, duas semanas antes do previsto. Oh, que diabos, como é que esta se chamava?

— Heather.

— Ah, sim, Heather. Uma pena perder uma como essa, não foi? Teria gostado de conhecer um pouco melhor a Heather. Veio ter comigo antes de ter ido ter com Giles Pittaway. Uma moça adorável, mas disse-lhe que não ia caçar furtivamente na floresta de um amigo. Mandeí-a embora. Infelizmente, foi até New Bond Street e direita aos braços do diabo.

— Então estou em apuros — disse Isherwood, a tentar mudar de assunto. — Onde é que queres chegar?

E o Pittaway, não é? A matar-nos a todos, não é?

A dicção de Dimbleby tinha um leve sotaque londrino que se acentuara com as duas garrafas de Borgonha que tinham consumido durante o almoço no Wilton's. — Permite-me revelar-te um pequeno segredo, velho amor. Estamos todos no mesmo barco. Não há compradores, nem bons quadros para vender mesmo que os houvesse. É tudo moderno e os Impressionistas, e ninguém se pode dar ao luxo de negociar Van Goghs e Monets excepto os grandalhões. Apareceu-me uma estrela pop na galeria no outro dia. Queria alguma coisa para o quarto, para fazer combinar a capa do edredão e a carpete Santa Fé. Mandeí-o para o Selfridges. Ele não percebeu a piada, o sacana tapado. O meu pai avisou-me para não me meter neste negócio. Às vezes penso, quem me

dera ter ouvido o raio do velho. O Giles Pittaway sugou o ar todo do mercado. E com cada trampa. Jesus! Mas é trampa, não é, Julie?

— Mais do que trampa, Oliver — concordou Isherwood, e serviu-se de um pouco mais de vinho.

— Passei por uma das suas galerias na semana passada. Espreitei pela montra. Havia um pedaço de merda muito lustroso, muito brilhante, daquele pintor de flores francês de Colmar. Oh, merda, qual é o nome dele, Julie?

— Estás a referir-te ao Jean-Georges Hirn?

— Ah, sim, é isso! Jean-Georges Hirn. Um ramo de rosas, narcisos, jacintos, nastúrcios, campainhas e outras flores. Chamo caixa de chocolates. Percebes o que quero dizer, Julie?

Isherwood acenou com a cabeça devagar e bebericou o vinho. Dimbleby respirou fundo e continuou:

— Nessa mesma noite, o Roddy e eu jantamos no Mirabelle. Sabes como podem ser os jantares com o Roddy. Escusado será dizer que, quando saímos do restaurante à meia-noite, estávamos bem aviados. A sentir absolutamente nenhuma dor. Dormentes. O Roddy e eu vagueamos pelas ruas durante um bocado. Vai divorciar-se, o Roddy. A mulher fartou-se, finalmente, das suas palhaçadas.

Em todo o caso, em pouco tempo, demos por nós à frente da mesmíssima galeria de que o venerável Giles Pittaway é dono, à frente do mesmíssimo pedaço de merda da autoria do Jean-Georges Hirn, um ramo de rosas, narcisos, jacintos, nastúrcios, campainhas e outras flores.

— Não tenho certeza de querer ouvir o resto — queixou-se Isherwood.

— Oh, mas queres, pétala.

Dimbleby inclinou-se para ainda mais perto e molhou os lábios finos com a linguazinha ágil.

— O Roddy ficou louco. Fez um dos seus discursos. Falou tão alto que, provavelmente, o ouviram em St. John's Wood. Disse que o Pittaway era o diabo. Disse que a sua ascendência era um sinal de que o Apocalipse estava próximo. Coisas maravilhosas, a sério. Limitei-me a ficar parado no passeio, a aplaudir e a lançar um apoiado, apoiado! de vez em quando, para ajudar à festa. Dimbleby aproximou-se ainda mais e baixou a voz para um sussurro excitado: — Quando termina o sermão, começa a bater com a

pasta contra o vidro. Conheces aquela hedionda criatura de metal que ele insiste em transportar. Depois de um par de lançamentos, a montra estilhaça-se e o alarme começa a tocar. — Oliver! Diz-me que isto é só mais uma das tuas histórias! Meu Deus!

— É a verdade, Julie. A verdade pura e simples. Não estou a contar histórias da carochinha. Agarrei no Roddy pelo colarinho e começamos a correr como uns perdidos. O Roddy estava tão bêbado que não se consegue lembrar de nada.

Isherwood estava a ficar com uma dor de cabeça devido ao vinho.

— Queres chegar a algum lado com esta história desgraçada, Oliver?

Onde quero chegar é que não estás sozinho. Estamos todos a sofrer. O Giles Pittaway tem-nos a todos agarrados pelos tomates e está a apertar com mais força do que nunca. Os meus estão a ficar azuis, pelo amor de Deus. — Estás a sobreviver, Oliver. E estás a ficar mais anafado. Vais precisar de uma galeria maior daqui a nada.

— Oh, estou a safar-me bastante bem, muito obrigado. Mas podia estar a safar-me melhor. E tu também, Julie. Não é para criticar, mas eras capaz de fazer girar mais uns quantos quadros do que estás a fazer.

— As coisas vão dar a volta. Só preciso me aguentar mais umas semanas e a seguir vou ficar ótimo. Do que preciso é de uma nova moça.

— Posso arranjar-te uma moça.

— Não esse tipo de moça. Preciso de uma moça que consiga atender o telefone, uma moça que saiba alguma coisa de arte.

— A moça em que estava a pensar é ótima ao telefone e é uma verdadeira obra de arte. E não estás a basear as tuas esperanças naquela peça que compraste na Christie's no verão passado?

— Oliver, como é que...

— Como disse, pétala. Não há segredos por aqui.

— Oliver, se queres chegar a algum lugar com esta conversa, por favor, chega depressa.

— Aonde quero chegar é que precisamos nos unir. Precisamos formar uma aliança se queremos sobreviver. Nunca iremos derrotar o temível Giles Pittaway, mas se criarmos um pato de defesa mútua talvez possamos viver lado a lado em paz.

— Estás a dizer disparates, Oliver. Experimenta falar a sério por uma vez na vida, por amor de Deus. Não sou uma das tuas namoradas.

— Muito bem, conversa a sério. Estou a pensar numa parceria.

— Uma parceria? Que tipo de parceria?

— Queres sem rodeios?

— Sim, claro.

— O tipo de parceria em que compro a tua posição.

— Oliver!

— Tens uma bela galeria.

— Oliver!

— Tens umas belas pinturas lá em baixo no teu cofre.

— Oliver!

— Até conseguiste manter uma certa reputação. Gostava de inspecionar o teu inventário e chegar a um preço justo. O dinheiro suficiente para te libertares da tua dívida. A seguir, gostava de queimar todo o teu stock parado, conseguir alguma coisa por ele, e começar de novo. Podes trabalhar para mim. Pago-te um salário generoso, mais comissão. Podes safar-te bastante bem, Julie.

— Trabalhar para ti? Estás completamente louco? Oliver, como te atreves?

— Não te irrites. Não te deixes levar pelo orgulho. São negócios, não é pessoal. Estás a afogar-te, Julian. Estou-te a atirar uma corda. Não sejas idiota. Agarra o raio da coisa.

Mas Isherwood estava a levantar-se e a vasculhar nos bolsos à procura de dinheiro.

— Julian, por favor. Guarda o dinheiro. A festa é minha. Não ajas assim.

— Vai-te lixar!

Isherwood atirou um par de notas de vinte libras à cara rosada de Dimbleby.

— Como te atreves, Oliver! Francamente!

Saiu furioso do restaurante e voltou a pé para a galeria. Com que então, os chacais de St. James's estavam rondando, e o gorducho Oliver Dimbleby queria o pedaço maior da carcaça para si mesmo. Comprar-me aposição, o Oliver! Vejam só o atrevimento! Vejam só eu trabalhando para aquele misógino barrigudo!

Estava quase decidido a telefonar para Giles Pittaway e contar a história da vitrine quebrada.

Enquanto Isherwood caminhava por Mason's Yard, jurou não se render sem luta. Mas, para poder lutar, precisava de um Vecellio imaculado, e para isso precisava de Gabriel. Tinha de o encontrar antes que fosse enfeitado por Shamron e desaparecesse para sempre. Subiu as escadas e entrou na galeria. Era terrivelmente deprimente estar sozinho. Estava acostumado a ver uma moça bonita atrás da secretária quando voltava para o trabalho a seguir ao almoço. Sentou-se à secretária, descobriu o número de telefone de Gabriel na agenda, marcou o número, deixou-o tocar uma dúzia de vezes e desligou com violência o receptor. Talvez tenha ido só até a aldeia. Ou talvez tenha saído no raio do barco dele.

Ou talvez Shamron já tenha chegado a ele.

— Merda! — disse suavemente.

Saiu da galeria, fez sinal para parar a um táxi em Picadilly, viajou até Great Russell Street. Pagou o táxi a uns quarteirões de distância do Museu Britânico e avançou pela entrada da loja de equipamento de arte L. Cornellissen & Son. Sentiu-se estranhamente calmo, parado no chão de madeira desgastado, rodeado pelas prateleiras envernizadas repletas de tintas, paletas, papel, telas, pincéis e lápis de carvão.

Um anjo da cor do linho chamado Penelope sorriu-lhe do outro lado do balcão.

— Olá, Pen.

— Julian, super — arfou ela. — Como está? Meu Deus, está muito chique.

— Almoço com o Oliver Dimbleby.

Não era necessária mais nenhuma explicação.

— Escuta, queria saber se viste o nosso amigo. Não atende o telefone e começo a pensar se não terá deambulado por um penhasco abaixo lá pela Cornualha. — Infelizmente, não tenho a sorte de pôr os olhos nesse homem adorável há já algum tempo.

— Mais alguém na loja teve notícias dele?

— Espera. Vou confirmar.

Penelope perguntou a Margaret, e Margaret perguntou a Sherman, e Sherman perguntou a Tricia e assim continuou, até uma voz profunda

sem corpo, vinda dos fundos da loja — a seção das tintas e lápis de acrílico, a julgar pelo som —, anunciar solenemente: — Falei com ele ainda esta manhã.

— Importa-se de me dizer o que queria? — perguntou Isherwood para o teto.

— Cancelar o envio mensal de equipamento.

— Quantos envios mensais ao certo?

— Todos os envios mensais até aviso em contrário.

— Disse por quê?

— Alguma vez diz, querido?

Na manhã seguinte, Isherwood cancelou os compromissos para o resto da semana e alugou um carro. Durante cinco horas, acelerou pelas autoestradas. Em direção a oeste, até Bristol. Em direção a sul, ao longo do canal. A seguir, o longo percurso através de Devon e da Cornualha. Tempo tão volátil quanto a disposição de Isherwood, rajadas de chuva num instante, sol de Inverno branco e fraco no outro. O vento era constante, no entanto. Tanto vento que Isherwood se via aflito para manter o pequeno Ford Escort colado à estrada. Almoçou enquanto conduzia e parou apenas três vezes — uma para gasolina, outra para urinar e uma terceira em Dartmoor, quando o carro atingiu uma ave marinha. Pegou no cadáver, utilizando um saco vazio de plástico para sanduíche para proteger os dedos, e recitou uma curta oração judia pelos mortos antes de atirar de forma cerimoniosa o pássaro para a urze. Chegou ao chalé de Gabriel pouco antes das três da tarde. O barco de Gabriel estava tapado com um oleado. Atravessou o caminho e tocou à campainha. Tocou uma segunda vez, depois bateu à porta com força, a seguir tentou o trinco. Fechado à chave.

Espreitou pela vidraça para o interior de uma cozinha imaculada. Gabriel nunca fora muito de comer — se lhe atirassem um pedaço de pão e uns quantos grãos de arroz, era capaz de andar mais uns oitenta quilômetros — mas, mesmo pelos padrões de Gabriel, a cozinha estava excepcionalmente limpa e livre de mantimentos. Tinha partido, concluiu Isherwood. Partido por um longo período.

Entrou no jardim das traseiras e contornou o chalé, a experimentar todas as janelas, na hipótese improvável de Gabriel se ter esquecido de fechar uma. Nada o estilo de Gabriel.

Voltou pelo mesmo caminho e ficou de novo parado no cais. Nuvens pretas surgiam rio acima, vindas do mar. Uma gorda gota de chuva atingiu-o no centro da testa e rolou pelo nariz, por baixo dos óculos. Tirou-os e a paisagem do rio enevoou-se. Tirou um lenço do bolso, limpou a cara e tornou a pôr os óculos.

Quando o ambiente à sua volta voltou a estar focado, descobriu um rapazinho parado a poucos metros de distância. Parecia ter caído do céu, como um gato a caçar a presa. Isherwood nunca tivera filhos e era terrível a calcular idades. Calculou que o rapazote de rosto atormentado teria onze ou doze anos.

O rapaz perguntou: — Por que está rondando esse chalé?

— Não estou rondando, e quem diabos é você?

— Sou Peel. Quem é você?

— Sou um amigo do homem que mora aí. Meu nome é Julian.

Isherwood estendeu a mão, mas o garoto deixou-se simplesmente estar ali parado, o corpo rígido e retraído.

— Ele nunca mencionou ter um amigo chamado Julian.

— Não menciona uma série de coisas.

— O que quer?

— Falar com ele.

— Está fora.

— Posso ver isso. Sabe onde está?

— Não disse.

— Sabe quando volta?

— Não disse.

A chuva começou a cair com mais força. O rapaz permaneceu parado. Isherwood pôs a mão sobre a cabeça e voltou-se para olhar para o chalé.

— Sabe do que ele vive? — perguntou Isherwood.

Peel assentiu com a cabeça. — Mais alguém sabe na aldeia?

Peel abanou a cabeça.

— Ele trabalha para mim — disse Isherwood, como se estivesse a confessar algum delito. — Sou dono do quadro que está restaurando.

— O Rembrandt ou o Vecellio?

Isherwood sorriu e respondeu: — O Vecellio, meu caro amigo.

— É lindo.

— Realmente, é.

Ficaram lado a lado por um instante, esquecidos da chuva. Isherwood viu algo de si próprio na sentinela-miniatura de Gabriel. Mais um refugiado de Gabriel, mais um pedaço de destroço à deriva na esteira de Gabriel. Mais uma alma danificada a precisar de restauro pelas mãos talentosas de Gabriel.

— Quem o levou? — perguntou Isherwood, por fim.

— O homem careca que andava como soldado. Conhece?

— Infelizmente, sim.

Isherwood sorriu para Peel.

— Está com fome?

Peel acenou com a cabeça.

— Há algum lugar bom na aldeia para chá e doces?

— E um folhado — respondeu Peel. — Gosta de folhado de salsicha?

— Não posso dizer que tenha experimentado, mas não há melhor hora do que o presente. Acha que devia pedir autorização aos teus pais, primeiro?

Peel abanou a cabeça.

— Ele não é meu pai e a minha mãe não se importa.

Ari Shamron chegou ao Aeroporto Lod, em Telaviv, ao fim da tarde do dia seguinte. Rami estava à espera na porta de desembarque. Conduziu Shamron através da área das chegadas até a uma sala segura, reservada ao pessoal do Escritório e a convidados especiais. Shamron despiu o fato de negócios europeu e vestiu as calças cor de caqui e o casaco de bombardeiro.

— O primeiro-ministro quer vê-lo hoje à noite, chefe.

Shamron pensou: Lá se vai o não meter o nariz na operação.

Foram de carro até as colinas na direção de Jerusalém. Shamron passou o tempo a folhear uma pilha de papelada que se tinha acumulado na sua curta ausência. Como de costume, havia uma crise na coligação variada do primeiro-ministro. Para chegar ao gabinete deste, Shamron teve de ultrapassar primeiro um corredor cheio de fumo repleto de políticos em disputa.

O primeiro-ministro escutou absorto, enquanto Shamron o punha a par da situação. Era por natureza um maquinador. Começara a carreira

no ambiente implacável do mundo acadêmico, a seguir passara para o ninho de vespas do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Na altura em que entrara na arena política, já era bem versado nas artes negras da traição burocrática. A ascensão meteórica pelas fileiras do partido era atribuída ao poderoso intelecto e à prontidão em recorrer ao subterfúgio, ao engano e à chantagem pura e simples para conseguir o que queria. Em Shamron, via uma alma gêmea — um homem que não pararia perante nada se acreditasse que sua causa estava certa.

— Só há um problema — disse Shamron.

O primeiro-ministro olhou de relance para o teto, de modo impaciente. Gostava de dizer: Tragam-me soluções, não problemas. Shamron tinha uma desconfiança inata de homens que viviam por máximas ardilosas.

— Benjamin Stone.

— O que é agora?

— O negócio dele está em péssimo estado. Rouba Pedro para pagar a Paulo, e os amigos de Pedro estão ficando zangados com isso.

— Vai nos afetar?

— Se afundar em silêncio, só vamos sentir a falta do dinheiro dele. Mas se afundar com alarido, pode tornar as coisas desconfortáveis para nós. Receio que saiba demais.

— Benjamin Stone nunca faz nada em silêncio.

— Certo.

— Então, e aqueles adoráveis filmes caseiros que você fez dele no ano passado em King David?

— Parecia uma boa ideia na hora, mas Stone desenvolveu um limiar elevado para a humilhação pública. Não sei ao certo se ficará terrivelmente chateado se o mundo o vir usando os serviços de uma prostituta israelense.

— Os políticos à minha porta são problema meu — respondeu o primeiro-ministro. — Mas receio que Benjamin Stone seja problema seu. Trate dele como achar mais adequado.

PARTE II

AVALIAÇÃO

Antes da guerra, Maurice Halévy era um dos mais proeminentes advogados de Marselha. Ele e a mulher, Rachel, tinham vivido numa imponente casa antiga na rue Sjlvabelle em Beaux Quartiers, onde a maioria dos judeus assimilados com sucesso da cidade se estabelecera. Tinham orgulho em ser franceses; consideravam-se primeiro franceses e depois judeus. Na verdade, Maurice Halévy estava tão assimilado que raramente se dava ao trabalho de ir à sinagoga. Mas quando os Alemães invadiram, a vida idílica dos Halévy em Marselha chegou a um fim abrupto. Em Outubro de 1940, o governo colaboracionista de Vichy divulgou o Statut des Juifs, os decretos antijudeus que reduziram os judeus a cidadãos de segunda classe na França de Vichy. Foi retirado a Maurice Halévy o direito de exercer advocacia. Exigiram-lhe que se registrasse na polícia e, mais tarde, ele e a mulher foram forçados a utilizar a Estrela de David nas roupas.

A situação piorou em 1942, quando o exército alemão se instalou na França de Vichy, após a invasão do Norte de África pelos Aliados. As forças da Resistência Francesa levaram a cabo uma série de ataques mortíferos às forças alemãs. A polícia de segurança alemã, com a ajuda das autoridades francesas de Vichy, respondeu com assassinatos brutais. Maurice Halévy não podia mais ignorar a ameaça. Rachel ficara grávida. A ideia de tentar cuidar de um recém-nascido no caos de Marselha era demasiado para suportar. Decidiu deixar a cidade e partir para o campo. Utilizou as poupanças diminutas para arrendar um chalé nas colinas à saída de Aix-en-Provence. Em janeiro, Rachel deu à lu um filho, Isaac.

Uma semana mais tarde, os Alemães e a polida francesa começaram a reunir os judeus. Demoraram um mês para descobrir Maurice e Rachel Halévy. Uma dupla de oficiais alemães das SS apareceu

no chalé num final de tarde de fevereiro, acompanhado por um gendarme local. Deram aos Halévy vinte minutos para fazer uma mala que não pesasse mais do que vinte e sete quilos. Enquanto os alemães e o gendarme esperavam na sala de jantar, a mulher do chalé do lado apareceu a porta.

— Meu nome é Anne-Marie Delacroix — disse. — Os Halévy estavam tomando conta do meu filho enquanto fui ao mercado.

O gendarme estudou seus documentos. De acordo com estes, apenas dois judeus viviam no chalé. Chamou os Halévy e disse: — Esta mulher diz que o bebê é dela. É verdade?

— Claro que é — respondeu Maurice Halévy, apertando o braço de Rachel antes de ela poder emitir um som. — Estávamos só tomando conta do garoto durante a tarde.

O gendarme olhou para Maurice Halévy incredulamente, depois consultou os documentos de registro uma segunda vez.

— Pegue na criança e vá-se embora — disparou para a mulher. — Apetecia-me bastante levá-la sob custódia eu mesmo, por entregar uma criança francesa ao cuidado destes judeus nojentos.

Dois meses mais tarde, Maurice e Rachel Halévy foram assassinados em Sobibor. Anne-Marie Delacroix levou Isaac a uma sinagoga e contou ao rabi o que acontecera naquela noite em Aix-en-Provence. O rabi deu-lhe a escolher entre entregar a criança para adoção por uma família judia ou criá-la ela própria. Levou o rapaz de volta a Aix e criou-o como judeu, ao lado de seus próprios filhos católicos. Em 1965, Isaac Halévy se casou com uma moça de Nimes chamada Deborah e instalou-se em Marselha, na antiga casa do pai, na rue Sylvabelle. Três anos mais tarde, tiveram o primeiro e único filho: uma moça a quem chamaram Sarah.

PARIS

Michel Duval era o fotógrafo da moda mais em voga em Paris. Os estilistas e os editores de revistas adoravam-no, pois as suas fotografias irradiavam uma aura muito forte de sexualidade perigosa. Jacqueline Delacroix achava que ele era um porco. Sabia que conseguia o seu olhar singular abusando das modelos. Não estava com grande vontade de trabalhar com ele.

Saiu de um táxi e entrou num edifício de apartamentos na rue St-Jacques, onde Michel tinha o estúdio. Lá em cima, uma pequena multidão aguardava: artista de maquilhagem, cabeleireiro, estilista, um representante da Givenchy. Michel estava em cima de uma escada, ajustando luzes: bonito, cabelos loiros pelos ombros, feições felinas. Vestia calças de couro pretas, descaídas nas ancas estreitas, e um pulôver largo. Piscou o olho a Jacqueline quando ela entrou. Ela sorriu e disse: — Prazer em ver-te, Michel.

— Vamos ter uma boa sessão hoje, não é? Consigo senti-lo.

— Espero que sim.

Entrou num quarto para mudar de roupa, despiu-se e estudou o aspecto ao espelho com impassibilidade profissional. Fisicamente, era uma mulher estonteante: alta, braços e pernas graciosos, cintura elegante, pele cor de azeitona clara. Os seios eram esteticamente perfeitos: firmes, arredondados, nem demasiado pequenos nem anormalmente grandes. Os fotógrafos adoravam sempre os seus seios. A maior parte das modelos detestava o trabalho com Ungem, mas isso nunca incomodara Jacqueline. Tivera sempre mais ofertas de trabalho do que aquelas que podia encaixar na agenda.

O seu olhar passou do corpo para a cara. Tinha cabelo encaracolado, preto como um corvo, que lhe chegava aos ombros, olhos escuros, um nariz comprido e fino. As maçãs do rosto eram largas e uniformes, a linha do maxilar angulosa, os lábios carnudos. Orgulhava-se do fato de a cara nunca ter sido alterada pelo bisturi de um cirurgião. Inclinou-se para a frente, apalpou a pele à volta dos olhos. Não gostou do que viu. Não era uma linha, na realidade algo mais subtil e insidioso. O

sinal intangível do envelhecer. Já não tinha os olhos de uma criança. Tinha os olhos de uma mulher com trinta e três anos. Continuava linda, mas aceita os fatos, Jacqueline. Estás a ficar velha. Vestiu um robe branco, foi até o quarto do lado e sentou-se. O artista de maquilhagem começou a aplicar-lhe uma base na bochecha. Jacqueline observou no espelho enquanto a sua cara era transformada lentamente na de alguém que não reconhecia bem. Interrogou-se sobre o que o avô acharia se pudesse ver isto.

Provavelmente, ficaria envergonhado...

Quando o artista de maquilhagem e o estilista para o cabelo terminaram, Jacqueline olhou-se ao espelho. Se não tivesse sido pela coragem daquelas três pessoas notáveis — os avós e Anne-Marie Delacroix —, não estaria hoje aqui. E vê no que te tornaste — um requintado cabide para roupas.

Levantou-se, regressou ao quarto para mudar de roupa. O vestido, um traje de cerimônia preto e sem alças, aguardava-a. Tirou o robe, vestiu o traje e puxou-o sobre os seios nus. A seguir, mirou-se ao espelho. Devastadora.

Uma batida na porta.

— O Michel está pronto para si, menina Delacroix.

— Diga ao Michel que saio já. Menina Delacroix...

Mesmo passados todos estes anos, ainda não se habituara a isso: Jacqueline Delacroix. O agente, Marcel Lambert, tinha sido quem lhe alterara o nome — Sarah Halévy soa demasiado... bom... sabes o que quero dizer, *mon chou*. Não me faça dizê-lo em voz alta. Tão vulgar, mas é assim o mundo. Por vezes, o som do seu nome francês fazia a pele arrepiar. Quando soube o que acontecera aos avós na guerra, ardera de ódio e suspeita em relação a todos os franceses. Sempre que via um velho, interrogava-se sobre o que teria feito durante a guerra. Teria sido um guarda em Gurs ou Les Milles ou num dos outros campos de detenção? Teria sido um gendarme que ajudara os Alemães a reunir a sua família? Teria sido um burocrata que carimbava e processava a papelada da morte? Ou teria simplesmente permanecido em silêncio, sem fazer nada? Secretamente, dava-lhe intenso prazer estar a enganar o mundo da moda. Imagine-se a reação deles se descobrissem que a beldade alta e magra e de cabelos pretos de Marselha era de fato uma judia da Provença, cujos avós tinham sido mortos na câmara de gás em Sobibor. De certa maneira,

ser uma modelo, a imagem por excelência da beleza francesa, era a sua vingança.

Olhou uma última vez para si própria, baixando o queixo para o peito, afastando os lábios ligeiramente, trazendo fogo aos olhos pretos cor de carvão. Agora estava pronta.

Trabalharam durante trinta minutos sem parar. Jacqueline adoptou diversas poses. Estendeu-se ao longo de uma simples cadeira de madeira. Sentou-se no chão, encostando-se para trás apoiada nas mãos, com a cabeça inclinada para cima e os olhos fechados. Pôs-se em pé com as mãos nas ancas e os olhos a perfurar a lente da máquina fotográfica de Michel. Michel parecia gostar do que estava a ver. Estavam em sintonia. De poucos em poucos minutos, parava por uns segundos para mudar de rolo, depois retomava a sessão rapidamente. Jacqueline estava na profissão há tempo suficiente para saber quando uma sessão fotográfica estava a funcionar.

Por isso, ficou surpreendida quando ele saiu de repente detrás da objetiva e passou a mão pelo cabelo. Tinha um olhar carrancudo.

— Saiam do estúdio, por favor. Preciso de privacidade. Jacqueline pensou: Oh, céus. Aqui vamos nós. Michel perguntou:

— Mas o que raio se passa contigo? — Não se passa nada comigo!

— Nada? Estás apática, Jacqueline. As fotos estão apáticas. Bem podia estar a tirar fotografias a um manequim com o vestido posto. Não me posso dar ao luxo de entregar à Givenchy um conjunto de fotografias apáticas. E pelo que ouço na rua, também não podes.

— O que é que isso quer dizer supostamente?

— Quer dizer que estás a ficar velha, querida. Quer dizer que ninguém tem bem a certeza de que ainda tenhas o que é preciso.

— Vai mas é para trás da máquina e mostro-te que ainda tenho o que é preciso.

— Já vi o suficiente. Simplesmente não está aí hoje.

— Bobagem!

— Quer que vá buscar uma bebida? Talvez um copo de vinho ajude a descontrair.

— Não preciso de bebida.

— E que tal um pouco de coca?

— Sabe que já não cheiro.

— Pois eu, sim.

— Há coisas que nunca mudam.

Michel tirou um pequeno saco de cocaína do bolso da camisa. Jacqueline sentou-se na cadeira que servia de adereço enquanto ele preparava duas carreiras numa mesa com tampo de vidro. Cheirou uma e a seguir ofereceu-lhe a nota de cem francos enrolada.

— Não quer ser uma menina malvada hoje?

— É toda sua, Michel. Não estou interessada.

Ele inclinou-se e cheirou a segunda carreira. A seguir, limpou o vidro com o dedo e espalhou o resto pelas gengivas.

— Se não beber nem cheirar, talvez tenhamos de pensar numa outra maneira de acender uma chama dentro de ti.

— Como o quê? — perguntou, mas sabia no que Michel estava a pensar.

Pôs-se atrás dela, colocou-lhe as mãos ao de leve nos ombros nus.

— Talvez precises de pensar em seres fodida.

As mãos deixaram-lhe os ombros e acariciaram-lhe a pele logo acima dos seios. — Talvez possamos fazer alguma coisa para tornar a ideia um pouco mais realista na tua imaginação.

Pressionou-lhe a pélvis contra as costas para que ela lhe pudesse sentir a ereção por baixo da calça de couro. Ela afastou-se.

— Estou só a tentar ajudar, Jacqueline. Quero certificar-me de que estas fotografias saem bem. Não quero ver a tua carreira a ir pelo cano abaixo. Os meus motivos são puramente altruístas.

— Nunca soube que eras tão filantropo, Michel. Ele riu.

— Vem comigo. Quero mostrar-te uma coisa.

Pegou-lhe na mão e puxou-a para fora do plateau. Atravessaram um corredor e entraram num quarto que tinha apenas como mobília uma cama grande. Michel tirou a camisa e começou a desabotoar as calças.

Jacqueline perguntou:

— O que é que pensas que estás a fazer?

— Quer fotos boas, eu quero fotos boas. Fiquemos em sintonia. Tire o vestido para não amarrotar.

— Vai se foder, Michel. Vou embora.

— Calma, Jacqueline. Pare com a idiotice e deita na cama.

— Não!

— Mas qual é o problema? Dormiu com Robert Leboucher, para que ele te desse aquela sessão fotográfica de maiôs, em Mustique.

— Como soube?

— Porque ele me disse.

— Você um sacana, e ele também! Não sou nenhuma garotinha de dezessete anos que vai abrir as pernas para você porque quer boas fotos do grande Michel Duval.

— Se sair daqui agora, sua carreira está acabada.

— Estou me lixando.

Ele apontou para a ereção.

— O que eu faço com isso?

Marcel Lambert vivia a uma curta distância dali, na rue de Tournon, no Quartier Luxembourg. Jacqueline precisava de tempo para si própria, por isso foi a pé, demorando-se pelas ruas laterais e estreitas do Quartier Latin. A escuridão a cair, as luzes a acenderem-se nos pequenos restaurantes e nos cafés, o cheiro de cigarros e alho a fritar no ar fresco.

Atravessou o Quartier Luxembourg. Como tinha chegado tão depressa a isto, pensou — Michel Duval ameaçá-la para uma rapidinha entre disparos. Há uns poucos anos atrás, ele não teria pensado nisso. Mas não agora. Agora, ela estava vulnerável e Marcel tinha resolvido testá-la.

Por vezes, arrependia-se de ter entrado nesta profissão. Projetara ser bailarina — e tinha estudado na academia mais reputada de Marselha —, mas aos dezesseis anos foi descoberta por um caçador de talentos de uma agência de modelos de Paris, que deu o nome dela a Marcel Lambert. Marcel marcou uma sessão fotográfica de teste, deixou-a mudar-se para o seu apartamento, ensinou-a a mover-se e a agir como modelo e não como bailarina. As fotos da sessão de teste foram estonteantes. Tinha dominado a objetiva, irradiado uma sexualidade brincalhona. Marcel colocou discretamente as fotografias a circular por Paris: nenhum nome, nada acerca da moça, apenas as fotografias e o cartão dele. A reação foi instantânea. O telefone não parou de tocar durante uma semana. Os fotógrafos exigiam trabalhar com ela. Os estilistas queriam contratá-la para as suas apresentações de outono. O boca a boca dos fotógrafos passou de Paris para Milão e de Milão para Nova York. O mundo da moda inteiro

queria saber o nome desta misteriosa beldade francesa de cabelos pretos como um corvo.

Jacqueline Delacroix.

Como as coisas eram diferentes agora. O trabalho de qualidade começara a abrandar quando fez vinte e seis anos, mas agora, que tinha trinta e três, os bons trabalhos tinham secado. Ainda recebia algum trabalho nas passarelas em Paris e Milão, no Outono, mas apenas com estilistas de segundo plano. Ainda conseguia o ocasional anúncio de lingerie — Não há nada de errado com as tuas mamas, gostava de dizer Marcel —, mas fora forçado a alugá-la para diferentes tipos de sessões fotográficas. Tinha acabado de fazer uma sessão para uma cervejaria alemã, na qual se fazia passar pela atraente mulher de um homem de meia-idade bem-sucedido.

Marcel avisara que iria acontecer assim. Dissera-lhe para poupar o dinheiro, para se preparar para uma vida depois das passagens de modelos. Jacqueline nunca se dera a esse trabalho. Tinha partido do princípio de que o dinheiro continuaria a jorrar para sempre. Às vezes, tentava lembrar-se para onde fora todo. As roupas. As casas para dormir em Paris e Nova York. As férias extravagantes com as outras moças no Caribe ou no Sul do Pacífico. A tonelada de cocaína que havia sugado pelo nariz antes de se endireitar. Michel Duval tivera razão numa coisa: ela tinha dormido com um homem para conseguir um trabalho, um editor da Vogue francesa chamado Robert Leboucher. Era um trabalho que atraía atenção e publicidade, e do qual precisava desesperadamente — uma sessão para fatos de banho e roupa de Verão, em Mustique. Podia mudar tudo para si — dar-lhe o dinheiro suficiente para voltar a ter estabilidade financeira, mostrar a toda a gente na indústria que ainda tinha o que era preciso para os trabalhos mais apetecíveis. Pelo menos, por mais um ano, dois, no máximo. E a seguir?

Entrou no prédio de Marcel, enfiou-se no elevador, subiu até o apartamento dele. Quando bateu à porta, esta escancarou-se. Marcel estava ali parado, olhos esbugalhados, boca aberta.

— Jacqueline, minha ternura! Por favor, diz-me que não é verdade. Diz-me que não pontapeaste o Michel Duval nos tomates! Diz-me que ele inventou a história toda!

— Na verdade, Marcel, dei-lhe um pontapé na pila. Ele lançou a cabeça para trás e riu ruidosamente.

— Tenho certeza de que foste a primeira mulher que alguma vez fez isso. É para o sacana aprender. Quase destruiu a Claudette. Lembras-te do que ele lhe fez? Coitadinha. Tão linda, tanto talento.

Puxou os lábios para baixo, soltou um resfolego gaulês de desaprovação, pegou-lhe na mão e puxou-a para dentro. Um instante depois, estavam a beber vinho no sofá da sua sala de estar, o zumbido do trânsito do fim de tarde a correr por entre as janelas abertas. Marcel acendeu-lhe o cigarro e apagou com destreza o fósforo, agitando-o. Vestia calças de ganga azuis justas e desbotadas, mocassins pretos e uma camisola de gola alta cinzenta. O cabelo cinzento, que estava a enfraquecer, estava cortado muito curto. Tinha feito um novo lifting recentemente; os olhos azuis pareciam estranhamente grandes e salientes, como se estivesse constantemente surpreendido. Ela pensou naqueles dias tão longínquos, quando Marcel a trouxera para este apartamento e a preparara para a vida à sua frente. Sempre se sentira segura neste sítio. — Então com que tipo de idiotice Michel veio agora?

Jacqueline descreveu a sessão, não omitindo nada. Havia poucos segredos entre eles. Quando terminou, Marcel disse:

Provavelmente, não lhe devias ter dado um pontapé. Está a ameaçar com um processo.

— Que tente. Todas as moças que coagiu a ter sexo irão testemunhar no julgamento dele. Vai destruí-lo.

— O Robert Leboucher ligou-me há uns minutos, antes de chegares. Está a tentar desistir de Mustique. Diz que não consegue trabalhar com uma mulher que dá pontapés nos fotografos.

— As notícias correm depressa neste negócio.

— Sempre correram. Acho que consigo convencer Robert a ter bom senso.

Marcel hesitou, depois acrescentou: — Isto é, se quiser que o faça.

— Claro que quero.

— Tem certeza, Jacqueline? Tem certeza de que ainda sabe o que é preciso para este tipo de trabalho?

Deu um gole grande no vinho, encostou a cabeça ao ombro de Marcel.

— Na verdade, não tenho bem certeza.

— Faz um favor, querida. Vai para sua casa, no Sul, por uns dias. Ou faz uma daquelas viagens longas como costumava fazer. Aquelas sobre as quais era tão misteriosa. Descanse um pouco. Desanuvie a cabeça. Pense seriamente. Vou tentar convencer Robert a ter bom senso. Mas você tem que decidir se isso é mesmo o que quer.

Fechou os olhos. Talvez fosse hora de sair enquanto ainda tinha uma réstia de dignidade.

— Tem razão — disse. — Vai me fazer bem assar uns dias no campo. Mas quero que ligue para o imbecil do Robert Leboucher, agora mesmo, e diga que espera que cumpra a palavra em relação à sessão Mustique.

— E se não o conseguir?

— Diga que lhe dou um pontapé nas bolas.

Marcel sorriu.

— Jacqueline, querida, sempre gostei do seu estilo.

BAYSWATER, LONDRES

Fiona Barrows parecia-se muito com o prédio de apartamentos que geria em Sussex Gardens: ampla e atarracada, com uma camada brilhante de tinta que não conseguia esconder o fato de estar a envelhecer e não de uma forma muito graciosa. A curta caminhada do elevador até a entrada do apartamento vago deixou-a ligeiramente sem fôlego. Empurrou a chave para dentro da fechadura com a mão roliça, abriu a porta com um empurrão e um pequeno grunhido.

— Cá estamos nós — cantarolou.

Guiou-o numa curta visita: uma sala de estar mobilada com sofás e cadeiras bastante gastos, dois quartos idênticos com camas de casal e mesinhas-de-cabeceira iguais, uma pequena sala de jantar com uma mesa moderna de vidro colorido de cinzento, uma exígua cozinha de navio com um fogão de dois bicos e um microondas.

Ele regressou à sala de estar, parou em frente da janela, abriu as persianas. Do outro lado da rua estava outro prédio de apartamentos.

— Se quer a minha opinião, não podia pedir uma melhor localização em Londres por este preço — disse Fiona Barrows. — Oxford Street é muito perto e, claro, o Hyde Park fica logo ao virar da esquina. Tem filhos?

— Não, não tenho — respondeu Gabriel, distraído, ainda a olhar para o prédio de apartamentos do outro lado da rua.

Que tipo de trabalho faz, se não me leva a mal perguntar?

— Sou restaurador de arte.

— Quer dizer que arranja quadros antigos?

— Qualquer coisa do gênero.

— Também trata das molduras? Tenho uma moldura antiga no meu apartamento que precisa de uns remendos.

— Receio que só as pinturas.

Ela olhou para ele parado à janela, a contemplar o espaço. Um homem atraente, pensou. Mãos bonitas. Mãos boas eram sexy num homem. Imagine-se, um restaurador de arte aqui mesmo no prédio. Seria bom ter por aqui um toque de classe para variar. Oh, se ainda fosse solteira

— solteira, vinte anos mais nova e nove quilos mais leve. Era um fulano cuidadoso; conseguia ver isso. Um homem que nunca dava um passo sem pensar nele por todos os ângulos. Provavelmente, iria querer ver mais uma dúzia de apartamentos antes de se decidir.

— Então, o que acha?

— É perfeito --respondeu ele para a janela.

— Para quando é que o quer? Gabriel fechou a persiana.

— Imediatamente.

Durante dois dias, Gabriel observou-o.

No primeiro dia, só o viu uma vez — quando se levantou pouco depois do meio-dia e apareceu brevemente à janela, apenas com umas cuecas pretas vestidas. Tinha cabelos escuros e encaracolados, maçãs do rosto angulosas e lábios carnudos. O corpo era magro e levemente musculado. Gabriel abriu o arquivo de Shamron e comparou a cara à janela com a fotografia presa por um clipe à capa de papel manilha. O mesmo homem.

Gabriel podia sentir uma frieza operacional a apoderar-se de si, à medida que estudava a figura à janela. De repente, tudo parecia mais claro e nítido por contraste. Os ruídos pareciam mais altos e mais distintos — a porta de um carro a fechar-se, amantes a discutir no apartamento ao lado, um telefone a tocar sem ser atendido, a sua chaleira para o chá a apitar com força na cozinha. Uma por urna, desligou estas intrusões e concentrou toda a atenção no homem à janela, do outro lado da rua.

Yusef al-Tawfiki, poeta nacionalista palestino meio período, estudante no University College London em meio-período, empregado de um restaurante libanês chamado Kebab Fatory, em Edgware Road, em meio período, agente do exército secreto de Tariq tempo integral.

Uma mão apareceu no abdômen de Yusef: pele clara, luminosa em contraste com a sua tez escura. Uma mão de mulher. Gabriel viu de relance um cabelo louro curto. A seguir, Yusef desapareceu por trás das cortinas.

A moça saiu uma hora mais tarde. Antes de entrar no táxi, olhou para cima, na direção do apartamento, para ver se o amante a estava a observar. A janela estava vazia e as cortinas corridas. Fechou a porta, com um pouco mais de força do que o necessário, e o táxi partiu.

Gabriel fez a primeira avaliação operacional: Yusef não tratava as suas mulheres bem.

No dia seguinte, Gabriel decidiu montar uma vigilância física pouco apertada. Yusef saiu do apartamento ao meio-dia. Vestia uma camisa branca, calças pretas e um casaco de couro preto. Ao pisar o passeio, parou para acender um cigarro e sondar os carros estacionados, à procura de qualquer sinal de vigilância. Apagou o fósforo, agitando-o, e começou a andar na direção de Edgware Road. Cerca de noventa metros depois, parou de repente, voltou-se e regressou à entrada do prédio de apartamentos.

Uma manobra típica de contravigilância, pensou Gabriel. E um profissional. Cinco minutos depois, Yusef estava de volta à rua e a andar na direção de Edgware Road. Gabriel foi à casa de banho, passou gel pelo cabelo curto e pôs uns óculos coloridos de vermelho. A seguir, vestiu o casaco e saiu. Do outro lado da rua, em frente ao Kebab Factory, ficava um restaurante italiano. Gabriel entrou e sentou-se a uma mesa junto à janela. Recordou-se das palestras na Academia. Se estivermos a vigiar um alvo a partir de um café, não devemos fazer coisas que nos façam parecer estar a vigiar um alvo a partir de um café, tais como ficarmos sentados sozinhos durante horas, a fingir estarmos a ler um jornal. Demasiado óbvio. Gabriel transformou-se. Tornou-se Cedric, escritor para uma revista cultural de Paris. Falou inglês com um sotaque francês quase impenetrável. Afirmou estar a trabalhar numa história sobre o porquê de Londres ser tão excitante hoje em dia e Paris tão monótona. Fumou cigarros Gitane e bebeu uma grande quantidade de vinho. Manteve uma conversa entediante com um par de moças suecas na mesa ao lado. Convidou uma delas a ir até o seu quarto de hotel. Quando ela recusou, convidou a outra. Quando ela recusou, convidou as duas. Entornou um copo de Chianti. O gerente, Signor Andriotti, veio até a mesa e avisou Cedric para estar sossegado ou teria de se ir embora.

E, no entanto, durante todo esse tempo, Gabriel estava a vigiar Yusef do outro lado da rua. Vigiou-o enquanto ele lidava com perícia com a multidão do almoço. Vigiou-o quando saiu por momentos do restaurante e subiu a rua até a uma tabacaria que vendia jornais de língua árabe. Vigiou-o enquanto uma moça morena, bonita, anotou o número de telefone nas costas de um guardanapo e o enfiou no bolso da camisa dele para não se perder. Vigiou-o enquanto mantinha uma longa conversa com um árabe de ar vigilante. Na verdade, no momento em que Gabriel despejava o Chianti, estava a memorizar a marca e a matrícula do Nissan do árabe. E enquanto

afastava o exasperado Signor Andriotti, estava a vigiar Yusef a falar ao telefone. Com quem estava a falar? Uma mulher? Um primo em Ramallah? O seu controlador?

Passada uma hora, Gabriel decidiu que já não era sensato permanecer no café. Pagou a conta, deixou uma gorjeta generosa e pediu desculpas pelo comportamento grosseiro. Signor Andriotti guiou-o até a porta e fê-lo sair gentilmente. Nessa noite, Gabriel estava sentado na cadeira junto à janela, à espera de que Yusef regressasse a casa. A rua brilhou com o trem da noite. Uma moto passou em alta velocidade, um rapaz a conduzir, uma moça à pendura, a implorar-lhe para abrandar. Provavelmente nada, mas tomou nota disso no livro de registos, juntamente com a hora: onze e um quarto.

Estava com dor de cabeça devido ao vinho. O apartamento já o começava a deprimir. Quantas noites tinha passado assim? Sentado num estéril apartamento seguro do Escritório ou num manhoso quarto arrendado, a vigiar, a aguardar. Ansiava por algo lindo, por isso enfiou um disco compacto de La Bohème na aparelhagem portátil aos seus pés e reduziu o volume até a um sussurro. Trabalho de espionagem é paciência, Shamron sempre o dissera. Trabalho de espionagem é tédio.

Levantou-se, foi até a cozinha, tomou aspirina para a dor de cabeça. Na porta ao lado, uma mãe e uma filha começaram a discutir num árabe com sotaque libanês. Um copo partiu-se, depois outro, uma porta bateu com força, uma correria lá fora no corredor.

Gabriel voltou a sentar-se e fechou os olhos, e um momento depois estava de volta ao Norte de África, doze anos atrás.

Os botes de borracha chegaram à costa com a rebentação suave em El Oued. Gabriel saltou para a água quente e a dar pelas canelas e puxou o bote para a areia. O grupo de comandos Sayaret seguiram-no ao longo da praia, as armas ao seu lado. Algures, um cão ladrava. O cheiro de fumaça de madeira e carne grelhada pairava no ar. A moça estava à espera ao volante de um micro-ônibus Volkswagen. Quatro dos comandos entraram no Volkswagen com Gabriel. O resto enfiou-se num par de vans Peugeot estacionadas por trás do micro-ônibus. Uns segundos mais tarde, os motores começaram a trabalhar em uníssono e partiram velozmente pela noite fresca de Abril.

Gabriel usava um microfone de lábios ligado a um pequeno transmissor no bolso do casaco. O rádio emitia, através de uma onda segura, para um Boeing 707 especialmente equipado e a voar mesmo ao lado da costa tunisina, num corredor aéreo civil, fazendo-se passar por um El Al charter. Se algo corresse mal, podiam abortar a missão em segundos.

— A Mãe chegou bem — murmurou Gabriel.

Soltou o botão para falar e ouviu as palavras:

— Continuem até a casa da Mãe.

Gabriel segurou a Beretta entre os joelhos durante o percurso e fumou devido aos nervos. A moça manteve as duas mãos no volante, os olhos fixos nas ruas escurecidas. Era alta, mais alta do que Leah, com olhos pretos e uma juba de cabelo escuro segura por um simples gancho prateado na nuca. Sabia o caminho tão bem quanto Gabriel. Quando Shamron enviou Gabriel para Túnis para estudar o alvo, a moça tinha ido consigo efeito passar-se por sua mulher. Gabriel esticou-se e apertou-lhe o ombro gentilmente enquanto conduzia. Os músculos estavam rígidos.

— Relaxa — disse suavemente, e ela sorriu por um breve instante e soltou um longo suspiro. — Estás a ir muito bem.

Entraram em Sidi Boussaid, um subúrbio abastado de Túnis não muito longe do mar, e estacionaram à entrada da vivenda. Os Peugeotts pararam atrás deles. A moça desligou o motor. Doze e quinze. Exatamente na hora prevista.

Gabriel conhecia a casa de férias tão bem quanto a sua casa. Estudara-a e fotografara-a de todas as posições privilegiadas possíveis e imagináveis, durante a operação de vigilância. Tinham construído uma réplica perfeita no Negev, onde ele e o resto da equipe ensaiaram o ataque inúmeras vezes. Durante a sessão final, conseguiram levar a cabo a missão em vinte e dois segundos.

— Chegamos à casa da Mãe — Gabriel murmurou ao rádio. — Façam uma visita à Mae. Gabriel voltou-se e disse:

— Vamos.

Abriu a porta do micro-ônibus e atravessou a rua, a andar velozmente, não a correr. Conseguia escutar os passos silenciosos do grupo Sayaret atrás de si. Gabriel inspirou várias vezes para tentar baixar o ritmo cardíaco. A casa de férias pertencia a Khalil el-Wair, mais conhecido por

Abu Jihad, chefe de operações da OLP e o tenente de maior confiança de Yasser Arafat.

Logo aporta da casa de férias, o motorista de Abu Jihad estava a dormir atrás do volante de um Mercedes, um presente de Arafat. Gabriel enfiou a ponta da Beretta com silenciador no ouvido do motorista, puxou o gatilho, continuou a andar.

A entrada para a casa de férias, Gabriel afastou-se enquanto um par de comandos Sayaret prendiam um plástico silencioso especial à porta pesada.

O explosivo detonou, emitindo menos som do que um bater de palmas, e a porta explodiu. Gabriel liderou o grupo pelo hall de entrada adentro, a Beretta nas mãos estendidas.

Um segurança tunisino apareceu. Enquanto procurava sacar da arma, Gabriel alvejou-o por diversas vezes no peito.

Gabriel debruçou-se sobre o moribundo e disse.

— Diga onde ele está e não te dou um tiro no olho.

Mas o segurança limitou-se a soltar um esgar de dor e não respondeu.

Gabriel deu-lhe dois tiros na cara.

Subiu as escadas, enfiando um carregador novo na Beretta enquanto andava, e dirigiu-se até o estúdio onde Abu Jihad passava a maior parte das noites a trabalhar. Irrompeu pela porta e encontrou o palestino sentado à frente de uma televisão, a ver notícias da intifada, que estava a ajudar a dirigir a partir de Tunes. Abu Jihad tentou chegar a uma pistola. Gabriel avançou enquanto disparava, tal como Shamron o treinara para fazer. Dois dos disparos atingiram Abu Jihad no peito. Gabriel debruçou-se sobre ele, empurrou-lhe a arma contra a têmpora e disparou mais duas vezes. O corpo agitou-se num espasmo de morte.

Gabriel precipitou-se para fora da sala. No corredor, estava a mulher de Abu Jihad, a apertar o filho pequeno nos braços, e a sua filha adolescente. Fechou os olhos e agarrou o menino com mais força, à espera de que Gabriel a matasse.

— Volte para seu quarto! — gritou ele em árabe. Depois voltou-se para a filha:

— Vai e cuide de sua mãe.

Gabriel escapuliu da casa, seguido pelo grupo Sayaret inteiro.

Amontoaram-se no micro-ônibus e nos Peugeots e partiram a toda a velocidade. Atravessaram Sidi Boussaid, de volta até Rouad, onde abandonaram os veículos na praia e subiram para os botes. Um instante depois, estavam a acelerar pela superfície negra do Mediterrâneo, em direção às lues de um barco-patrolha israelense que aguardava.

— Três segundos, Gabriel! Fizeste-o em três segundos!

Era a moça. Esticou-se para o tocar, mas ele recuou. Viu as lues do barco a aproximarem-se. Olhou para o céu preto, à procura do avião de comando, mas viu apenas uma Lua fina e uma chuva de estrelas. A seguir, viu os rostos da mulher e dos filhos de Abu Jihad, a olhar fixamente para ele, com ódio ardendo nos olhos,

Jogou a Beretta para o mar e começou a tremer.

A discussão na porta ao lado tinha acalmado. Gabriel queria pensar em algo sem ser Túnis, por isso imaginou estar a velejar na sua chalupa por Helford Passage, a caminho do mar. Depois pensou no Vecellio, despido de verniz sujo, os estragos de séculos à mostra. Pensou em Peel e, pela primeira vez nesse dia, pensou em Dani. Lembrou-se de estar a puxar o que restava do seu corpo dos destroços flamejantes do carro em Viena, de verificar se, de algum modo, teria sobrevivido, de agradecer a Deus por ter morrido depressa e não ter sobrevivido com um braço e uma perna e metade da cara.

Levantou-se e andou pelo quarto, a tentar fazer com que a imagem desaparecesse, e, por alguma razão, deu por si a pensar na mãe de Peel. Várias vezes, durante a estadia em Port Navas, tinha dado por si a fantasiar com ela. Começava sempre do mesmo modo. Davam de caras um com o outro na aldeia e ela anunciava de forma espontânea que Derek tinha saído para uma longa caminhada pelo Lizard, para tentar emendar o segundo ato.

— Vai demorar horas — dizia. — Quer ir lá a casa tomar um chá?

Respondia que sim, mas em vez de servir chá, ela levava-o até lá acima, para a cama de Derek, e deixava-o descarregar nove anos de abstinência autoimposta no seu corpo flexível. A seguir, ficava deitada com a cabeça no estômago dele, o cabelo úmido espalhado ao longo do peito dele.

— Não és mesmo um restaurador de arte, pois não? — perguntava na fantasia. E Gabriel contava-lhe a verdade:

Mato pessoas para o governo de Israel. Matei Abu Jihad à frente da mulher e dos filhos. Matei três pessoas em treze segundos nessa noite. O primeiro-ministro deu-me uma medalha por isso. Já tive uma mulher e um filho, mas um terrorista pôs uma bomba por baixo do carro deles porque tive um caso com a minha bat leveyha em Túnis.

E a mãe de Peel corria para fora do chalé a gritar, o corpo enrolado num lençol branco, o lençol manchado com o sangue de Leah.

Regressou à cadeira e esperou por Yusef. O rosto da mãe de Peel tinha sido substituído pelo rosto da Virgem Maria de Vecellio. Para ajudar a preencher as horas livres, Gabriel mergulhou um pincel imaginário num pigmento imaginário e curou com ternura a sua bochecha ferida.

Yusef chegou a casa às 3 horas da manhã. Estava uma moça consigo, a moça que lhe tinha dado o número de telefone naquela tarde no restaurante. Gabriel observou-os a desaparecer pela entrada da frente. Lá em cima, no apartamento, as luzes acenderam-se por breves momentos, antes de Yusef fazer a aparição noturna à janela. Gabriel desejou-lhe uma boa noite enquanto ele desaparecia por trás da cortina. A seguir, deixou-se cair no sofá e fechou os olhos. Hoje tinha observado. Amanhã começaria a escutar.

AMSTERDAM

Três horas mais tarde, uma jovem esbelta chamada Inge van der Hoff saiu de um bar no bairro da luz vermelha e caminhou depressa por uma viela estreita. Saia preta de couro, meias pretas, casaco preto de couro, botas a causar um estardalhaço nos tijolos da viela. As ruas da parte velha ainda estavam escuras, uma neblina leve a cair. Levantou a cara em direção ao céu. A neblina sabia a sal, cheirava ao mar do Norte. Passou por dois homens, um bêbado e um vendedor de haxixe, baixou a cabeça, continuou a andar. O patrão não gostava que voltasse a pé para casa de manhã, mas após uma longa noite a servir bebidas e a repelir os avanços de clientes embriagados, sabia sempre bem ficar sozinha por uns minutos.

De repente, sentiu-se muito cansada. Precisava de dormir. Pensou: Do que eu preciso mesmo é de uma dose. Espero que a Leila se tenha orientado esta noite. Leila... Adorava o som do nome dela. Adorava tudo acerca dela. Tinham-se conhecido duas semanas antes no bar. Leila tinha vindo por três noites consecutivas, sempre sozinha. Ficava durante uma hora, bebia doses de Jenever, uma cerveja Grolsch, umas passas de haxixe, ouvia a música. De cada vez que Inge ia até a mesa dela, conseguia sentir os olhos da moça postos em si. Inge tinha de admitir que gostava. Era uma mulher estonteantemente atraente, com cabelo preto lustroso e grandes olhos castanhos. Por fim, na terceira noite, Inge apresentou-se e começaram a conversar. Leila disse que o pai era um homem de negócios e que ela tinha vivido por todo o mundo. Disse que estava a tirar um ano de descanso dos estudos em Paris, apenas a viajar e a viver a vida. Disse que Amsterdam a encantava. Os canais pitorescos. As casas com empenas, os museus e os parques. Queria ficar por uns meses, ficar a conhecer o sítio. — Onde é que estás a morar? — perguntara Inge.

— Numa pousada da juventude no Sul de Amsterdam. É horrível. Onde é que moras?

— Numa casa flutuante no Amstel.

— Uma casa flutuante! Que maravilha.

— É do meu irmão, mas ele está em Roterdam durante uns meses a trabalhar num grande projeto de construção.

— Estás a oferecer-te para me deixares dormir na tua casa flutuante durante uns dias?

— Estou a oferecer-me para te deixar ficar o tempo que quiseres. Não gosto de chegar a casa e encontrar um lugar vazio.

A alvorada estava a nascer no rio, as primeiras luzes a brilhar nas casas flutuantes alinhadas no dique. Inge andou uma pequena distância ao longo do cais, depois pisou o convés da sua casa. As cortinas estavam corridas sobre as janelas. Atravessou o convés e entrou na cabina. Esperava encontrar Leila a dormir na cama, mas, em vez disso, estava ao fogão a fazer café. No chão, ao seu lado, estava uma mala. Inge fechou a porta, a tentar esconder o desapontamento.

— Telefonei ao meu irmão em Paris a noite passada, enquanto estavas no trabalho — disse Leila. — O meu pai está muito doente. Tenho de ir já para casa, para estar com a minha mãe. Desculpe, Inge.

— Vai estar fora quanto tempo?

— Uma semana, duas, no máximo.

— Vai voltar?

— Claro que vou voltar!

Beijou a bochecha de Inge e passou-lhe uma xícara de café.

— O meu voo parte daqui a duas horas. Sente-se. Preciso falar sobre uma coisa.

Sentaram-se na cabina. Leila disse: — Um amigo meu chega a Amsterdam amanhã. Chama-se Paul. É francês. Estava pensando se podia ficar aqui por alguns dias até arranjar um lugar.

— Leila, não...

— É um bom homem, Inge. Não vai tentar nada com você, se é com isso que está preocupada.

— Sei tomar conta de mim.

— Então vai deixar o Paul ficar por alguns dias?

— Quantos dias são alguns dias?

— Uma semana, talvez.

— E o que recebo em troca?

Leila enfiou a mão no bolso, tirou um pequeno saco de pó branco e segurou-o na frente dela, entre o polegar e o indicador. Inge esticou-se e sacou-o. — Leila, você é um anjo!

— Eu sei.

Inge foi para o quarto e abriu a gaveta de cima da cômoda. Lá dentro, estava o seu kit: caixa de seringas, vela, colher, tubo de borracha para amarrar em volta do braço. Preparou a droga enquanto Leila arrumava as últimas coisas. Introduziu a droga na seringa e enfiou com cuidado a agulha numa veia no braço esquerdo.

Um momento depois, o corpo foi invadido por uma sensação intensamente agradável de dormência. E a última coisa de que se lembrou, antes de ficar inconsciente, foi da visão de Leila, a sua amante linda, a sair pela porta fora e a pairar pelo cais da casa flutuante.

BAYSWATER, LONDRES

Randall Karp, anteriormente do Escritório de Serviços Técnicos, em Langley, Virgínia, nos últimos tempos da dubiamente apelidada Clarendon International Security, em Mayfair, Londres, chegou ao apartamento de Gabriel em Sussex Gardens nos momentos tranquilos que antecedem a alvorada. Vestia um pulôver de lã para se proteger do frio matinal, calças de ganga azul-claras e sandálias de camurça a combinar com as meias grossas de lã de um amante do ar livre. Nas extremidades de cada um dos braços, parecidos com os de uma aranha, estava um saco de lona, um com o seu kit, o outro com as ferramentas do ofício. Pousou os sacos na sala de estar com um ar de contentamento discreto e apreciou o ambiente.

— Gosto do que fizeste com o sítio, Gabe.

Falava com o sotaque monótono do Sul da Califórnia e, desde que Gabriel o vira pela última vez, deixara crescer um rabo-de-cavalo para compensar a calvície que alastrava rapidamente.

— Até tem o cheiro certo. O que é? Caril? Cigarro? Um pouco de leite estragado? Acho que vou gostar daqui.

— Estou muito satisfeito.

Karp dirigiu-se para a janela.

— Então, onde é que está o nosso rapaz?

— Terceiro andar, diretamente em cima da entrada. Cortinas brancas.

— Quem é ele?

— É um palestino que deseja fazer mal ao meu país.

— Era capaz de chegar até aí sozinho. Pode desenvolver? Hamas? Hezbollah? Jihad Islâmica?

Mas Gabriel não disse nada e Karp percebeu que não devia insistir. Karp era um consumado técnico de som, e os técnicos estavam acostumados a trabalhar apenas com metade da informação. Tinha atingido um estatuto lendário dentro da comunidade dos serviços secretos ocidental por ter monitorado, com sucesso, um encontro entre um russo e um agente em Praga, ao prender um microfone na coleira do cão do russo. Gabriel conhecera-o em Chipre, durante uma operação de vigilância

conjunta entre americanos e israelenses a um agente líbio. A seguir à operação, por sugestão de Shamron, Gabriel alugou um iate e levou Karp a velejar à volta da ilha. A destreza náutica de Karp era tão boa quanto o trabalho de vigilância e, durante os três dias de cruzeiro, construíram uma ligação profissional e pessoal.

— Por que eu, Gabe? — perguntou Karp. — Seus rapazes têm os melhores brinquedos do ramo. Coisas lindas. Porque é que precisas de um forasteiro como eu para fazer um trabalho simples como este?

— Porque os nossos rapazes ultimamente não têm sido capazes de fazer um trabalho como este sem se queimarem.

— Pois, li que não. Preferia não acabar na cadeia, Gabe, se me estás a entender. — Ninguém vai para a cadeia, Randy. Karp voltou-se e contemplou a janela. — Então é o rapaz do outro lado da rua? Vai para a cadeia ou tens outros planos para ele?

— O que é que estás a perguntar?

— Estou a perguntar se este vai acabar numa viela, cheio de buracos de balas de calibre vinte e dois. As pessoas têm o hábito esquisito de acabarem mortas sempre que apareces.

— É um trabalho de vigilância puro e simples. Quero saber com quem estás a falar, o que estás a dizer. O habitual.

Karp dobrou os braços e estudou os ângulos.

É um profissional?

— Parece ser bom. Muito disciplinado na rua.

— Podia tentar apontar para o vidro da janela, mas se é um profissional, vai tomar medidas reativas e fazer-nos a vida num inferno. Além disso, o laser não é muito discriminativo. Lê as vibrações do vidro e converte-as em som. O trânsito faz o vidro vibrar, o vento, os vizinhos, o leitor de CD dele.

Não é a melhor maneira de o fazer. — O que é que queres fazer?

— Podia apanhar o telefone dele desde a caixa de interface dos assinantes.

— Interface dos assinantes?

Karp levantou a mão e apontou em direção ao prédio de apartamentos. — Aquela caixa de metal na parede logo ali à esquerda da entrada. É aí que as linhas da British Telecom entram no edifício. A partir daí, as linhas estendem-se para os assinantes individuais. Podia pôr uma

simples escuta na linha dele ali mesmo. Transmitiria um sinal analógico e conseguiríamos ouvir as conversas telefônicas a partir daqui, com um rádio FM normal.

- Também preciso de cobertura das salas.
- Se quer uma boa cobertura das salas, vai ter que entrar no apartamento.
- Então entramos no apartamento. !
- É assim que as pessoas vão parar na cadeia, Gabe.
- Ninguém vai para a cadeia.
- O nosso rapaz tem computador?
- Presumo que sim. É estudante meio período.
- Podia plantar uma Tempestade.
- Desculpa, Randy, mas estive fora do jogo por alguns anos.
- É um sistema que foi desenvolvido por um cientista holandês chamado Van Eyck. O computador comunica com o monitor transmitindo sinais pelo cabo. Esses sinais têm frequência e podem ser captados por um receptor devidamente sintonizado. Se estiver fazendo negócios no computador, podemos vigiá-lo a partir daqui. Será como estar por cima do ombro dele enquanto trabalha.
- Faz isso — disse Gabriel. — Também quero o telefone de trabalho.
- Onde ele trabalha?
- Num restaurante em Edgware Road.
- Uma escuta nunca será capaz de transmitir de Edgware Road até aqui. A perda durante o caminho é muito grande. Vou precisar instalar um repetidor, um ponto para um interruptor eletromagnético entre o restaurante e aqui, para aumentar o sinal.
- Do que precisa?
- De um veículo qualquer.
- Um carro serve?
- Um carro será ótimo.
- Arranjo um hoje.
- Limpo?
- Limpo.
- Vai arranjar com um dos teus ajudantezinhos?
- Não te preocupes com a forma como vou arranjar.

— Mas, por favor, não o roube. Não quero guiar um carro procurado.

Nesse momento, Yusef apareceu à janela e iniciou a inspeção matinal da rua embaixo.

— Então aquele é o nosso homem? — perguntou Karp.

— É ele.

— Diz-me uma coisa, Gabe. Exatamente como é que estás a planejar entrar no apartamento?

Gabriel olhou para Karp e sorriu. — Ele gosta de moças.

Às duas horas da manhã seguinte, Gabriel e Karp entraram furtivamente na viela por trás do Kebab Fatory. Para chegar à caixa de interface dos assinantes, Karp teve de se equilibrar em cima de um caixote de lixo grande, ondulado e cheio de lixo a apodrecer. Forçou a fechadura, abriu a portinha e, durante dois minutos, trabalhou em silêncio, sob o feixe fraco da luz de uma caneta segura entre os dentes da frente.

Gabriel ficou de guarda em baixo, com a atenção concentrada na entrada da viela. — Falta muito? — murmurou.

— Um minuto, se te calares. Dois, se insistires em falar comigo. Gabriel voltou a olhar para baixo e avistou dois homens com casacos de couro a andar na sua direção. Um pegou numa garrafa e partiu-a contra uma parede. O amigo quase caiu de riso.

Gabriel afastou-se uns centímetros de Karp, encostou-se a uma parede e fingiu estar doente. Os dois homens acercaram-se. O maior agarrou-lhe o ombro. Tinha uma cicatriz branca em relevo ao longo da bochecha direita e tresandava a cerveja e a uísque. O outro sorriu de forma estúpida, a mostrar os dentes. Era magro e tinha rapado a cabeça. A pele clara brilhava na luz fraca da viela. — Por favor, não quero problemas — disse Gabriel, num inglês com sotaque francês. — Só estou doente. Bebi demais, sabe?

— Um francês dos diabos — cantarolou o careca. — E tem ar de maricas, também.

— Por favor, não quero problemas — repetiu Gabriel. Levou a mão ao bolso, tirou várias notas amarrotadas de vinte libras e estendeu-as.

— Pronto, levem o dinheiro. Mas me deixem em paz.

Mas o grande com a cicatriz arrancou o dinheiro da mão de Gabriel com uma chapada. A seguir, recuou o punho e lançou um soco violento em

arco na direção da cabeça de Gabriel.

Dez minutos mais tarde, estavam de volta ao apartamento. Karp estava sentado em frente ao equipamento na mesa da sala de jantar. Pegou num celular e ligou para o restaurante. Enquanto a chamada estava a tocar, pousou o telefone e aumentou o volume do receptor. Conseguia ouvir uma mensagem gravada a dizer que o Kebab Fatory estava fechado e não voltaria a abrir até as onze e trinta do dia seguinte. Marcou o número outra vez e mais uma vez conseguiu ouvir a mensagem pelo receptor. A escuta e o repetidor estavam a funcionar na perfeição.

Enquanto guardava as ferramentas, pensou na contribuição de Gabriel para o trabalho daquela noite. Durara precisamente três segundos, pelos cálculos de Karp. Não viu nada — a sua atenção tinha permanecido fixada no trabalho —, mas ouvira tudo. Tinha havido quatro golpes duros. O último foi o mais cruel. Karp ouvira sem sombra de dúvida ossos a partirem-se. Tinha olhado para baixo apenas depois de terminar a instalação e fechar a caixa. Nunca mais iria esquecer a visão: Gabriel Allon, a debruçar-se sobre cada uma das vítimas, a verificar-lhes a garganta com suavidade, à procura de pulso, certificando-se que não os tinha matado.

Na manhã seguinte, Gabriel saiu para comprar o jornal. Percorreu a caminho até Edgware Road sob um chuvisco fraco e comprou um exemplar do The Times numa banca. Aconchegou o jornal dentro do casaco e caminhou pela rua até a um pequeno mercado. Lá, comprou cola, tesouras e um segundo exemplar do The Times. Karp ainda estava a dormir quando Gabriel regressou ao apartamento. Sentou-se à mesa com duas folhas de papel simples à frente. No cimo de uma página, escreveu a autorização de segurança — top secret — e o destinatário — Rom, o nome de código para o chefe.

Durante quinze minutos, Gabriel escreveu, a mão direita a rabiscar ritmicamente ao longo da página, a esquerda encostada à têmpora. A prosa era concisa e econômica, como Shamron gostava.

Quando terminou, pegou num exemplar do The Times, abriu na página oito e recortou com cuidado um anúncio grande a uma cadeia de lojas de roupa para homens. Deitou fora o resto do jornal, depois pegou no segundo exemplar e abriu-o na mesma página. Colocou o relatório por cima do anúncio, depois colou o recorte por cima do relatório. Dobrou o

jornal e enfiou-o no bolso lateral de um pequeno saco de viagem preto. Depois vestiu um casaco, pôs a mala ao ombro e saiu.

Andou até Marble Arch e entrou no metro. Comprou um bilhete na máquina automática e antes de passar pelos torniquetes fez um telefonema curto. Quinze minutos mais tarde, chegou a Waterloo.

O *bodel* de Shamron estava à espera num café no terminal de bilhetes Eurostar, a segurar um saco de compras de plástico com o nome de um cigarro americano. Gabriel sentou-se na mesa ao lado, a beber chá e a ler o jornal. Quando terminou o chá, levantou-se e foi embora, deixando o jornal para trás. O *bodel* enfiou-o no saco de compras e partiu na direção oposta.

Gabriel aguardou no terminal que o seu trem fosse chamado. Dez minutos mais tarde, embarcou no Eurostar para Paris.

AMSTERDAM

A elegante casa no canal ficava no Herengracht, na Curva Dourada do Anel Central do Canal de Amsterdam. Era alta e ampla, com grandes janelas com vista para o canal e uma empena elevada. O proprietário, David Morgenthau, era o multimilionário presidente da Optique, um dos maiores fabricantes do mundo de óculos de designer. Era também um sionista fervoroso. Ao longo dos anos, tinha dado milhões de dólares a obras de caridade israelenses e investido ainda mais milhões em negócios israelenses. Americano de origem judia-holandesa, Morgenthau estivera nas direções de várias organizações judaicas nova-iorquinas e era visto como um falcão no que dizia respeito a assuntos da segurança israelense. Ele e a mulher, Cynthia, uma designer de interiores nova-iorquina de renome, visitavam a sua casa em Amsterdam com regularidade e precisão, duas vezes por ano — uma vez no Verão, a caminho da vivenda à saída de Cannes, e uma vez mais no Inverno, para as férias.

Tariq estava sentado num café do outro lado do canal, a beber chá doce quente. Sabia outras coisas acerca de David Morgenthau

— coisas que não apareciam nas páginas de sociedade ou nas revistas de negócios do mundo. Sabia que Morgenthau era amigo íntimo do primeiro-ministro israelense, que tinha feito certos favores a Ari Shamron e que em tempos servira de elo de ligação secreto entre o governo israelense e a OLP. Por todas essas razões, Tariq ia matá-lo.

Leila preparara um relatório de vigilância pormenorizado durante a estada em Amsterdam. David e Cynthia Morgenthau saíam todas as manhãs de casa para visitar museus ou ir patinar no gelo para o campo. Durante o dia, a única pessoa que ficava em casa era a empregada, uma moça holandesa.

Isto vai ser muito fácil.

Um Mercedes com motorista travou a fundo à porta da casa. Tariq olhou para o relógio: quatro horas da tarde, mesmo na hora. Um homem alto e de cabelo grisalho saiu do carro. Vestia uma camisola grossa e pesada calça de tecido canelado e carregava dois pares de patins no gelo.

Um momento depois, saiu uma mulher atraente, vestida com umas calças justas de lã preta e um pulôver.

Ao entrarem na casa, o Mercedes arrancou.

Tariq deixou uns quantos florins em cima da mesa e saiu.

A neve caía sobre o Herengracht, enquanto se deslocava lentamente em direção à casa flutuante no Amstel. Um par de ciclistas passaram a deslizar de forma silenciosa, deixando faixas de preto na neve recente. O anoitecer numa cidade estrangeira fazia-o sempre ficar melancólico. Luzes a acenderem-se, escritórios a esvaziarem-se, bares e cafés a encherem lentamente. Através das janelas amplas das casas do canal, conseguia ver pais a voltar a casa e aos filhos, maridos a voltar a casa e às mulheres, amantes a reunirem-se, luzes calorosas a trabalhar. Vida, pensou. A vida de outra pessoa, a terra natal de outra pessoa.

Pensou no que Kemel lhe tinha contado durante o encontro no trem. A antiga nêmesis de Tariq, Gabriel Allon, fora trazida de volta para ajudar Ari Shamron a encontrá-lo. A notícia não o preocupou. Na realidade, recebeu-a com prazer. Ia tornar as próximas semanas ainda mais doces. Imagine-se, destruir o suposto processo de paz e acertar contas com Gabriel Allon, tudo ao mesmo tempo... Matar Allon não seria fácil, mas enquanto vagueava ao longo das margens do Herengracht, percebeu que já tinha uma vantagem clara sobre o seu oponente. O simples fato de saber que Allon estava algures por aí à sua procura dava vantagem a Tariq. O caçador tem de vir até a presa para desferir o golpe mortal. Se Tariq jogasse bem o jogo, podia atrair Allon a uma armadilha. E depois matá-lo, como ele matou Mahmoud.

Os serviços secretos têm duas formas essenciais de tentar apanhar um terrorista. Podem utilizar a sua tecnologia superior para interceptar as comunicações do terrorista, ou podem penetrar na organização deste, introduzindo um espião ou convencendo um agente ativo a trocar de lado. Tariq e Kemel tinham cuidado com o modo como comunicavam. Evitavam os telefones e a Internet sempre que possível e utilizavam em vez disso os correios. Como o idiota que o Kemel enviou a Samos! Não, não seriam capazes de localizá-lo interceptando suas comunicações, por isso teriam que tentar penetrar no seu grupo. Era difícil para uma agência de espionagem penetrar em qualquer grupo terrorista, mas seria ainda mais difícil na de Tariq. A organização era pequena, muito unida e muito móvel.

Eram dedicados à luta, muito bem treinados e intensamente leais. Nenhum dos seus agentes o trairia aos judeus.

Tariq podia utilizar isto como vantagem. Tinha dado instruções a Kemel para contatar todos os agentes e lhes dar uma simples instrução. Se algum reparasse em algo fora do normal — tal como vigilância ou uma abordagem de um estranho —, devia-o comunicar de imediato. Se Tariq conseguisse estabelecer que os serviços secretos israelenses estavam envolvidos, seria de imediato transformado de presa em caçador.

Pensou numa operação que havia conduzido enquanto ainda estava com a Jihaz el-Razd, o braço de espionagem da OLP. Tinha identificado um agente do Escritório a trabalhar com cobertura diplomática a partir da Embaixada israelense em Madrid. O funcionário conseguira recrutar diversos espões no interior da OLP e Tariq decidira que era altura de se vingar. Enviou um palestino para Madrid, fazendo-o passar por desertor. O palestino encontrou-se com o funcionário israelense dentro da embaixada e prometeu entregar informação sensível sobre os líderes da OLP e os seus hábitos. De início, o israelense recusou. Tariq tinha-o previsto, por isso dera ao agente vários pedaços de informação verdadeira e relativamente inofensiva — tudo coisas que os israelenses já sabiam. O israelense acreditou que estava a lidar com um verdadeiro desertor e concordou em encontrar-se com o palestino uma segunda vez, num café, uma semana mais tarde. Mas desta vez Tariq viajou para Madrid. Entrou no café à hora combinada, disparou dois tiros na cara do funcionário e saiu calmamente.

Chegou ao rio e andou uma pequena distância ao longo do dique, até chegar à casa flutuante da moça. Era um sítio deprimente — sujo, cheio de acessórios para drogas e sexo — mas um lugar perfeito para se esconder enquanto planeava o ataque. Atravessou o convés coberto pela neve recente, e entrou na cabina muito fria. Tariq ligou um abajur e a seguir ligou o pequeno aquecedor elétrico. Conseguia ouvir a moça a mexer-se no quarto, por baixo dos cobertores. Era um farrapo patético, nada como a moça com quem tinha ficado em Paris. Ninguém iria sentir falta desta quando desaparecesse.

Virou-se e olhou para ele através das madeixas do cabelo loiro fino e seco. — Onde é que estiveste? Estava preocupada contigo.

— Fui só andar um pouco. Adoro andar nesta cidade, especialmente quando está a nevar.

— Que horas são?

— Quatro e meia. Não devias estar a sair da cama?

— Só tenho de sair daqui a uma hora.

Tariq preparou-lhe uma caneca de Nescafé e levou-a até o quarto. Inge virou-se e apoiou-se no cotovelo. O cobertor caiu-lhe pelo corpo abaixo, expondo-lhe os seios. Tariq entregou-lhe o café e desviou o olhar. A moça bebeu o café, os olhos a olhar para ele por cima da asa da caneca. Perguntou:

— Alguma coisa errada?

— Não, nada.

— Porque é que desviaste o olhar?

Sentou-se e afastou os cobertores. Ele queria dizer que não, mas temeu que ela pudesse ficar com suspeitas de um francês que resistisse aos avanços de uma moça atraente. Por isso, ficou parado à borda da cama e deixou-a despi-lo. Uns momentos mais tarde, enquanto explodia dentro dela, não pensava na moça mas sim em como iria finalmente matar Gabriel Allon.

Deixou-se ficar na cama muito tempo depois de ela ter saído, a ouvir os sons dos barcos a moverem-se pelo rio. A dor de cabeça veio uma hora mais tarde. Agora vinham com mais frequência três, às vezes quatro por semana. O médico avisara-o de que se iria passar assim. A dor foi intensificando devagar e quase perdeu os sentidos com ela. Colocou uma toalha fresca e úmida na cara. Analgésicos, não. Entorpeciam seus sentidos, faziam-no dormir um sono demasiado pesado e provocavam-lhe a sensação de estar a cair vertiginosamente para trás, por um abismo abaixo. Por isso, deixou-se ficar sozinho na cama da moça holandesa, numa casa flutuante no rio Amstel, a sentir-se como se alguém lhe estivesse a despejar chumbo fundido no crânio através das órbitas.

VALBONNE, PROVENÇA

A manhã estava límpida e fria, a luz do Sol a inundar as colinas. Jacqueline vestiu umas calças de ciclista de camurça e uma camisola de lã e enfiou o cabelo comprido debaixo de um capacete azul-escuro. Pôs uns óculos de sol de ciclista e estudou a aparência ao espelho. Parecia um homem muito bonito, o que era a sua intenção. Fez alongamentos no chão do quarto, depois desceu até o hall de entrada, onde a sua bicicleta de corrida Bianchi estava encostada a uma parede. Empurrou a bicicleta pela porta da frente e guiou-a pelo caminho de cascalho. Um instante mais tarde, estava a deslizar através das sombras frias, pela colina comprida e suave abaixo, na direção da aldeia.

Deslizou por Valbonne e fez a subida comprida e contínua em direção a Ópio, o ar frio a queimar-lhe as bochechas. Pedalou devagar e a um ritmo regular durante os primeiros quilômetros, enquanto os músculos aqueciam. A seguir pôs uma mudança acima e aumentou a cadência do pedalar. Pouco depois, estava a voar pela estrada estreita, a cabeça para baixo, as pernas a bombear como pistões. O cheiro a alfazema pairava no ar. Ao seu lado, uma plantação de oliveiras descia por uma encosta em socalcos. Saiu debaixo das sombras das oliveiras e chegou a uma planície com a luz do sol quente. Um momento depois, pôde sentir o primeiro suor por baixo da camisola.

A meio do caminho, verificou o tempo: só trinta segundos a mais do que o seu melhor. Nada mau para uma manhã fria de dezembro. Contornou uma rotunda, pôs uma mudança abaixo e começou a subir uma colina longa e íngreme. Uns momentos mais tarde, a respiração estava ruidosa e ofegante e as pernas a arder — demasiados cigarros de um raio! — mas forçou-se a continuar sentada e a avançar pesadamente pela longa colina. Pensou em Michel Duval: Porco! A uns noventa metros do cume, levantou-se do selim, pressionando os pés com fúria nas correias, gritando consigo mesma para continuar e não ceder à dor. Foi recompensada com uma longa descida. Podia ter-se deixado ir, mas em vez disso bebeu um gole rápido e fez um sprint pela colina abaixo. Ao entrar novamente em

Valbonne, olhou para o relógio. Um novo recorde pessoal por uma diferença de quinze segundos. Obrigada, Michel Duval.

Saiu de cima da bicicleta e empurrou-a pelas ruas silenciosas da povoação antiga. Na praça central, apoiou a bicicleta contra um pilar, comprou um jornal e ofereceu a si mesma um croissant aquecido e uma xícara cheia de café com leite a esquentar. Quando terminou, foi buscar a bicicleta e empurrou-a ao longo de uma rua com sombras.

No final de uma fila de chalés, com vista para o parque de estacionamento da povoação, ficava um edifício comercial. Um letreiro estava pendurado na janela: todo o piso zero estava disponível. Estava livre há meses. Jacqueline pôs as mãos em concha à volta dos olhos e espreitou através do vidro sujo: um espaço aberto e grande, chão de madeira, tecto alto. Perfeito para um estúdio de dança. Tinha uma fantasia. Ia abandonar a carreira de modelo e abrir uma escola de baile em Valbonne. Ia servir as moças locais durante a maior parte do ano, mas em Agosto, quando os turistas inundassem Valbonne para as férias de Verão, abriria a escola aos visitantes. Ia ensinar durante umas horas por dia, andar de bicicleta pelas colinas, beber café e ler no café da praça. Mudar de nome e de imagem. Tornar-se Sarah Halévy outra vez — Sarah Halévy, a moça judia de Marselha. Mas para abrir a escola precisava de dinheiro e para conseguir dinheiro tinha de prosseguir a carreira de modelo. Tinha de voltar a Paris e aturar homens como Michel Duval durante um pouco mais de tempo.

Depois ficaria livre.

Montou a bicicleta e pedalou devagar de regresso a casa. Era uma vivenda bastante pequena, da cor do arenito e com um telhado de telhas vermelhas, escondida por uma fila de imponentes ciprestes. No jardim grande e em socacos, com vista para o vale, alecrim e alfavaca cresciam de modo selvagem entre as oliveiras e as pimentas murchas. No princípio do jardim, estava uma piscina rectangular.

Jacqueline abriu a porta e entrou, encostou a bicicleta no hall de entrada e foi até a cozinha. A luz vermelha do atendedor de chamadas estava a piscar. Carregou no botão de reprodução e fez café enquanto ouvia as mensagens.

Yvonne tinha ligado a convidá-la para uma festa na casa de um jogador de ténis espanhol milionário em Monte Carlo. Michel Duval ligara para pedir desculpas pelo comportamento na sessão fotográfica do outro

dia. A nódoa negra estava a sarar bem. Marcel tinha ligado para dizer que falara com Robert. A sessão em Mustique estava outra vez de pé.

— Partes daqui a três semanas, meu anjo, por isso deixa-te do queijo e da pasta e põe o teu rabo lindo em forma.

Pensou no percurso de bicicleta e sorriu. A cara podia parecer ter trinta e três anos, mas o corpo nunca estivera melhor.

— Ah, já agora, um tipo chamado Jean-Claude passou pelo escritório. Disse que queria falar contigo em pessoa acerca de um trabalho. Jacqueline pousou a cafeteira e olhou para a máquina.

— Disse-lhe que estavas no Sul. Disse que estava a caminho de lá e que te iria procurar quando chegasse. Não te zangues comigo, meu anjo. Pareceu ser um tipo decente. Jeitoso, também. Fiquei louco de ciúmes. Adoro-te. Ciao. Carregou no botão para rebobinar e voltou a escutar a mensagem, para ter certeza de que a tinha ouvido bem.

— Ah, já agora, um tipo chamado Jean-Claude passou pelo escritório. Disse que queria falar contigo em pessoa acerca de um trabalho.

Carregou no botão para apagar, a mão a tremer, o coração a bater contra as costelas.

Jacqueline estava sentada lá fora, no terraço banhado pela luz do Sol, a pensar na noite em que fora recrutada por Ari Shamron. Tinha utilizado algum do dinheiro ganho como modelo para comprar um presente de reforma aos pais: um pequeno apartamento em Herzliya virado para o mar. Visitava-os em Israel sempre que conseguia escapar-se por uns dias. Sentia-se completamente apaixonada pelo país. Era o único lugar onde se sentia verdadeiramente livre e segura. Mais do que tudo o resto, adorava o fato de não ter de esconder que era judia. Uma noite, num café decaj em Telaviv, um homem mais velho apareceu-lhe à mesa. Careca, bastante feio, um casaco de bombardeiro com um rasgão no peito direito. — Olá, Sarah — disse, sorrindo com confiança. — Posso fazer-lhe companhia?

Olhou para cima, assustada.

— Como é que sabe que o meu nome é Sarah?

— Na verdade, sei bastante sobre si. Sou um grande fã.

— Quem é o senhor?

— Chamo-me Ari. Trabalho para uma organização vagamente ligada ao Ministério da Defesa chamada Instituto para a Coordenação.

Chamamos-lhe apenas o Escritório.

— Bom, estou realmente contente por termos esclarecido isso. Ele lançou a cabeça para trás e riu.

— Gostaríamos de falar consigo sobre um trabalho. Importa-se que a trate por Sarah? Tenho dificuldade em pensar em si como Jacqueline.

— Os meus pais são os únicos que ainda me chamam Sarah.

— Não há velhos amigos?

— Só tenho novos amigos — respondeu, a voz tingida de tristeza.

— Pelo menos, pessoas que afirmam ser minhas amigas. Todos os meus amigos de Marselha foram caindo depois de me ter tornado modelo.

Acharam que tinha mudado por causa do meu trabalho.

Mas mudou, não mudou, Sarah? — Sim, suponho que sim.

A seguir pensou: Porque é que estou a dizer isto a um homem que ainda agora conheci? Será que ele dá a volta a toda a gente assim tão depressa? — E não é só um trabalho, pois não, Sarah? E um modo de vida. Dá-se com os designers da moda e os fotógrafos famosos. Vai a festas espampanantes e a restaurantes exclusivos com atores e estrelas de rock e playboys milionários. Como aquele conde italiano com quem teve um caso em Milão, aquele que chegou aos jornais. Com certeza que não é a mesma menininha de Marselha. A menininha judia cujos avós foram assassinados pelos nazistas em Sobibor.

— Sabe mesmo muito sobre mim.

Olhou com atenção para ele. Estava habituada a estar rodeada de pessoas atraentes e sofisticadas, mas agora aqui estava ela na companhia deste homem bastante feio, com óculos de aros de aço e um rasgão no casaco. Havia algo de primitivo nele — o Sabra rude de que sempre ouvira falar. Era o tipo de homem que não sabia fazer um laço e não se importava. Achava-o completamente encantador. Mas, acima de tudo, intrigava-a.

— Sendo uma judia de Marselha, sabe que o nosso povo tem muitos inimigos. Muitas pessoas gostariam de nos destruir, deitar abaixo tudo o que construímos nesta terra.

Enquanto falava, as mãos cortavam o ar.

— Ao longo dos anos, Israel tem travado muitas guerras com os seus inimigos. Neste momento, não há combate, mas Israel continua envolvido numa outra guerra, uma guerra secreta. Esta guerra é

incessante. Nunca irá terminar. Por causa do seu passaporte e, em boa verdade, do seu aspecto, poderia ser uma grande ajuda para nós.

— Está pedindo para me tornar uma espiã?

Ele riu. — Receio que não seja nada assim tão dramático.

— O que quer que eu faça?

— Quero que se torne uma *bat leveyha*.

— Desculpe, não falo hebreu.

— *Bat leveyha* é o termo que usamos para agente assistente feminino.

Como bat leveyha, poderá ser chamada a desempenhar uma série de funções para o Escritório. Às vezes, poderá ser pedido para se fazer passar pela mulher ou namorada de um dos nossos funcionários. Às vezes, poderá ser-lhe pedido para obter um pedaço vital de informação, que uma mulher do seu tipo poderá conseguir mais prontamente do que um funcionário.

Parou de falar por um momento e demorou o seu tempo a acender o cigarro seguinte.

— E, às vezes, poderemos pedir-lhe para desempenhar um outro tipo de missão. Uma missão que algumas mulheres consideram demasiado desagradável para pensarem sequer nela.

— Por exemplo?

— Poderemos pedir-lhe para seduzir um homem, um dos nossos inimigos, por exemplo, de maneira a colocá-lo numa situação comprometedora.

— Há imensas mulheres lindas em Israel. Por que carga d'água é que haviam de precisar de mim?

— Porque não é israelense. Porque tem um passaporte francês legal e um emprego legal.

— Esse emprego legal, como lhe chama, paga-me bastante bem. Não estou preparada para abrir mão dele.

— Se decidir trabalhar para nós, farei com que as suas missões sejam curtas e que seja compensada pelos salários perdidos.

Sorriu afetuosamente.

— Apesar de achar que não consigo suportar os seus honorários habituais de três mil dólares à hora.

— Cinco mil — respondeu ela, sorrindo.

— Os meus parabéns. — Tenho de pensar nisso.

— Compreendo, mas enquanto considera a minha oferta, lembre-se de uma coisa. Se tivesse havido Israel durante a Segunda Guerra Mundial, o Maurice e a Rachel Halévy poderiam ainda estar vivos. O meu dever é assegurar a sobrevivência do Estado, para que da próxima vez que algum louco resolva transformar o nosso povo em sabão, ele tenha um lugar onde se refugiar. Espero que me ajude.

Deu-lhe um cartão com um número de telefone e disse para lhe telefonar com uma decisão na manhã seguinte. A seguir, apertou-lhe a mão e afastou-se. Era a mão mais dura que ela jamais sentira.

Nunca tinha havido na cabeça dela nenhuma dúvida sobre qual seria a resposta. Por qualquer padrão objetivo, vivia uma vida excitante e sedutora, mas parecia enfadonha e sem significado comparada com aquilo que Ari Shamron estava a oferecer. As sessões entediantes, os agentes aos apalpões, os fotógrafos lamurientos — de repente, tudo parecia ainda mais plástico e pretensioso. Regressou à Europa para a temporada da moda de Outono tinha compromissos em Paris, Milão e Roma — e em Novembro, quando as coisas acalmaram, disse a Marcel Lambert que estava exausta e que precisava de um descanso. Marcel desbloqueou-lhe o calendário, beijou-lhe a bochecha e disse-lhe para se afastar o máximo possível de Paris. Nessa noite, foi até o balcão da El Al no Aeroporto Charles de Gaulle, levantou o bilhete em primeira classe que Shamron lhe tinha deixado e embarcou num voo para Telaviv.

Estava à sua espera quando chegou ao Aeroporto Ben-Gurion. Acompanhou-a até a uma sala de espera especial no interior do terminal. Tudo estava concebido para lhe fazer transmitir que agora fazia parte da elite. Que estava a atravessar uma porta secreta e que a sua vida nunca mais voltaria a ser a mesma. Do aeroporto, levou-a rapidamente pelas ruas de Telaviv, até a um luxuoso apartamento seguro no Opera Tower, com uma grande varanda com vista para a marginal e para a Praia Ge'ula.

— Esta será sua casa nas próximas semanas. Espero que seja de seu agrado.

— É absolutamente linda.

— Hoje, descanse. Amanhã, começa o trabalho sério.

Na manhã seguinte, dirigiu-se à Academia e suportou um curso intensivo sobre as artes do ofício e a doutrina do Escritório. Ele deu-lhe

palestras acerca dos princípios fundamentais da comunicação impessoal. Treinou-a a utilizar uma Beretta e a fazer cortes estratégicos na roupa, para poder agarrá-la depressa. Ensinou-a a abrir fechaduras e a fazer moldes de chaves, utilizando um aparelho especial. Ensinou-a a detectar e a despistar vigilância. Todas as tardes, passava duas horas com um homem chamado Oded, que lhe ensinava árabe rudimentar.

Mas a maior parte do tempo na Academia era passado a desenvolver a memória e a consciência. Ele colocava-a sozinha numa sala e projetava dúzias de nomes numa tela, obrigando-a a memorizar o máximo possível. Levava-a para um pequeno apartamento, deixava-a olhar para a sala por não mais do que uns segundos, a seguir puxava-a para fora e fazia-a descrevê-la em pormenor. Levou-a a almoçar à cantina e pediu-lhe para descrever a empregada que tinha acabado de os servir. Jacqueline confessou que não fazia ideia.

— Tens de estar consciente do que te rodeia a toda a hora disse ele. — Deves partir do princípio de que a empregada é um potencial inimigo. Tens de estar a sondar, a observar e a examinar constantemente. E, no entanto, tens de parecer não estar a fazer nada disso.

O treino não terminava ao pôr do Sol. Todas as noites, Shamron aparecia no Opera Tower e levava-a para o interior das ruas de Telaviv para mais. Levou-a ao escritório de um advogado, mandou-a arrombá-lo e roubar um conjunto de arquivos específico. Levou-a a uma rua cheia de boutiques chiques e mandou-a roubar algo.

— Estás a brincar.

— E se estás em fuga num país estrangeiro? E se não tens dinheiro nem maneira de nos contatar? A polícia anda à tua procura e precisas de mudar de roupa depressa.

— Não sou propriamente feita para andar a roubar lojas.

— Faz-te passar despercebida.

Entrou numa boutique e passou dez minutos a experimentar roupas. Quando regressou à entrada, não tinha comprado nada, mas dentro da mala estava um sexy vestido preto de festa.

Shamron disse:

— Agora quero que descubras um sítio para te mudares e livres das outras roupas. A seguir, vem ter comigo lá fora, junto à barraca dos gelados na marginal.

Estava um fim de tarde quente para o início de Novembro e havia muitas pessoas a passear e a apanhar ar. Caminharam de braço dado ao longo do cais, como um velho rico e a amante, Jacqueline a lamber maliciosamente um cone de gelado.

— Estás a ser seguida por três pessoas — disse Shamron. Vai ter comigo ao bar daquele restaurante daqui a meia hora e diz-me quem são. E não te esqueças que vou enviar um kidon para as matar, por isso não te enganes.

Jacqueline iniciou um procedimento típico de contravigilância, tal como Shamron lhe tinha ensinado. A seguir, foi até o bar e encontrou-o sentado sozinho a uma mesa no canto.

— Casaco de couro preto, calças de ganga azuis com uma camisola de Yale, moça loira com uma rosa tatuada na omoplata.

— Errado, errado, errado. Acabaste de condenar à morte três turistas inocentes. Vamos experimentar outra vez.

Apanharam um táxi para andar uma pequena distância, até Rothschild Boulevard, uma marginal larga revestida por árvores, bancos, quiosques e cafés chiques. — Mais uma vez, estão três pessoas a seguir-te. Vai ter comigo ao Café Tamar daqui a trinta minutos. — Onde é o Café Tamar?

Mas Shamron virou-se e desapareceu na corrente de trabalhadores. Meia hora mais tarde, tendo localizado o chique Café Tamar em Sheinkin Street, voltou a juntar-se a ele.

— A moça com o cachorro, o rapaz com os receptores e T-shirt do Springsteen, o garoto do kibbut com a Uzi.

Shamron sorriu.

— Muito bem. Só mais um teste esta noite. Vê o cara sentado ali sozinho?

Jacqueline acenou com a cabeça.

— Puxe conversa com ele, descubra tudo o que puder depois leve-o para seu apartamento. Quando chegar ao hall, arranje uma maneira de se desenvencilhar da situação sem fazer uma cena.

Shamron levantou-se e afastou-se. Jacqueline olhou, olhos nos olhos, para o homem e, alguns minutos mais tarde, ele veio até ela. Disse que se chamava Mark, que era de Boston e trabalhava para uma empresa de informática com negócios em Israel. Conversaram durante uma hora e

começaram a flertar. Mas quando o convidou para ir até seu apartamento, confessou que era casado.

— É pena — respondeu ela. — Poderíamos ter belos momentos. Ele mudou de ideia rapidamente. Jacqueline pediu licença para ir ao banheiro e foi a um telefone público. Teclou o número da recepção do Opera Tower e deixou uma mensagem para si mesma. Depois voltou para a mesa e disse: — Vamos.

Foram a pé até o apartamento. Antes de subirem, foi à recepção verificar se havia mensagens.

— A sua irmã ligou de Herzliya — respondeu o recepcionista;
— Tentou o apartamento, mas ninguém atendeu, por isso ligou para aqui e deixou uma mensagem. '.

— Qual é?
— O seu pai teve um ataque de coração.
— Oh, meu Deus!
— Levaram-no para o hospital. Ela diz que vai ficar bom, mas quer que vá assim que puder.

Jacqueline voltou-se para o americano.

— Tenho muita pena, mas tenho de ir.

O americano beijou-lhe a bochecha e afastou-se, cabisbaixo. Shamron, que estava a observar toda a cena do outro lado do hall, avançou, de sorriso aberto como um rapazinho.

— Isso foi pura poesia. Sarah Halévy, és um talento natural.

A primeira missão não a obrigou a sair de Paris. O Escritório estava a tentar recrutar um cientista iraquiano de armas nucleares que vivia em Paris e trabalhava com os fornecedores franceses do Iraque. Shamron resolveu preparar uma "armadilha de mel" e deu o trabalho a Jacqueline. Conheceu o iraquiano num bar, seduziu-o e começou a passar a noite no apartamento dele. Ele apaixonou-se perdidamente por ela. Jacqueline disse ao amante que, se a queria continuar a ver, teria de se encontrar com um amigo dela, que tinha uma proposta de negócio. O amigo acabou por ser Ari Shamron, a proposta, simples: trabalha para nós ou vamos contar à tua mulher e aos gorilas da segurança de Saddam que tens andado a foder uma agente israelense. O iraquiano concordou em trabalhar para Shamron.

Jacqueline tivera a primeira experiência de trabalho de espionagem. Achou-o excitante. Tinha desempenhado um pequeno papel

numa operação que desferira um golpe nas ambições nucleares do Iraque. Ajudara a proteger o Estado de Israel de um inimigo que tudo faria para o destruir. E, de uma maneira pequena, tinha vingado as mortes dos avós.

Teve de esperar mais um ano para a missão seguinte: seduzir e chantagear um funcionário de espionagem sírio em Londres. Foi outro sucesso estonteante. Nove meses mais tarde, foi enviada para Chipre para seduzir um executivo de uma empresa química alemã que estava a vender os seus artigos à Líbia. Desta vez havia uma diferença. Shamron queria que drogasse o alemão e fotografasse os documentos da sua pasta enquanto estava inconsciente. Uma vez mais, cumpriu o trabalho sem dificuldades.

A seguir à operação, Shamron fê-la voar até Telaviv, entregou-lhe uma menção secreta e disse-lhe que tinha terminado. Não demorava muito para as coisas circularem pelo submundo da espionagem. O próximo alvo poderia suspeitar que a bonita modelo francesa era mais do que parecia. E poderia muito bem acabar morta.

Implorou-lhe por mais um trabalho. Shamron concordou com relutância.

Três meses mais tarde, enviou-a para Túnis.

Jacqueline achava estranho Shamron ter-lhe dado instruções para se encontrar com Gabriel Allon numa igreja em Turim. Encontrou-o em cima de uma plataforma, a restaurar um fresco que representava a Ascensão. Trabalhava com homens bonitos todos os dias na sua vida pública, mas havia algo em Gabriel que a deixou sem fôlego. Era a concentração intensa nos seus olhos. Jacqueline queria que olhasse para ela como estava a olhar para o fresco. Decidiu que iria fazer amor com este homem antes da operação terminar.

Viajaram para Túnis na manhã seguinte e deram entrada num hotel na praia. Durante os primeiros dias, deixou-a sozinha enquanto trabalhava. Regressava ao hotel todas as noites. Jantavam, passeavam pelo mercado ou pela estrada ao longo da praia, depois voltavam para o quarto. Falavam como se fossem amantes, para o caso de o quarto estar sob escuta. Dormia vestido, ficava inflexivelmente do seu lado da cama, uma parede de Plexiglas a separá-los. Ao quarto dia, levou-a consigo enquanto trabalhava. Mostrou-lhe a praia onde os comandos desembarcariam e a vivenda que era propriedade do alvo. A paixão por ele tornou-se mais profunda. Aqui estava um homem que tinha devotado a vida a defender Israel dos

inimigos. Sentia-se insignificante e frívola em comparação. Também descobriu que não conseguia tirar os olhos de cima dele. Queria passar-lhe as mãos pelo cabelo curto, tocar-lhe na cara e no corpo. Enquanto estavam deitados na cama juntos nessa noite, rebolou para cima dele sem aviso e beijou-lhe os lábios, mas ele afastou-a e fez uma cama de campanha beduína para si no chão.

Jacqueline pensou: Meu Deus, fi uma completa figura de parva.

Passados cinco minutos, voltou para a cama e sentou-se ao seu lado. Depois inclinou-se para a frente e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Também quero fazer amor contigo, mas não posso. Sou casado.

— Não me importa.

— Quando a operação terminar, nunca mais me vais ver. — Eu sei.

Ele era exatamente como ela imaginava: habilidoso e engenhoso, meticoloso e gentil. Nas mãos dele, sentia-se como um dos seus quadros. Quase que conseguia sentir os olhos a tocar-lhe. Sentiu um orgulho estúpido por ter sido capaz de penetrar as suas barreiras de autocontrole e seduzi-lo. Queria que a operação continuasse para sempre. Não podia, é claro, e a noite em que deixaram Túnis foi a mais triste da sua vida.

Depois de Túnis, lançou-se a fundo na carreira de modelo. Disse a Marcel para aceitar todas as ofertas que aparecessem. Trabalhou sem parar durante seis meses, levando-se até a um ponto de exaustão. Até tentou sair com outros homens. Nada resultou. Pensava em Gabriel e Túnis constantemente. Pela primeira vez na vida, sentia obsessão e, no entanto, era completamente impotente para fazer algo em relação a isso. Em desespero, foi ter com Shamron e pediu-lhe para a pôr em contato com Gabriel. Ele recusou. Começou a ter uma fantasia terrível acerca da morte da mulher de Gabriel. E quando Shamron lhe contou o que acontecera em Viena, sentiu uma culpa insuportável.

Não tinha visto nem falado com Gabriel desde essa noite em Túnis. Não conseguia imaginar porque haveria ele de a querer ver agora. Mas, uma hora mais tarde, enquanto observava o carro dele a parar à entrada, sentiu um sorriso a espalhar-se pela cara. Pensou: Graças a Deus que estás aqui, Gabriel, porque também estou a precisar de um pouco de restauro.

TELAVIV

O diretor executivo da CIA, Adrian Carter, era um homem facilmente subestimado. Era uma característica que usara com bons resultados durante a longa carreira. Era pequeno e magro como um maratonista. O cabelo escasso e os óculos sem aros davam-lhe um ar ligeiramente clínico, as calças e o casaco tinham aspecto de terem sido usados a dormir. Parecia deslocado na sala de conferências fria e moderna no Boulevard do Rei Saul, como se tivesse entrado no edifício por engano. Mas Ari Shamron tinha trabalhado com Carter quando estava à frente do Centro de Contraterrorismo da CIA. Sabia que Carter era um agente experimentado — um homem que falava seis línguas fluentemente e podia desaparecer nas vielas traseiras de Varsóvia ou Beirute com igual facilidade. Também sabia que os seus talentos em campo eram apenas igualados pela perícia nas trincheiras burocráticas. Um adversário de respeito, sem dúvida.

— Alguns avanços na investigação de Paris? — perguntou Carter. Shamron abanou a cabeça devagar.

— Receio que não.

— Nada de nada, Ari? Acho difícil acreditar nisso.

Assim que soubermos alguma coisa, serás o primeiro a saber. Então e tu? Alguma interceptação interessante que te apeteça partilhar? Algum funcionário árabe amistoso te contou alguma coisa que estaria relutante em partilhar com a entidade sionista?

Carter tinha acabado de completar uma digressão regional de duas semanas, conferenciando com chefes dos serviços secretos desde o golfo Pérsico até o Norte de África. O Boulevard do Rei Saul foi a última paragem.

— Nada, receio — respondeu. — Mas temos ouvido uns quantos sussurros de algumas das nossas outras fontes. Shamron franziu o sobrolho.

— Ai sim?

— Dizem-nos que o que se ouve na rua é que o Tariq esteve por trás do ataque em Paris.

— O Tariq tem estado calmo há já algum tempo. Porque é que se iria sair agora com uma coisa do gênero de Paris?

— Porque está desesperado — respondeu Carter. — Porque os dois lados estão a aproximar-se de um acordo e o Tariq não quereria outra coisa que não fosse estragar-lhes a festa. E porque o Tariq se vê a si próprio como um homem da História, e a História está prestes a deixá-lo para trás.

— É uma teoria interessante, mas não vimos provas que sugerissem que o Tariq estivesse envolvido.

— Se recebessem tais provas, iam partilhá-las conosco, claro.

— Claro.

— Não preciso lembrar que uma cidadã americana foi assassinada juntamente com o seu embaixador. O presidente fez uma promessa ao povo americano de que o seu assassino seria levado à justiça. Conto ajudá-lo a cumprir essa promessa.

— Podes contar com o apoio deste serviço — respondeu Shamron, piedosamente. — Se foi o Tariq, gostaríamos de o encontrar e trazer para os Estados Unidos, para ir a julgamento. Mas não poderemos fazer isso se ele aparecer morto algures, cheio de buracos de balas de calibre vinte e dois.

— Adrian, o que está tentando me dizer?

— O que estou dizendo é que o homem na grande casa branca da Pennsylvania Avenue quer a situação tratada de uma maneira civilizada. Se se acabar por descobrir que foi o Tariq quem matou a Emily Parker em Paris, quer vê-lo julgado num tribunal americano. Nada de tretas de olho por olho nisto, Ari, nada de execuções em ruelas. — É óbvio que temos uma diferença de opinião sobre como lidar melhor com um homem como o Tariq.

— O presidente também acha que nesta altura uma morte em represália poderá não ser no melhor interesse do processo de paz. Acha que se fores responder com um assassinato, estarias a lançar-te nas mãos daqueles que queres derrubar. — E o que queria o presidente que fizéssemos quando os terroristas matam os nossos diplomatas a sangue-frio?

— Mostrem algum comedimento, porra! Na nossa humilde opinião, talvez fosse mais sensato encostarem-se às cordas durante um par de assaltos e aguentar uns quantos golpes no corpo se tiver de ser. Deem

aos negociadores espaço para manobrar. Se os radicais atacarem depois de terem um acordo alinhavado, então não deixem de ripostar. Mas não piorem agora as coisas procurando vingança. Shamron inclinou-se para a frente e esfregou as mãos.

— Posso assegurar-te, Adrian, de que nem o Escritório nem nenhum outro braço dos serviços de segurança israelenses estão a planejar qualquer operação contra qualquer membro de qualquer grupo terrorista árabe, incluindo Tariq.

— Admiro a sua prudência e coragem. E o presidente também o fará.

— E eu admiro-vos pela sua franqueza.

— Gostaria de te dar um pequeno conselho de amigo, se puder.

— Se faz favor — respondeu Shamron.

— Israel celebrou acordos com vários serviços de informação do Ocidente, comprometendo-se a não realizar operações no solo desses países sem notificar primeiro o serviço de informação respectivo. Posso assegurar-te de que a Agência e os seus amigos reagirão com dureza se esses acordos forem violados.

— Isso soa mais a um aviso do que a um conselho entre amigos.

Carter sorriu e deu um gole no café.

O primeiro-ministro estava embrenhado numa pilha de documentos na secretária quando Shamron entrou na sala. Shamron sentou-se e informou-o rapidamente acerca do encontro com o homem da CIA.

— Conheço o Adrian Carter demasiado bem — disse Shamron.

— É um bom jogador de póquer. Sabe mais do que aquilo que está a dizer. Está a dizer-me para recuar ou vai haver problema.

— Ou então suspeita de qualquer coisa mas não tem o suficiente para o dizer às claras — respondeu o primeiro-ministro. — Tens de decidir qual é o caso. — Preciso saber se ainda quer que leve a operação a cabo nestas novas circunstâncias.

O primeiro-ministro levantou por fim os olhos da papelada.

— E eu preciso saber se consegue levar a operação a cabo sem a CIA descobrir.

— Consigo.

— Então avance e não faça merda.

VALBONNE, PROVENÇA

A tarde tinha ficado mais fria. Jacqueline preparou sanduíches enquanto Gabriel empilhava madeira de oliveira na lareira e a acendia com jornais. Estava de cócoras, a observar as chamas fracas a lamber a madeira. De segundos em segundos, esticava-se até o fogo e fazia um ou outro pequeno ajustamento na disposição dos gravetos ou na posição de um dos pedaços de madeira maiores. Parecia ser capaz de segurar a madeira a escaldar durante muito tempo, sem desconforto. Por fim, levantou-se e bateu com as mãos uma na outra para retirar os restos do pó da madeira e da fuligem. Move-se com tanta delicadeza, pensou Jacqueline — um bailarino a erguer-se após ter levado o joelho ao chão. Parecia de certa forma mais novo. Menos grisalho no cabelo, os olhos mais claros e luminosos.

Colocou a comida numa travessa e levou-a até a sala de estar. Durante anos, imaginara uma cena assim. Num certo sentido, tinha feito esta sala para Gabriel, tinha-a decorado de uma maneira que imaginara que ele pudesse gostar — o chão de pedra, os tapetes rústicos, as mobílias confortáveis. Colocou a travessa em cima de uma mesa de café e sentou-se no sofá. Gabriel sentou-se ao seu lado e foi deitando colheres de açúcar no café. Sim, isto seria o que teria acontecido se tivéssemos terminado juntos. Uma refeição simples, uma viagem de carro pelas montanhas, uma passeata por uma vila antiga na colina. Talvez pela costa abaixo, para deambular pelo Velho Porto de Cannes ou ver um filme no cinema. Depois para casa, para fazer amor à luz da lareira. Para com isso, Jacqueline.

Gabriel disse:

— Estou outra vez a trabalhar para o Escritório e preciso da tua ajuda. Então, afinal de contas eram só negócios. Gabriel tinha sido agarrado outra vez e precisava dela para um trabalho. Ele ia fazer de conta que o passado nunca acontecera. Talvez fosse mais fácil desse modo. — O Ari contou-me que tinhas deixado o Escritório.

— Pediu-me para voltar por um trabalho. Sabes como o Shamron consegue ser quando quer qualquer coisa.

— Lembro-me — respondeu Jacqueline. — Ouve, Gabriel, não sei muito bem como dizer isto, por isso vou simplesmente dizê-lo. Lamento muito aquilo que aconteceu em Viena.

Ele afastou o olhar, os olhos frios e sem expressão. Claramente, Leah era algo em que não se podia tocar. Jacqueline tinha visto uma fotografia sua uma vez. A mulher de Gabriel era exatamente como imaginara — uma Sabra de cabelos escuros, a transbordar do tipo de fogo e confiança que Jacqueline ansiara por possuir quando era uma judia a crescer na França. O fato de ele ter escolhido uma mulher como Leah apenas fizera Jacqueline amar mais Gabriel.

Mudou abruptamente de assunto:

— Suponho que tenhas ouvido falar do ataque ao nosso embaixador em Paris?

— Claro. Foi terrível.

— O Shamron está convencido de que o Tariq esteve por trás do ataque.

— E quer descobri-lo? Gabriel acenou com a cabeça.

— Porquê tu, Gabriel? Estás afastado do jogo há tanto tempo. Porque não utilizar um dos outros katsas dele?

— Para o caso de não teres reparado, o Escritório tem tido mais desastres do que sucessos ultimamente.

— Tariq tem conseguido manter-se um passo à frente do Escritório durante anos. Como é que, supostamente, o vais descobrir agora?

— Shamron identificou um dos seus agentes em Londres. Coloquei-lhe uma escuta no telefone do trabalho, mas também preciso pôr o apartamento sob escuta para conseguir descobrir com quem está a falar e o que está a dizer. Se tivermos sorte, talvez consigamos saber onde é que o Tariq está a planejar atacar a seguir.

— Por que precisa de mim?

— Para me ajudar a entrar no apartamento.

— Por que precisa da minha ajuda? Sabe abrir uma fechadura e colocar uma escuta.

— É exatamente por isso. Não quero ter que abrir a fechadura. Os arrombamentos são arriscados. Se perceber que esteve alguém no apartamento, então perdemos a vantagem. Quero que entre no

apartamento por mim, faça uma cópia das chaves e verifique que tipo de telefone ele tem para poder arranjar um duplicado.

— E como é que, supostamente, vou entrar no apartamento? Sabia a resposta, claro. Apenas queria ouvi-lo a dizê-lo. Gabriel levantou-se e juntou mais um bocado de madeira ao fogo.

— O Yusef gosta de mulheres. Gosta da vida noturna londrina. Quero que vás ter com ele num bar ou numa discoteca e faças amizade. Quero que o encorajes a convidar-te para o apartamento.

— Desculpe, Gabriel. Não estou interessada. O Ari que te dê uma das suas moças novas.

Ele voltou-se e olhou para ela.

Pensou: Está surpreso por eu ter dito não. Não esperava isso.

— Estou a oferecer-te uma oportunidade de me ajudares a descobrir o Tariq al-Hourani antes que mate mais judeus e prejudique ainda mais o processo de paz.

— E eu estou a dizer-te que já fiz a minha parte. Que uma outra moça tenha a sua vez.

Ele voltou a sentar-se.

Percebo porque é que o Shamron havia de querer ter-te de volta — disse Jacqueline. — És o melhor no que fazes. Mas não percebo porque é que precisas de mini.

— Porque também és boa — respondeu. Depois acrescentou:

— E porque posso confiar em ti.

Pensou: O que está tentando dizer, Gabriel Allon?

Respondeu: — Tenho de ir às Caraíbas para uma sessão fotográfica daqui a três semanas.

— Só vou precisar de você por uns dias.

— Não vou fazer isso de graça.

— Quero você e não vou me contentar com outra — respondeu Gabriel. — Portanto, está em posição de fixar preço.

Olhou para o tecto, a calcular de quanto iria precisar. Renda, renovações, publicidade...

— Cinquenta mil.

— Francos?

— Não seja ridículo, Gabriel. Dólares.

Fez uma cara carrancuda. Jacqueline cruzou os braços em sinal de desafio. — Cinquenta mil ou podes ligar ao Shamron e pedir-lhe uma moça nova.

— Cinquenta mil — respondeu. Jacqueline sorriu.

Jacqueline telefonou a Marcel Lambert em Paris e disse-lhe para cancelar todas as sessões para as duas semanas seguintes.

— Jacqueline, perdeu o juízo? Não pode estar falando sério. Uma mulher na sua posição débil não anda por aí a tornar as coisas piores a cancelar sessões. É assim que se ganha uma reputação nesta profissão.

— Céus, estou nesta profissão há dezessete anos e nunca tive reputação de perder sessões. Surgiu uma coisa e preciso me ausentar por uns dias.

— É isso que espera que diga às pessoas que tiveram a bondade de te contratar? Surgiu uma coisa. Vá lá, querida. Vai ter de fazer muito melhor do que isso.

— Diga que peguei algum vírus.

— Alguma sugestão?

— Lepra — respondeu. — Oh, sim, maravilhoso.

A sua voz ficou séria de repente.

— Diga uma coisa, Jacqueline. Não estás metida em algum tipo de problema, pois não? Sabes que podes confiar em mim. Tenho estado lá desde o início, lembra-te. Conheço todos os teus segredos.

— E eu não me esqueço que conheço todos os teus, Marcel Lambert. E não, não estou metida em nenhum tipo de encrenca. Há simplesmente uma coisa de que preciso tratar e não pode esperar.

— Não está doente, não é, Jacqueline?

— Estou em perfeita saúde.

— Não é a coca outra vez, não? — sussurrou Marcel.

— Magoei!

— Cirurgia? Um retoque nos olhos?

— Vai-te foder.

— Um homem. É um homem? Alguém conseguiu amolgar finalmente esse teu coração de ferro?

— Vou desligar agora, Marcel. Ligo-te daqui a uns dias.

— Então tenho razão! É um homem!

— És o único homem para mim, Marcel.

- Quem me dera que fosse assim.
- A tout à l'heure.
- Ciao.

Partiram ao final da tarde e seguiram para norte na autoestrada sinuosa, em direção às montanhas. Nuvens que já se estavam a dissipar pairavam sobre as ravinas. À medida que subiam para as colinas, bolas gordas de chuva esmurravam o para-brisas do Peugeot alugado de Gabriel. Jacqueline reclinou o banco e observou afluentes de água da chuva a correr pela capota em forma de lua, mas a cabeça já estava concentrada em Londres e no alvo. Acendeu um cigarro e disse:

- Fala-me dele.
- Não — respondeu. — Não quero nada na tua cabeça que te possa colocar numa situação comprometedora.
- Vieste buscar-me porque sei o que estou a fazer, Gabriel. Diz-me qualquer coisa acerca dele.

- Chama-se Yusef. Cresceu em Beirute.
- Onde em Beirute?
- Shatila.
- Jesus — disse, fechando os olhos.

— Os pais eram refugiados em quarenta e oito. Antes viviam na aldeia árabe de Lydda, mas durante a guerra fugiram e atravessaram a fronteira para o Líbano. Ficaram algum tempo pelo Sul, depois mudaram-se para Beirute à procura de emprego e instalaram-se no campo de Shatila. — Como é que acabou por ir parar a Londres?

— Um tio trouxe-o para Inglaterra. Certificou-se de que Yusef fosse ensinado e aprendesse a falar um inglês e um francês perfeitos. Tornou-se um radical político. Achou que o Arafat e a OLP se tinham rendido. Apoiou os líderes palestinos que queriam continuar a guerra até Israel ser apagada do mapa.

Chegou à atenção da organização do Tariq. Tem sido um membro ativo desde há vários anos. — Parece um encanto.

- E por acaso até é.
- Alguns passatempos?
- Gosta de poesia palestina e de mulheres europeias. E ajuda o Tariq a matar israelenses.

Gabriel saiu da autoestrada e seguiu por uma pequena estrada em direção a este, a caminho das montanhas. Passaram por uma aldeia adormecida e viraram para um trilho de lama cheio de sulcos e ladeado por plátanos desfolhados e a pingar. Seguiu o trilho até descobrir um portão de madeira quebrado, que dava para uma área pequena de terra desbravada. Parou o carro, saiu e abriu o portão o suficiente para deixar passar o Peugeot. Guiou até a clareira e desligou o motor, deixando os faróis acesos. Enfiou a mão na mala de Jacqueline e tirou a Beretta dela e o carregador sobressalente. Depois agarrou numa das revistas de moda lustrosas dela e arrancou a capa e a contracapa.

— Sai.

— Está a chover.

— Paciência.

Gabriel saiu e andou alguns metros pela terra encharcada, em direção a uma árvore onde os restos esfarrapados de uma tabuleta que dizia "Entrada Proibida" estavam pendurados num prego dobrado e ferrugento. Enfiou a capa da revista na cabeça do prego e regressou até junto do carro. Jacqueline tinha a silhueta refletida nos faróis amarelos, o capuz para cima para se proteger da chuva, os braços cruzados. Estava tudo em silêncio, tirando o tique-taque do radiador do Peugeot e o ladrar longínquo do cão de uma quinta. Gabriel tirou o carregador da Beretta, verificou para ter certeza de que a câmara estava vazia e a seguir entregou a arma e as munições a Jacqueline.

— Quero saber se ainda te consegues safar com uma destas.

— Mas eu conheço a moça naquela capa.

— Dá-lhe um tiro na cara.

Jacqueline enfiou o carregador com força na coronha da Beretta, bateu ao de leve na base do punho com a parte de trás da palma da mão, para ter certeza de que estava bem seguro. Avançou, levantou a arma, dobrou os joelhos ligeiramente e rodou o corpo uns quantos graus para reduzir o seu perfil enquanto alvo em relação ao inimigo imaginário. Disparou sem hesitação, rítmica e firmemente, até o carregador ficar vazio.

Gabriel, ouvindo os disparos da pequena pistola, estava de súbito de volta ao vão das escadas do apartamento em Roma. Jacqueline baixou a Beretta, retirou o carregador e inspecionou a câmara para se assegurar de que estava vazia.

Atirou a arma a Gabriel e disse:

— Vamos lá ver-te a experimentar agora.

Mas Gabriel limitou-se a enfiar a Beretta no bolso do casaco e caminhou até a árvore para examinar os resultados. Só um tiro não tinha acertado; os tiros estavam bastante perto uns dos outros na parte superior direita. Arrancou do prego a capa, pendurou a contracapa no seu lugar e voltou a dar a Beretta a Jacqueline.

— Repete isso, mas, desta vez, avança enquanto disparas.

Enfiou o segundo carregador com força na Beretta, puxou a culatra e avançou sobre o alvo, a disparar à medida que se ia aproximando. O último tiro foi quase à queima-roupa. Tirou o alvo, voltou-se e ergueu-o para os faróis brilharem através dos buracos de balas no papel. Cada tiro tinha acertado no alvo. Regressou até junto de Gabriel e deu-lhe a Beretta e a capa da revista.

Ele disse:

— Apanha os teus cartuchos

Enquanto Jacqueline recolhia os cartuchos gastos, desmontou rapidamente a Beretta. Tirou o macaco do bagageiro e triturou as peças da arma até ficarem inoperantes. Voltaram para dentro do Peugeot e Gabriel saiu pelo caminho por onde viera. A certa altura, lançou capa e contracapa da revista e os pedaços quebrados da Beretta na escuridão. Depois de terem passado pela aldeia, abriu a janela uma vez mais e espalhou os cartuchos.

Jacqueline acendeu outro cigarro.

— Como é que me saí?

— Passou.

AMSTERDAM

Tariq passou a tarde a tratar de recados. Andou desde a casa flutuante até a Centraalstation, onde comprou passagem de primeira classe no trem da noite para Antuérpia. Da estação de trens andou até o bairro da luz vermelha, passeando-se pelo labirinto de vielas estreitas, passando pelas sex shops, os bordéis e os bares soturnos, até um traficante de droga o puxar para o lado e lhe oferecer heroína. Tariq regateou o preço, depois pediu o suficiente para três pessoas se passarem. Tariq deu-lhe o dinheiro, enfiou as drogas no bolso e afastou-se.

Em Dam Square, pulou para um elétrico e viajou pela cidade, seguindo para sul, até Bloemenmarkt, um mercado de flores flutuante no canal Singel. Foi até a banca maior e pediu ao florista um ramo elaborado de flores tradicionais holandesas. Quando o florista lhe perguntou quanto estava disposto a gastar, Tariq assegurou-lhe que o dinheiro não era um problema. O florista sorriu e disse para voltar dali a vinte minutos.

Tariq passeou-se pelo mercado, passando por túlipas e irises, lírios e girassóis a explodir de cor, até se cruzar com um homem a pintar. Cabelo preto cortado curto, pele clara e olhos azul-claros. O trabalho era uma representação do Bloemenmarkt, enquadrado pelo canal e por uma fila de casas com empenas.

Tinha uma qualidade onírica, uma erupção de cor e luz líquidas.

Tariq parou por um momento e observou-o a trabalhar.

Fala francês?

— Oui — respondeu o pintor, sem tirar os olhos do quadro.

— Admiro o seu trabalho. O pintor sorriu e respondeu:

— E eu admiro o seu.

Tariq acenou com a cabeça e afastou-se, interrogando-se sobre que raio estaria o maluco do pintor a falar.

Foi buscar as flores e regressou à casa flutuante. A moça estava a dormir. Tariq ajoelhou-se ao lado da cama e abanou-lhe o ombro gentilmente. Ela abriu os olhos e olhou para ele como se fosse louco. Fechou os olhos.

— Que horas são?

— Horas de ir trabalhar.
— Vem para a cama.
— Por acaso, sou capaz de ter uma coisa de que vais gostar mais.
Abriu os olhos e viu as flores. Sorriu.
— Para mim? Qual é o motivo?
— E só a minha maneira de te agradecer por seres uma anfitriã tão atenciosa.

— Gosto mais de ti do que de flores. Tira a roupa e vem para a cama.

— Tenho mais outra coisa.

Segurou os sacos de pó branco no ar.

Inge vestiu rapidamente umas roupas enquanto Tariq se dirigiu para a cozinha do barco. Sacou uma colher da gaveta e acendeu uma vela. Aqueceu a droga por cima da chama, mas em vez de diluir um saco de heroína na mistura, utilizou logo os três. Quando terminou, puxou o líquido para dentro de uma seringa e levou-a para a cabina da frente.

Inge estava sentada à beira da cama. Tinha atado a extensão de borracha por cima do cotovelo e estava a examinar as nódoas negras ao longo da parte de dentro do antebraço, à procura de uma veia adequada.

Aquela tem ar de servir — disse Tariq, passando-lhe a seringa.

Ela segurou-a na palma da mão e inseriu calmamente a agulha no braço. Tariq desviou o olhar enquanto ela puxava o êmbolo com a ponta do polegar e a heroína líquida se escurecia com o seu sangue. Depois carregou no êmbolo e desapertou o elástico, fazendo com que a droga disparasse para dentro do corpo.

Olhou para cima de repente, os olhos esbugalhados.

— Eh, Paul, meu... o que é que se está a...

Caiu de costas na cama, o corpo a estremecer com convulsões violentas, a agulha vazia a balouçar no braço. Tariq andou calmamente até a cozinha e fez café enquanto esperava que a moça acabasse de morrer.

Cinco minutos mais tarde, quando estava a arrumar as suas coisas numa pequena mala de viagem, sentiu o barco subitamente a balançar. Olhou para cima, espantado. Estava alguém no convés! Numa questão de segundos, a porta abriu e um homem grande e de constituição forte entrou na cabina. Tinha cabelo loiro e brincos pequenos e redondos nas orelhas. Tariq achou que tinha uma vaga aparência com Inge. Por instinto,

procurou a pistola Makarov, que estava enfiada nas calças, no fundo das costas.

O homem olhou para Tariq.

— Quem és tu?

— Sou um amigo da Inge. Tenho estado a viver aqui há uns dias.

Falou de forma calma, a tentar reunir os pensamentos. A aparição repentina do homem apanhara-o completamente desprevenido. Há cinco minutos atrás tinha-se livrado calmamente da moça. Agora estava confrontado com alguém que podia dar cabo de tudo. Depois pensou: Se sou na verdade amigo da Inge, não tenho nada a temer. Obrigou-se a sorrir e esticou a mão.

— Sou Paul.

O intruso ignorou a mão de Tariq.

— Sou o Maarten, o irmão da Inge. Onde é que ela está? Tariq fez um gesto na direção do quarto.

Sabes como a Inge pode ser. Ainda a dormir. Apercebeu-se de que tinha deixado a porta aberta.

— Deixa-me fechar-lhe a porta para não a acordarmos. Acabei de fazer café. Queres uma xícara?

Mas Maarten passou por si e entrou no quarto de Inge. Tariq pensou, Porra! Estava surpreendido com a velocidade a que as coisas tinham ficado fora de controle. Apercebeu-se de que tinha cerca de cinco segundos para decidir como o ia matar.

A coisa mais fácil de se fazer, evidentemente, era dar-lhe um tiro. Mas isso teria consequências. Assassinato com pistola era quase inédito na Holanda. Uma moça morta com uma seringa espetada no braço era uma coisa. Mas dois corpos — um deles cheio de cartuchos de 9mm — era bem outra. Haveria uma grande investigação. A polícia iria interrogar os habitantes das casas flutuantes à volta. Alguém se podia recordar da sua cara. Dariam uma descrição à polícia, a polícia daria uma descrição à Interpol, a Interpol daria uma descrição aos judeus. Todos os polícias e funcionários de segurança da Europa Ocidental andariam à procura de si. Disparar sobre Maarten seria rápido, mas custar-lhe-ia a longo prazo.

Olhou por cima do ombro para a cozinha. Lembrou-se de que na gaveta ao lado do fogão a gás propano estava uma faca grande. Se matasse o irmão de Inge com uma faca talvez se parecesse com um crime passional

ou com um crime de rua comum. Mas Tariq considerava a ideia de matar alguém com uma faca totalmente repulsiva. E havia outro problema, mais sério. Havia uma grande hipótese de não o matar ao primeiro golpe. A doença já começara a fazer sentir em si os seus efeitos. Tinha perdido força e resistência. A última coisa que queria fazer era envolver-se numa luta de vida ou de morte com um adversário maior e mais forte. Viu os sonhos — de destruir o processo de paz e de finalmente ajustar contas com Gabriel Allon — a evaporarem-se, tudo porque o irmão mais velho de Inge tinha chegado a casa num momento inoportuno. Leila devia ter escolhido com mais cuidado.

Tariq ouviu Maarten a gritar. Decidiu dar-lhe um tiro.

Sacou a Makarov da cintura. Apercebeu-se de que a arma não tinha o silenciador atarraxado. Onde é que ele está? No bolso do casaco, e o casaco estava em cima da cadeira na cabine. Merda! Como é que posso ter ficado tão complacente?

Maarten saiu a correr do quarto, a cara pálida.

— Está morta!

— Do que é que estás a falar? — perguntou Tariq, a fazer os possíveis para empatar.

— Está morta! É disso que estou a falar! Teve uma overdose!

— Drogas?

Tariq aproximou-se uns centímetros do casaco. Se conseguisse tirar o silenciador do bolso e atarraxá-lo ao cano, então pelo menos podia matá-lo sem barulho...

— Tem uma agulha pendurada no braço. O corpo ainda está quente. Provavelmente, acabou de se injetar ainda há uns minutos. Deste-lhe a porra das drogas, pá? — Não sei nada sobre drogas.

Tariq apercebeu-se de que soava demasiado calmo para a situação. Tinha tentado não parecer perturbado pela chegada de Maarten, e agora parecia demasiado descontraído em relação à morte da sua irmãzinha. Maarten claramente não acreditava nele. Gritou com raiva e precipitou-se pela cabina, os braços erguidos, os punhos cerrados.

Tariq desistiu de tentar apanhar o silenciador. Agarrou na Makarov, puxou a culatra, fez pontaria à cara de Maarten e deu-lhe um tiro no olho.

Tariq trabalhava depressa. Tinha conseguido matar Maarten com um único tiro, mas teve de partir do princípio de que alguém numa das

casas flutuantes das redondezas ou ao longo do dique ouvira o tiro. A polícia podia estar agora mesmo a caminho. Voltou a enfiar a Makarov na cintura, a seguir agarrou na mala, nas flores e no cartucho gasto e saiu da cabina para o convés da popa. Tinha anoitecido; a neve amontoava-se sobre o Amstel. A escuridão iria ajudá-lo. Olhou para baixo e reparou que estava a deixar pegadas no convés. Arrastou os pés enquanto andava, escondendo as marcas, e saltou para o cais. Caminhou rápida mas calmamente. Num local escurecido no meio do cais, largou a mala no rio. O chape foi quase inaudível. Mesmo que a polícia descobrisse a mala, não havia nada nela que pudesse conduzir a si. Iria comprar uma muda de roupa e uma mala nova quando chegasse a Antuérpia: Depois pensou: Se chegar a Antuérpia.

Seguiu pelo Herengracht em direção a oeste, atravessando a cidade. Por um momento, pensou em abortar o ataque, ir diretamente para a Centraalstation e fugir do país. Os Morgenthau eram alvos ligeiros e de valor político mínimo. Kemel escolhera-os porque matá-los seria fácil e porque permitiria a Tariq manter a pressão sobre o processo de paz. Mas agora o risco de captura tinha aumentado dramaticamente devido ao fiasco no barco. Talvez fosse melhor esquecer tudo.

À sua frente, um par de aves marinhas elevaram-se da superfície do canal e começaram a voar, os gritos a ecoar nas fachadas das casas no canal, e, por um momento, Tariq foi outra vez um rapaz de oito anos, a correr descalço pelo campo em Sídón.

A carta chegou ao final da tarde. Vinha dirigida aos pais de Tariq. Dizia que Mahmoud al-Hourani tinha sido morto em Colônia porque era um terrorista — que se Tariq, o filho mais novo da família al-Hourani, se tornasse um terrorista, também seria morto. O pai de Tariq disse-lhe para ir a correr até o escritório da OLP e perguntar se a carta dizia a verdade. Tariq encontrou um funcionário da OLP e mostrou. O homem da OLP leu-a uma vez, devolveu-a a Tariq e deu-lhe ordem para ir para casa e dizer ao pai que era verdade. Tariq correu pelo campo esquelético em direção a casa, as lágrimas a toldarem-lhe a visão. Venerava Mahmoud. Não conseguia imaginar viver sem ele.

Quando chegou a casa, já a notícia da carta se tinha espalhado pelo campo — outras famílias tinham recebido cartas semelhantes ao longo dos anos. As mulheres reuniram-se à porta da casa de Tariq. O som

dos seus lamentos e a agitação das línguas erguiam-se pelo campo com o fumo das fogueiras noturnas. Tariq achava que soavam como pássaros dos pântanos. Encontrou o pai e disse-lhe que a carta era verdadeira — Mahmoud estava morto. O pai atirou a carta para a fogueira. Tariq nunca iria esquecer a dor no rosto do pai, a vergonha indizível de ter sido informado da morte do filho mais velho pelos próprios homens que o haviam morto.

Não, pensava agora Tariq enquanto caminhava ao longo do Herengracht. Não ia anular o ataque e fugir por ter medo de ser preso. Tinha chegado demasiado longe. Restava-lhe demasiado pouco tempo.

Tariq chegou à casa. Subiu os degraus da frente, esticou-se e tocou à campainha. Um momento depois, a porta foi aberta por uma moça num uniforme de empregada.

Estendeu o arranjo de flores e disse em holandês:

— Um presente para os Morgenthau.

— Oh, que adorável.

— E bastante pesado. Quer que o leve para dentro?

— Danke.

A moça afastou-se para Tariq poder passar. Fechou a porta para não deixar entrar o frio e esperou, com uma mão no trinco, que Tariq colocasse a caixa em cima de uma mesa no hall de entrada e se fosse embora. Pousou a embalagem e sacou a Makarov enquanto se virava. Desta vez, o silenciador estava atarraxado no sítio.

A moça abriu a boca para gritar. Tariq disparou-lhe dois tiros na garganta. Arrastrou o corpo para fora do hall de entrada e utilizou uma toalha da casa de banho para limpar o rastro de sangue. A seguir, sentou-se na sala de jantar escurecida e esperou que David e Cynthia Morgenthau chegassem a casa.

PARIS

Shamron chamou Gabriel aos jardins de Tuileries na manhã seguinte, para uma reunião rápida. Gabriel encontrou-o sentado num banco perto de um caminho de cascalho, rodeado por um bando de pombos. Tinha um cachecol de seda cinzento-ardósia à volta do pescoço, com as pontas bem aconchegadas por baixo das lapelas do sobretudo preto, de modo que a careca parecia estar colocada no topo de um pedestal. Levantou-se, tirou a luva preta de couro da mão direita e esticou-a como uma faca de trincar. Gabriel achou-lhe a palma da mão invulgarmente quente e úmida. Shamron soprou para dentro do canhão da luva e voltou a colocá-la. Não estava acostumado a climas frios, e Paris no Inverno deprimia-o.

Caminharam rapidamente, não como dois homens a conversar num parque, mas como dois homens a ir com pressa para algum lado — ao longo dos caminhos de Tuileries, através da muito ventosa Place de la Concorde. Folhas mortas estalavam sob os seus pés, à medida que marchavam ao longo do passeio revestido de árvores junto aos Champs-Élysées.

— Recebemos um relatório esta manhã de um sayan nos serviços de segurança holandeses — disse Shamron. — Foi o Tariq que matou o David Morgenthau e a mulher em Amsterdam.

— Como é que podem ter tanta certeza?

Eles não têm a certeza, mas eu sim. A polícia de Amsterdam descobriu uma moça morta numa casa flutuante no Amstel. Tinha tido uma overdose de heroína. O irmão também estava morto.

— Heroína?

— Uma única bala pelo olho dentro.

— O que é que aconteceu?

— Segundo os vizinhos da moça, uma mulher árabe mudou-se para a casa flutuante há um par de semanas atrás. Saiu há um par de dias e um homem tomou o seu lugar. Um francês que dava pelo nome de Paul.

— Então o Tariq enviou antecipadamente uma agente para Amsterdam, para assegurar um alojamento seguro e uma moça para

cobertura.

— E quando já não precisava mais dela, deu-lhe heroína suficiente para matar um camelo. A polícia diz que a moça tinha antecedentes longos de uso de drogas e prostituição. Obviamente, achou que conseguia fazê-lo passar por uma overdose accidental.

— Como é que o irmão acabou morto?

— A casa flutuante está registrada em nome dele. Segundo a polícia, tem estado a trabalhar em Rotterdam num projecto de construção. Talvez tenha aparecido sem aviso no local, enquanto o Tariq estava a matar a irmã.

— Faz sentido.

— Na verdade, há provas que suportam essa teoria. Uns vizinhos ouviram o disparo. Se Tariq tivesse estado a planejar matar o irmão, teria utilizado um método de execução mais silencioso. Talvez tivesse sido surpreendido. — Já compararam a bala do irmão com as balas tiradas dos Morgenthau e da empregada?

— Há uma correspondência perfeita. A mesma arma matou as quatro pessoas todas. Um casal de jovens suecos estava a posar para uma fotografia. Gabriel e Shamron viraram-se bruscamente e caminharam no sentido contrário.

Gabriel perguntou:

Alguma outra novidade?

Quero que tenhas cuidado em Londres. Um homem de Langley fez-me uma visita de cortesia na semana passada. Os Americanos foram informados pelas suas fontes de que o Tariq esteve envolvido em Paris.

Querem-no preso e julgado nos Estados Unidos.

— A última coisa de que precisamos agora é de estar a tropeçar na CIA.

— Receio que ainda seja pior. O homem de Langley deixou cair um aviso não muito subtil sobre os perigos de fazer operações em certos países sem permissão.

— Sabem de alguma coisa?

— Duvido, mas não o excluiria por completo.

— Estava à espera que o meu regresso ao Escritório não me fosse enfiar numa cadeia inglesa.

- E não vai, desde que mantenha a disciplina.
- Obrigado pelo voto de confiança.
- Descobriste-a? — perguntou Shamron, mudando de assunto.

Gabriel acenou com a cabeça.

- E está disposta a fazê-lo?
- Demorei algum tempo a convencê-la, mas concordou.
- Porque é que os meus filhos estão todos tão relutantes em

voltar para casa? Fui um pai assim tão mau?

- Só demasiado exigente.

Gabriel parou em frente de um café nos Champs-Élysées.

Jacqueline estava junto à janela, com uns grandes óculos de sol, a ler uma revista.

Olhou para cima de relance enquanto se aproximavam, depois voltou a fixar o olhar na revista. Shamron disse:

— É bom ver-vos aos dois a trabalhar juntos outra vez. Mas não lhe partas o coração desta vez. É boa moça.

- Eu sei.

— Vais precisar de lhe arranjar um trabalho de disfarce em Londres. Conheço uma pessoa que está à procura de uma secretária.

Estou um passo à tua frente.

Shamron sorriu e afastou-se. Desapareceu nas multidões ao longo dos Champs-Élysées e, um momento depois, sumira-se.

Julian Isherwood abriu caminho pelos ladrilhos molhados de Mason's Yard. Eram três e trinta e estava a voltar à galeria a seguir ao almoço. Estava bêbado. Não tinha reparado que estava bêbado até sair do Green's e inspirar fundo um pouco do ar úmido e gelado. O oxigênio ressuscitara o cérebro, e o cérebro alertara o corpo de que, uma vez mais, tinha despejado vinho demais dentro dele. O companheiro de almoço fora o barrigudo Oliver Dimbleby e, uma vez mais, o tema da conversa tinha sido a proposta de compra da Isherwood Fine Arts por parte de Oliver. Desta vez, Isherwood conseguira manter a compostura e discutido a situação de uma forma razoavelmente racional — mas não sem a ajuda de duas garrafas de um soberbo Sancerre. Quando estamos a discutir o desmembramento do nosso negócio — da nossa própria alma, pensou —, é-nos permitido entorpecer a dor com um bom vinho francês.

Puxou o casaco para tapar os ouvidos. Uma rajada de vento úmido varreu a Duke Street. Isherwood viu-se apanhado num remoinho de folhas mortas e lixo molhado. Avançou alguns passos aos trambolhões, as mãos a proteger a cara, até o remoinho se extinguir. Pelo amor de Deus! Clima horroroso. Autenticamente siberiano. Pôs a hipótese de se escapulir para dentro do pub, para aquecer os ossos, mas pensou melhor. Já tinha feito suficientes estragos para uma tarde. Utilizou a chave para abrir a porta no rés-do-chão, subiu as escadas devagar, a pensar que devia mesmo tratar do tapete. No patamar, estava a entrada para uma pequena agência de viagens. As paredes estavam forradas com cartazes de amazonas ferozmente bronzeadas, seminuas, a brincar ao sol. Talvez isto seja a melhor coisa para mim, pensou, a olhar fixamente para uma moça em topless, deitada de barriga para baixo na areia imaculadamente branca. Talvez deva abandonar enquanto ainda tenho alguns anos decentes dentro de mim. Fugir de Londres, ir para um sítio quente, lambar as minhas fendas.

Enfiou a chave com força na fechadura, empurrou a porta para trás, despiu o casaco e pendurou-o no cabide na sala de espera. A seguir, entrou no escritório e deu um toque no interruptor.

— Olá, Julian.

Isherwood virou-se e deu de cara com Gabriel Allon.

— Você! Como diabo entrou aqui?

— Quer mesmo saber?

— Suponho que não — respondeu Isherwood. — Em nome de Deus, o que está fazendo aqui? E onde tem estado?

— Preciso de um favor.

— Precisa de um favor! Precisa de um favor meu! Med abandonou no meio de um trabalho. Deixou meu Vecellio num chalé na Cornualha sem segurança nenhuma.

— Às vezes, o melhor lugar para esconder um Vecellio de valor inestimável é o último sítio onde alguém se lembraria de o procurar. Se me quisesse aproveitar à vontade do conteúdo do teu cofre lá em baixo, podia tê-lo feito com bastante facilidade.)?

— Isso é porque você é uma aberração da natureza!

— Não é preciso tornar as coisas pessoais, Julian.

— Sério? E que tal isto como pessoal?

Pegou uma xícara de café da secretária e atirou-a direita à cabeça de Gabriel. f

Gabriel conseguiu ver que Isherwood tinha estado a beber, por isso puxou-o lá para fora para o pôr sóbrio. Andaram aos círculos pelos caminhos do Green Park, até Isherwood se cansar e recostar num banco. Gabriel sentou-se ao lado e esperou que um casal passasse antes de recomeçar a falar.

— Ela sabe escrever à máquina? — perguntou Isherwood. Sabe atender o telefone? Tomar nota de um recado?

— Não me parece que tenha feito um verdadeiro dia de trabalho em toda a vida. — Oh, mas que perfeito. Absolutamente estupendo.

— É uma moça esperta. Tenho certeza de que vai ser capaz de ajudar no escritório.

Isso é reconfortante. É-me permitido perguntar porque é que devo contratar esta mulher?

— Julian, por favor.

— Julian, por favor, Julian, mete-te na tua vida. Julian, cala-te e faz o que te dizemos. É sempre o mesmo com vocês. Enquanto tudo isto se passa, o meu negócio está a ir para o buraco. O Oliver fez-me uma proposta. Vou aceitá-la. — O Oliver não parece o teu tipo.

— A cavalo dado não se olha o dente. Não estaria nesta posição se não me tivesses abandonado.

— Não te abandonei.

— E chama isso de que, Gabriel?

— É só uma coisa que preciso fazer. E tal e qual como nos velhos tempos. — Nos velhos tempos, isso fazia parte do acordo logo de saída. Mas estes não são os velhos tempos. Isto é negócio, a porra de um negócio e ponto final, Gabriel, e tu passaste-me bem a perna. O que é que é suposto eu fazer acerca do Vecellio enquanto fazes jogos com o Ari?

— Espere por mim — respondeu Gabriel. — Isto vai terminar em breve e vou trabalhar nisso dia e noite, até estar acabado.

— Não quero um trabalho às três pancadas. Dei porque sabia que ia demorar o teu tempo e fazê-lo como deve ser. Se quisesse um trabalho de qualquer jeito, podia ter contratado alguém sem talento por um terço do que te pago.

— Dê um tempo. Mantenha teu comprador a distância e, faça o que fizer, não venda sua posição a Oliver Dimbleby. Nunca se perdoará.

Isherwood olhou para o relógio e levantou-se.

— Tenho um encontro. Alguém que quer mesmo comprar um quadro.

Virou-se e começou a afastar-se; depois parou e disse:

— Aliás, você deixou para trás um rapazinho desgostoso na Cornualha.

— Peel — disse Gabriel de longe.

— Sem piada, Gabriel, nunca imaginei que você fosse capaz de magoar uma criança. Diga à moça para estar na galeria amanhã às nove. E diga que não se atrase.

— Vai estar lá.

— Como devo chamar esta secretária que vai me enviar?

— Pode chamá-la Dominique.

— Bonita? — perguntou Isherwood, recuperando um pouco do seu velho humor.

— Não é má.

MAIDA VALE, LONDRES

Gabriel carregou as malas para dentro, enquanto Jacqueline examinava a sua nova casa, um apartamento acanhado de uma divisão, com uma única janela com vista para um pátio interior. Um sofá desdobrável, uma cadeira de couro estalado, uma secretária pequena. Ao lado da janela, estava um radiador lascado e, ao lado do radiador, uma porta que dava para uma cozinha pouco maior do que a da chalupa de Gabriel. Jacqueline entrou na cozinha e começou a abrir e a fechar armários, tristemente, como se cada um fosse mais repulsivo do que o último.

— Disse ao *bodel* para fazer umas compras para ti.

— Não podias ter arranjado uma coisa um bocadinho mais agradável? — A Dominique Bonard é uma moça de Paris que veio para Londres à procura de trabalho. Não achei que um duplex de três quartos em Mayfair fosse apropriado.

— É aí que estás?

— Não exatamente.

— Fica uns minutos. Acho a ideia de estar sozinha aqui deprimente.

— Poucos.

Encheu a chaleira de água, colocou-a no fogão e ligou o bico. Gabriel descobriu saquinhos de chá e uma embalagem de leite de longa duração. Ela preparou duas xícaras grandes de chá e levou-as para a sala de estar. Gabriel estava sentado no sofá. Jacqueline tirou os sapatos e sentou-se à frente dele, os joelhos por baixo do queixo.

— Quando é que começamos?

— Amanhã à noite. Se isso não funcionar, tentamos a noite a seguir.

Acendeu um cigarro, encostou a cabeça para trás e atirou o fumo para o teto.

Depois olhou para Gabriel e franziu os olhos.

— Lembras-te daquela noite em Túnis?

— Qual noite?

- A noite da operação.
- É claro que me lembro.
- Lembro-me como se tivesse sido ontem.

Fechou os olhos.

— Lembro-me especialmente da viagem pela água, do regresso ao barco. Estava tão excitada que não conseguia sentir o corpo. Estava a voar. Tínhamos mesmo conseguido. Tínhamos ido direitos à casa daquele sacana, no meio de um recinto da OLP, e eliminado o tipo. Apetecia-me gritar de alegria. Mas nunca vou esquecer a tua expressão. Estavas atormentado. Era como se os homens mortos estivessem sentados ao teu lado no barco.

— Muito poucas pessoas compreendem o que é matar um homem à queima-roupa. E ainda menos sabem o que é encostar-lhe uma arma à cabeça e puxar o gatilho. Matar no campo de batalha dos serviços secretos é diferente do que matar um homem no Golan ou Sinai, mesmo quando se trata de um sacana assassino como o Abu Jihad.

— Agora compreendo isso. Senti-me tão idiota quando regressamos a Telaviv. Comportei-me como se tivesses acabado de marcar o golo da vitória, e durante todo esse tempo estavas a morrer por dentro. Espero que me possas perdoar. — Não precisas de pedir desculpa.

— Mas o que não compreendo é como Shamron te atraiu de volta, depois destes anos todos.

— Não tem nada a ver com Shamron. Tem a ver com Tariq.

— O que tem Tariq?

Gabriel deixou-se ficar sentado em silêncio por um momento, depois levantou-se e foi até a janela. No pátio, um trio de rapazes dava pontapés numa bola sob a luz âmbar de um poste, jornais velhos pairando sobre eles como cinzas no vento úmido.

— O irmão mais velho do Tariq, o Mahmoud, era membro do Setembro Negro. O Ari Shamron seguiu-lhe o rastro até Colônia e enviou-me para acabar com ele. Enfie-me no apartamento dele enquanto estava a dormir e aponte-lhe uma arma à cara. Depois acordei-o, para que não tivesse uma morte tranquila. Dei-lhe dois tiros nos olhos. Dezesete anos mais tarde, o Tariq teve a sua vingança ao rebentar com a minha mulher e o meu filho diante dos meus olhos. Jacqueline tapou a boca com as mãos.

Gabriel continuava a olhar fixamente pela janela, mas conseguia perceber que era Viena que via agora e não os rapazes a brincar no pátio.

— Durante muito tempo, pensei que o Tariq se tivesse enganado — disse Gabriel. — Mas ele nunca se engana assim. É cuidadoso, faz tudo com um propósito. É o predador perfeito. Foi atrás da minha família por uma razão. Foi atrás deles para me castigar por lhe ter matado o irmão. Sabia que seria pior do que a morte.

Voltou-se para a olhar de frente.

— De um profissional para outro, foi um trabalho perfeito.

— E agora vais matá-lo em retribuição? Afastou o olhar e não respondeu nada. — Sempre me culpei pelo que aconteceu em Viena — disse Jacqueline. — Se não tivéssemos...

— Não tiveste culpa — disse Gabriel, interrompendo-a. A culpa foi minha, não tua. Devia ter calculado. Comportei-me de uma forma estúpida. Mas agora acabou. A frieza da sua voz foi como uma faca no peito dela. Demorou muito tempo a apagar o cigarro e depois olhou para cima, na direção dele.

— Por que contou a Leah sobre nós?

Ficou parado à janela por um momento, sem dizer nada. Jacqueline receou que tivesse ido longe de mais. Tentou pensar em algum modo de desbloquear a situação e mudar de assunto, mas queria desesperadamente saber a resposta. Se Gabriel não tivesse confessado o caso, Leah e Dani nunca teriam estado com ele na missão em Viena.

— Conte-lhe porque não lhe queria mentir. A minha vida inteira era uma mentira. O Shamron tinha-me convencido de que eu era perfeito, mas não era perfeito. Pela primeira vez na vida, tinha-me comportado com um pouco de fragilidade e fraqueza humanas. Suponho que precisasse de o partilhar com ela. Suponho que precisasse de alguém para me perdoar.

Pegou no casaco. O rosto estava contorcido. Estava zangado, não com ela mas consigo próprio.

— Tens um dia longo à tua frente amanhã. A voz era agora toda ela negócios. — Instala-te e tenta descansar um bocado. O Julian está a contar que apareças às nove horas. E depois saiu.

Durante uns minutos, distraiu-se com o ritual do desfazer das malas. Depois, a dor tomou-a de surpresa, como o ardor atrasado de uma bofetada. Deixou-se cair no sofá e começou a chorar. Acendeu outro

cigarro e olhou em redor do apartamentinho horroroso. Mas que diabo estou eu aqui afazer? Tinha concordado em voltar por uma razão — porque julgava que podia fazer Gabriel amá-la —, mas ele tinha reduzido o caso em Túnis a um momento de fraqueza. Ainda assim, porque tinha ele voltado, após todos estes anos, para matar Tariq? Era simplesmente por vingança? Um olho por olho? Não, pensou, os motivos de Gabriel eram muito mais profundos e mais complexos do que a simples vingança. Talvez precisasse de matar Tariq para se perdoar pelo que tinha acontecido a Leah e avançar, por fim, com a vida. Mas poderá me perdoar? Talvez a única forma de lhe ganhar a confiança fosse ajudá-lo a matar Tariq. E a única forma de poder ajudar a matar Tariq é fazer outro homem se apaixonar por mim e levá-lo para a cama. Fechou os olhos e pensou em Yusef al-Tawfiki. Gabriel deixara o carro em Ashworth Road. Fez questão de mostrar que tinha deixado cair as chaves no passeio e que estava apalpando na escuridão como se estivesse a tentar encontrá-las. Na realidade, estava a inspecionar a parte de baixo do carro, à procura de algo que não devesse estar lá — uma massa, um cabo grande. O carro parecia limpo, por isso entrou, ligou o motor e guiou em círculos durante meia hora por Maida Vale e Notting Hill, assegurando-se de que não estava a ser seguido.

Estava aborrecido consigo mesmo. Tinham-lhe ensinado primeiro o pai e depois Ari Shamron — que os homens que não conseguiam guardar segredos eram fracos e inferiores. O pai sobrevivera a Auschwitz, mas recusou-se sempre a falar disso. Bateu em Gabriel uma vez apenas — quando Gabriel exigiu que o pai lhe contasse o que tinha acontecido no campo de concentração. Se não tivesse sido pelos números tatuados no antebraço direito, Gabriel poderia nunca ter sabido que o pai sofrera.

Na verdade, Israel era um local cheio de gente traumatizada — mães que enterraram filhos mortos em guerras, crianças que enterraram irmãos mortos por terroristas. Após Viena, Gabriel apoiou-se nas lições do pai: "Às vezes, as pessoas morrem demasiado cedo. Chora-as em privado. Não tenhas o sofrimento à flor da pele como os Árabes. E quando tiveres acabado de fazer o luto, põe-te de pé e continua com a vida."

Tinha sido a última parte — continuar com a vida — que dera mais trabalho a Gabriel. Culpava-se pelo que tinha acontecido em Viena, não só pelo caso com Jacqueline, mas também pelo modo como tinha matado o irmão de Tariq. Quisera ter a satisfação de saber que Mahmoud estava

ciente da sua morte — que tinha ficado aterrorizado no momento em que a Beretta de Gabriel lhe enviou silenciosamente a primeira bala ardente para o cérebro. Shamron dissera-lhe para aterrorizar os terroristas — para pensar como eles e comportar-se como eles. Gabriel acreditava que tinha sido castigado por se ter deixado tornar igual ao inimigo.

Como resultado, tinha-se castigado a si próprio. Uma por uma, fechara as portas e obstruíra as janelas que em tempos lhe tinham dado acesso aos prazeres da vida. Vagueou pelo tempo e pelo espaço como imaginava que um espírito maldito pudesse visitar o lugar onde vivera: capaz de ver os entes queridos e os pertences mas incapaz de comunicar ou saborear ou tocar ou sentir. Senda a beleza apenas na arte e apenas ao reparar os danos infligidos por proprietários negligentes ou pela passagem corrosiva do tempo. Shamron tinha feito de si o destruidor. Gabriel voltara a tornar-se o curador. Infelizmente, não era capaz de se curar a si próprio. Então porquê contar segredos Jacqueline? Por que responder suas malditas perguntas? A resposta simples era: porque queria. Tinha-o sentido no momento em que entrara na sua casa em Valbonne, uma necessidade prosaica de partilhar segredos e revelar dor e desapontamento passados. Mas havia algo mais importante: não tinha que se explicar com ela. Pensou na fantasia tola acerca da mãe de Peel, como tinha terminado quando lhe contara a verdade sobre si mesmo. A cena refletia um dos medos profundos de Gabriel — o temor de dizer a uma outra mulher que era um assassino profissional. Jacqueline já conhecia os seus segredos.

Talvez Jacqueline tivesse tido razão numa coisa, pensou — talvez devesse ter pedido outra moça a Shamron. Jacqueline era a sua *bat leveyha*, e amanhã ia enviá-la para a cama de outro homem.

Estacionou à esquina do apartamento e caminhou depressa pelo passeio, em direção à entrada do prédio. Olhou para cima, para a sua janela, e murmurou: — Boa noite, Senhor Karp.

E imaginou Karp, a espreitar pela mira do seu microfone parabólico, a dizer: — Bem-vindo a casa, Gabriel. Há muito tempo que não te ouvia.

MAIDA VALE, LONDRES

Jacqueline sentiu uma alegria peculiar na manhã seguinte, enquanto atravessava Elgin Avenue, na direção da estação do metro de Maida Vale. Tinha vivido uma vida de excesso hedonístico demasiado dinheiro, demasiados homens, as coisas boas tidas como garantidas. Era animador estar a fazer algo tão comum como apanhar o metro para o trabalho, mesmo que fosse apenas um emprego de disfarce. Comprou um exemplar do The Times da banca de jornais na rua, depois entrou na estação e seguiu pelas escadas abaixo até o hall dos bilhetes. Na noite anterior, tinha estudado mapas de ruas e memorizado as linhas de metro. Tinham nomes tão curiosos: Jubilee, Circle, District, Victoria. Para chegar à galeria em St. James's, apanharia a Bakerloo Line de Maida Vale até Piccadilly Circus. Comprou um bilhete numa máquina, a seguir passou pelo torniquete e desceu pelas escadas rolantes até a plataforma. Até agora, tudo bem, pensou. Apenas mais uma moça trabalhadora em Londres.

A ideia de relaxar por uns minutos com o jornal dissolveu-se quando o metro chegou à estação. As carruagens vinham abarrotadas sem remédio, os passageiros esmagados contra os vidros. Jacqueline, que era sempre protetora do seu espaço, pensou em esperar para ver se o próximo metro viria um pouco melhor.

Olhou para o relógio, viu que não tinha tempo a perder. Quando as portas se abriram, apenas uma mão-cheia de pessoas saiu. Não parecia haver lugar onde ficar. O que faria uma londrina? Empurrar até conseguir entrar. Encostou a mala no peito e entrou.

O metro avançou aos solavancos. O homem ao seu lado estava a respirar a cerveja da noite passada para cima da cara dela. Esticou o corpo comprido, inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos, descobriu uma corrente de ar fresco a escapar-se por uma fenda nas portas.

Uns instantes mais tarde, o metro chegou a Piccadilly Circus. Cá fora, a neblina tinha-se transformado em chuva fraca. Jacqueline puxou de um guarda-chuva de dentro da mala. Andou depressa, acompanhando a passada dos empregados de escritórios à sua volta, fazendo alterações subtis à trajetória para evitar o trânsito que se aproximava.

Ao virar em Duke Street, deitou uma olhadela por cima do ombro. A andar alguns metros atrás, de calças de ganga pretas e um casaco de couro, estava Gabriel. Avançou para sul ao longo de Duke Street, até chegar à entrada de Mason's Yard.

Gabriel deu-lhe um encontrão no cotovelo ao passar.

— Estás segura. Dê beijinhos no Julian.

A galeria estava exatamente como Gabriel a descrevera: apertada entre o escritório da companhia de navegação e o pub. Ao lado da porta havia um painel e no painel estavam dois botões e dois nomes correspondentes: LOCUS TRAVEL e ISHERWOOD FINE ARTS. Carregou no botão, esperou, carregou outra vez, esperou, deitou um olhar ao relógio, carregou outra vez. Nada.

Atravessou Mason's Yard, entrou em Duke Street e descobriu um pequeno café onde podia esperar. Mandou vir café e instalou-se perto da janela com o Times. Quinze minutos mais tarde, às nove e vinte em ponto, reparou num homem de cabelos grisalhos vestido com grande estilo a avançar apressadamente por Duke Street, como se estivesse atrasado para o próprio funeral. Agachou-se para passar entre os edifícios e desapareceu por Mason's Yard dentro. Isherwood, pensou. Tinha de ser.

Enfiou o jornal na mala e esgueirou-se para fora do café, atrás dele. Seguiu-o através de Mason's Yard, em direção à galeria. Enquanto ele estava a destrancar a porta, gritou:

— Senhor Isherwood, é o senhor? Tenho estado à sua espera. Isherwood voltou-se. A boca abriu ligeiramente enquanto ela se aproximava.

— Sou a Dominique Bonard. Creio que estava à minha espera esta manhã. Isherwood desimpediou a garganta várias vezes rapidamente e pareceu ter dificuldades em recordar-se de qual a chave que abria o escritório. — Sim, bom, encantado, realmente — balbuciou. — Peço imensa desculpa, o maldito metro, sabe como é.

— Deixe-me pegar na pasta. Talvez isso ajude.

— Sim, bom, é francesa — disse, como se achasse que isto pudesse ser uma revelação para ela. — Tenho um italiano fluente, mas receio que o meu francês seja bastante atroz.

— Tenho certeza de que nos iremos entender perfeitamente em inglês.

— Sim, claro.

Por fim, conseguiu destrancar a porta. Segurou-a de modo demasiado galante e fez-lhe sinal para passar até as escadas. No patamar, Isherwood parou em frente à agência de viagens e estudou a moça num dos cartazes. Virou-se e olhou de relance para Jacqueline, depois voltou a olhar fixamente para a moça na fotografia.

— Sabe, Dominique, podia ser a sua irmã gémea. Jacqueline sorriu e respondeu:

— Não seja tolo.

Isherwood abriu a galeria e levou Jacqueline até a secretária.

— Vai aparecer por cá um homem chamado Oliver Dimbleby, mais ao fim da manhã. Parece-se bastante com uma salsicha inglesa num fato Savile Row¹. Abra-lhe a porta para ele subir quando chegar. Até lá, deixe-me mostrar-lhe o resto da galeria.

Entregou-lhe um par de chaves numa fita elástica azul.

Estas são para si. Sempre que um de nós sair da galeria, as portas são para ser fechadas com o alarme. O código para desligar o alarme é cinco-sete-seis-quatro-nove-sete-três-dois-seis. Memorizou-o?

Jacqueline acenou com a cabeça. Isherwood olhou para ela, incrédulo, e ela repetiu a sequência de números rapidamente e sem erro. Isherwood estava claramente impressionado.

Entraram num pequeno elevador, que mal tinha largura para acomodar dois passageiros. Isherwood inseriu a chave no cadeado de segurança, rodou-a e carregou no botão que dizia B. O elevador gemeu e estremeceu, depois desceu lentamente pelo poço, parando com um solavanco suave. As portas abriram-se e entraram numa sala fresca e escura. — Isto é a tumba — disse, ligando as luzes.

Era uma cave apertada cheia de telas, algumas emolduradas, outras não e encostadas em ranhuras construídas nas paredes.

— Esta é a minha sala de estoque. Centenas de trabalhos, muitos deles valiosos, muitos mais com pouco ou nenhum valor no mercado aberto e que, portanto, estão a acumular pó nesta sala.

Levou-a de volta ao elevador e desta vez subiram. As portas abriram-se para uma sala grande e de tecto alto. A luz cinzenta da manhã entrava a conta-gotas por uma cúpula circular de vidro no tecto. Jacqueline avançou com cuidado alguns passos. Isherwood ligou um interruptor,

iluminando a sala. Era como se ela tivesse entrado num museu. As paredes eram cor creme, imaculadas, o chão de madeira dura polido e muito brilhante. No centro do chão, estava um banco baixo coberto por veludo macio cor de vinho. Nas paredes, estavam telas imponentes iluminadas por focos de halogêneo montados no teto. A chuva batia de leve na claraboia abobadada. Jacqueline sentou-se no banco. Havia uma Vênus de Luini e uma Natividade de dei Vaga; um Batismo de Cristo de Bordone e uma paisagem estonteante de Claude.

— É de cortar a respiração — disse. — Sinto-me como se estivesse no Louvre. Deve vir muito aqui em cima.

— Quando preciso pensar. Esteja à vontade para subir sempre que quiser. Traga o almoço.

— Vou fazer isso. Obrigada por me mostrar.

— Se vai trabalhar aqui, suponho que deva conhecer os cantos da casa.

Apanharam o elevador para o andar principal. Jacqueline sentou-se à sua nova secretária, abriu as gavetas, revolveu os cliques para o papel e as canetas, experimentou a fotocopadora.

Isherwood perguntou: — Sabe usar essas coisas, não sabe?

— Tenho certeza de que vou apanhar o jeito.

— Oh, meu Deus — murmurou ele.

Oliver Dimbleby chegou às onze horas em ponto. Jacqueline inspecionou-o pela câmara de segurança — parecia mesmo uma salsicha num fato Savile Row — e carregou no botão para o deixar subir. Quando a avistou, meteu a barriga para dentro e sorriu afetuosamente.

— Então, é a nova moça do Julian — disse, apertando-lhe a mão. — Chamo-me Oliver Dimbleby. Muito gosto em conhecê-la. Muito gosto, realmente.

— Anda, Oliver — chamou Isherwood do escritório interior. Aqui, rapaz. Larga a mão dela e entra aqui. Não temos o dia todo.

Oliver, relutante, libertou-lhe a mão e entrou no escritório de Isherwood. — Diz-me, Julie, meu querido. Se eu comprar mesmo este sido, aquele anjo ali fora também vem?

— Oh, cala-te lá, Oliver. Isherwood fechou a porta.

Jacqueline voltou para o seu escritório e tentou perceber como utilizar o fax. A chamada para o Kebab Fatory veio às 4 da tarde. Gabriel

esperou três minutos e vinte segundos para que Yusef viesse ao telefone — sabia o tempo exato que demorava porque, mais tarde, se sentiu compelido a apurá-lo com um cronometro. Durante a ausência de Yusef, foi brindado com os sons dos ajudantes de cozinha a tagarelar em árabe libanês e com Mohammed, o gerente da 199 parte da tarde, a gritar a um empregado para limpar a mesa dezessete. Quando Yusef veio finalmente ao telefone, parecia ligeiramente sem fôlego. A conversa inteira durou trinta e sete segundos. Quando terminou, Gabriel rebobinou a fita e ouviu-a tantas vezes que Karp lhe implorou que parasse. — Acredita em mim, Gabe, não há nada de sinistro a passar-se. São dois caras falando em sair para beber e talvez achar uma garota para ir para a cama. Lembra de ir para a cama, não lembra?

Mas Gabriel estava iniciando a fase seguinte da operação — estava enviando Jacqueline para território hostil — e queria ter certeza de que não a enviava para uma armadilha. Por isso escutou outra vez:

— Continua tudo combinado para hoje à noite?

— Completamente. Onde?

— No Bar One, em Leicester Square, às nove horas.

— Lá estarei.

STOP. REBOBINAR. PLAY.

— Continua tudo combinado para hoje à noite?

— Completamente. Onde?

— No Bar One, em Leicester Square, às nove horas.

— -Lá estarei.

STOP. REBOBINAR. PLAY.

— No Bar One, em Leicester Square, às nove horas.

STOP. PLAY.

— Lá estarei.

Gabriel pegou o telefone e teclou com força o número da Isherwood Fine Arts.

LEICESTER SQUARE, LONDRES

O Bar One ficava no canto sudoeste de Leicester Square. Tinha dois andares e grandes janelas, de modo que Gabriel, sentado lá fora num banco de madeira frio, podia ver a ação lá dentro como se fosse uma peça ou um palco de múltiplos níveis. Magotes de turistas e pessoas que iam ao cinema passavam por ele a gritar. Os artistas de rua também tinham saído. Num dos lados da praça, um alemão cantava Jimi Hendrix por um microfone a crepitar, acompanhado por uma guitarra acústica amplificada. No outro, um grupo de peruanos tocava a música das montanhas para um bando de punks urbanos com cabelo de cor púrpura e ar desconsolado. A uns metros da entrada do bar, uma estátua humana estava, imobilizada, em cima de um pedestal, a cara pintada da cor do titânio, a olhar para Gabriel de forma malévola.

Yusef apareceu cinco minutos mais tarde, acompanhado por um homem bem-arranjado e de cabelo arruivado. Esquivaram-se à pequena fila à porta subornando o macacão musculado que fazia de segurança. Um momento depois, apareceram à janela no segundo andar. Yusef disse olá a uma loira alta e magra. Gabriel tirou um celular do bolso do casaco, marcou um número, murmurou algumas palavras, depois carregou no botão para desligar.

Jacqueline, quando chegou cinco minutos mais tarde, vestia a mesma roupa que tinha vestido para a galeria de Isherwood nessa manhã, mas soltara os longos cabelos. Apresentou-se ao porteiro e perguntou pelo tempo de espera. O porteiro afastou-se pronta— mente, para grande aborrecimento dos outros clientes que se acumulavam à porta. Enquanto Jacqueline desaparecia dentro do bar, Gabriel ouviu alguém dizer entre dentes: — Cabra francesa.

Subiu, pagou um copo de vinho e sentou-se à janela, a uns metros de Yusef e do amigo. Yusef ainda estava a conversar com a loira mas, após alguns instantes, Gabriel pôde ver os seus olhos a desviarem-se para a moça alta e de cabelo escuro sentada à direita.

Vinte minutos mais tarde, nem Gabriel nem a estátua se tinham movido, mas Yusef tinha-se desenhado da loira e estava sentado ao

lado de Jacqueline. Ela estava a comê-lo com os olhos, como se o que quer que ele estivesse a dizer fosse a coisa mais fascinante que ouvira em anos.

Gabriel olhou fixamente para a estátua e a estátua retribuiu o olhar. À meia-noite, saíram do bar e caminharam ao longo da praça no meio de um vento que redemoinhava. Jacqueline tremia e dobrou os braços por baixo dos seios. Yusef pôs-lhe o braço à volta da cintura e puxou-a contra si. Ela conseguia sentir o vinho. Tinha descoberto que a utilização sensata de álcool ajudava em situações como estas. Bebera exatamente o suficiente para perder quaisquer inibições em relação a dormir com um completo desconhecido inibições que a poderiam trair —, mas não o suficiente para lhe entorpecer os sentidos ou os instintos de autopreservação.

Entraram num táxi em Charing Cross Road.

Jacqueline perguntou: — Onde mora?

Sabia a resposta mas Dominique Bonard não.

— Tenho um apartamento em Bayswater. Sussex Gardens. Vamos para lá? Acenou com a cabeça. Seguiram por Charing Cross Road acima, passando por lojas escurecidas, depois para oeste, ao longo de Oxford Street, na direção de Marble Arch e do parque. Às vezes, passavam por uma loja iluminada ou por baixo de um poste de rua e ela via-lhe a cara por um instante, como uma fotografia projetada de relance numa tela e a seguir retirada. Estudou-lhe o perfil. A articulação do maxilar era um ângulo recto perfeito, o nariz comprido e fino, com linhas nítidas ao longo da cana, os lábios carnudos. Pestanas compridas, sobrancelhas largas. Tinha-se barbeado com atenção. Não usava água-de-colônia.

Baseado no que Gabriel lhe tinha dito, esperava que Yusef fosse convencido e demasiado confiante. Mas, em vez disso, exibia uma inteligência agradável, de certa maneira envergonhada. Pensou no executivo químico alemão que seduzira em Chipre. Era careca e tinha mau hálito. Ao jantar, tinha-lhe contado quanto odiava os judeus. Mais tarde, na cama, pedira-lhe para fazer coisas que a deixaram doente.

Avançaram por Edgware Road acima e viraram em Sussex Gardens. Queria olhar para cima e descobrir o apartamento no qual Gabriel instalara o posto de escuta. Em vez disso, obrigou-se a olhar para Yusef. Passou o dedo pelo maxilar dele. — Você é bem bonito, sabia?

Ele sorriu.

Ela pensou: *Está habituado a elogios das mulheres.*

O táxi chegou à entrada do edifício. Era um sítio sem charme, um prédio de apartamentos do pós-guerra de fachada lisa, com um ar de decadência institucional. Ajudou-a a sair do táxi, conduziu-a por um pequeno lance de escadas até a entrada principal. Andava sobre a ponta dos pés — como Gabriel, pensou —, como se estivesse perpetuamente preparado para avançar ou atacar de súbito. Pôs-se a pensar se Gabriel os estaria a observar.

Tirou as chaves, pôs uma de parte para a porta da frente modelo Yale, reparou ela — e inseriu-a na fechadura. Conduziu-a por um pequeno hall de linóleo em xadrez, a seguir por um lanço de escadas pouco iluminado. Pôs-se a pensar como iria ele avançar. Iria abrir uma garrafa de vinho, pôr a tocar música suave ou acender velas? Ou iria estar sem rodeios e agir como se estivesse a tratar de negócios? Se conversassem, talvez conseguisse saber alguma coisa acerca dele que pudesse ser útil a Gabriel. Decidiu que iria esticar a sedução por mais um bocadinho de tempo.

À porta do apartamento, ele utilizou uma segunda Yale para destrancar a fechadura principal, depois uma chave mestra antiquada para o trinco. Três fechaduras, três chaves individuais. Nenhum problema. Entraram no apartamento. A sala estava às escuras. Yusef fechou a porta. A seguir, beijou-a pela primeira vez.

Jacqueline disse: — Quis que fizesse isso a noite toda. Você tem uma boca linda.

— Quis fazer outras coisas a noite toda.

Beijou-a de novo.

— Posso arranjar alguma coisa para beber?

— Um copo de vinho seria ótimo, se tiver algum.

— Acho que sim. Deixa-me confirmar.

Acendeu uma luz, um abajur de pé, barato, com o feixe focado no tecto, e deixou as chaves numa mesa pequena junto à porta. Jacqueline pôs a mala ao lado delas. O treino de Shamron veio ao de cima. Examinou rapidamente a sala. Era o apartamento de um revolucionário intelectual, um centro de operações esparsas e utilitário. Três tapetes orientais baratos cobriam o chão de linóleo. A mesa de café era uma peça quadrada e grande de madeira prensada, apoiada em quatro vigas de madeira cor de

cinza e rodeada por um quarteto de cadeiras desirmanadas. No centro da mesa, estava um cinzeiro do tamanho de um prato de mesa, que continha beatas de várias marcas. Algumas estavam esborratadas com batom, dois tons diferentes. À volta do cinzeiro estava meia dúzia de pequenas xícaras, manchadas, como padrões de teste Rorschach, com borras de café turco.

Voltou a atenção para as paredes. Havia cartazes de Bob Marley e de Che Guevara, outro de Tommy Smith e John Carlos a erguerem os punhos dentro de luvas nas Olimpíadas da Cidade do México de 1968. Havia uma bandeira palestina preta, verde e vermelha e uma gravura de uma pintura, representando uma moça de aldeia a receber um banho de outras mulheres na noite anterior ao casamento. Reconheceu a pintura como sendo uma das de Ibrahim Ghannan. Por todo o lado, havia livros, alguns amontoados, alguns em pilhas, como se estivessem à espera de gasolina e de um fósforo

— Volumes da história do Oriente Médio, histórias das guerras do Oriente Médio, biografias de Arafat, Sadat, Ben-Gurion, Rabin.

— Lê bastante — disse Jacqueline.

— É um vício meu.

— De onde és, se não te importas que pergunte?

— Palestina.

Veio até a sala, vindo da cozinha, e entregou-lhe um copo de vinho tinto. Depois estendeu a mão.

— Vem comigo.

Gabriel estava parado à janela. O microfone laser de Karp apanhava trechos da conversa deles, mas era como ouvir um disco de vinil que saltava. Quando passaram para o quarto para fazer amor, Gabriel disse: — Desliga-o.

— Mas, Gabe, agora é que está a chegar à melhor parte.

— Já disse, desliga-o.

Karp baixou o microfone e apagou-o.

— Estou com fome. Vou dar uma volta.

— Vai.

— Você está bem, Gabe?

— Estou ótimo.

— Tem certeza?

— Vai.

Uma hora mais tarde, Yusef saiu da cama, andou até a janela e abriu as cortinas. O poste amarelo da rua transformara sua pele verde-azeitona na cor de papel de jornal antigo. Jacqueline estava deitada de barriga para baixo. Colocou o queixo em cima das mãos e olhou para ele, os olhos seguindo a linha que vinha dos ombros muito retos até a cintura compacta e musculosa. Pensou se Gabriel também estaria olhando para ele.

Yusef estava a observar a rua — a olhar para carros estacionados, a inspecionar o edifício em frente. Virou o corpo ligeiramente e ela pôde ver-lhe uma cicatriz larga e lisa nas costas, que se estendia entre a omoplata direita e o centro da coluna vertebral. Sentira-a enquanto estavam a fazer amor. Era dura e grossa, como lixa. Como a pele de um tubarão. Fora um amante meigo, metucioso nas tentativas de lhe dar prazer. Quando estava dentro dela, tinha fechado os olhos e imaginado que era Gabriel, e quando sentiu a cicatriz entre as omoplatas imaginou que a cicatriz era de Gabriel, uma relíquia de uma das suas missões secretas, e desejou poder passar a mão por cima dela e fazê-la desaparecer. — Para onde é que estás a olhar? — perguntou.

Yusef voltou-se e cruzou os braços no peito.

— Já alguma vez tinhas dormido com um árabe, Dominique?
Pensou: E estás a mudar de assunto.

Respondeu:

— És o meu primeiro. Talvez tenha de o fazer outra vez um dia destes.

— Não enquanto estiveres a dormir comigo.

— Agora estamos a dormir juntos?

— Isso é contigo.

— Muito bem, agora estamos oficialmente a dormir juntos. Virou-se de costas, olhou para a luz da rua a cair-lhe sobre o corpo, imaginou que era o olhar de Gabriel.

— Acha que devíamos nos conhecer melhor, agora que estamos oficialmente dormindo juntos?

Sorriu e respondeu: — O que quer saber?

— Quero saber o que aconteceu em suas costas.

Voltou-se e olhou para fora da janela.

Ela estudou o despertador digital em cima da mesa de cabeceira.

— Há algumas coisas no meu passado que podes achar desagradáveis — disse.

— Coisas más que você fez?

— Não, Dominique. Coisas más que me fizeram.

— Como ficou com essa cicatriz nas costas?

Virou-se e olhou para ela.

— Cresci num campo de refugiados no Líbano, o campo de Sabra e Shatila no Sul de Beirute. Talvez tenha ouvido falar de Shatila, Dominique.

— Claro que ouvi falar de Shatila.

— A OLP tinha escritórios no campo de Shatila, por isso quando os israelenses invadiram o Líbano em oitenta e dois, bombardearam o campo dia e noite. Um míssil disparado por um caça israelense acertou no prédio onde a nossa família vivia. O prédio desabou em cima de mim e um pedaço de cimento rasgou-me a pele das costas.

— Por que você estava no Líbano?

— Porque foi para lá que a minha família foi depois de ser expulsa de suas casas ancestrais na Palestina pelos judeus.

Jacqueline olhou para o teto. Yusef perguntou: — Por que afasta o olhar de mim quando conto isso?

— Conheci uns israelenses há tempos num clube em Paris. Estavam debatendo este assunto com um grupo de estudantes franceses. Disseram que os judeus não tiveram que expulsar os árabes da Palestina porque os árabes foram embora de livre vontade.

Yusef riu e abanou a cabeça.

— Receio que você tenha sido vítima do maior mito sionista, Dominique. O mito de que os palestinos trocariam voluntariamente a terra onde viviam há séculos pelo exílio em campos de refugiados. O mito de que os governos árabes disseram aos palestinos para irem embora.

— Não é verdade?

— Acha que possa ser verdade?

— Na verdade, não.

— Então confie nos seus instintos, Dominique. Se não soa plausível, provavelmente não é. Quer saber a verdade sobre o que os judeus fizeram ao meu povo? Quer saber por que minha família foi parar num campo de refugiados em Beirute?

- Quero saber coisas de você...
- Sou palestino. É impossível me separar da história do meu povo.
- Conte — respondeu.
- Aliás, que clube em Paris?
- O quê?
- O clube onde conheceu os israelenses. Qual foi?
- Não sei se lembro. Foi há tanto tempo...
- Tente lembrar, por favor. É importante.
- O nome é al-Nakba. A Catástrofe.

Tinha vestido pijama de algodão larga e camiseta da Universidade de Londres, como se de repente estivesse consciente da sua nudez. Deu a Jacqueline uma camisa azul. O significado era claro: não se pode discutir algo tão sagrado como al-Nakba despido e pós-coito. Jacqueline estava sentada no meio da cama, as pernas compridas cruzadas à frente, enquanto Yusef andava de um lado para o outro.

— Quando as Nações Unidas apresentaram o plano para dividir a Palestina em dois estados, os judeus aperceberam-se de que tinham um problema grave. Os sionistas tinham vindo à Palestina para construir um estado judeu, mas praticamente metade das pessoas no novo estado dividido seria árabe. Os judeus aceitaram o plano de divisão, sabendo muito bem que seria inaceitável para os Árabes. E porque deviam os Árabes aceitá-lo? Os judeus detinham sete por cento da Palestina, mas estava a ser-lhes entregue cinquenta por cento do país, incluindo a terra mais fértil, ao longo da planície costeira e da Alta Galileia. Estás a ouvir, Dominique?

— Estou ouvindo.

— Os judeus engendraram um plano para retirar os Árabes da terra destinada ao Estado judeu. Até tinham um nome para ele: Plano Dalet. E ativaram-no no momento em que os Árabes atacaram. O plano era expulsar os Árabes, escorraçá-los, como disse o Ben-Gurion. Limpar a Palestina judia dos Árabes. Sim, limpar. Não uso essa palavra de ânimo leve, Dominique. A palavra não é minha. É a mesmíssima palavra que os sionistas usaram para descrever o plano para expulsar o meu povo da Palestina.

— Até parece que se portaram como os sérvios.

E portaram. Já alguma vez ouviste falar de um sítio chamado Deir Yassin?

— Não — respondeu.

— A tua visão do conflito no Oriente Médio foi moldada pelos sionistas, por isso não me surpreende nada que nunca tenhas ouvido falar de Deir Yassin.

— Fala-me sobre Deir Yassin.

— Era uma aldeia árabe às portas de Jerusalém, na estrada para a costa e Telaviv. Já não está lá. Há uma vila judia onde Deir Yassin costumava estar. Chama-se Kfar Sha'ul.

Yusef fechou os olhos por um momento, como se a parte seguinte fosse demasiado dolorosa para falar sequer nela. Quando retomou a conversa, falava com a calma neutra de um sobrevivente a recordar os últimos acontecimentos mundanos da vida de um ente querido.

— Os anciãos da aldeia tinham chegado a um entendimento com os sionistas, por isso os quatrocentos árabes que viviam em Deir Yassin sentiam-se seguros. Tinha-lhes sido prometido pelos sionistas que a aldeia não seria atacada. Mas, às quatro da tarde de uma manhã de Abril, os membros do Irgun e do Gangue Stern foram até Deir Yassin. Pelo meio-dia, dois terços dos habitantes da aldeia tinham sido chacinados. Os judeus juntaram os homens e os rapazes, encostaram-nos a um muro e começaram a disparar. Foram de casa em casa e assassinaram as mulheres e as crianças. Dinamitaram as casas. Dispararam sobre uma mulher que estava grávida de nove meses e a seguir abriram-lhe o ventre e arrancaram o filho. Uma mulher avançou para tentar salvar a vida do bebé.

Um judeu disparou sobre a mulher e matou-a.

— Não acredito que coisas dessas aconteceram na Palestina.

— Claro que aconteceram, Dominique. Depois do massacre, a palavra foi espalhando rapidamente pelas aldeias árabes. Os judeus aproveitaram a situação ao máximo. Montaram altifalantes em vans e emitiram avisos. Disseram aos Árabes para se irem embora, ou haveria outra Deir Yassin. Inventaram histórias de surtos de tifo e cólera. Fizeram emissões de rádio clandestinas em árabe, a fazerem-se passar por líderes árabes, e incitaram os palestinos a fugir para evitar um banho de sangue. Esta é a verdadeira razão pela qual os palestinos se foram embora.

— Não fazia ideia — disse.

— A minha família veio da aldeia de Lydda. Lydda, como Deir Yassin, já não existe. Agora é Lod. É onde os sionistas puseram a porra do seu aeroporto. Depois de uma batalha com os defensores árabes, os judeus entraram em Lydda. Deu-se o pânico completo. Duzentos e cinquenta aldeões árabes foram mortos no fogo cruzado. Depois da aldeia ter sido capturada, os comandantes perguntaram ao Ben-Gurion o que é que se devia fazer com os Árabes. Respondeu: Escorracem-nos! As ordens de expulsão propriamente ditas foram assinadas pelo Yitzhak Rabin. À minha família foram dados dez minutos para arrumar alguns pertences, tantos quantos conseguissem levar numa única mala, e mandaram-nos ir embora. Começaram a andar. Os judeus riram-se deles. Cuspiram-lhes em cima.

É essa a verdade sobre o que aconteceu na Palestina. É isso quem eu sou. É por isso que os odeio.

Jacqueline, no entanto, estava a pensar não nos árabes de Lydda mas nos judeus de Marselha — em Maurice e Rachel Halévy e na noite em que os gendarmes de Vichy os foram buscar. — Estás a tremer — disse ele.

— A tua história perturbou-me. Volta para a cama. Quero abraçar-te. Arrastrou-se de volta para a cama, esticou o corpo suavemente por cima do dela e beijou-lhe a boca.

— Fim da palestra — disse. — Retomamos amanhã, se estiveres interessada.

— Estou interessada, muito interessada, na verdade.

— Acreditas nas coisas que te contei, ou achas que sou só mais outro árabe fanático que quer ver os judeus expulsos para o mar? — Acredito em ti, Yusef.

— Gostas de poesia? '."

— Adoro poesia. !' "

A poesia é muito importante para o povo palestino. A nossa poesia permite-nos expressar o nosso sofrimento. Dá-nos a coragem para enfrentar o nosso passado. Um poeta chamado Mu'in Basisu é um dos meus preferidos. Beijou-a de novo e começou a recitar:

E após a cheia, ninguém deste povo restou

Esta terra, apenas uma corda e um poste

Ninguém a não ser corpos nus a flutuar no lodo

*Partidas de parentes e filhos
Ninguém a não ser corpos inchados.
Os seus números desconhecidos
Aqui os destroços, aqui a morte, aqui os afogados em águas profundas*

Migalhas de carcaça de pão ainda presas na minha mão.

Ela disse: — É lindo.

— Soa melhor em árabe.

Parou por um momento, depois perguntou:

— Falas alguma coisa de árabe, Dominique?

— Claro que não, por que pergunta?

— Era só para saber.

De manhã, Yusef levou-lhe o café à cama. Jacqueline sentou-se e bebeu-o muito depressa. Precisava do choque da cafeína para a ajudar a pensar. Não tinha dormido. Por várias vezes, pusera a hipótese de se escapular da cama, mas Yusef tinha um sono leve e receou que pudesse acordar. Se a descobrisse a fazer moldes das chaves com um instrumento especial disfarçado de estojo de maquilhagem, não haveria maneira de se explicar. Partiria do princípio de que era uma agente israelense. Podia muito bem matá-la. Seria melhor sair do apartamento sem os moldes do que ser apanhada. Queria fazê-lo como deve ser — para o bem de Gabriel e de si própria.

Olhou para o relógio. Já eram quase nove horas.

— Peço desculpa por te ter deixado dormir tanto tempo disse Yusef.

— Não faz mal. Estava cansada.

— Foi um bom cansaço, sim? Beijou-o e respondeu:

Foi um cansaço muito bom.

— Telefona ao teu patrão e diz-lhe que vais tirar o dia para fazer amor com um palestino chamado Yusef al-Tawfiki.

— Não me parece que veja onde está a graça disso.

— Este homem nunca quis passar o dia a fazer amor com uma mulher?

— Por acaso, não sei bem.

— Vou tomar um duche. Se quiseres, podes acompanhar-me.

— Assim nunca mais chegarei ao trabalho. — Era essa a minha intenção.

— Vai para o chuveiro. Há mais café?

— Na cozinha.

Yusef entrou na casa de banho e deixou a porta entreaberta. Jacqueline deixou-se ficar na cama até o ouvir entrar no chuveiro; depois escapuliu-se debaixo dos lençóis e caminhou silenciosamente até a cozinha. Serviu-se de uma xícara de café e foi até à sala de estar. Colocou o café em cima da mesa, junto às chaves de Yusef, e sentou-se. O chuveiro ainda estava a correr. Enfiou a mão na mala e tirou o estojo de maquilhagem. Abriu-o, com um estalido, e deu uma olhada lá dentro. Estava cheio de um material de cerâmica macio. Tudo o que tinha de fazer era colocar uma chave no material e fechar a tampa com força. O estojo artificial produziria uma impressão perfeita.

As mãos tremiam. Pegou as chaves com cuidado, para impedir que fizessem qualquer som, e pôs de parte a primeira: o modelo Yale que ele utilizara para a entrada da rua. Colocou-a dentro do estojo, fechou a tampa e apertou-a. Abriu o estojo e tirou a chave. A impressão era sem falhas. Repetiu o processo duas vezes mais, primeiro com a segunda chave Yale, a seguir com a chave mestra antiquada. Tinha três impressões perfeitas.

Fechou a tampa, colocou as chaves exatamente onde Yusef as tinha deixado, depois voltou a pôr o estojo de maquilhagem na mala.

— O que você está fazendo aí?

Olhou para cima, assustada, e recompôs-se rapidamente. Yusef estava parado no centro do soalho, o corpo molhado enrolado numa toalha de banho bege. Há quanto tempo estaria ali parado?

Quanto teria visto? Poça, Jacqueline! Porque é que não estavas a vigiar a porta? Ela respondeu:

— Estou à procura dos meus cigarros. Viste-os? Apontou na direção da casa de banho.

— Deixaste-os lá dentro.

— Oh, sim. Meu Deus, às vezes penso que estou a ficar maluca.

— Era só isso que estavas a fazer? Só a procurar cigarros?

— Que mais havia de estar a fazer?

Esticou os braços para indicar a esqualidez austera da sala de estar.

— Achas que estou a tentar fugir com os teus objetos valiosos?

Levantou-se e pegou na mala.

— Já não precisas mais do banheiro?

— Não, mas porque é que estás a levar a mala para a casa de banho?

Pensou: Ele suspeita de alguma coisa. De repente, queria sair do apartamento tão depressa quanto possível. Depois pensou: Devia estar ofendida com perguntas assim.

— Acho que é capaz estar vindo meu período — respondeu de forma gelada. — Não me parece que goste da maneira como estás a agir. É esta a maneira como todos os árabes tratam as amantes na manhã seguinte?

Passou por ele rapidamente e entrou no quarto. Estava surpreendida com o quão convincente tinha conseguido soar. As mãos tremiam-lhe enquanto juntava as roupas e entrava na casa de banho. Pôs a água a correr no lavatório enquanto se vestia. A seguir, abriu a porta e saiu. Yusef estava na sala de estar. Vestia calças de ganga desbotadas, uma camisola, mocassins sem meias.

Disse: — Vou chamar-te um táxi.

— Não te incomodes. Eu descubro o meu caminho para casa.

— Deixa-me acompanhar-te até lá abaixo.

Saio sozinha, obrigada.

— O que é que se passa contigo? Porque é que estás a agir desta maneira? — Porque não gosto da maneira como estavas a falar comigo. Passei um bom bocado, até agora. Talvez te veja por aí um dia destes.

Abriu a porta e entrou no corredor. Yusef seguiu-a. Desceu as escadas depressa, depois o hall.

Na entrada principal, ele agarrou-lhe o braço.

— Desculpa, Dominique. Às vezes, sou um pouco paranoico, só isso. Também serias paranoica se tivesses vivido a minha vida. Não quis dizer nada com isso. Como é que te posso compensar?

Conseguiu sorrir, apesar de o coração lhe estar a bater com toda a força no interior das costelas. Não fazia ideia do que fazer. Tinha as impressões, mas havia a hipótese de ele a ter visto a fazê-las

— ou, pelo menos, de suspeitar que ela tinha feito algo. Se fosse culpada, o impulso natural seria o de rejeitar o convite. Decidiu aceitar a

oferta. Se Gabriel julgasse que era um erro, podia inventar uma desculpa e cancelar.

Respondeu:

— Podes levar-me a jantar fora como deve ser.

— A que horas?

— Vai ter comigo à galeria às seis e meia.

— Perfeito.

— E não te atrases. Não suporto homens que se atrasam. Depois beijou-o e saiu.

MAIDA VALE, LONDRES

Quando Jacqueline regressou ao seu apartamento, Gabriel estava sentado no sofá a beber café. — Como é que correu?

— Foi um encanto. Traz-me um pouco desse café, está bem? Foi para a casa de banho, fechou a porta e começou a encher a banheira. Depois despiu a roupa e enfiou-se debaixo da água quente. Um momento mais tarde, Gabriel bateu à porta.

— Entra.

Entrou na casa de banho. Pareceu surpreendido por ela já estar na banheira.

Desviou o olhar, à procura de um sítio para pôr o café.

— Como é que te sentes? — perguntou, os olhos desviados. — Como é que te sentes depois de matar alguém?

— Sinto-me sempre sujo.

Jacqueline pegou numa mão-cheia de água e deixou-a escorrer sobre a cara.

Gabriel disse:

— Preciso fazer umas perguntas.

— Estou pronta quando estiver.

— Pode esperar até estar vestida.

— Já vivemos juntos como marido e mulher, Gabriel. Até já nos comportamos como marido e mulher.

— Isso foi diferente.

— Por que foi diferente?

— Porque era uma parte necessária da operação.

— Dormirmos na mesma cama ou fazermos amor?

— Jacqueline, por favor.

— Talvez não queira olhar para mim porque acabei de dormir com Yusef.

Gabriel fitou-a, zangado, e saiu. Jacqueline deu-se ao luxo de um curto sorriso e a seguir escorregou para a água.

— O telefone é feito pela British Telecom.

Estava sentada na cadeira de couro, o corpo coberto por um grosso roupão branco. Debitou o nome e o número do modelo enquanto passava uma toalha pelo cabelo úmido.

— Não há telefone no quarto, mas tem rádio-despertador.

— De que tipo?

— Um Sony.

Deu-lhe o número do modelo.

— Vamos voltar ao telefone por um momento — disse Gabriel. — Algumas marcas identificadoras? Algumas etiquetas com preços ou autocolantes com números de telefone? Alguma coisa que nos trouxesse um problema?

— Gosta de se ver como um poeta e um historiador. Escreve o tempo todo. Parece que marca os números do telefone com a ponta de uma caneta. O mostrador está coberto de marcas. — De que cor?

— Azul e vermelha.

— Que tipo de caneta?

— O que quer dizer? O tipo de caneta com que escreve?

Gabriel suspirou e olhou, de modo cansado, para o teto.

— É uma esferográfica? É uma caneta de tinta permanente? Talvez uma caneta de feltro?

— De feltro, acho.

— Acha.

— De feltro. Tenho certeza.

— Muito bem — disse, como se estivesse a falar com uma criança. — Agora, é fina, média ou grossa?

Ergueu devagar o longo e esguio dedo do meio da mão direita e agitou-o para Gabriel.

— Vou considerar isso como querendo dizer grossa. Então e as chaves? Vasculhou dentro da mala e atirou-lhe o estojo de maquilhagem prateado. Gabriel carregou com o polegar na mola, levantou a tampa e olhou para as impressões.

Ela disse:

— Podemos ter um problema.

— Conta.

Recordou-lhe a sequência inteira de acontecimentos, depois acrescentou com cautela: — Quer voltar a ver-me.

— Quando?
— Hoje à noite, às seis e meia. Vai encontrar-se comigo na galeria.
— Aceitou?
— Sim, mas posso...
— Não — disse Gabriel, interrompendo-a. — Isso é perfeito. Quero que te encontres com ele e o mantinhas entretido o tempo suficiente para eu poder entrar no apartamento e colocar as escutas.
— E depois?
— Depois ficará feito.

Gabriel saiu do prédio por uma porta de serviço nas traseiras. Escapuliou-se pelo pátio, trepou um muro de cimento cinzento e saltou para uma viela cheia de latas de cerveja e pedaços de vidro quebrado. A seguir, caminhou até a estação de metro de Maida Vale. Sentia-se inquieto. Não gostava do fato de Yusef ter pedido para ver Jacqueline uma segunda vez.

Apanhou o metro até Covent Garden. O *bodel* estava à espera na fila para o café no mercado. Era o mesmo rapaz que recebera o relatório de campo de Gabriel na estação de Waterloo. Uma pasta de couro preta e macia estava-lhe pendurada nas costas por uma alça, um bolso lateral virado para fora. Gabriel tinha posto o estojo prateado que continha as impressões das chaves de Yusef num envelope castanho — de tamanho normal, simples, sem marcas. Sentou-se a uma mesa a beber chá, os olhos a inspecionar metodicamente a multidão. O *bodel* pagou o café e começou a afastar-se. Gabriel levantou-se e seguiu-o, abrindo caminho pelo mercado apinhado, até ficar diretamente atrás dele. Gabriel deu um encontrão no *bodel* enquanto este dava o primeiro gole no café, entornando um pouco na parte da frente do casaco. Pediu desculpa e afastou-se, o envelope castanho e simples agora seguramente instalado no bolso de fora da pasta do *bodel*.

Gabriel serpenteou por St. Giles, ao longo de New Oxford Street, a seguir por Tottenham Court Road acima, onde havia várias lojas especializadas em artigos eletrônicos. Dez minutos mais tarde, após visitar duas das lojas, estava num táxi, a atravessar Londres, de volta ao posto de escuta em Sussex Gardens. No banco, ao seu lado, estava um saco com quatro artigos: um rádio-despertador da Sony, um telefone da British Telecom e duas canetas de feltro, uma vermelha, outra azul, ambas grossas.

Karp estava sentado à mesa da sala de jantar, a estudar os componentes internos expostos do rádio-despertador e do telefone com uma lupa iluminada. Enquanto Gabriel observava Karp a trabalhar, pensava no estúdio na Cornualha e imaginava que estava a observar a superfície do Vecellio pelo microscópio Wild.

Karp disse:

— Chamamos microfone quente. Seu grupo chama *vidro*, se não me engano.

— Estás certo, como sempre.

— É um equipamentinho maravilhoso, cobertura do apartamento e do telefone com o mesmo aparelho. Dois pelo preço de um, pode-se dizer. E nunca tem que se preocupar em substituir a bateria já que o transmissor recebe energia do telefone.

Karp parou por um momento para se concentrar no trabalho.

Quando estes entrarem, a operação de vigilância fica basicamente em piloto automático. Os gravadores de fitas são ativados por voz. Só vão andar se estiver a vir alguma coisa da fonte. Se precisares de sair do apartamento por algum motivo, podes verificar as fitas quando voltares. O meu trabalho está basicamente terminado.

— Vou ter saudades tuas, Randy.

— Gabe, estou tocado.

— Eu sei.

— Aquilo foi um belo trabalho. Enviar assim a moça. Os arrombamentos podem complicar-se. É sempre melhor apanhar as chaves e o telefone antes de tratar da escuta.

Karp voltou a colocar a cobertura do telefone e passou-o a Gabriel.

— É a tua vez.

Gabriel, o restaurador, pegou as canetas e começou a fazer marcas no mostrador.

Nesta manhã, Kemel Azouri estava na sede da Schloss em Zurique, numa reunião com o pessoal das vendas, quando recebeu uma mensagem de texto no pager: Senhor Taylor desejava falar-lhe sobre um problema com o envio da última quinta-feira. Kemel encurtou a reunião, apanhou um táxi para Gare du Nord e embarcou no trem Eurostar seguinte para Londres. O momento da mensagem intrigava-o. Senhor Taylor era o nome de código para um agente em Londres. Um problema com o envio era uma

frase de código para urgente. A utilização da palavra quinta-feira significava que o agente queria encontrar-se em Cheyne Walk, às quatro e quinze. Kemel caminhou a passos largos pelo hall das chegadas em Waterloo e entrou num táxi na plataforma. Um momento mais tarde, estava a atravessar a toda a velocidade Westminster Bridge.

Disse ao taxista para o deixar no Royal Hospital Chelsea. Andou ao longo do rio, através da escuridão que aumentava, e esperou ao fundo de Battersea Bridge.

Verificou o relógio: quatro e doze.

Acendeu um cigarro e esperou.

Três minutos mais tarde, às quatro e quinze em ponto, um jovem bem-parecido, num casaco preto de couro, apareceu a seu lado.

— Senhor Taylor, presumo. — Vamos dar uma volta.

— Peço desculpa por te arrastar até Londres, Kemel, mas querias ser informado de todas as potenciais abordagens.

— Qual era o nome dela?

— Atendia pelo nome de Dominique Bonard.

— Francesa.

— Diz que é.

— Suspeita que ela esteja mentindo.

— Não sei bem. Não posso ter certeza, mas é possível que estivesse vasculhando minhas coisas esta manhã.

— Tens sido seguido nos últimos tempos?

— Não, que eu saiba.

— De onde ela é?

— Diz que é de Paris.

— O que faz em Londres?

— Trabalha numa galeria de arte.

— Qual?

— Um lugar chamado Isherwood Fine Arts, em St. James's.

— Em que ponto você está com essa mulher?

— Fiquei de voltar a vê-la em duas horas.

— Não deixe de manter o encontro com ela. Na verdade, gostava que os dois desenvolvessem uma relação muito próxima. Achas que consegues dar conta do recado?

— Eu me arranho.

— Vou dando notícias.

ST. JAMES'S, LONDRES

A campainha da porta gemeu cedo naquela noite, enquanto Julian Isherwood ia avançando por uma pilha de contas e bebericava um bom uísque. Deixou-se ficar à secretária — afinal, a moça tinha obrigação de ir à porta — mas, quando a campainha uivou uma segunda vez, olhou para cima. — Dominique, está alguém à porta. Importa-se? Dominique?

Depois lembrou-se de que lhe tinha dito para descer até o depósito, para voltar a deixar lá uma série de pinturas. Levantou-se, dirigiu-se até a sala de espera com enfado e espreitou o monitor de segurança. Lá fora, parado, estava um jovem. De tipo mediterrânico, bem-parecido. Carregou no botão do intercomunicador. — Peço desculpa, estamos fechados. Como pode ver, expomos apenas por marcação. Porque é que não liga de manhã? A minha secretária terá todo o gosto em reservar uma hora para si.

— Na verdade, estou aqui para ver a sua secretária. Chamo-me Yusef.

Jacqueline saiu do elevador e entrou na antessala. Isherwood disse:

— Está um sujeito chamado Yusef lá em baixo. Diz que veio vê-la.

Jacqueline olhou para o monitor. Isherwood perguntou: — Conhece-o?

Ela carregou na campainha que abria o fecho da porta.

— Sim, conheço.

— Quem é?

— Um amigo. Um bom amigo.

O maxilar de Isherwood caiu e os olhos esbugalharam-se.

Jacqueline disse: — Se vai ficar pouco à vontade, talvez seja melhor sair.

— Sim, acho que isso é o mais sensato.

Voltou para o escritório e vestiu o casaco. Quando regressou à sala de espera, o árabe estava a dar um beijo na cara a Jacqueline. Ela disse:

— Yusef, gostava de te apresentar o senhor Isherwood. É o dono da galeria. — É um prazer conhecê-lo, Yusef. Adoraria ficar para conversar,

mas receio estar atrasado para um encontro. Por isso, se me dá licença, tenho mesmo de me ir embora.

— Importa-se que mostre a galeria ao Yusef?

— Claro que não. Encantado. Não se esqueça de fechar tudo à chave, Dominique, querida. Obrigado. Até amanhã de manhã. Um prazer conhecê-lo, Yusef. Adeus. Isherwood desceu as escadas com dificuldade e apressou-se a atravessar Mason's Yard, para chegar ao santuário do bar em Green's. Pediu um uísque e bebeu-o muito depressa, interrogando-se durante todo esse tempo se seria mesmo possível que a moça de Gabriel lhe tivesse trazido um terrorista para a galeria.

Gabriel estava sentado num banco em Victoria Embankment, a observar o rio cinzento a mover-se pesadamente por baixo de Blackfriar's Bridge, segurando um exemplar do Daily Telegraph. Na página treze, escondido por trás de um anúncio, estava um relatório de campo em código para Shamron. O *bodel* apareceu dez minutos mais tarde. Passou por Gabriel e subiu os degraus em direção à estação de metro de Temple. Tinha um chapéu, o que significava que não estava a ser seguido e que era seguro continuar. Gabriel seguiu-o para dentro da estação, depois pelas escadas rolantes até a plataforma. Quando o metro chegou, os dois homens entraram na mesma carruagem apinhada. Foram forçados a ficar em pé, lado a lado, o que tornou a troca — as chaves de Yusef pelo jornal que continha o relatório de campo de Gabriel — praticamente impossível de detectar. Gabriel saiu na estação de Paddington e voltou para o posto de escuta.

Jacqueline disse: — Há uma coisa que te quero mostrar.

Levou Yusef para dentro do elevador e subiram em silêncio.

Quando a porta se abriu, pegou-lhe na mão e guiou-o até o centro da galeria escurecida. Disse: — Fecha os olhos.

— Não gosto de jogos destes.

— Fecha os olhos. Depois acrescentou maliciosamente: — Garanto que vai valer a pena.

Fechou os olhos. Jacqueline atravessou a sala, até o painel de controle da iluminação, e pôs a mão sobre o interruptor principal.

— Agora, abre-os.

Aumentou devagar a intensidade das luzes. O queixo de Yusef caiu ligeiramente, enquanto olhava os quadros ao redor.

— É lindo.

— É o meu sítio preferido em todo o mundo.

Yusef avançou alguns passos e parou à frente de um dos quadros.

— Meu Deus, isto é mesmo um Claude?

— Sim, é. Na verdade, essa é uma das suas primeiras representações de um rio. E muito valiosa. Repara na maneira como pintou o sol. O Claude foi um dos primeiros artistas a utilizar verdadeiramente o sol como a fonte de luz para uma composição inteira.

— O Claude nasceu na França, mas viveu quase toda a vida em Veneza, se não me engano.

Por acaso, enganas-te. O Claude viveu e trabalhou em Roma, num pequeno apartamento na Via Margutta, perto da Piazza di Spagna. Tornou-se um dos pintores de paisagens mais procurados de toda a Itália.

Yusef virou as costas ao quadro e olhou para ela. — Sabes bastante sobre pintura.

— Por acaso, sei muito pouco, mas trabalho numa galeria de arte.

Yusef perguntou: — Há quanto tempo é que trabalhas aqui?

— Cerca de cinco meses.

— Cerca de cinco meses? O que é que isso quer dizer ao certo? Quer dizer quatro meses ou seis meses?

— Quer dizer quase cinco meses. E por que é que queres saber? Por que é que isto é tão importante para ti?

— Dominique, se esta relação for para continuar, tem de haver honestidade total entre nós.

— Relação? Pensava que estávamos só a dormir juntos.

— Talvez possa haver mais entre nós, mas só se não houver mentiras. Ou segredos. — Honestidade total? Tem certeza disso? Pode haver alguma vez honestidade total entre duas pessoas? Isso seria saudável? Não é melhor manter algumas coisas em segredo? Contaste-me todos os teus segredos, Yusef?

Ignorou a pergunta.

— Diz-me, Dominique — perguntou—, estás apaixonada por outro homem?

— Não, não estou apaixonada por outro homem.

— Estás a dizer-me a verdade?

— É claro que estou.

— Não me parece.
— Porque é que dizes isso?
— Por causa da maneira como fizeste amor comigo ontem à noite.
— Já fizeste amor com muitas mulheres? És um perito nestes assuntos?

Ele abriu os lábios num sorriso modesto. Jacqueline disse:
O que tem a minha maneira de fazer amor contigo que te deixou convencido de que estou apaixonada por outro homem?

— Fechaste os olhos enquanto estava dentro de ti. Fechaste os olhos como se não quisesses olhar para mim. Fechaste os olhos como se estivesses a pensar noutra pessoa.

— E se porventura admitisse estar apaixonada por outro homem? O que sentirias em relação a isso? Mudaria alguma coisa entre nós?

— Talvez me fizesse gostar ainda mais de ti.
— Gosto de fechar os olhos quando faço amor, Yusef. Não significa nada.

— Tens alguns segredos que não me tenhas contado?
— Nada de importante.
Sorriu. — Vai me levar para jantar fora?
— Por acaso, tive uma ideia melhor. Vamos para o meu apartamento. Vou fazer o jantar.

Jacqueline sentiu uma pontada de pânico. Ele pareceu sentir o seu desconforto pois inclinou a cabeça e perguntou: — Passa-se alguma coisa, Dominique?

— Não, nada — respondeu, conseguindo fazer um sorriso fraco. — Jantar em tua casa parece-me magnífico.

Gabriel atravessou a rua, uma mochila de náilon ao ombro. Lá dentro, estavam as réplicas do telefone e do rádio-despertador. Olhou para cima, em direção ao posto de escuta. Karp tinha acendido a luz, um sinal que significava que era seguro continuar. Planearam fazer todas as comunicações com sinais de luzes, apesar de Gabriel trazer um celular para o caso de uma emergência. Subiu os degraus do prédio de Yusef e tirou o molho de réplicas das chaves do bolso. Escolheu a chave para a porta da frente, enfiou-a na fechadura, rodou. Ficou presa. Gabriel praguejou em voz baixa. Mexeu-a para trás e para a frente, tentou de novo. Desta vez, a fechadura abriu.

Uma vez lá dentro, atravessou o hall sem hesitação. Era uma doutrina que lhe tinha sido martelada por Shamron durante a operação Setembro Negro: ataca com força e rápido, não te preocupes por fazer um pouco de barulho, afasta-te rapidamente. Após o seu primeiro trabalho, o assassinato do líder do Setembro Negro em Roma, Gabriel estava a voar para Genebra menos de uma hora depois da execução. Esperava que esta operação corresse igualmente bem.

Subiu as escadas e trepou rapidamente em direção ao segundo andar. A descer na sua direção, vinha um grupo de jovens indianos: dois rapazes, uma moça bonita. Ao passarem por ele no patamar do primeiro andar, Gabriel voltou a cara e fingiu estar a mexer no fecho éclair da mochila. Enquanto os indianos continuavam a descer as escadas, arriscou um olhar de soslaio por cima do ombro. Nenhum deles olhou para trás. Esperou um momento no patamar do segundo andar e escutou-os a atravessar o hall e a sair pela porta da frente. A seguir, foi andando até o apartamento de Yusef: o número 27.

Desta vez, as chaves funcionaram perfeitamente à primeira tentativa e, no espaço de segundos, Gabriel estava dentro do apartamento. Fechou a porta e deixou as luzes desligadas. Enfiou a mão na mochila e tirou uma pequena lanterna. Acendeu-a e passou rapidamente o feixe pelo chão à volta da porta, à procura de um sinal

— um pedaço de papel ou qualquer outro objeto pequeno de aspecto inocente que alertasse Yusef de que tinham entrado no apartamento. Não viu nada. Voltou-se e fez refletir rapidamente a luz pela sala. Resistiu ao impulso de vasculhar o apartamento de Yusef. Tinha-o observado à distância durante vários dias e desenvolvera uma curiosidade natural acerca do homem. Era asseado e arrumado, ou um preguiçoso? Que tipo de comida comia? Tinha dívidas? Consumia drogas? Usava roupa interior estranha? Gabriel queria vasculhar-lhe as gavetas e ler-lhe os documentos privados. Queria olhar-lhe para as roupas e a casa de banho. Queria ver qualquer coisa que pudesse completar o quadro — qualquer pista que o pudesse ajudar a compreender melhor como Yusef se encaixava na organização de Tariq. Mas agora não era a altura para esse tipo de inspeção. Demasiado arriscado, as hipóteses de deteção demasiado elevadas. O feixe da lanterna fixou-se no telefone de Yusef. Gabriel atravessou a sala e ajoelhou-se ao seu lado. Tirou a réplica da

mochila e comparou-a rapidamente com o original. Correspondência perfeita. Jacqueline fizera bem o seu trabalho. Puxou o cabo do telefone de Yusef e trocou-o pela réplica. O fio que ligava o receptor à base do telefone de Yusef estava gasto e esticado, o fio da réplica novinho em folha, por isso Gabriel trocou rapidamente os fios.

Olhou de relance pela janela, na direção do posto de escuta. O sinal de luz de Karp continuava a brilhar. Era seguro continuar. Enfiou o telefone de Yusef na mochila enquanto passava da sala de estar para o quarto.

Ao passar pela cama, teve uma imagem perturbante do corpo nu de Jacqueline a contorcer-se em lençóis amarrotados. Pôs-se a pensar se a curiosidade acerca de Yusef seria puramente profissional. Ter-se-ia tornado também pessoal? Considerava agora o palestino uma espécie de rival?

Apercebeu-se de que estava a olhar fixamente para a cama vazia há vários segundos. Mas que diabo se passa contigo?

Voltou-se, concentrou a atenção no rádio-despertador. Antes de o desligar, verificou as definições. O alarme estava programado para disparar às 8 da manhã. Ligou o rádio: BBC Radio Five, volume baixo.

Desligou o rádio da ficha, arrancou o fio elétrico da parede.

Nesse instante, o celular tocou.

Levantou-se e olhou pela janela. O sinal de luz estava desligado. Tinha ficado tão enervado com a imagem de Jacqueline na cama que se esquecera de ficar de olho no posto de escuta. Atendeu o telefone antes de poder tocar uma segunda vez.

Karp disse:

— Sai daí, foda-se! Temos companhia.

Gabriel atravessou o quarto em direção à janela e olhou para fora.

Jacqueline e Yusef estavam a sair de um táxi. O que é que aconteceu ao jantar? Voltou-se. Agora estava com um problema grave. Tinha desligado o rádio-despertador de Yusef da ficha. Tinha de o voltar a ligar e reprogramar antes de sair. Caso contrário, Yusef iria suspeitar que alguém tinha estado no apartamento.

Calculou o tempo que levariam a chegar até o andar. Uns segundos para abrir a entrada da frente... uns segundos mais para atravessar o hall... cerca de quarenta e cinco segundos para subir as escadas e atravessar o corredor até a porta. Tinha quase um minuto.

Decidiu fazê-lo.

Tirou a réplica do rádio-despertador da mochila e ligou-a à ficha. As luzes vermelhas do mostrador piscavam 12:00... 12:00... 12:00... Quase tinha vontade de rir com o absurdo da situação. O futuro da operação dependia de ser ou não capaz de programar um despertador suficientemente depressa para evitar ser apanhado. Ari Shamron tinha-o persuadido a voltar e a ajudar a restaurar a glória do Escritório, mas agora ia ser apenas mais outro fiasco! Começou a carregar no botão das horas. Os números avançaram, mas os dedos tremiam-lhe da adrenalina e, sem querer, programou-o para as nove horas em vez das oito. Merda! Tinha de passar por todo o ciclo das vinte e quatro horas outra vez. À segunda vez, acertou. Programou a hora atual, depois passou para o rádio, sintonizou-o na Radio Five e ajustou o volume.

Não fazia ideia de quanto tempo demorara.

Agarrou subitamente na mochila, apagou a lanterna, passou do quarto para a porta da frente. Enquanto andava, puxou da Beretta, presa na cintura da calça, e enfiou-a no bolso da frente do casaco.

Parou quando chegou à porta da rua e encostou o ouvido. O corredor estava silencioso. Tinha de tentar escapar-se. Não havia nenhum sítio no apartamento onde se pudesse esconder e esperar poder escapulir-se razoavelmente outra vez.

Abriu a porta e avançou para o corredor.

Conseguia ouvir o som de passos no vão da escada.

Colocou a mão à volta do punho da Beretta e começou a andar.

No táxi, Jacqueline forçara-se a acalmar. A sua tarefa tinha sido manter Yusef longe do apartamento, mas se tivesse discordado da sua ideia de jantar em casa, provavelmente ele teria ficado com suspeitas. As hipóteses de Gabriel estar no apartamento no momento em que regressassem eram quase nulas. O trabalho todo demoraria apenas uns minutos. As probabilidades de que já tivesse colocado as escutas e desaparecido eram boas. Havia uma outra, e mais tranquilizadora, possibilidade: Gabriel contava que Yusef fosse ter consigo à galeria às seis e trinta e a seguir a levasse a jantar. Talvez não tivesse ainda entrado sequer no apartamento. Iria reparar que tinham voltado cedo e iria cancelar e tentar noutra altura.

Atravessaram o hall, começaram a subir as escadas. Um homem passou por eles no patamar do segundo andar: Gabriel, a cabeça para baixo, a mochila ao ombro. Jacqueline encolheu-se involuntariamente. Recuperou a compostura, mas não sem que antes Yusef reparasse que estava perturbada. Parou e observou Gabriel a descer as escadas, depois olhou para Jacqueline. Pegou-lhe no braço e levou-a até a porta. Quando entraram no apartamento, deu uma olhada rápida pela sala, depois andou até a janela e observou Gabriel a afastar-se na escuridão. 229

LISBOA

Um denso nevoeiro atlântico subia pelo rio Tejo à medida que Kemel ia avançando pelas ruas apinhadas do Bairro Alto. Fim de tarde, os trabalhadores a fluir para casa vindos dos empregos, os bares e os cafés a encherem-se, os Lisboaetas a fazer fila aos balcões das cervejarias para jantar. Kemel atravessou uma pequena praça: velhos a beber vinho tinto no ar fresco da noite; varinas, as vendedeiras de peixe, a lavar percas do mar nos seus cestos grandes. Passou a custo por uma viela estreita cheia de vendedores de roupas baratas e bugigangas. Um mendigo cego pediu-lhe dinheiro. Kemel deixou-lhe cair uns quantos escudos na caixa de madeira preta à volta do pescoço. Uma cigana ofereceu-se para lhe ler a sina. Kemel recusou educadamente e continuou a andar. O Bairro Alto lembrava-lhe Beirute nos velhos tempos — Beirute e os campos de refugiados, pensou. Em comparação, Zurique parecia fria e estéril.

Não era de admirar que Kemel gostasse tanto de Lisboa.

Entrou numa casa de fado apinhada e sentou-se. Um empregado colocou-lhe à frente uma garrafa verde de vinho da casa, juntamente com um copo. Acendeu um cigarro e serviu-se de um copo de vinho. Normal, nenhuma complexidade, mas surpreendentemente agradável.

Um momento depois, o mesmo empregado foi para a parte da frente da sala apertada e parou ao lado de um par de guitarristas. Quando os guitarristas tocaram com suavidade os primeiros acordes tristes da música, o empregado fechou os olhos e começou a cantar. Kemel não conseguia compreender as palavras, mas rapidamente deu por si a ser arrebatado pela melodia lancinante.

No meio da canção, um homem sentou-se ao lado de Kemel. Camisola de lã grossa, jaquetão manhoso, lenço apertado ao pescoço, barba por fazer. Parecia um trabalhador das docas vindo do cais. Inclinou-se para a frente e murmurou umas palavras a Kemel em português. Kemel encolheu os ombros.

— Receio que não fale a língua.

Voltou outra vez a atenção para o cantor. A música estava a chegar ao clímax emocional, mas, na tradição do fado, o cantor permanecia direito

como uma vareta, como se estivesse em sentido.

O trabalhador das docas tocou ao de leve no cotovelo de Kemel e falou-lhe em português uma segunda vez. Desta vez, Kemel limitou-se a abanar a cabeça e manteve os olhos no cantor.

Então, o trabalhador das docas inclinou-se para a frente e disse em árabe: — Perguntei-te se gostavas ou não de fado.

Kemel voltou-se e olhou com atenção para o homem sentado ao seu lado. Tariq disse:

— Vamos para um sítio qualquer sossegado onde possamos falar.

Caminharam do Bairro Alto até Alfama, um labirinto de vielas estreitas e degraus de pedra a serpentear por entre casas caiadas. Kemel espantava-se sempre com a capacidade assombrosa de Tariq em misturar-se com o ambiente à sua volta. Subir as encostas inclinadas parecia cansá-lo. Kemel pôs-se a pensar por quanto tempo mais conseguiria aguentar.

Tariq disse:

— Não chegaste a responder à minha pergunta.

— E que pergunta foi essa?

— Gostas de fado?

Suponho que seja algo de que se aprenda a gostar. Sorriu e acrescentou:

— Como a própria Lisboa. Por alguma razão, recorda-me a nossa terra. — O fado é uma música dedicada ao sofrimento e à dor. É por isso que te recorda a nossa terra.

— Suponho que tenhas razão.

Passaram por uma velha a varrer o degrau de entrada da casa. Tariq disse: — Fala-me de Londres.

— Parece que o Allon fez a sua primeira jogada.

— Não demorou muito tempo. O que é que aconteceu? Kemel falou-lhe de Yusef e da moça da galeria de arte.

— O Yusef reparou num estranho no seu prédio de apartamentos ontem à noite. Acha que o homem poderia ser um israelense. Acha que pode ter colocado uma escuta no apartamento.

Kemel conseguia ver que Tariq já estava a calcular as possibilidades.

— E este teu agente é um homem a quem se pode confiar uma missão importante? — É um jovem muito inteligente. E muito leal. Conheci

o pai. Foi morto pelos israelenses em oitenta e dois. — Já procurou a escuta? — Disse-lhe para não o fazer.

— Ótimo — respondeu Tariq. — Deixa-a no sítio. Podemos utilizá-la em nosso proveito. E o que se passa com essa moça? Ainda está em jogo?

— Dei instruções ao Yusef para continuar a vê-la.

— Como é que ela é?

— Ao que parece, bastante atraente.

— Tens os recursos necessários em Londres para a seguir?

— Com certeza.

— Faz isso. E arranja-me uma fotografia dela.

— Tens uma ideia?

Passaram por uma pequena praça, depois começaram a subir uma encosta longa e inclinada. Na altura em que chegaram ao cimo, Tariq tinha explicado tudo. — É brilhante — disse Kemel. — Mas tem uma falha.

— E qual é?

— Não vai sobreviver a isso.

Tariq sorriu tristemente e respondeu:

— Isso é a melhor notícia que ouço em longo tempo. Voltou-se e afastou-se. Um instante depois, tinha desaparecido pelo nevoeiro dentro. Kemel arrepiou-se. Levantou a gola do casaco e voltou a pé para o Bairro Alto para ouvir fado.

BAYSWATER, LONDRES

A operação instalou-se numa rotina confortável mas bastante entediante.

Gabriel passava períodos infindáveis de tempo sem nada para fazer, a não ser escutar pormenores triviais da vida de Yusef, que passavam nos monitores como um medonho drama de rádio. Yusef a conversar ao telefone. Yusef a discutir política com os amigos palestinos, fumando cigarros e bebendo café turco. Yusef a dizer a uma moça de coração despedaçado que não podia continuar a vê-la porque estava seriamente envolvido com outra. Gabriel deu com a vida a mover-se ao ritmo da de Yusef. Comia quando Yusef comia, dormia quando Yusef dormia e, quando Yusef fazia amor com Jacqueline, Gabriel fazia amor com ela também.

Mas passados dez dias, as escutas de Gabriel não tinham apanhado nada de valor. Havia várias explicações possíveis. Talvez Shamron se tivesse simplesmente enganado. Talvez Yusef fosse realmente apenas um empregado e um estudante. Talvez fosse um agente mas estivesse inativo. Ou talvez fosse um agente no ativo mas estivesse a falar com os camaradas por outros meios: por sinais e outras formas de comunicação impessoal. Para detectar isso, Gabriel teria de montar uma operação de vigilância em grande escala e a tempo inteiro. Exigiria múltiplas equipes, pelo menos uma dúzia de funcionários — apartamentos seguros, veículos, rádios... Uma operação dessas seria difícil de esconder do MI5, o serviço de segurança britânico.

Mas havia uma outra possibilidade que preocupava mais Gabriel: a possibilidade de a operação já estar comprometida. Talvez a vigilância não tivesse resultado em nada por Yusef já suspeitar que estava a ser vigiado. Talvez suspeitasse que o apartamento estivesse sob escuta e os telefonemas interceptados. E talvez suspeitasse que a linda moça francesa da galeria de arte fosse, na verdade, uma agente israelense. Gabriel decidiu que estava na hora de outro encontro cara a cara com Shamron em Paris.

Encontrou-se com Shamron na manhã seguinte, numa loja de chás na rue Mouffetard. Shamron pagou a conta e subiram lentamente a encosta, pelo meio dos mercados e dos vendedores de rua. — Quero tirá-la da operação — disse Gabriel.

Shamron parou num balcão de fruta, pegou numa laranja e examinou-a por um momento antes de a voltar a colocar com suavidade na caixa. Depois disse:

— Diz-me que não me trouxeste até Paris para esta maluquice.

— Há qualquer coisa que não soa bem. Quero que ela saia antes que seja tarde de mais.

— Ela não foi descoberta e a resposta continua a ser não. Shamron olhou para Gabriel com atenção e acrescentou:

— Porque é que estás de monco caído, Gabriel? Andas a ouvir as fitas antes de mas enviases?

— É claro que ando.

— E não consegues ouvir o que se passa? As palestras intermináveis sobre o sofrimento dos palestinos? A falta de escrúpulos dos israelenses? O recitar de poesia palestina? Todo o velho folclore de como era bela a vida na

Palestina antes dos judeus?

— Onde é que queres chegar?

— Ou o rapaz está apaixonado, ou anda a pensar noutra coisa.

— É a segunda possibilidade que me preocupa.

Já te ocorreu alguma vez que talvez o Yusef pense nela como mais do que uma simples moça bonita? Já te ocorreu alguma vez que pense nela como uma moça impressionável que poderá ser útil ao Tariq e à sua organização?

— Já, mas ela não está preparada para esse tipo de operação. E, francamente, nós também não.

— Então queres arrumar a trouxa e ir para casa? — Não, só quero tirar Jacqueline da operação.

— E depois o que é que acontece? O Yusef fica nervoso. O Yusef fica com suspeitas e desfaz o apartamento. Se for disciplinado, joga fora todos os aparelhos elétricos do lugar. E seus microfones vão com eles.

— Se tratarmos da partida dela com cuidado, nunca suspeitará de nada. Além disso, quando a contratei, prometi-lhe um trabalho de curta

duração. Sabes que tem outros compromissos.

— Nenhum mais importante do que isto. Paga-lhe os salários, na totalidade.

Ela fica, Gabriel. Fim da discussão.

— Se ela ficar, vou eu embora.

— Então vai! — disse Shamron. — Vai e volta para a Cornualha e enterra a cabeça no teu Vecellio. Envio alguém para te substituir.

— Sabes que não a vou deixar nas tuas mãos. Shamron passou depressa ao apaziguamento:

— Tens andado a trabalhar sem parar há muito tempo. Não estás lá com grande aspecto. Não me esqueci de como é. Esquece o Yusef por umas horas. Não vai a lado nenhum. Vai dar uma volta de carro. Faz qualquer coisa para limpar a cabeça. Preciso de você em seu melhor.

No trem, de regresso a Londres, Gabriel entrou na casa de banho e trancou a porta. Ficou parado em frente ao espelho durante muito tempo. Tinha rugas novas à volta dos olhos, uma rigidez súbita nos cantos da boca, o gume de uma faca nas maçãs do rosto. Por baixo dos olhos, tinha círculos negros, como manchas de carvão. Não esqueci como é.

A operação Setembro Negro... Tinham todos apanhado qualquer coisa: problemas cardíacos, pressão sanguínea alta, erupções cutâneas, constipações crônicas. Os assassinos sofreram o pior. Após o primeiro trabalho em Roma, Gabriel descobriu que era impossível dormir. Sempre que fechava os olhos, ouvia balas a rasgar carne e a despedaçar ossos, via vinho de figo a misturar-se com sangue no chão de mármore. Shamron descobriu um médico em Paris, um sayan, que deu a Gabriel um frasco de tranquilizantes poderosos. Em poucas semanas, estava viciado neles.

Os comprimidos e o stresse fizeram Gabriel parecer chocante mente mais velho. A pele endureceu, os cantos da boca descaíram, os olhos ficaram da cor da cinza. O cabelo preto ficou grisalho nas têmporas. Tinha vinte e dois anos na altura, mas parecia ter pelo menos quarenta. Quando chegava a casa, Leah quase não o reconhecia. Quando faziam amor, dizia que era como dormir com outro homem — não uma versão mais velha de Gabriel, mas um completo desconhecido. Atirou água fria para a cara, esfregou vigorosamente com um toalhete de papel e a seguir examinou uma vez mais o reflexo. Meditou sobre a sequência de acontecimentos — a roleta bizarra do destino — que o tinha levado a este

lugar. Se não tivesse havido Hitler, nem Holocausto, os pais teriam permanecido na Europa, em vez de fugirem para uma colônia agrícola poeirenta no vale Jezreel. Antes da guerra, o pai fora um ensaísta e historiador em Munique, a mãe uma pintora talentosa em Praga, e nenhum se tinha ajustado bem ao colectivismo da colônia ou ao zelo sionista em relação ao trabalho manual. Tinham tratado Gabriel mais como um adulto em miniatura do que um rapaz com necessidades diferentes das suas. Esperavam que se divertisse e tomasse conta de si próprio. A primeira recordação de infância era da pequena casa de dois quartos na colônia: o pai a ler na cadeira, a mãe ao cavalete, Gabriel no chão, entre ambos, a construir cidades com blocos toscos.

Os pais detestavam hebreu, por isso, quando estavam sozinhos utilizavam as línguas que tinham falado na Europa: alemão, francês, checo, russo, iídiche. Gabriel absorveu-as todas. Às línguas europeias, acrescentou hebreu e árabe. Do pai herdou também uma memória sem falhas, da mãe, uma paciência inabalável e uma atenção aos pormenores. O desprezo deles pelo colectivo tinha produzido em si arrogância e uma atitude de lobo solitário. O agnosticismo secular não o estorvara com nenhuma moralidade ou ética judaicas.

Preferia caminhar ao futebol, ler à agricultura. Tinha um medo quase patológico de sujar as mãos. Tinha muitos segredos. Um dos professores descreveu-o como frio, egoísta, insensível e totalmente brilhante. Quando Ari Shamron foi à procura de soldados para a nova guerra secreta contra o terror árabe na Europa, deparou-se com o rapaz do vale Jezreel, que, tal como o homônimo, o Arcanjo Gabriel, possuía um talento invulgar para as línguas e a paciência de Salomão. Shamron descobriu outra característica valiosa: a frieza emocional de um assassino.

Gabriel saiu do banheiro e regressou ao seu lugar. Além da janela, estava a zona leste de Londres: filas de armazéns vitorianos desmoronando, todos eles com janelas estilhaçadas e tijolos quebrados. Fechou os olhos. Outra coisa os fizera ficar doentes durante a operação Setembro Negro: o medo. Quanto mais tempo permanecessem em campo, maior era o risco de exposição — não apenas aos serviços de espionagem da Europa, mas aos próprios terroristas. Esse fato tornou-se bem claro a meio da operação, quando o Setembro Negro assassinou um katsa em Madri. De repente, todos os membros da equipe perceberam que também

eles eram vulneráveis. E ensinou a Gabriel a lição mais valiosa da sua carreira: quando os agentes estão numa operação longe de casa, em território hostil, os caçadores podem facilmente transformar-se em presas.

O trem chegou a Waterloo. Gabriel caminhou a passos largos pela plataforma e abriu caminho pelo corredor apinhado das chegadas. Deixara o carro num parque de estacionamento subterrâneo. Deixou cair as chaves, executou o ritual de inspeção e a seguir entrou e guiou até Surrey.

Não havia letreiro à entrada do portão. Gabriel sempre quisera um lugar sem letreiro. Para além do muro, havia um relvado bem cuidado, com árvores espaçadas por igual. No final de uma entrada sinuosa, erguia-se uma mansão vitoriana de tijolo vermelho. Desceu a janela do carro e carregou no botão do intercomunicador. A lente de uma câmara de segurança olhava-o fixamente de cima como 238 uma gárgula. Gabriel afastou por instinto a cara da câmara e fingiu estar à procura de qualquer coisa no porta-luvas.

— Posso ajudá-lo?

Voz feminina, sotaque do Centro da Europa.

— Vim ver a menina Martinson. O doutor Avery está à minha espera. Subiu a janela, esperou que o portão de segurança automático abrisse; a seguir, entrou nos jardins e subiu a entrada devagar. Fim de tarde, frio e cinzento, vento fraco a abanar as árvores. À medida que se aproximava da casa, começou a ver alguns dos doentes. Uma mulher sentada num banco, no seu melhor vestido de domingo, a olhar fixamente e sem expressão para o espaço. Um homem com um oleado e botas de borracha, a passear apoiado no braço de um empregado jamaicano imponente.

Avery estava à espera no hall de entrada. Vestia calças de bombazina caras e muito bem passadas e uma camisola de caxemira, gênero pulôver, cinzenta, que parecia mais adequada a um campo de golfe do que a um hospital psiquiátrico. Apertou a mão a Gabriel com uma formalidade fria, como se Gabriel fosse o representante de um poder ocupador, e a seguir conduziu-o por um longo corredor alcatifado.

— Ela tem andado a falar bastante mais este mês — disse Avery. — Até tivemos conversas com sentido num par de ocasiões.

Gabriel forçou um sorriso tenso. Em todos estes anos, ela nunca tinha falado com ele.

— E a saúde física? — perguntou.

Nenhuma mudança, na verdade. Está tão em forma quanto seria de esperar. Avery utilizou um cartão magnético para passar por uma porta fechada. Do outro lado, estava outro corredor, com mosaicos em terracota em vez de alcatifa. Avery falou da medicação dela enquanto andavam. Tinha aumentado a dose de um medicamento, reduzido outro e retirado outro por completo. Havia um medicamento novo, ainda em experiência, que estava a revelar alguns resultados promissores em doentes que sorriam de uma combinação semelhante de stress pós-traumático agudo e depressão psicótica.

— Se acha que vai ajudar.

— Nunca saberemos se não experimentarmos.

A psiquiatria clínica, pensou Gabriel, era bastante parecida com o trabalho de espionagem.

O corredor em terracota terminava numa sala pequena. Estava cheia de instrumentos de jardinagem — tesouras de podar, pás, colheres de jardineiro — e sacos de sementes de flores e fertilizante. Na outra ponta da sala, havia um par de portas duplas com postigos circulares.

— Está no sítio habitual. Está à sua espera. Por favor, não se demore muito. Penso que uma meia hora será o adequado. Venho buscá-lo quando for a altura. Um solário, opressivamente quente e úmido. Leah num canto, sentada numa cadeira de jardim de ferro forjado e costas direitas, com rosas novas em vasos aos seus pés. Estava vestida de branco. A camisola branca de gola alta que Gabriel lhe oferecera no último aniversário. As calças brancas que lhe comprara durante umas férias de Verão em Creta. Gabriel tentou lembrar-se do ano mas não conseguiu. Parecia haver apenas Leah antes de Viena e Leah depois de Viena. Estava sentada com a compostura de uma rapariguinha de escola, a olhar para longe, ao longo da extensão do relvado. O cabelo tinha sido cortado curto, à maneira típica de um hospital psiquiátrico. Os pés estavam descalços. Virou a cabeça enquanto Gabriel se aproximava. Pela primeira vez, pôde ver-lhe as marcas das cicatrizes no lado direito da cara. Como sempre, fê-lo sentir-se violentamente frio. Depois viu-lhe as mãos, ou o que lhe restava das mãos. O tecido branco e duro da cicatriz lembrava-lhe a tela exposta de uma pintura danificada. Desejou poder misturar simplesmente um pouco de pigmento na sua paleta e voltar a pô-la normal.

Beijou-lhe a testa, cheirou-lhe o cabelo, à procura do vestígio familiar de alface e limão, mas em vez disso havia apenas a mistura opressiva do solário e do fedor das plantas num espaço fechado. Avery deixou uma segunda cadeira, que Gabriel aproximou uns centímetros dela. Leah encolheu-se quando as pernas de ferro forjado arranharam o chão. Gabriel murmurou um pedido de desculpas e sentou-se. Leah desviou o olhar. Era sempre assim. Não era Leah sentada ao seu lado, apenas um monumento a Leah. Uma pedra tumular. Costumava tentar falar com ela, mas agora contentava-se em sentar-se simplesmente na sua presença. Seguiu-lhe o olhar através da paisagem enevoada e perguntou a si próprio para o que estaria ela a olhar. Havia dias, segundo Avery, em que se limitava a ficar sentada a revê-lo uma e outra vez, com pormenores terrivelmente vívidos, incapaz, ou sem vontade, de o fazer parar. Gabriel não conseguia imaginar o seu sofrimento. Tinha-lhe sido permitido continuar com uma certa aparência da sua vida, mas tudo fora tirado de Leah — o filho, o corpo, a sanidade mental. Tudo menos a memória. Gabriel receava que o apego dela à vida, por mais tênue que fosse, estivesse de certa maneira ligado à sua fidelidade contínua. Se se permitisse apaixonar por outra pessoa, Leah morreria.

Passados quarenta e cinco minutos, levantou-se e vestiu o casaco; depois agachou-se aos seus pés, com as mãos apoiadas nos joelhos dela. Ela olhou por cima da cabeça dele durante uns segundos, antes de baixar os olhos de encontro ao seu olhar.

— Tenho de ir — disse ele. Leah não fez nenhum movimento.

Estava prestes a levantar-se quando ela se esticou de repente e lhe tocou no lado da cara. Gabriel tentou não recuar perante a sensação do tecido da cicatriz a deslizar pela pele no canto do olho. Ela sorriu tristemente e baixou a mão. Colocou-a no colo, tapou-a com a outra e retomou a pose hirta em que Gabriel a encontrara.

Levantou-se e afastou-se. Avery estava à espera lá fora. Levou Gabriel até o carro. Gabriel sentou-se ao volante durante muito tempo, antes de ligar o motor, a pensar na mão dela na sua cara. Nada típico de Leah, tocar-lhe assim. O que viu ela lá? A tensão da operação? Ou a sombra de Jacqueline Delacroix?

LISBOA

Tariq apareceu à entrada da casa de fados. Uma vez mais, estava vestido como um trabalhador das docas. Pálido como um fantasma, a mão a tremer enquanto acendia um cigarro. Atravessou a sala e sentou-se ao lado de Kemel.

— O que é que te traz de novo a Lisboa?

— Parece que temos um engarrafamento bastante grave na nossa cadeia de distribuição ibérica. Talvez seja obrigado a passar bastante tempo em Lisboa durante os próximos dias.

— É tudo?

— E isto.

Kemel pousou uma fotografia grande a cores em cima da mesa. — Apresento-te a Dominique Bonard.

Tariq pegou na fotografia, examinou-a com atenção.

— Vem comigo — disse calmamente. — Quero mostrar-te uma coisa que penso que vais achar interessante.

O apartamento de Tariq ficava no alto de Alfama. Duas divisões, soalhos de madeira a dar de si e uma varanda com vista para um pátio tranquilo. Preparou chá ao estilo árabe, forte e doce, e sentaram-se junto à porta aberta da varanda, a chuva a bater nas pedras do pátio.

Tariq perguntou:

— Lembras-te de como descobrimos o Allon em Viena?

Foi há muito tempo. Tens de me refrescar a memória.

— O meu irmão estava na cama quando foi morto. Estava uma moça com ele, uma estudante alemã, uma radical. Escreveu uma carta aos meus pais umas semanas depois do Mahmoud ter sido morto e contou-lhes como aconteceu. Disse que nunca se iria esquecer da cara do assassino enquanto vivesse. O meu pai levou a carta ao funcionário de segurança da OLP no campo. O oficial de segurança entregou-a aos serviços de espionagem da OLP.

— Tudo isso me soa vagamente familiar — disse Kemel.

— Depois de Abu Jihad ter sido assassinado em Tunis, o corpo de segurança da OLP conduziu uma investigação. Partiram de uma premissa simples. O assassino parecia conhecer muito bem a casa de campo, por dentro e por fora. Portanto, teve de passar algum tempo nas cercanias da casa, a vigiar e a planejar o ataque. — Uma peça brilhante de investigação detetivesca — disse Kemel, sarcasticamente. — Se o corpo de segurança da OLP tivesse feito bem o trabalho logo de saída, o Abu Jihad ainda estaria vivo.

Tariq foi até a casa de banho e voltou um momento depois, segurando um grande envelope de papel manilha.

— Começaram a rever todas as fitas de vídeo das câmaras de segurança e descobriram várias imagens de um homem pequeno e de cabelo escuro. Tariq abriu o envelope e entregou a Kemel várias fotografias granuladas. — Ao longo dos anos, os serviços de espionagem da OLP não tinham perdido de vista a moça alemã. Mostraram-lhe estas fotografias. Disse que era o mesmo homem que matara o Mahmoud. Sem sombra de dúvida. Por isso começamos a procurá-lo.

— E descobriram-no em Viena?

— Exatamente.

Kemel estendeu as fotografias para Tariq.

— O que é que isso tem a ver com Dominique Bonard?

— Vem de antes, da investigação ao caso de Túnis. O corpo de segurança da OLP queria descobrir onde é que o assassino tinha ficado em Túnis enquanto planeava o ataque. Sabiam por experiência anterior que os agentes israelenses tendem a fazer passar-se por europeus durante trabalhos como este. Partiram do princípio de que um homem a fazer passar-se por europeu tinha ficado provavelmente num hotel. Começaram a recorrer aos seus espiões e informadores. Mostraram as fotografias do assassino a um porteiro de um dos hotéis à beira da praia. O porteiro disse que o homem tinha ficado no hotel com a namorada francesa. O corpo de segurança da OLP voltou às fitas de vídeo e começou a procurar uma moça.

Descobriram uma e mostraram-na ao porteiro.

— A mesma moça?

— A mesma moça.

A seguir, Tariq enfiou a mão no envelope e tirou mais uma fotografia de vigilância: esta de uma moça de cabelo escuro lindo. Passou-a

a Kemel, que a comparou com a fotografia da mulher em Londres.

— Posso estar enganado — disse Tariq—, mas parece-me que a nova namorada do Yusef já trabalhou com o Gabriel Allon antes.

Reviram o plano uma última vez, enquanto caminhavam pelas vielas tortuosas de Alfama.

— O primeiro-ministro e o Arafat partem para os Estados Unidos daqui a cinco dias — disse Kemel. — Vão primeiro a Washington, para uma reunião na Casa Branca, e a seguir partem para Nova York, para a cerimônia de assinatura nas Nações Unidas. Está tudo a postos em Nova York.

— Agora só preciso de um acompanhante para a viagem — disse Tariq. — Acho que gostaria de uma francesa linda; o tipo de mulher que ficasse bem de braço dado com um empresário de sucesso.

— Acho que sei onde consigo encontrar uma mulher assim.

— Imagina, matar o processo de paz e o Gabriel Allon num único momento final de glória. Vamos sacudir o mundo, Kemel. E depois vou deixá-lo.

— Tem certeza de que quer avançar com isso?

— Não está preocupado com a minha segurança nesta altura?

— É claro que estou.

— Por quê? Sabe o que está me acontecendo.

— Na verdade, tento não pensar nisso.

Ao fundo da encosta, chegaram a ponto de táxis. Tariq beijou as faces de Kemel e a seguir agarrou com força os ombros dele.

— Nada de lágrimas, meu irmão. Ando na luta há muito tempo. Estou cansado. É melhor assim.

Kemel soltou-se do seu aperto e abriu a porta do táxi que esperava.

Tariq disse: — Ele devia ter matado a moça.

Kemel voltou-se.

— O quê?

— Allon devia ter matado a moça alemã que estava com meu irmão. Teria acabado tudo ali.

— Suponho que tenha razão.

— Foi um erro estúpido — disse Tariq. — Eu não teria cometido um erro desses.

Depois voltou-se e subiu devagar a encosta em direção a Alfama.

ST. JAMES'S, LONDRES

Quando a campainha da porta soou, Jacqueline voltou-se e espreitou para o monitor: um estafeta de bicicleta. Olhou para o relógio: seis e um quarto. Carregou na campainha para o deixar entrar e a seguir deixou a secretária, encaminhando-se até o corredor para assinar a encomenda. Um envelope grande de papel manilha. Voltou para o escritório, sentou-se à secretária e abriu o envelope com a ponta do dedo indicador. Lá dentro estava uma única folha de papel de carta de tamanho executivo, de cor cinzento-clara, dobrada meticulosamente ao meio. O cabeçalho trazia o nome de Randolph Stewart, negociante de arte privado. Leu a nota escrita à mão: Acabei de voltar de Paris... Viagem muito boa... Nenhum problema com a aquisição... Continua com a venda como planejado. Colocou a carta na destruidora de papel de Isherwood e observou-a a transformar-se em tirinhas de papel.

Levantou-se, vestiu o casaco e a seguir foi até o escritório de Isherwood. Este estava debruçado sobre um livro-razão, a roer a ponta de um lápis. Olhou para cima, quando ela entrou na sala, e fez-lhe um sorriso fraco.

- Já vai embora tão cedo, meu amor?
- Receio que tenha de ir.
- Vou contar as horas até voltar a te ver.
- E eu vou fazer o mesmo.

Ao sair, apercebeu-se de que iria ter saudades de Isherwood quando tudo terminasse. Era um homem decente. Interrogou-se sobre como se teria envolvido com pessoas como Ari Shamron e Gabriel. Apressou-se ao longo de Mason's Yard, através da chuva chicoteada pelo vento, e a seguir subiu Duke Street em direção a Piccadilly, a pensar na carta. Deprimia-a. Podia imaginar o resto da noite. Iria encontrar-se com Yusef no apartamento dele. Iriam jantar e depois voltariam ao apartamento e fariam amor. A seguir, duas horas de história do Oriente Médio. As injustiças empilhadas sobre os palestinos indefesos. Os crimes dos judeus. A desigualdade da solução dos dois estados na mesa de negociações. Estava a tornar-se cada vez mais difícil fingir que se estava a

divertir. Gabriel prometera-lhe uma missão curta: seduzi-lo, conseguir entrar no seu apartamento, apanhar-lhe as chaves e o telefone e voltar a sair. Não se tinha disponibilizado para um romance de longa duração. Achava a ideia de voltar a dormir com Yusef repulsiva. Mas havia algo mais. Tinha concordado em vir para Londres por achar que trabalhar com Gabriel iria reavivar o romance deles. Se tivera algum resultado, fora o de os afastar ainda mais. Raramente o via — ele comunicava por cartas — e, das poucas vezes em que estiveram juntos, tinha estado frio e distante. Fora uma parva ao pensar que as coisas poderiam alguma vez ser como tinham sido em Túnis.

Entrou na estação de metro de Piccadilly e andou até a plataforma apinhada. Pensou na sua casa de campo; nos passeios de bicicleta pelas encostas banhadas pelo sol à volta de Valbonne. Por um momento, imaginou Gabriel a passear ao seu lado, as pernas a bombear ritmicamente. A seguir, sentiu-se tonta por se ter deixado pensar nessas coisas. Quando o metro chegou, conseguiu enfiar-se na carruagem apinhada e agarrou-se a uma pega de metal. No momento em que o metro avançou aos solavancos, decidiu que esta seria a última noite. De manhã, diria a Gabriel que queria desistir.

Gabriel andou para trás e para a frente na carpete do posto de escuta, a driblar com indiferença uma bola de tênis verde-clara com os pés calçados apenas de meias. Faltava pouco para a meia-noite. Jacqueline e Yusef tinham acabado de fazer amor. Escutou as mútuas declarações de prazer físico. Escutou Yusef a utilizar a casa de banho. Escutou Jacqueline a andar silenciosamente até a cozinha, à procura de algo para beber. Ouviu-a perguntar a Yusef onde tinha escondido os cigarros dela.

Gabriel deitou-se no sofá e atirou a bola ao tecto enquanto esperava que Yusef comesse o seminário desta noite. Pôs-se a pensar qual seria o tópico. O que fora a noite passada? — o mito de que apenas os judeus faziam o deserto florir. Não, isso fora na noite anterior. Na noite passada, tinha sido a traição aos palestinos pelo resto do mundo árabe. Desligou o abajur e continuou a atirar a bola e a apanhá-la no escuro, para testar os reflexos e a percepção sensorial.

Uma porta a abrir-se, o estalido de um interruptor.

Yusef disse em tom sombrio: ;

— Precisamos falar. Enganei você em relação a uma coisa. Agora, preciso contar a verdade.

Gabriel agarrou de repente a bola de tênis no meio da escuridão e segurou-a bem quieta na palma da mão. Pensou em Leah, na noite em que utilizou essas mesmas palavras antes de lhe contar que, em represália à sua infidelidade, tinha tido ela própria amantes.

Jacqueline respondeu em tom despreocupado:

— Isso parece mesmo sério.

Gabriel pôs a bola pairando na escuridão com um girar sutil do pulso.

— É sobre a cicatriz nas minhas costas.

Gabriel levantou-se e acendeu o abajur. Depois verificou os gravadores de fitas para ter certeza de que estavam gravando em condições.

Jacqueline perguntou:

— O que há com a cicatriz?

— Como foi parar ali.

Yusef sentou-se na ponta da cama.

— Menti quando contei como tinha ficado com a cicatriz. Agora, preciso contar a verdade.

Respirou fundo, deixou sair o ar devagar, começou a falar, lenta e suavemente:

— A minha família ficou em Shatila depois da OLP ter sido expulsa do Líbano, talvez se recorde desse dia, Dominique; o dia em que o Arafat e as suas guerrilhas se retiraram, enquanto os israelenses e os Americanos lhes diziam adeus do cais. Sem a OLP, ficamos sem proteção. O Líbano estava em ruínas. Cristãos, sunitas, xiitas, os drusos, todo mundo lutava com todo mundo, e os palestinos foram apanhados no meio. Vivíamos com o medo de que alguma coisa terrível pudesse acontecer. Lembra, agora?

— Era nova, mas acho que me lembro.

— A situação era um barril de pólvora. Bastava só uma fagulha para desencadear um holocausto. Essa fagulha veio a ser o assassinato do Bashir Gemayel. Era o líder dos cristãos maronitas do Líbano e o presidente eleito do país. Foi morto na explosão de uma bomba num carro, na sede do partido da Falange Cristã. "Nessa noite, meia Beirute gritava por vingança, enquanto a outra metade se encolhia com medo. Ninguém tinha

a certeza de quem colocara a bomba. Podia ter sido qualquer um, mas os falangistas estavam convencidos de que a culpa era dos palestinos. Desprezavam-nos. Os cristãos nunca nos quiseram no Líbano e, agora que a OLP tinha desaparecido, queriam eliminar o problema palestino do Líbano de uma vez por todas. Antes da sua morte, o Gemayel tinha-o dito muito claramente: Há um povo, a mais: o povo palestino. "Depois do assassinato, os israelenses entraram em Beirute Ocidental e ocuparam posições com vista para o Sabra e Shatila. Queriam limpar os campos dos últimos combatentes da OLP e, para evitar baixas israelenses, enviaram os milicianos da Falange para fazer o trabalho por eles. Toda a gente sabia o que ia acontecer assim que os milicianos fossem soltos nos campos. O Gemayel estava morto e nós éramos os que iam pagar o preço. Ia ser um massacre, mas o exército israelense soltou-os à mesma.

"Os israelenses soltaram os primeiros falangistas em Shatila ao pôr do Sol, cento e cinquenta. Tinham pistolas, claro, mas a maioria tinha também facas e machados. A matança durou quarenta e oito horas. Os sortudos morreram com tiros. Os que não tiveram tanta sorte sofreram mortes mais horrendas. Cortaram pessoas aos pedaços. Estriparam pessoas e deixaram-nas a morrer. Esfolaram pessoas vivas. Arrancaram olhos e deixaram pessoas a deambular às cegas pelo meio da carnificina, até serem mortas a tiro. Amarraram pessoas a camiões e arrastaram-nas pelas ruas até estarem mortas.

"As crianças não foram poupadas. Uma criança podia crescer e tornar-se um terrorista, segundo os falangistas, por isso mataram todas as crianças. As mulheres não foram poupadas, já que uma mulher podia dar à luz um terrorista. Fizeram questão de cortar de maneira ritualista os peitos das mulheres palestinas. Os peitos dão leite. Os peitos alimentam um povo que os falangistas queriam eliminar. Por toda a noite dentro, invadiram casas e massacraram toda a gente lá dentro. Quando caiu a escuridão, os israelenses iluminaram o céu com foguetes de sinalização, para os falangistas poderem continuar com o seu trabalho de uma maneira mais fácil.

Jacqueline juntou os dedos e encostou-os aos lábios. Yusef continuou com o relato.

— Os israelenses sabiam exatamente o que se estava a passar. O quartel-general deles ficava a apenas cerca de duzentos metros do limite

de Shatila. Do telhado, conseguiam olhar diretamente para o campo. Consequiam ouvir os falangistas a falar nos seus rádios. Mas não levantaram um dedo para os parar. E porque é que ficaram parados sem fazer nada? Porque era exatamente o que queriam que acontecesse.

"Só tinha sete anos na altura. O meu pai morrera. Tinha sido morto nesse Verão, quando os israelenses bombardearam os campos durante a batalha de Beirute. Vivia em Shatila com a minha mãe e a minha irmã. Ela só tinha um ano e meio na altura. Escondemo-nos debaixo da cama, a ouvir os gritos e os disparos, a ver as sombras dos foguetes a dançar nas paredes. Rezamos para que os falangistas, por alguma razão, não acertassem na nossa casa. Às vezes, conseguíamos ouvi-los do lado de lá da janela. Estavam a rir. Estavam a massacrar quem quer que vissem, mas riam-se. A minha mãe tapava-nos a boca sempre que se aproximavam, para nos manter em silêncio. Quase sufocou a minha irmã.

"Por fim, invadiram-nos a casa. Desembaracei-me do aperto da minha mãe e fui ter com eles. Perguntaram onde é que estava a minha família e respondi-lhes que tinham morrido todos. Riram-se e disseram-me que em breve estaria com eles. Um dos falangistas tinha uma faca. Agarrou-me pelos cabelos e arrastou-me até lá fora. Arrancou-me a camisa e rasgou-me a pele no meio das costas. A seguir, amarraram-me a um camião e arrastaram-me pelas ruas. A certa altura, fiquei inconsciente, mas, antes de desmaiar, lembro-me de os falangistas dispararem sobre mim. Estavam a usar-me para tiro ao alvo.

"Não sei como, mas sobrevivi. Talvez achassem que estava morto, não sei. Quando recuperei os sentidos, a corda que tinham utilizado para me arrastar ainda estava amarrada ao meu tornozelo direito. Rastejei para debaixo de um monte de escombros e esperei. Fiquei lá durante um dia e meio. Finalmente, o massacre terminou, e os falangistas retiraram-se dos campos. Saí do meu esconderijo e descobri o caminho de volta para a casa da minha família. Encontrei o corpo da minha mãe na nossa cama. Estava nua e tinha sido violada. Os peitos tinham sido cortados. Procurei a minha irmã. Encontrei-a em cima da mesa da cozinha. Tinham-na cortado aos bocados e disposto num círculo, com a cabeça no centro. Jacqueline saiu da cama aos trambolhões, arrastou-se até a casa de banho e vomitou violentamente. Yusef ajoelhou-se ao seu lado e colocou-lhe a mão nas costas enquanto o corpo dela se contorcia.

Quando ela terminou, disse:

— Perguntas-me porque é que odeio tanto os israelenses. Odeio-os, porque enviaram os falangistas para nos massacrar. Odeio-os porque ficaram parados e não fizeram nada enquanto os cristãos, os grandes amigos deles no Líbano, violaram e mataram a minha mãe e cortaram a minha irmã aos bocados e lhe dispuseram o corpo num círculo. Agora sabes porque é que sou pela rejeição no que toca a este suposto processo de paz. Como é que possa confiar nesta gente?

— Compreendo.

— Compreendes mesmo, Dominique? É possível?

— Suponho que não.

— Bom, fui totalmente honesto contigo em relação a tudo. Há alguma coisa que me queiras contar acerca de ti? Algum segredo que andes a esconder de mim?

— Nada de importante.

— Estás a contar-me a verdade, Dominique?

— Sim.

A chamada veio às quatro e quinze dessa manhã. Acordou Yusef, mas não Gabriel. Tinha estado acordado toda a madrugada escutando o relato de Yusef sobre Sabra e Shatila uma e outra vez. Tocou apenas uma vez. Yusef, a voz cheia de sono, disse: — Sim?

— Lancaster Gate, amanhã, duas horas.

Clique.

Jacqueline perguntou: — O que era?

— Número errado. Volta a dormir.

Maida Vale, de manhã.

Um grupo de rapazes da escola provocando uma moça bonita. Jacqueline imaginou que eram milicianos falangistas armados com facas e machados. Uma van passou a grande velocidade, a arrotar fumos de gasóleo. Jacqueline viu um homem amarrado ao pára-choques, a ser arrastado para a morte. O seu prédio de apartamentos avultava-se à sua frente. Olhou para cima e imaginou soldados israelenses em cima do telhado, a observar a matança em baixo com binóculos, a disparar foguetes de sinalização para que os assassinos pudessem ver melhor as vítimas.

Entrou no prédio, subiu as escadas e enfiou-se no apartamento. Gabriel estava sentado no sofá.

— Por que não me disse?

— Disse o quê?

— Por que não me disse que ele tinha sobrevivido a Shatila? Por que não me disse que a família tinha sido chacinada assim?

— Que diferença faria?

— Gostaria simplesmente de ter sabido!

Acendeu um cigarro e engoliu com força o fumo. — É verdade? As coisas que me contou são verdadeiras?

— Qual parte?

— Tudo, Gabriel! Não faça joguinho de merda comigo.

— Sim, é verdade! A família morreu em Shatila. Sofreu. E então? Já sofremos todos. Não lhe dá o direito de assassinar inocentes porque a história não correu como queria!

— Ele era um inocente, Gabriel! Era só um menino!

— Estamos em meio de uma operação, Jacqueline. Agora não é a altura para um debate sobre a equivalência moral e a ética do contraterrorismo. — Peço desculpa por permitir que a questão da moralidade tenha penetrado nos meus pensamentos. Esqueci-me que tu e o Shamron nunca se deixam confundir por uma coisa tão trivial.

— Não me metas no mesmo saco com o Shamron.

— Porque não? Porque ele dá as ordens e tu as segues?

— Então e Túnis? — perguntou Gabriel. — Sabias que Túnis era uma missão de assassinato, mas participaste nela de livre vontade. Até te ofereceste para voltar na noite da execução.

— Isso era porque o alvo era o Abu Jihad. Tinha o sangue de centenas de israelenses e judeus nas mãos.

— Este também tem sangue nas mãos. Não te esqueças disso.

— É só um rapaz, um rapaz cuja família foi chacinada enquanto o exército israelense observava e não fazia nada.

— Não é um rapaz. É um homem com vinte e cinco anos que ajuda o Tariq a matar pessoas.

— E vais usá-lo para chegar ao Tariq, por causa do que o Tariq te fez? Quando é que acaba? Quando não houver mais sangue para derramar? Quando, Gabriel?

Ele levantou-se e vestiu o casaco. Jacqueline disse:

— Quero desistir.

— Não podes sair agora.

— Posso, sim. Não quero dormir mais com o Yusef.

— Porquê?

— Porquê? Tens a lata de me perguntar porquê?

Desculpa, Jacqueline. Isso não saiu...

— Pensas em mim corno uma puta, não é, Gabriel? Pensas que não me incomoda dormir com um homem de quem não gosto. — Isso não é verdade.

— Foi isso que fui para ti em Túnis? Só uma puta?

— Sabes que isso não é verdade. — Então diz-me o que fui.

— O que é que vais fazer? Vais voltar para França? Voltar para a tua casa de campo em Valbonne? Voltar para as tuas festas de Paris e para as tuas sessões fotográficas e os teus shows de moda, onde a questão mais difícil é decidir que tom de batom usar?

Deu-lhe uma bofetada no lado esquerdo da cara. Ele ficou a olhar para ela, os olhos frios, a cor a aumentar na pele por cima da maçã do rosto. Puxou a mão para trás para lhe voltar a dar uma bofetada, mas ele levantou com indiferença a mão esquerda e desviou-lhe o golpe.

— Não consegues ouvir o que se está a passar? — perguntou Gabriel. — Contou-te a história do que lhe aconteceu em Shatila por uma razão. Está a testar-te.

Quer-te para alguma coisa.

— Não me interessa.

— Pensei que fosses alguém com quem pudesse contar. Não alguém que se fosse abaixo a meio do jogo.

— Cala-te, Gabriel!

— Vou contatar o Shamron, dizer-lhe que estamos fora do jogo. Estendeu a mão para a porta. Ela agarrou-lhe a mão.

— Matar Tariq não vai pôr as coisas bem. Isso é só uma ilusão. Pensas que vai ser como arranjar um quadro: descobres o estrago, retocas-lo e fica tudo bem outra vez. Mas não é assim com um ser humano. Na verdade, nem sequer é assim com um quadro. Se olhares com atenção, consegues sempre ver onde é que foi retocado. As cicatrizes nunca desaparecem. O restaurador não cura um quadro. Só esconde as feridas.

— Preciso saber se estás disposta a continuar.
— E eu quero saber se fui só a tua puta em Túnis. Gabriel esticou-se e tocou-lhe na face.

Foste a minha amante em Túnis.

A mão caiu-lhe ao lado.

— E a minha família foi destruída por causa disso.

— Não posso mudar o passado.

— Eu sei.

— Gostou de mim?

Hesitou por um momento, depois respondeu: — Sim, muito.

— Gostas de mim agora? Ele fechou os olhos.

— Preciso saber se consegue continuar ou não.

HYDE PARK, LONDRES

Karp disse: — O teu amigo escolheu um lugar horrível para um encontro.

Estavam sentados na parte de trás de uma van Ford branca, em Bayswater Road, a alguns metros de Lancaster Gate, Karp debruçado sobre uma consola de equipamento de áudio, a ajustar os níveis. Gabriel praticamente não conseguia ouvir-se a pensar, com o barulho ensurdecedor dos carros, táxis, vans e ônibus de dois andares. Por cima deles, as árvores que revestiam a ponta norte do parque contorciam-se ao vento. Através dos microfones de Karp, o ar a correr pelos ramos soava como água a borbulhar. Para lá de Lancaster Gate, as fontes dos Italian Gardens chapinhavam e dançavam. Através dos microfones, soava como um temporal de verão.

Gabriel perguntou: — Quantas pessoas ouvindo lá fora?

— Três — respondeu Karp. — O cara sentado que parece um banqueiro, a garota bonita dando pão aos patos, e o sujeito vendendo sorvete logo no portão.

— Não está mau — disse Gabriel.

— Nestas condições, não espere nenhum milagre.

Gabriel olhou para o relógio de pulso: passavam três minutos das duas. Pensou: Não vai aparecer. Avistaram a equipe de Karp e estão abortando. Perguntou:

— Mas onde é que ele está, porra?

— Calma, Gabe.

Um momento depois, Gabriel viu Yusef aparecer vindo de Westbourne Street e a correr pela estrada fora, à frente de um camião de entregas que se aproximava velozmente. Karp tirou um par de fotografias enquanto Yusef entrava no parque e se passeava pelas fontes. A meio do segundo circuito, um homem veio juntar-se-lhe, vestido com um sobretudo de lã cinza, o rosto oculto por óculos de sol e um chapéu de feltro. Karp passou para uma lente de maior alcance e tirou mais uma série de fotografias.

Deram uma volta às fontes em silêncio, depois, durante o segundo circuito, começaram a falar em voz baixa em inglês. Devido ao barulho do vento e das fontes, Gabriel só conseguia perceber cada terceira ou quarta palavra.

Karp praguejou em voz baixa.

Deram voltas às fontes por uns minutos, depois subiram uma rampa para um parque infantil. A moça que tinha estado a dar de comer aos patos seguiu devagar atrás deles. Passado um instante, a van de vigilância estava repleta dos gritos de alegria de crianças a brincar.

Karp pressionou os olhos com os punhos e abanou a cabeça.

Karp entregou a fita a Gabriel no posto de escuta, três horas mais tarde, com o ar resignado de um cirurgião que fizera tudo para salvar o doente. — Passeia-a pelos computadores, filtrei o ruído de fundo e melhorei as partes boas. Mas receio que tenhamos apenas dez por cento, e mesmo isso soa a merda. Gabriel esticou a mão e aceitou a fita. Enfiou-a no gravador, carregou no PLAY e escutou enquanto percorria a sala de um lado ao outro.

... precisa de alguém... próxima missão...

Um som, como estática aumentada ao máximo, eliminou o resto da frase. Gabriel pôs a fita em pausa e olhou para Karp.

— É a fonte — disse Karp. — Não há nada que consiga fazer com isso.

Gabriel reiniciou a fita.

... vigia a... dela... em Paris... problemas... tudo bem.

Gabriel parou a fita, carregou no botão de REBOBINAR, depois no PLAY.

... verificar a... dela em Paris... problemas... tudo bem.

... não tenho certeza... a pessoa certa para... tipo de... ?

... sê persuasivo... se explicares a importância...

...o que é que eu... dizer-lhe ao certo?

... missão diplomática vital... causa da verdadeira paz no Oriente Médio.

precaução de segurança de rotina... (

... costumava funcionar... ;

O nível do áudio caiu profundamente. Karp disse:

— Estão a chegar ao pé do parque infantil agora mesmo. Vamos conseguir cobertura daqui a um instante, quando a moça se colocar em posição.

... vai ter com ele... de Gaulle... a partir daí... até o destino final...

... onde...

Uma criança magoada chora pela mãe, eliminando a resposta.

... lida com ela depois...

... é com ele...

... e se... di que não...

Não te preocupes, Yusef. A tua namorada não te vai dizer que não.
STOP. REBOBINAR. PLAY.

Não te preocupes, Yusef. A tua namorada não te vai dizer que não.

E o que Gabriel ouviu a seguir foi uma mãe a repreender o filho por raspar um pedaço de pastilha elástica do fundo do baloiço e a pôr na boca. Nessa noite, depois do trabalho, Jacqueline comprou caril e trouxe-o para o apartamento de Yusef. Enquanto comiam, viram um filme americano na televisão sobre um terrorista alemão à solta em Manhattan. Gabriel viu também com eles. Tirou o som à televisão e, em vez disso, ouviu pela de Yusef. Quando o filme terminou, Yusef declarou-o uma treta pegada e desligou a televisão. Depois disse:

— Temos de falar de uma coisa, Dominique. Preciso te pedir uma coisa importante.

Gabriel fechou os olhos e escutou.

Na manhã seguinte, Jacqueline saiu da carruagem na estação de metro de Piccadilly e circulou com a multidão pela plataforma fora. Enquanto subia a escada rolante, olhou à sua volta. Tinham de a estar a seguir: os observadores de Yusef. Ele não a deixaria solta pelas ruas de Londres sem uma escolta secreta, depois do que lhe pedira para fazer na noite anterior. Um homem de cabelos pretos estava a olhar fixamente para ela a partir de uma escada rolante paralela. Quando a apanhou olhos nos olhos, sorriu e tentou prender-lhe o olhar. Ela apercebeu-se de que era só um devasso. Virou-se e olhou em frente. Lá fora, enquanto andava por Piccadilly, julgou ter descoberto Gabriel a utilizar uma cabina telefônica, mas era apenas um sócia de Gabriel. Julgou tê-lo visto outra vez a sair de um táxi, mas era apenas o irmão mais novo inexistente de Gabriel.

Apercebeu-se de que havia versões de Gabriel a toda a sua volta. Rapazes com casacos de couro. Homens novos com fatos elegantes de negócios. Artistas, estudantes, moços de entregas — Com pequenas alterações, Gabriel poderia passar por qualquer um deles.

Isherwood tinha chegado cedo. Estava sentado à secretária, a falar italiano ao telefone e parecendo ressacado. Pôs a mão sobre o receptor e fez com a boca os movimentos das palavras Café, por favor.

Pendurou o casaco e sentou-se à secretária. Isherwood podia aguentar por mais uns quantos minutos sem o café. O correio da manhã estava em cima da secretária, juntamente com um envelope de papel manilha. Arrancou a dobra e tirou a carta do interior. Vou para Paris. Não dê um passo fora da galeria até teres notícias minhas. Amarrotou-a numa bola apertada.

PARIS

Gabriel não tinha tocado no pequeno-almoço. Estava sentado na carruagem de primeira classe do trem Eurostar, com os receptores postos, a ouvir fitas num pequeno leitor portátil. Os primeiros encontros entre Yusef e Jacqueline. Yusef a contar a Jacqueline a história do massacre em Shatila. A conversa de Yusef com Jacqueline na noite anterior. Tirou a fita e enfiou mais uma: o encontro de Yusef com o contato em Hyde Park. Já perdera a conta a quantas vezes a tinha ouvido. Dez vezes? Vinte? De cada vez, perturbava-o mais. Carregou no botão de rebobinar e utilizou o contador digital de fitas para parar precisamente no ponto que queria ouvir.

... verificar a... dela em Paris... problemas... tudo bem.

STOP.

Afastou os receptores, tirou do bolso um pequeno bloco de notas e passou para uma página em branco. Escreveu: vigia a... dela... em Paris... problemas... tudo bem.

Entre as frases staccato, deixou espaços em branco correspondendo aproximadamente aos momentos de branco na fita.

Depois escreveu: *Enviamos um homem para verificar a história dela em Paris. Não havia problema. Está tudo bem.*

Era possível que fosse isso que ele tivesse dito, ou podia ter sido isto:

Enviamos um homem para verificar a história dela em Paris. Havia grandes problemas com ela. Mas está tudo bem.

Isso não fazia sentido. Gabriel riscou-o, pôs os fones e ouviu a parte da fita mais uma vez. Espere um minuto, pensou. Estaria o contato de Yusef a dizer tudo bem ou outro lado?1

Desta vez escreveu: Enviamos um homem para verificar a história dela em Paris. Havia vários problemas com ela. Pensamos que possa estar a trabalhar para o outro lado.

Mas se fosse esse o caso, porque é que lhe pediriam para acompanhar um agente numa missão?

Gabriel apertou FORWARD, depois STOP, depois PLAY.

Não te preocupes, Yusef. A tua namorada não vai te dizer que não.
Não te preocupes, Yusef. A tua namorada não te vai dizer que não.

Gabriel pegou um táxi na estação de trens e deu ao taxista uma endereço na Avenue Foch. Cinco minutos mais tarde, anunciou que tinha mudado de ideias, entregou ao taxista alguns francos e saiu. Descobriu outro táxi. Com um sotaque de italiano, pediu para ser levado para Notre-Dame. A partir daí, caminhou ao longo do rio, até a estação de metro de St.-Michel. Quando ficou seguro de que não estava a ser seguido, fez sinal a um táxi para parar e deu ao taxista uma endereço no Décimo Sexto Arrondissement, perto de Bois de Boulogne. A seguir, andou quinze minutos, até a um prédio de apartamentos, numa rua frondosa, não muito longe da Place de Colombie.

Na parede do hall de entrada estava um telefone interno e ao lado do telefone uma lista de moradores. Gabriel carregou no botão para o 4B, que tinha o nome Guzman em letra azul apagada. Quando o telefone tocou do outro lado da linha, murmurou umas quantas palavras, repôs o receptor e esperou que a porta se abrisse. Atravessou a entrada, apanhou o elevador até o quarto andar e bateu suavemente à porta do apartamento. Ouviu uma corrente a deslizar, seguida da fechadura a abrir-se. Aos ouvidos de Gabriel soava como um atirador a expulsar um cartucho gasto e a enfiar outro com força na câmara.

A porta abriu. Parado na soleira, estava um homem da altura de Gabriel, cabeça e ombros quadrados, com olhos azuis de aço e cabelo louro-avermelhado. Parecia extremamente satisfeito consigo próprio — como um homem que tinha tido demasiado sucesso com as mulheres. Não apertou a mão a Gabriel, apenas o puxou para dentro pelo cotovelo e fechou a porta, como se estivesse a tentar impedir o frio de entrar.

Um apartamento grande, escuro, o cheiro de café a escaldar e dos cigarros de Shamron a pairar pelo ar. Sofás largos, cadeiras de couro reclináveis, almofadas enormes — um sítio para os agentes esperarem. Na parede oposta, um centro de entretenimento repleto de componentes japonesas e filmes americanos.

Nada de pornografia nos apartamentos seguros: regra de Shamron. Shamron entrou na sala. Fez questão de mostrar que estava a olhar para o relógio.

— Noventa minutos — disse. — O teu trem chegou há noventa minutos. Onde raio é que tens estado? Estava prestes a enviar um grupo à tua procura.

E eu nunca te disse como vinha para Paris ou a que horas chegaria... — Um percurso decente 'de detecção de vigilância demora tempo. Lembras-te de como se faz um desses, Ari, ou deixaste de ensinar essa aula na Academia?

Shamron estendeu a mão ressequida.

— Tens as fitas?

Mas Gabriel olhou para o outro homem. — Quem é este?

— É Uzi Navot. Uzi é o nosso katsa em Paris agora, um dos meus melhores homens. Tem estado a trabalhar comigo neste caso. Tens o prazer de conhecer o grande Gabriel, Uzi. Aperta a mão ao grande Gabriel Allon.

Gabriel percebeu que Navot era um dos acólitos de Shamron. O Escritório estava cheio deles: homens que faziam tudo trair, enganar, roubar, até mesmo matar — de modo a conquistar a aprovação de Shamron. Navot era novo e era petulante, e havia em si uma arrogância que fez Gabriel antipatizar logo com ele. Brilhava como uma moeda acabada de cunhar. Os instrutores na Academia tinham-lhe dito que era membro da elite — um príncipe e Navot acreditara neles.

Quando Gabriel entregou as fitas a Shamron e se afundou na cadeira de couro reclinável, só conseguia pensar numa coisa: Shamron, no Lizard na Cornualha, a prometer-lhe que a operação seria um segredo bem mantido dentro dos corredores do Boulevard do Rei Saul. Se era esse o caso, quem diabos era Uzi Navot e o que estava a fazer aqui?

Shamron atravessou a sala, colocou uma fita no sistema de estéreo e carregou no PLAY. A seguir, sentou-se em frente a Gabriel e cruzou os braços. Quando Yusef começou a falar, fechou os olhos e inclinou ligeiramente a cabeça para o lado. Para Gabriel, parecia que ouvia a melodia de uma música distante.

— Um amigo meu, um palestino muito importante, precisa de fazer uma viagem ao estrangeiro para uma reunião crucial. Infelizmente, os sionistas e os seus amigos prefeririam que este homem não estivesse presente nesta reunião importante e, se o avistarem durante a viagem,

provavelmente detêm-no e enviam-no de volta para casa. E porque é que fariam isso?

— Porque ousou questionar a justeza do suposto processo de paz. Porque ousou desafiar a liderança palestina. Porque acredita que a única solução justa para o problema palestino é deixarem-nos voltar às nossas terras, onde quer que elas possam ser, e instituir um verdadeiro Estado binacional na terra da Palestina. Desnecessário dizer que estas opiniões o tornaram bastante impopular — não só entre os sionistas e amigos, mas também entre alguns palestinos. Em resultado disso, é um exilado e vive escondido.

— O que é que quer de mim?

— Porque este homem está sob constante ameaça, acha necessário tomar certas precauções. Quando viaja, faz isso com nome falso. É muito instruído e fala várias línguas. Pode passar por diversas nacionalidades.

— Continuo sem saber o que quer de mim, Yusef.

— Os agentes de controle de passaportes de todos os países ocidentais utilizam o que é conhecido como retrato de perfil para escolher viajantes para um escrutínio mais apertado. Infelizmente, devido ao “terrorismo árabe”, os árabes que viajam sozinhos estão sujeitos ao maior escrutínio de todos. Portanto, este homem prefere viajar com um passaporte ocidental e com outra pessoa — uma mulher.

— Por que uma mulher?

— Porque um homem e uma mulher viajando juntos levantam menos suspeitas do que dois homens. Este homem precisa de um companheiro de viagem, um parceiro, se quiser. Gostaria que fosses com ele nesta viagem.

— Só pode estar a brincando.

— Não brincaria com uma coisa destas. A reunião em que este homem precisa de estar presente pode alterar o curso da história no Oriente Médio e para o povo palestino. É vital que chegue ao destino e lhe seja permitido estar presente nesta reunião e representar as opiniões de um grande número de palestinos.

— Por que eu?

— Por uma razão, o teu aspecto. És uma mulher muito atraente, muito capaz de desviar atenções. Mas também por causa do teu

passaporte. Este homem — e peço desculpa, Dominique, mas não tenho autorização para te dizer o nome dele -prefere viajar com um passaporte francês. Vão passar por amantes, um homem de negócios de sucesso e a namorada mais nova.

— Passar por amantes?

— Sim, apenas passar por amantes. Nada mais, garanto. Este líder palestino não pensa em mais nada senão no bem-estar e no futuro do povo palestino.

— Sou secretária numa galeria de arte, Yusef. Não faço essas coisas. Além disso, por que haveria de me arriscar por você e pelo povo palestino? Arranje uma palestina para fazer isso.

— Nós usaríamos uma palestina se pudéssemos. Infelizmente, precisamos de uma europeia.

— Nós, Yusef? O que quer dizer nós? Pensei que você fosse um estudante. Pensei que fosse um empregado, pelo amor de Deus. Nos envolver com um homem que precisa viajar com um nome falso para uma reunião que vai mudar o curso da história no Oriente Médio? Isso é que é honestidade total, hein, Yusef?

— Não fiz segredo das minhas crenças políticas. Não fiz segredo da minha oposição ao processo de paz.

— Sim, mas acabou por fazer segredo do fato de estar envolvido com pessoas assim. O que é ele, Yusef? Algum tipo de terrorista?

— Não seja ridícula, Dominique! As pessoas com quem estou envolvido nunca cometeriam um ato de violência e condenam qualquer grupo que o faça. Além disso, pareço mesmo algum tipo de terrorista?

— Então onde é que ele vai? Como é que funcionaria?

— Está dizendo que vai fazer?

— Estou perguntando aonde seu amigo vai e como funcionaria, nada mais.

— Não posso dizer aonde ele vai.

— Oh, Yusef, por favor. Isto é...

— Não posso dizer onde ele vai porque não sei! Mas posso dizer como funcionaria.

— Estou ouvindo.

— Viaja para Paris — para o Aeroporto Charles de Gaulle. Encontra o líder palestino no terminal. Só ele e alguns assistentes mais próximos

sabem aonde vai. Vai acompanhá-lo até a porta de embarque e subir no avião. O destino pode ser o local da reunião ou talvez tenham de apanhar um outro voo — ou um trem, ou um ferry, ou ir de carro. Não sei. Quando a reunião tiver terminado, regressam a Paris e cada um segue o seu caminho. Nunca mais voltará a ver e nunca vais mencionar isto a mais ninguém.

— E se ele for preso? O que me acontece?

— Não fizeste nada de mal. Vais viajar com o teu próprio passaporte. Vais dizer que este homem te convidou a ir em viagem com ele e que aceitaste. Muito simples, sem problemas.

— Quanto tempo?

— Deves fazer planos para uma semana mas esperar menos.

— Não posso deixar simplesmente a galeria durante uma semana.

Não tenho direito a nenhum tempo de férias e o Isherwood ia entrar em colapso.

— Diga ao senhor Isherwood que tem uma emergência de família em Paris. Diga que não pode evitar.

— E se ele resolver me despedir?

— Não vai te despedir. E se é o dinheiro que a preocupa, podemos arranjar alguma coisa.

— Não quero dinheiro, Yusef. Se o fizer, é porque me pediu. Faço-o porque estou apaixonada por você, ainda que não acredite completamente que seja mesmo a pessoa que parece ser.

— Sou só um homem que ama seu país e o seu povo, Dominique.

— Preciso pensar nisso.

— Claro que precisa pensar nisso. Mas enquanto tomas a tua decisão é essencial que não o discutas com ninguém.

— Compreendo, suponho. Quando é que precisas de uma resposta?

— Amanhã à noite.

Quando a fita terminou, Shamron olhou para cima.

— Por que essa cara soturna, Gabriel? Porque é que não estás aos saltos de alegria?

— Porque me parece demasiado bom para ser verdade.

— Não vais começar outra vez com isto, pois não, Gabriel? Se achassem que ela estava a trabalhar para nós, já estava morta e o Yusef

estava a esconder-se.

— Não é assim que o Tariq joga. — Do que é que estás a falar?

— Talvez queira mais do que um agente de pouca importância como Jacqueline. Lembra de como matou Ben-Eliezer em Madri? Montou uma armadilha, jogou a isca, atraiu-o até lá. Não deixou nada ao acaso. Depois deu um tiro na cara dele e saiu como se nada tivesse acontecido. Você nos bateu em nosso próprio jogo, e Ben-Eliezer pagou o preço.

— Bateu. É isso que está tentando dizer, não é, Gabriel? Se eu tivesse sido mais cuidadoso, nunca teria deixado Ben-Eliezer entrar naquele café em primeiro lugar.

— Não estava culpando você.

— Então quem, Gabriel? Era o chefe de operações. Aconteceu no meu turno. Em última análise, a morte dele é minha responsabilidade. Mas o que quer que eu faça agora? Que corra e me esconda porque Tariq já me derrotou antes? Que arrume a trouxa e vá para casa? Não, Gabriel.

— Fique com Yusef. Afaste-se.

— Não quero Yusef. Quero Tariq!

Shamron bateu com o punho grosso no braço da cadeira.

— Faz todo o sentido. Tariq gosta de usar mulheres legítimas como cobertura. Sempre gostou. Em Paris, foi a moça americana. Em Amsterdam, foi a puta que gostava de heroína. Até usou uma...

Shamron deteve-se, mas Gabriel sabia no que pensava. Tariq tinha usado uma mulher em Viena, uma bonita empregada de loja austríaca que foi encontrada no Danúbio na noite do atentado à bomba com metade da garganta desaparecida.

— Vamos partir do princípio de que tem razão, Gabriel. Vamos partir do princípio de que o Tariq suspeita que a Jacqueline esteja a trabalhar para o Escritório. Vamos partir do princípio de que está a montar uma armadilha para cairmos nela. Mesmo que seja esse o caso, a vantagem continua a ser nossa. Nós decidimos quando forçar a ação. Escolhemos a altura e o sítio, não o Tariq. — Com a vida da Jacqueline em jogo. Não estou preparado para arriscar isso.

Não quero que ela acabe como todas as outras.

— Não acaba. É uma profissional e vamos estar com ela a cada passo.

— Há duas semanas atrás estava a trabalhar como modelo. Já não está em campo há anos. Pode ser uma profissional, mas não está preparada para uma coisa assim. — Deixa-me revelar-te um pequeno segredo, Gabriel. Ninguém está nunca completamente preparado para uma coisa assim. Mas a Jacqueline é capaz de tomar conta de si própria.

— Também não gostei das regras do jogo deles. Temos de a deixar ir para o Charles de Gaulle e apanhar um avião, mas não sabemos para onde é que o avião vai. Vamos andar a brincar à apanhada a partir do momento em que o jogo começar. — Vamos ficar a saber para onde vão assim que entrarem na porta de embarque, e vamos estar a vigiá-los assim que saírem do avião no outro lado. Não vai estar fora da nossa vista por um minuto.

— E a seguir?

— Quando o momento se proporcionar, eliminas o Tariq e acabará. Podemos prendê-lo no Charles de Gaulle.

Shamron franziu os lábios e abanou a cabeça. Gabriel perguntou:

— Por que não?

Shamron levantou o indicador grosso.

— Em primeiro lugar, porque implicava envolver os Franceses, uma coisa que não estou preparado para fazer. Em segundo lugar, ninguém conseguiu montar um caso contra o Tariq que se aguentasse em tribunal. Em terceiro lugar, se dissemos aos Franceses e aos nossos amigos em Langley que sabemos onde é que o Tariq vai estar num determinado dia, vão querer saber como é que nos chegou essa informação. Isso também significava confessar aos nossos irmãos em Londres que temos andado a executar uma operação no território deles e que nos esquecemos de lhes dizer. Não vão ficar satisfeitos com isso. Finalmente, a última coisa de que precisamos é do Tariq atrás das grades, um símbolo para todos aqueles que gostariam de ver destruído o processo de paz. Preferia que desaparecesse sem alarido.

— Então é um rapto?

— Achas mesmo que íamos conseguir tirar o Tariq do meio de um terminal apinhado no Charles de Gaulle? É claro que não. Se queremos o Tariq, vamos ter de jogar segundo as regras dele por umas horas.

Shamron acendeu um cigarro e apagou o fósforo sacudindo-o violentamente. — É contigo, Gabriel. Uma operação destas requer a

aprovação direta do primeiro-ministro. Ele está no gabinete neste preciso momento, à espera de saber se estás ou não preparado para ir com isto em frente. O que é que lhe devo dizer?

ST. JAMES'S, LONDRES

O meio da tarde, tinha decidido Julian Isherwood, era a parte mais cruel do dia. O que era ao certo? O cansaço de um bom almoço? O escurecer precoce de Londres no Inverno? O ritmo sonolento da chuva a tamborilar nas suas janelas? Esta zona limbo do dia tinha-se tornado o purgatório pessoal de Isherwood, um duro espaço de tempo entalado entre a esperança sentimental que sentia a cada manhã, quando chegava à galeria, e a realidade fria do declínio que sentia a cada final de tarde, enquanto voltava para casa, em South Kensington. Três da tarde, a hora da morte: demasiado cedo para fechar — isso teria a sensação de uma capitulação total —, demasiadas horas para preencher com muito pouco trabalho de importância.

Por isso, estava sentado à secretária, a mão esquerda à volta da forma reconfortante de uma xícara de chá quente, a direita a folhear morosamente uma pilha de papéis: contas que não podia pagar, avisos de bons quadros a chegar ao mercado que não se podia dar ao luxo de comprar.

Levantou a cabeça e espreitou por uma entrada que separava o escritório da sala de espera, na direção da criatura sentada à pequena secretária de diretor. Uma figura estonteante, esta moça que dava pelo nome de Dominique: uma verdadeira obra de arte, aquela. Ao menos, tinha tornado mais interessantes as coisas na galeria, quem quer que fosse. No passado, insistira em manter a entrada que separava os dois escritórios bem fechada. Era um homem importante, gostava de pensar — um homem que tinha discussões importantes com gente importante — e quisera uma muralha entre si e a secretária. Agora, percebeu que preferia mante-la aberta. Oh, se fosse vinte anos mais novo, no auge dos seus poderes. Podia tê-la tido nessa altura. Tinha tido bastantes nessa altura, moças exatamente como ela.

Não era só o dinheiro, ou a casa de campo em St.-Tropez, ou o iate. Era a arte. Os quadros eram um afrodisíaco melhor do que a cocaína.

No seu copioso tempo livre, Isherwood tinha engendrado todo o tipo de fantasias acerca dela. Pôs-se a pensar se seria sequer francesa ou apenas uma daquelas israelenses que se podiam passar praticamente por tudo. Também descobrira que a achava vagamente intimidante, o que tornava verdadeiramente impossível considerar sequer o ato físico de amor com ela. Ou sou só eu?, pensou. É assim que lidamos com a decadência do envelhecimento? com a diminuição do nosso poder? A deterioração das nossas capacidades? A mente liberta-nos misericordiosamente do desejo, para nos pormos de lado com graciosidade, em favor da geração mais nova e não fazemos figura de completos anormais por causa de mulheres como a Dominique Bonard?

Mas enquanto a observava agora, percebeu que havia qualquer coisa errada. Tinha estado nervosa o dia todo. Recusara-se a sair da galeria. Convidara-a a almoçar no Wilton's — nada de suspeito, entenda-se: sem segundas intenções —, mas recusara e, em vez disso, pedira para entregarem um sanduíche do café. Talvez tivesse algo a ver com o rapaz árabe que tinha vindo à galeria na outra noite Yusef, tinha-lhe chamado. Ou talvez fosse Gabriel. Isherwood estava certo de uma coisa. Se Gabriel alguma vez a magoasse, da maneira como magoou aquele rapazinho na Cornualha — Meu Deus, qual era o nome dele? Pearl? Puck? Não, Peel — Bom... Infelizmente, não havia muito que pudesse fazer a Gabriel, a não ser nunca o perdoar.

Lá de fora, ouviu dois toques bruscos de uma buzina. Levantou-se e foi até a janela. Por baixo de si, na calçada de Mason's Yard, estava uma van de entregas parada mesmo à frente das portas fechadas da zona de cargas e descargas.

Curioso, não havia entregas agendadas para hoje. O condutor voltou a buzinar, desta vez com força e alto. Por amor de Deus, pensou Isherwood. Mas quem raio és tu? E o que é que queres?

Depois espreitou através do pára-brisas da frente. Devido ao ângulo, não conseguia ver a cara do condutor, apenas conseguia ver umas mãos, à volta do volante. Teria reconhecido aquelas mãos em qualquer lado. As melhores mãos do ramo.

Subiram no elevador até a galeria superior, Jacqueline entre eles, como uma prisioneira, Gabriel à esquerda, Shamron à direita. Ela tentou olhar para Gabriel olhos nos olhos, mas ele estava a olhar em frente.

Quando a porta se abriu, Shamron guiou-a até o banco para apreciar as obras, como se estivesse a colocar uma testemunha no banco dos réus. Sentou-se com as pernas cruzadas pelos tornozelos, os cotovelos apoiados nos joelhos, o queixo apoiado nas mãos. Gabriel estava parado atrás dela. Shamron andava de um lado para o outro da galeria, como um potencial comprador nada impressionado com a mercadoria. Falou durante vinte minutos sem parar. Enquanto Jacqueline o observava, pensou na noite em que a tinha convidado a juntar-se ao Escritório. Sentiu a mesma sensação de propósito e dever que sentira nessa noite. O pequeno corpo agitado de Shamron revelava tanta força que os medos dela pareciam esfumar-se. À primeira vista, o que lhe estava a pedir era chocante — acompanhar o terrorista mais perigoso do mundo numa missão —, mas foi capaz de lhe avaliar as palavras sem a emoção incômoda do medo. Pensou: Shamron não tem medo; logo, não tenho medo. Tinha de admitir que estava fascinada pela simples ideia daquilo. Imagine-se, a moça de Marselha, cujos avós foram assassinados no Holocausto, a ajudar a destruir Tariq al-Hourani e a preservar a segurança de Israel. Seria o final perfeito para a carreira no Escritório, a realização de todos os desejos que a fizeram alistar-se em primeiro lugar. Também provaria a Gabriel que ela também conseguia ser corajosa.

— Tem todo o direito de dizer não — disse Shamron. — Aceitou participar de uma operação muito diferente desta: muito mais curta em duração e com risco físico consideravelmente inferior. Mas a situação mudou. Às vezes, as operações são assim.

Parou de andar de um lado para o outro e ficou exatamente à frente dela. — Mas posso garantir-te uma coisa, Jacqueline. A tua segurança será a nossa primeira prioridade. Nunca estarás sozinha. Vamos acompanhar-te até o aeroporto e estaremos à espera do outro lado quando saíres. Iremos para onde quer que vás. E à primeira vez que a oportunidade se proporcionar, vamos avançar e terminar com as coisas. Também tens a minha palavra de que, se a tua vida estiver em perigo, avançaremos nesse momento, independentemente das consequências. Compreendes o que te estou a dizer?

Acenou com a cabeça. Shamron enfiou a mão na pasta, tirou uma caixinha em forma de presente, cerca de cinco centímetros por cinco centímetros, e entregou-a a Jacqueline. Abriu-a. Um isqueiro dourado,

aconchegado em algodão branco. — Envia um sinal luminoso com um alcance de cinquenta quilômetros. O que significa que, se alguma coisa correr mal, se perdermos o contato contigo por alguma razão, vamos ser sempre capazes de te voltar a encontrar. Jacqueline tirou o isqueiro da caixa e carregou na mola. O isqueiro expeliu uma estreita língua de fogo. Quando enfiou o isqueiro no bolso do peito da blusa, a cara de Shamron soltou um breve sorriso.

— Sinto-me obrigado a informar que seu amigo Gabriel tem sérias reservas em relação a tudo isso.

Estava outra vez em andamento, agora parando em frente à paisagem de Claude. — Gabriel tem medo de que possas estar a enfiar-te numa armadilha. Normalmente, confio na opinião de Gabriel. Temos um passado considerável entre nós. Mas neste caso, encontro-me em desacordo respeitoso com ele.

Compreendo — murmurou Jacqueline, mas estava pensando na noite em que tinha trazido Yusef a esta mesmíssima sala.

— Claude nasceu na França, mas viveu quase toda a vida em Veneza, se não me engano.

— Por acaso, engana-se. Claude viveu e trabalhou em Roma. Talvez a estivesse testando, já agora.

Shamron continuou:

— Podia dizer várias coisas. Podia dizer que Tariq é um animal com o sangue de centenas de judeus nas mãos. Podia lembrar que matou o nosso embaixador e a mulher a sangue-frio em Paris. Podia lembrar que matou um grande amigo de Israel e a mulher em Amsterdam. Podia dizer que está a planejar atacar novamente. Que estará prestando um grande serviço ao Estado de Israel e ao povo judeu. Podia dizer estas coisas todas, mas não posso dizer para fazer isto.

Jacqueline olhou para Gabriel, mas ele estava parado em frente ao Del Vagga, a esticar o pescoço para o lado, como se estivesse à procura de falhas no último restauro. Não olhes para mim, estava a dizer. Esta decisão é tua, só tua. Shamron deixou-os a sós. Gabriel atravessou a sala e ficou parado onde Shamron estivera. Jacqueline queria-o mais perto, mas Gabriel parecia necessitar de uma zona de proteção. A cara já tinha mudado. Era a mesma mudança que se apoderara dele em Túnis. Tinha havido dois Gabriel em Túnis. O Gabriel da fase da vigilância, quando

tinham sido amantes, e o Gabriel da noite do assassinato. Lembrou-se do aspecto dele durante a viagem da praia até a casa de campo: parte determinação severa, parte temor. Tinha o mesmo aspecto agora. Era a sua cara de matar. Quando falou, retomou onde Shamron parara. Só a qualidade da voz era diferente. Quando Shamron falou, Jacqueline quase podia ouvir tambores a ressoar. Gabriel falava suave e tranquilamente, como se estivesse a contar uma história a uma criança à hora de dormir.

— O teu elo de ligação ao Escritório vai ser o telefone do teu apartamento aqui em Londres. A linha vai ser encaminhada para a sede em Telaviv através de uma ligação segura. Quando chegares ao destino, diz ao Tariq que precisas de ver as mensagens. Quando telefonares, as pessoas no Escritório vão ver o numero de onde estás a ligar e localizá-lo. Se estiveres sozinha, até podes falar com eles e passar-nos mensagens. Vai ser muito seguro.

— E se não me deixar usar o telefone?

— Então armas uma cena. Dizes-lhe que o Yusef nunca te disse que não ias poder usar o telefone. Dizes-lhe que o Yusef nunca te disse que te ias tornar uma prisioneira. Diz-lhe que, a não ser que possas ver as mensagens, te vais embora. Lembra-te, tanto quanto sabes, este homem é um dignitário palestino qualquer. Está numa missão diplomática. Não é alguém que tenhas de temer. Se percebe que estás com medo dele, vai suspeitar que sabes mais do que devias saber.

— Compreendo.

— Não fiques surpreendida se ouvires mensagens no teu atendedor. Vamos lá colocar algumas. Lembra-te, de acordo com as regras ditadas pelo Yusef, ninguém a não ser o Julian Isherwood pode saber que estás fora. Talvez o Isherwood ligue a perguntar quando é que estás a pensar voltar. Talvez tenha algum tipo de emergência na galeria que precise da tua atenção. Talvez um familiar ou um amigo telefonem de Paris para saber como te estão a correr as coisas em Londres. Até pode ser que um ligue para te convidar para jantar. És uma mulher atraente. Seria suspeito se não houvesse homens a andar atrás de ti. Pensou: Então porque não tu, Gabriel'?

— Hoje à noite, antes de lhe dares uma resposta, quero que manifestes sérias dúvidas sobre tudo isto uma vez mais. Para Jacqueline Delacroix, o conceito de viajar com um desconhecido pode soar razoável,

mas para a Dominique Bonard soa a completa loucura. Quero que discutas com ele. Quero que o forces a dar-te garantias acerca da tua segurança. No fim, claro, vais concordar ir, mas não sem uma discussão. Compreendes-me?

Jacqueline acenou com a cabeça devagar, fascinada com a intensidade serena da voz de Gabriel.

Faz com que tenhas esta conversa no apartamento dele. Quero ouvir o que ele tem para dizer. Quero ouvir-lhe a voz uma última vez. Depois de concordares fazê-lo, não fiques surpreendida se ele se recusar a deixar-te ficar longe dele. Não fiques surpreendida se te levar para outro sítio para passares a noite. A Dominique Bonard pode querer protestar em relação a isso, pode querer fazer ameaças vãs de se ir embora, mas Jacqueline Delacroix não deve ficar de maneira nenhuma surpreendida. E, independentemente de onde te levar, vamos estar por perto. Vamos estar a vigiar. Eu vou estar a vigiar.

Parou por um momento e, como Shamron antes de si, começou a andar devagar de um lado para o outro da galeria. Parou em frente ao Luni e olhou para a imagem de Vénus. Jacqueline pôs-se a pensar se ele era capaz de apreciar a beleza de uma peça de arte ou se tinha sido condenado a procurar apenas as falhas. Voltou-se e sentou-se ao lado dela no banco.

— Quero dizer-te mais uma coisa. Quero que estejas preparada para como isto vai terminar. Pode acontecer num sítio tranquilo, completamente fora da vista, ou no meio de uma rua movimentada. Onde estou a tentar chegar é que nunca vais saber quando é que vai terminar. Podes ver-me a vir, ou talvez não. Se de fato me vires, não deves olhar para mim. Não deves hesitar ou chamar-me. Não deves fazer qualquer barulho. Não deves fazer nada que o alerte para a minha presença.

Caso contrário, podemos acabar os dois mortos.

Parou por um momento, depois acrescentou: — Ele não vai morrer logo. Uma Beretta calibre 22 não é esse tipo de arma. São precisos vários tiros no sítio certo. Depois de o derrubar, vou ter de terminar o trabalho. Só há uma maneira de fazer isso.

Fez da mão uma pistola e encostou o indicador à têmpora dela. — Não quero que me vejas quando fizer isto. Não é quem eu sou.

Ela esticou-se e afastou-lhe a mão da cabeça. Dobrou-lhe o indicador para a palma da mão, para que esta não se parecesse mais com uma Beretta. Então, finalmente, Gabriel inclinou-se para a frente e beijou-lhe os lábios. — Como é que ela está? — perguntou Shamron enquanto Gabriel virava para Oxford Street e seguia para este.

— Está determinada.

— E tu?

— Os meus sentimentos são irrelevantes nesta altura.

— Não estás de maneira nenhuma excitado? Não estás entusiasmado com a perspectiva de ir para a batalha? A perseguição não te faz sentir completamente vivo?

— Perdi esses sentimentos há muito tempo.

— Tu e eu somos diferentes, Gabriel. Não tenho vergonha de o admitir, mas vivo para este momento. Vivo para o momento em que posso pôr o pé na garganta do meu inimigo e esmagá-lo, cortando-lhe a respiração.

— Tens razão. Tu e eu somos muito diferentes.

— Se não soubesse, diria que sentes qualquer coisa por ela.

— Sempre gostei dela.

— Nunca gostaste de ninguém ou de nada na vida. Sentes amor, sentes ódio ou não sentes nada de nada. Não há meio-termo para ti.

— E isto que os psiquiatras da sede costumavam dizer acerca de mim?

— Não precisava de um psiquiatra para me dizer uma coisa tão óbvia.

— Podemos mudar de assunto, por favor?

— Tudo bem, vamos mudar de assunto. O que é que sente em relação a mim, Gabriel? É amor, ódio ou nada de nada?

— Há coisas que é melhor ficarem por dizer.

Gabriel atravessou Tottenham Court Road e entrou em Holborn. Em New Square, parou na borda do passeio. Shamron tirou um arquivo fino da pasta e levantou-o para Gabriel ver.

— Isto tem todas as fotografias conhecidas do Tariq. Não existem muitas e as que de fato temos estão datadas. Dá uma olhada, de qualquer forma.

Seria bastante embaraçoso se disparássemos sobre o homem errado.

— Como em Lillehammer — disse Gabriel.

Shamron fez uma careta perante a simples menção de Lillehammer, uma aldeia para esqui norueguesa e o local do pior fiasco operacional da história da espionagem israelense. Em Julho de 1973, um par de kidons da equipe de Shamron assassinaram um homem que acreditavam ser Ali Hassan Salameh, o chefe das operações do Setembro Negro e o cérebro por trás do massacre de Munique. Veio a revelar-se um caso trágico de identidade trocada — o homem não era Salameh mas um empregado marroquino que era casado com uma norueguesa. Depois do assassinio, Gabriel e Shamron escaparam, mas vários membros da equipe de ataque caíram nas mãos da polícia norueguesa. Shamron mal conseguiu salvar a carreira. No Boulevard do Rei Saul, o desastre de Lillehammer ficou conhecido como Leyl-ha-Mar, que em hebreu quer dizer a noite da amargura. Shamron perguntou:

— Por favor, achas mesmo que agora é uma boa altura para mencionar Leyl-ha-Mar? Parou e a seguir sorriu com surpreendente ternura.

— Sei que me achas um monstro. Sei que me achas um homem completamente sem princípios morais. Talvez tenhas razão. Mas sempre te amei, Gabriel. Sempre foste o meu favorito. Eras o meu príncipe do fogo. Não importa o que aconteça, quero que te lembres disso. — Onde é que vai agora?

— Vamos precisar de um avião amanhã. Pensei em fazer uma reserva na Air Stone.

— Ari, não estás a beber! Não é justo!

— Desculpa, Benjamin, mas tenho uma noite longa pela frente.

— Trabalho?

Shamron inclinou ligeiramente a cabeça para indicar que sim.

— Então e o que é que te traz aqui?

— Preciso de um favor.

E claro que precisa de um favor. Caso contrário, não estaria aqui. Espero que não tenhas vindo à procura de dinheiro, já que o Banco de Stone está temporariamente fechado e a tua conta está com um grande saldo a descoberto. Além disso, o dinheiro desapareceu. Os credores

andam a cantar o raio de uma ária. Querem o que é deles por direito. É engraçado como os credores podem ser. Quanto às pessoas que me costumam emprestar dinheiro, bom, digamos simplesmente que se estão a dirigir para águas mais calmas. O que te estou a tentar dizer, Ari, meu velho, é que estou com uma porra de um grave problema financeiro. — Não tem a ver com dinheiro.

— Então o que é? Fala, Ari!

— Preciso pedir emprestado seu jato. Na verdade, preciso pedir emprestado o seu jato.

— Estou ouvindo. Agora tem minha atenção.

— Amanhã, um inimigo do Estado de Israel vai apanhar um voo no Charles de Gaulle. Infelizmente, não sabemos que voo nem qual é o seu destino. E não vamos saber até ele entrar no avião. É imperativo que o sigamos rapidamente e que cheguemos com algum grau de sigilo. Um voo charter El Al não programado, por exemplo, podia levantar suspeitas. Tu, no entanto, tens uma reputação de viagens impetuosas e de alterações de último minuto no teu horário e itinerário. — Podes crer, Ari. Ir e vir como o vento. Mantém as pessoas em alerta, foda-se. É aquele assunto em Paris, não é? É por isso que me ficaste com o dinheiro antes. Devo dizer que estou intrigado. Parece que vou estar envolvido numa verdadeira operação. Linhas da frente, coisa pesada. Como é que posso dizer que não?

Stone agarrou de repente o telefone.

— Preparem o avião. Paris, uma hora, a suíte habitual no Ritz, a moça habitual. A do piercing de diamante na língua. Um sonho!, essa. Tenham-na à espera no quarto.

Desligou, voltou a encher o copo de champanhe e ergueu-o na direção de Shamron. — Não tenho palavras que cheguem para te agradecer, Benjamin.

Ficas a dever-me, Ari. Um dia, eu vou precisar de um favor. Um dia, todas as dívidas são saldadas.

ST. JAMES'S, LONDRES

Jacqueline tivera esperanças de que um curto passeio sozinha lhe acalmasse os nervos. Foi um erro. Devia ter apanhado um táxi diretamente para a porta de Yusef, porque agora sentia vontade de dar meia-volta e dizer a Shamron e a Gabriel para irem para o inferno. Tinha apenas alguns segundos para se controlar. Compreendeu que não estava habituada ao medo, pelo menos ao tipo de medo que fazia com que fosse quase impossível respirar. Tinha sentido um medo como este uma única vez na vida — na noite do raide em Túnis —, mas nessa noite Gabriel estivera ao seu lado. Agora estava sozinha. Pensou nos avós e no medo que deviam ter sentido quando estavam à espera de morrer em Sobibor. Se eles conseguiram enfrentar a morte nas mãos dos nazistas, eu consigo enfrentar isto, pensou.

Mas havia mais outra coisa que estava a sentir; amor. Um amor intenso, insuportável, intolerável. Um amor perfeito. Um amor que sobrevivera doze anos a relações sem significado com outros homens. Foi a promessa de Gabriel que, finalmente, a empurrou para a porta de Yusef. Pensou numa coisa que Shamron lhe dissera na noite em que a recrutara: "Tem que acreditar no que está fazendo."

Oh, sim Ari, pensou ela. Eu acredito completamente naquilo que estou fazendo agora.

Tocou a campainha do apartamento de Yusef. Um momento de espera. Nada. Voltou a tocar, esperou, olhou para o relógio. Ele tinha dito para vir às nove horas. Estava tão nervosa com a possibilidade de chegar atrasada que tinha conseguido chegar cinco minutos adiantada. Então o que é que devo fazer, Gabriel? Ficar? Dar uma volta no quarteirão? Se se fosse embora podia nunca mais voltar. Acendeu um cigarro, bateu com os pés no chão para combater o frio, esperou. Uns momentos depois, uma van Ford parou com uma freada funda na rua em frente a ela. A porta lateral deslizou para o lado e Yusef saltou no asfalto molhado.

Encaminhou-se para ela, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco de couro, a cabeça a abanar de um lado para o outro.

— Há quanto tempo é que estás à espera?

— Não sei. Três minutos, cinco minutos. Onde raio é que te meteste?

— Disse-te para vires às nove. Não disse cinco minutos antes das nove. Disse nove.

— E daí? Cheguei uns minutos mais cedo. Qual é o grande problema?

— As regras mudaram.

Lembrou-se do que Gabriel lhe tinha dito: "Não tens motivo nenhum para teres medo. Se eles pressionarem, pressiona também."

— Ouve, as regras não mudaram até eu dizer que mudaram. Ainda não decidi se vou. Isto é uma loucura, Yusef. Não me dizes para onde vou. Não me dizes quando é que volto. Amo-te, Yusef. Quero ajudar-te. Mas tens de te pôr no meu lugar. Os modos dele suavizaram-se imediatamente.

Desculpa, Dominique. Estou um pouco tenso. Tudo tem de correr bem. Não queria descarregar em cima de ti. Entra. Vamos conversar. Mas não temos muito tempo. Gabriel nunca tinha visto a van Ford antes. Apontou a matrícula enquanto ela desaparecia na escuridão. Shamron foi juntar-se-lhe à janela. Juntos viram Yusef e Jacqueline desaparecer no interior da entrada do prédio. Instantes depois, as luzes acenderam-se no apartamento de Yusef. Gabriel conseguia ouvir duas vozes. Yusef, calmo e tranquilizador; Jacqueline, nervosa, stressada. Shamron fez uma cama improvisada na ponta do sofá e observou a cena do outro lado da rua como estivesse projetada numa tela, Gabriel fechou os olhos e escutou. Eles estavam a perseguir-se um ao outro, dando voltas à sala como pugilistas. Gabriel não tinha de o ver. Conseguia perceber pela forma como o nível áudio subia de cada vez que um deles passava pelo telefone.

— O que é, Yusef? Drogas? Uma bomba? Diz-me, meu filho-da-mãe!

A representação dela era tão convincente que Gabriel receou que Yusef mudasse de ideias. Shamron parecia estar a gozar o espetáculo. Quando, finalmente, Jacqueline concordou em ir, levantou os olhos para Gabriel.

— Foi maravilhoso. Um toque perfeito. Bem-feito. Bravo. Cinco minutos mais tarde, Gabriel viu-os entrar para a parte de trás de um Vauxhall azul-escuro. Segundos depois do Vauxhall se afastar, passou um carro por baixo da janela de Gabriel: os vigias de Shamron. Agora não havia mais nada para fazer a não ser esperar. Para passar o tempo, rebobinou a fita e voltou a ouvir a conversa deles. "Diga qualquer coisa", dissera Jacqueline. "Quando isto acabar, voltarei a ver você?" Gabriel parou a fita e perguntou a si mesmo se ela estava falando com Yusef ou com ele.

A Cromwell Road à meia-noite: o corredor desolado que ligava o Centro de Londres aos subúrbios do oeste nunca tinha parecido tão belo a Jacqueline.

Os sombrios hotéis edwardianos, com os seus letreiros de néon anunciando vagas, pareciam-lhe encantadores. Observou os padrões em mudança das luzes dos semáforos refletidos no pavimento molhado e viu uma obra de arte urbanística. Abriu a janela uns centímetros e cheirou o ar: vapores a diesel, umidade, comida frita barata a ser cozinhada algures. Londres à noite. Espetacular. Tinham mudado de carro, um Toyota cinzento com o pára-brisas rachado substituiu o Vauxhall azul. O Vauxhall tinha sido guiado por um rapaz bem-parecido com o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo. Agora, sentado ao volante, ia um homem mais velho — pelo menos quarenta anos, calculou ela — Com uma cara estreita e olhos pretos nervosos. Guiava devagar. Yusef murmurou-lhe umas palavras em árabe.

Jacqueline disse: — Fala francês ou inglês ou então nada.

— Somos palestinos — disse Yusef. — O árabe é a nossa língua.

— Não estou nem aí! Eu não falo árabe. Não consigo entender o que estão dizendo e isso me deixa desconfortável, por isso, faça o favor de falar a merda do inglês, ou arranja outra pessoa.

— Só estava dizendo para ir um pouquinho mais devagar.

Na realidade, Yusef, estava dizendo era para se certificar que não estavam sendo seguidos, mas não vamos nos pegar a pormenores. Em cima do banco e no meio deles estava uma mala pequena. Yusef tinha levado a moça em casa e ajudara-a a fazer a mala.

— Não vai haver tempo para esperar pela bagagem — dissera ele.

— Se precisar de mais roupa, darão dinheiro para comprar mais.

Tinha-a observado cuidadosamente enquanto ela fazia a mala, investigando cada artigo que metia nela.

— Como devo me vestir? — perguntara ela, sarcasticamente. — Clima quente ou frio? Vamos para a Noruega ou para a Nova Zelândia? Suécia ou Suazilândia? Qual é o código? Formal ou informal?

Acendeu um cigarro. Yusef puxou também de um e estendeu a mão para o isqueiro de Jacqueline. Ela entregou-o e observou-o enquanto ele acendia o cigarro. Ele ia devolver quando algo o fez parar e inspecionar o isqueiro com mais atenção.

Jacqueline parecia ter esquecido de como respirar. — É muito bonito — disse ele e virou-o para ler a inscrição. Para Dominique, com carinho e memórias afetuosas." Onde arranhou este isqueiro?

— Tenho há séculos.

— Responda à pergunta.

Foi presente de um homem. Um homem que não me mandou embora com um completo estranho.

— Deve ter sido muito simpático, este homem. Por que nunca tinha visto isto?

— Não viu um monte de coisas. Isso não quer dizer nada.

— Devo ter ciúmes?

— Olha a data, idiota.

— "Junho mil novecentos e noventa e cinco" — recitou ele. Este homem ainda faz parte de sua vida?

— Se fizesse, não estaria com você.

— Quando foi a última vez que o viu?

— Junho, mil novecentos e noventa e cinco, com carinho e memórias afetuosas.

— Deve ter sido muito importante para ti. Senão, não teria guardado o isqueiro dele.

— Não é o isqueiro dele, é meu isqueiro. E guardo porque é um bom isqueiro.

Pensou: Gabriel tinha razão. Ele desconfia de tudo. Vou morrer. Ele vai me matar esta noite.

Olhou pela janela e perguntou a si mesma se a Cromwell Road numa noite chuvosa de inverno iria ser a sua última imagem do mundo. Devia ter escrito uma carta à mãe e depositado num cofre-forte. Gostaria de saber como Shamron lhe daria a notícia. Explicaria que ela trabalhava para o Escritório? Ou arranhariam uma história qualquer para disfarçar? Ela

saberia pelos jornais? Jacqueline Delacroix, a estudante de Marselha que virou top-model antes de um declínio vertiginoso, morre em circunstâncias misteriosas... Perguntou a si mesma se os jornalistas, que tinha tratado com tanto desprezo quando estava viva, se levantariam em massa e a criticariam violentamente depois de morta. Pelo menos, Rémy diria coisas simpáticas. Tinham tido uma relação bem cordial. Talvez até mesmo Giles... Não, espere. A festa em Milão, a discussão por causa da coca. Céus!, Giles ia fazê-la em pedaços.

Yusef entregou-lhe o isqueiro. Meteu-o na carteira. O silêncio era terrível. Queria fazer com que ele continuasse a falar; por alguma razão, a conversa fazia com que se sentisse segura, mesmo que fosse tudo mentira.

— Não respondeu minha pergunta — disse ela.

— Qual pergunta? Fez tantas esta noite.

— Quando isso acabar, voltarei a ver você?

— Isso depende apenas de você.

— E continua a não responder.

— Respondo sempre as suas perguntas.

— Responde? Se tivesse contado a verdade do princípio, duvido que me meteria num avião com um completo estranho amanhã de manhã.

— Tinha de esconder algumas coisas. E quanto a você, Dominique? Foi completamente honesta comigo? Contou tudo de você?

— Tudo o que é importante.

— Isso é uma resposta muito conveniente. Usa-a muito eficazmente quando quer evitar falar mais.

— E também acontece que é verdade. Responda a minha pergunta. Voltarei a te ver?

— Espero muito que sim.

— Você é tao mentiroso, Yusef.

— E você está muito cansada. Feche os olhos. Descanse.

Ela encostou a cabeça na janela.

— Para onde vamos?

— Para um lugar seguro.

— Sim, já me disse isso, mas que tal dizer onde?

— Logo verá quando chegarmos.

— Por que precisamos de um lugar seguro? Qual é o problema com seu apartamento? Qual é o problema com o meu apartamento?

— Este lugar pertence a um amigo meu. Fica perto de Heathrow.
— Seu amigo vai estar lá?
— Não.
— Você vai passar a noite lá?
— Claro. E de manhã vou com você no avião até Paris.
— E depois disso?
— Depois disso, estará na companhia do nosso funcionário palestino e sua viagem começará. Quem me dera estar no seu lugar. Seria uma honra tão grande estar com este homem nesta viagem. Não faz ideia da sorte que tem, Dominique.
— E como ele se chama, esse grande homem? Talvez o conheça.
— Duvido que o conheças, mas continuo a não poder dizer o nome dele. Você vai tratá-lo pelo nome de disfarce.
— Que é?
— Lucien. Lucien Daveau.
— Lucien — disse ela baixinho. — Sempre gostei do nome Lucien. Para onde vamos, Yusef?
— Feche os olhos. Já não falta muito.

Shamron atendeu o telefone no seu posto de escuta antes que ele tocasse segunda vez. Ouviu sem falar e depois pousou gentilmente o receptor como se tivesse acabado de ser informado da morte de um velho adversário.

— Parece que se instalaram para passar a noite — disse ele.
— Onde?
— Num prédio de a casa de habitação social em Hounslow, perto do aeroporto.
— E a equipe?
— A postos, bem escondidos. Vão passar a noite com ela.
— Sentir-me-ia melhor se estivesse lá.
— Espera-te um dia muito comprido amanhã. Sugiro que durmas umas horas. Mas Gabriel entrou no quarto e voltou momentos depois, com o casaco vestido e uma mochila de náilon no ombro.
— Aonde vai? — perguntou Shamron.
— Tenho que tratar de um assunto pessoal.

— Aonde vai? Quando volta?

Mas Gabriel saiu sem dizer uma palavra e desceu as escadas para a rua. Ao passar em frente ao prédio, pensou que via Shamron a espreitá-lo por uma fresta das persianas. E quando se aproximou de Edgware Road, teve a sensação desconfortável de que Shamron tinha mandado um de seus homens vigiá-lo.

HOUNSLOW, INGLATERRA

O Toyota largou-os e afastou-se velozmente. Um parque de estacionamento banhado pela luz amarela de lâmpadas de sódio, uma colônia de enormes apartamentos de habitação social, de tijolo vermelho, que parecia um complexo industrial arruinado pelos tempos duros. Jacqueline ofereceu-se para transportar a sua própria mala, mas Yusef nem quis ouvir. Agarrou-lhe na mão e guiou-a pelo parque de estacionamento, depois por um relvado juncado de latas de cerveja esborrachadas e bocados de brinquedos quebrados. Uma camioneta vermelha sem as rodas da frente. Um bebé nu sem cabeça. Uma pistola de plástico. A pistola do Gabriel, pensou Jacqueline, lembrando-se da noite nas colinas da Provença, quando ele testara a habilidade dela para disparar. Parecia que tinha sido há muito tempo. Há uma vida. Um gato silvou-lhes das sombras. Jacqueline agarrou o cotovelo de Yusef e quase soltou um grito. Um cão começou a ladrar e o gato fugiu a correr pelo passeio e desapareceu por baixo de uma vedação.

— Isto é lindo, Yusef. Porque é que não me disseste que tinhas uma casa no campo?

— Por favor, não fales até estarmos lá dentro.

Levou-a para o vão de uma escadaria. Folhas mortas e jornais velhos nos cantos, paredes de um verde-lima, luzes amarelas lá em cima. A colisão das cores dava-lhes um ar agoniado. Treparam dois lances de escada, depois passaram uma porta e percorreram um corredor comprido. Foram recebidos por uma cacofonia de sons desarmoniosos. Uma criança a gritar pela mãe; um casal a discutir num inglês com pronúncia das Caraíbas. Um rádio cheio de estática a transmitir aos berros uma peça da BBC, *The Real Thing*, de tom Stoppard. Yusef parou à frente de uma porta com o número 22 colado por baixo do óculo. Abriu a porta com uma chave, levou-a para dentro e acendeu um pequeno abajur de papel.

A sala estava vazia, com exceção de uma poltrona e uma televisão. O fio serpenteava pelo chão de linóleo como uma serpente morta num jardim. Através de uma porta meio aberta ela conseguiu ver um quarto com um colchão no chão. Através de outra porta, uma cozinha

pequena, um saco com mercearias em cima da bancada. Apesar da ausência de mobília, o apartamento estava impecavelmente limpo e cheirava a ambientador de limão.

Jacqueline abriu a janela, o ar frio entrou. Por baixo da janela havia uma vedação e depois da vedação um campo de futebol. Meia dúzia de homens novos, com fatos de treino de cores vivas e gorros de lã, davam pontapés numa bola à luz dos faróis de um carro estacionado ao lado da linha lateral. As sombras compridas jogavam nas paredes de tijolo por baixo da janela de Jacqueline. Ao longe, conseguiu ouvir o barulho abafado da auto-estrada. Um trem vazio sacudia-se ruidosamente por uma passagem elevada. Um avião a jato rugiu por cima da cabeça dela.

— Gosto do que o teu amigo fez com o apartamento, Yusef, mas não é o meu estilo. Porque é que não vamos para um dos hotéis no aeroporto? Um sítio com serviço de quartos e um bar decente?

Yusef estava na cozinha a desempacotar o saco das mercearias.

— Se tens fome, posso arranjar-te qualquer coisa. Há pão, queijo, ovos, uma garrafa de vinho e café e leite para amanhã de manhã.

Jacqueline entrou na cozinha. Mal havia espaço para os dois no espaço exíguo. — Não sejas tão prosaico. Mas isto é um buraco merdoso. Porque é que está vazio? — O meu amigo acabou de conseguir este sítio. Ainda não teve oportunidade de mudar as coisas para cá. Tem estado a viver com os pais.

— Ele deve estar muito feliz, mas continuo a não perceber por que razão é que temos de ficar aqui esta noite.

— Já te disse, Dominique. Viemos para aqui por razões de segurança.

— Segurança por causa de quem? Segurança por causa de quê?

— Se calhar, nunca ouviste falar do serviço de segurança britânico, mais conhecido por MI5. Eles acham que têm obrigação de se infiltrar nas comunidades de exilados e dissidentes. Vigiam pessoas como nós.

— Como nós?

— Como eu. E depois há os gajos de Telaviv.

— Agora é que me baralhaste, Yusef. Quem são os gajos de Telaviv?

Yusef levantou a cabeça e olhou incredulamente para ela.

— Quem são os gajos de Telaviv? Os serviços secretos assassinos mais impiedosos do mundo. Um bando de assassinos contratados é capaz

de ser uma descrição mais apropriada.

— E porque é que os israelenses haviam de ser uma ameaça aqui, na Grã-Bretanha? — Os israelenses estão em todos os sítios onde nós estamos. As fronteiras nacionais não os incomodam.

Yusef despejou o saco e usou-o para forrar o caixote de lixo.

— Está com fome? — perguntou.

— Não, só estou extremamente cansada. É tarde.

— Vai para a cama. Eu tenho de tratar de uns assuntos.

— Não me vais deixar aqui sozinha, pois não?

Ele mostrou o celular. — Só tenho de fazer umas chamadas.

Jacqueline rodeou-lhe a cintura com os braços. Yusef puxou-lhe a testa até os seus lábios e beijou-a suavemente.

— Gostava tanto que não me obrigasses a fazer isto.

— É só por uns dias. E quando voltares, podemos ficar juntos.

Quem me dera conseguir acreditar em ti, mas já não sei em que acreditar. Ele voltou a beijá-la, depois pôs-lhe um dedo debaixo do queixo e levantou-lhe a cara para a poder olhar nos olhos.

— Não o diria se não fosse verdade. Vai para a cama. Tenta dormir.

Ela entrou no quarto. Não se deu ao trabalho de acender a luz; seria menos deprimente se só tivesse uma vaga ideia daquilo que a rodeava. Baixou-se, agarrou numa mão-cheia da roupa da cama e cheirou. Acabada de vir da lavandaria. Mesmo assim, decidiu ficar vestida. Deitou-se e pousou cuidadosamente a cabeça na almofada, de forma a que esta não lhe tocasse em nenhuma parte do pescoço ou da cara. Deixou-se ficar calçada. Fumou um último cigarro para disfarçar o cheiro intenso do desinfetante. Pensou em Gabriel, na escola de dança em Valbonne. Escutou os aviões e os trens e as pancadas sonoras de um pé numa bola de couro no campo de futebol. Observou as sombras dos atletas aos saltos, a dançar na parede como marionetas.

Depois ouviu Yusef a falar num murmúrio ao celular. Não conseguia perceber bem o que ele estava a dizer. Não se importou. Na verdade, o seu último pensamento antes de cair num sono febril foi que Yusef, o seu amante palestino, provavelmente não teria muito tempo de vida.

Isherwood abriu uns centímetros a porta da sua casa em Onslow Gardens e olhou malevolamente para Gabriel por cima da corrente de segurança.

— Fazes alguma ideia de que horas são?

— Tirou a corrente.

— Entra antes que apanhemos os dois uma pneumonia.

Isherwood estava de pijama, chinelos de couro e roupão de seda. Levou Gabriel para a sala e depois desapareceu na cozinha. Voltou passados uns momentos com uma cafeteira de café e duas canecas.

— Espero que tomes o café solo, porque o leite no frigorífico foi comprado durante o governo da Thatcher.

— Sem nada, está ótimo.

— Então, Gabriel, meu amor. O que é que te traz por cá às fez uma pausa para olhar para o relógio e fez uma careta — Credo! As três menos um quarto da manhã?

— Vais perder a Dominique.

Calculei isso quando o Ari Shamron me entrou pela galeria como uma nuvem venenosa. Para onde é que ela vai? Líbano? Líbia? Irão? A propósito, qual era o seu nome verdadeiro? Gabriel limitou-se a beber o café sem dizer nada.

— Na verdade, odeio vê-la ir-se embora. Um anjo, essa. E não era uma secretária nada má, mal percebeu as coisas.

— Não vai voltar.

— Nunca voltam. Tenho um jeitão para afastar as mulheres.

Sempre tive. — Ouvi dizer que estavas nas negociações finais com o Oliver Dimbleby para lhe venderes a galeria.

— Não se negocia verdadeiramente quando se está atado aos trilhos do trem, Gabriel. Rebaixa-se. Suplica-se.

— Não o faça.

— Como se atreves a sentar aí e me dizer como tratar dos meus assuntos? Não estaria metido nesta trapalhada se não fosse por sua causa e do seu amigo Herr Heller.

— A operação é capaz de acabar mais cedo do que esperávamos.

— E?

— E eu posso voltar a trabalhar no Vecellio.

— É impossível que consigas acabá-lo a tempo de me salvares o pescoço. Agora estou oficialmente insolvente, e é por isso que estou a negociar com o Oliver Dimbleby.

— O Dimbleby é um asco. Vai dar cabo da galeria.

— Francamente, Gabriel, estou demasiado cansado para querer saber disso.

Preciso de algo mais forte do que café. E você?

Gabriel abanou a cabeça. Isherwood arrastou os chinelos até o aparador e pôs dois dedos de gim num cálice.

— O que está na sacola?

— Uma apólice de seguro. : ,

— Um seguro contra o quê?

— A possibilidade de eu não conseguir acabar o trabalho no Vecellio a tempo.

Gabriel estendeu-lhe a sacola.

— Abra.

Isherwood pousou a bebida e abriu o fecho da sacola.

Meu Deus, Gabriel! Quanto é?

— Cem mil.

— Não posso ficar com seu dinheiro.

— Não é meu. É do Shamron, através do Benjamin Stone.

— Do Benjamin Stone?

— Em toda a sua glória.

— Que diabos faz com cem mil libras do dinheiro do Benjamin Stone?

— Limite-se a ficar com ele e não faça mais perguntas.

— Se é mesmo de Benjamin Stone, acho que vou ficar.

Isherwood ergueu o copo de gim.

— Saúde, Gabriel. Peço desculpas por todas as coisas infames que pensei de você nas últimas semanas.

— Mereci todas. Nunca deveria ter abandonado você.

— Está tudo perdoado.

Isherwood olhou fixamente para a bebida durante um bom tempo.

— Então, onde é que ela está? Foi embora para sempre?

— A operação está na fase final.

— Não pôs aquela pobre moça em perigo, não?

— Espero que não.

— Também eu, para o bem dela e o seu.

— Do que está falando?

— Sabe, eu ando neste maldito negócio há quase quarenta anos e, durante todo esse tempo, nunca me conseguiram vender uma falsificação. O Dimbleby já queimou os dedos. Até o grande Giles Pittaway conseguiu comprar uma ou duas falsificações no seu tempo. Mas eu não. Tenho o dom, entende? Posso ser um péssimo negociante, mas consigo sempre distinguir uma fraude de um produto genuíno.

— Aonde quer chegar?

— Ela é um produto genuíno. É ouro. Você pode nunca mais ter outra oportunidade como esta. Agarre-a bem porque, se você não o fizer, será o maior erro de sua vida.

PARTE III

RESTAURAÇÃO

Antes da Catástrofe, Daoud al-Hourani vivia na Alta Galileia. Era um muktar e o homem mais rico da aldeia. Tinha gado— várias cabeças de gado vacuum, muitas cabras e um grande rebanho de ovelhas —, assim como uma mata de limoeiros, laranjeiras e oliveiras. Quando era altura de apanhar a fruta, ele e os outros anciãos da aldeia organizavam uma colheita comunal. A família vivia numa casa caiada de branco com chão de tijoleira fresca e tapetes e almofadas de boa qualidade. A mulher deu-lhe cinco filhas, mas apenas um filho, Mahmoud. Daoud al-Hourani mantinha boas relações com os judeus que se tinham instalado na terra ao pé da aldeia. Quando o poço dos judeus ficou inquinado, recrutou homens da aldeia para os ajudar a escavar um novo. Quando vários árabes da aldeia adoeceram com malária, os judeus da colônia vieram drenar um pântano ali próximo. Daoud al-Hourani aprendeu a falar hebraico. Quando uma das filhas se apaixonou por um judeu da colônia, autorizou-os a casar.

Depois veio a guerra, e depois a Catástrofe. O clã Hourani, juntamente com a maioria dos árabes da Alta Galileia, fugiu, atravessou a fronteira para o Líbano e instalou-se num campo de refugiados ao pé de Sídón. O campo em si estava organizado de forma muito semelhante ao das aldeias da Alta Galileia, e Daoud al-Hourani conservou o seu estatuto de ancião e homem respeitado, embora a sua terra tivesse sido confiscada e os animais perdidos. A sua grande casa caiada de branco foi substituída por uma tenda acanhada, que era um braseiro no calor do Verão e gelada e porosa durante as chuvas geladas do inverno. À noite, os homens sentavam-se fora das tendas e contavam histórias da Palestina. Daoud al-Hourani garantiu ao seu povo que o exílio iria ser apenas temporário — que os exércitos árabes se uniriam e lançariam os judeus no mar.

Mas os exércitos árabes não se juntaram e não tentaram lançar os judeus para o mar. No campo em Sídón, as tendas transformaram-se em farrapos rasgados e foram apenas substituídas por cabanas toscas, com

esgotos a céu aberto. Lentamente, à medida que os anos iam passando, Daoud al-Hourani ia perdendo influência sobre os aldeões. Tinha-lhes dito para serem pacientes, mas a paciência deles não fora recompensada. De fato, a terrível situação dos palestinos parecia apenas piorar.

Durante estes primeiros anos horríveis no campo, só houve uma notícia alegre. A mulher de Daoud al-Hourani ficou grávida, embora tivesse chegado à idade em que a maioria das mulheres já não pode ter filhos. Na primavera, exatamente cinco anos depois do clã Hourani ter fugido de sua casa na Alta Galileia, ela deu à luz um filho na enfermaria do acampamento. Daoud al-Hourani deu ao menino o nome de Tariq.

Os ramos do clã de al-Hourani estavam espalhados pela diáspora. Uns estavam do outro lado da fronteira na Síria, outros em campos de refugiados na Jordânia. Alguns, incluindo o irmão de Daoud al-Hourani, tinham conseguido chegar ao Cairo. Poucos anos depois do nascimento de Tariq, o irmão de Daoud al-Hourani morreu. Ele quis ir ao funeral do irmão, por isso viajou até Beirute e conseguiu os vistos e autorizações necessários para fazer a viagem. Como era palestino, não tinha passaporte. No dia seguinte apanhou um avião para o Cairo, mas foi mandado para trás no aeroporto por um funcionário da alfândega que declarou que os seus papéis não estavam em ordem. Regressou a Beirute, mas um funcionário da imigração recusou-lhe autorização para voltar a entrar no Líbano. Foi fechado numa sala de detenção no aeroporto, sem comida nem água.

Algumas horas depois, um cão foi levado para a sala. Tinha chegado sem ser acompanhado num voo de Londres, e, tal como Daoud al-Hourani, os seus papéis tinham sido contestados pelos funcionários libaneses da imigração. Mas uma hora mais tarde, um oficial superior da alfândega apareceu e levou o cão. Tinha sido concedida uma autorização especial ao animal para entrar no país. Finalmente, uma semana depois, Daoud al-Hourani foi autorizado a sair do aeroporto e a voltar para o campo de refugiados em Sidon. Nessa noite, quando os homens se sentaram à volta das fogueiras, ele chamou os filhos para junto de si e contou-lhes a sua penosa experiência.

— Pedi ao nosso povo para ser paciente. Prometi-lhes que os Árabes viriam em nosso socorro, mas aqui estamos nós, muitos anos depois, e ainda continuamos nos campos. Os árabes tratam-nos pior do que os judeus. Os Árabes tratam-nos pior do que aos cães. O tempo para a

paciência acabou. Chegou a altura de lutar. Tariq era demasiado novo para combater; ainda era um rapaz. Mas Mahmoud tinha agora quase vinte anos, e estava pronto para pegar em armas contra os judeus. Nessa noite juntou-se aos fedayeen. Foi a última vez que Tariq o viu vivo.

AEROPORTO CHARLES DE GAULLE, PARIS

Yusef enfiou a mão na de Jacqueline e guiou-a através do terminal cheio de gente. Ela estava exausta. Tinha dormido pessimamente e pouco antes da madrugada acordara com um pesadelo em que Gabriel assassinava Yusef enquanto este estava a fazer amor com ela. Tinha os ouvidos a zumbir e havia um tremeluzir na periferia da sua visão, como lâmpadas de flash a explodirem numa autoestrada. Atravessaram o hall dos passageiros em trânsito, passaram um controle de segurança e entraram no terminal das partidas. Yusef largou-lhe a mão, deu-lhe um beijo e chegou os lábios ao ouvido dela. Quando falou, lembrou-lhe a forma como Gabriel lhe tinha falado na noite anterior, na galeria — suavemente, como se fosse uma cantiga de ninar. — Vai esperar naquele café. Vai pedir um café e ler o jornal que pus no bolso externo de sua mala. Não pode sair do café por motivo nenhum. Ele vai encontrar você, a não ser que ache que há algum problema. Se não aparecer em uma hora...

— Pego o primeiro avião para Londres e não tento entrar em contato com você quando chegar — disse Jacqueline, acabando a frase dele. — Lembro de tudo o que disse.

Outro beijo, desta vez na outra face. — Tem memória de espião, Dominique.

— Para dizer a verdade, o que tenho é a memória da minha mãe.

— Não esqueça, não tem nada a temer deste homem e nada a temer das autoridades. Não está fazendo nada de mal. Ele é um homem bom. Acho que vai gostar da companhia dele. Faça uma boa viagem, voltarei a ver você quando voltar.

Deu-lhe um beijo na testa e deu-lhe um leve empurrão na direção do café, como se ela fosse um barco de brincar à deriva num lago. Ela deu uns passos e depois voltou-se para olhá-lo pela última vez, mas ele já se tinha misturado no meio da multidão.

Era um pequeno restaurante de aeroporto, umas quantas mesas de ferro forjado espalhadas até o terminal para dar a ideia de um café parisiense. Jacqueline sentou-se e pediu ao empregado um café au lait. De repente, sentiu-se muito consciente do seu aspecto e teve uma vontade absurda de causar boa impressão. Vestia jeans pretos e uma camisola de caxemira cor de cinza. Não estava maquiada e não tinha feito nada ao cabelo, exceto puxá-lo para trás. Quando o empregado lhe trouxe o café com leite, Jacqueline ergueu a colher e mirou a imagem distorcida dos olhos. Estavam orlados de vermelho e inflamados. Mexeu o açúcar do café e olhou em redor. Numa mesa atrás dela, um jovem casal americano estava a discutir baixinho. Na mesa a seguir, dois homens de negócios alemães estudavam um gráfico de desempenho na tela de um computador portátil. De repente, Jacqueline lembrou-se de que devia estar a ler um jornal. Tirou o Times que Yusef tinha deixado na mala e abriu-o. Um guardanapo de papel da British Airways caiu em cima da mesa. Jacqueline agarrou nele e virou-o. Havia uma nota na parte de trás, escrita com a letra caótica de Yusef: vou sentir a tua falta. Com amor e recordações afetuosas, Yusef.

Amachucou-o e pousou-o ao lado da xícara de café. Parece um bilhete de despedida. Agarrou no jornal e folheou a primeira seção. Parou para dar uma olhada às notícias do Oriente Médio:

PRESIDENTE DOS EUA APLAUDE ACORDO PROVISÓRIO
CONSEGUIDO ENTRE ISRAEL E PALESTINA
CERIMÔNIA DA ASSINATURA NA PRÓXIMA SEMANA NAS NAÇÕES
UNIDAS.

Molhou a ponta do dedo e virou outra página.

Avisos de embarques ressoavam do sistema de comunicação. Jacqueline tinha uma dor de cabeça terrível. Meteu a mão na carteira, tirou um frasco de aspirinas e engoliu duas com o café. Procurou Gabriel com os olhos. Nada. Raios o partam, onde diabos você está, Gabriel Allon? Diga que não me deixou aqui sozinha com eles... Pousou cuidadosamente a xícara no pires e voltou a meter o frasco das aspirinas na carteira.

Estava prestes a continuar com a leitura quando uma mulher espantosamente atraente com cabelo preto lustroso e grandes olhos castanhos se postou junto da mesa.

— Importa-se que lhe faça companhia? — perguntou a mulher em francês.

— Na verdade, estou à espera de uma pessoa.
— Está à espera de Lucien Daveau. Sou amiga do Lucien. Puxou uma cadeira e sentou-se. — Lucien pediu para vir buscá-la e acompanhá-la ao avião.

— Disseram que Lucien viria encontrar-se comigo aqui.
— Compreendo, mas houve uma pequena alteração nos planos. — Sorriu radiosa e sedutoramente. — Não há razão para ter medo. Lucien pediu que tome conta de você.

Jacqueline não tinha a menor ideia do que fazer. Eles tinham violado os termos do acordo. Ela tinha todo o direito de se levantar e ir embora, pondo um ponto final no assunto. Mas e depois? Tariq iria escapar e continuar a sua campanha de terror. Morreriam mais judeus inocentes. O processo de paz seria posto em perigo. E Gabriel continuaria se culpando pelo que aconteceu a Leah e ao filho em Viena. — Não gosto disso, mas vou fazer.

— Ótimo, porque acabaram de chamar para o nosso voo.
Jacqueline levantou-se, pegou a mala e saiu do café atrás da mulher.

— É nosso voo? — perguntou.
— Exatamente. Vou com você na primeira parte da viagem. Lucien a encontrará mais tarde.

— Para onde vamos?
— Não tardará a saber.
— Já que vamos viajar juntas, acha que me poderia dizer o seu nome?

A moça voltou a sorrir.

— Se acha que precisa me chamar de alguma coisa, pode ser Leila.

Gabriel estava numa loja duty-free, a uns trinta metros de distância, fingindo que estava a escolher águas-de-colônia, enquanto observava Jacqueline no café. Shamron estava a bordo do avião privado de Benjamin Stone. A única coisa de que precisavam era de Tariq.

De repente, Gabriel percebeu que estava excitado com a perspectiva de, finalmente, ver Tariq. As fotografias no dossiê de Shamron não serviam para nada — demasiado antigas, com demasiado grão. Três delas eram apenas presumivelmente de Tariq. A verdade é que ninguém no

Escritório conhecia o seu aspecto físico. Gabriel estava prestes a ter uma boa imagem dele em vários anos. Era alto ou baixo? Era bonito ou vulgar? Pareceria um assassino impiedoso? Claro que não, pensou Gabriel. Vai ser uma pessoa que se funde naturalmente com os que o rodeiam.

Vai ser parecido comigo. Depois pensou: Ou eu é que sou parecido com ele?

Quando a atraente moça de cabelo cor asa de corvo se sentou à mesa de Jacqueline, por uns instantes pensou que era apenas um daqueles terríveis acidentes que, por vezes, provocam o pânico nas operações — a moça precisa de um lugar, a moça parte do princípio de que Jacqueline está sozinha, a moça ocupa a cadeira vazia. Depois percebeu que fazia tudo parte do jogo de Tariq. Ele sobrevivera todos estes anos por ser imprevisível. Fazia planos e mudava de planos constantemente — contava histórias diferentes aos diferentes membros da sua própria organização. Nunca deixava que a mão esquerda soubesse o que a direita estava a fazer.

As duas mulheres levantaram-se e começaram a andar. Gabriel esperou uns instantes, depois seguiu atrás delas, a uma distância segura. Sentia-se descorçoado. O jogo ainda mal tinha começado e Tariq já o suplantara. Questionou-se se estaria preparado para lutar contra um homem como Tariq.

Estivera demasiado tempo fora do jogo. Se calhar, as suas reações tinham-se tornado mais lentas, os instintos de sobrevivência enfraquecidos. Pensou na noite em que tinha posto as escutas no apartamento de Yusef, como quase fora apanhado porque se desconcentrara uns segundos.

Voltou a sentir o ímpeto agonizante da adrenalina. Por um breve instante, pensou em correr e arrancá-la dali. Forçou-se a acalmar e a pensar com clareza. Ela ia apenas apanhar um avião. Estaria em segurança enquanto estivesse no ar, e Shamron ia ter uma equipe à espera no outro lado. Tariq tinha ganho o primeiro assalto, mas Gabriel decidiu deixar que o jogo continuasse.

A moça levou Jacqueline para uma área cercada de vidro. Gabriel observou-as enquanto passavam pelo último posto de controle e entregavam os bilhetes ao empregado na porta de embarque. Depois seguiram para a manga de embarque e desapareceram. Gabriel olhou para

o monitor uma última vez para se certificar que tinha visto bem: Air France voo 382, destino Montreal.

Alguns momentos depois da descolagem, Shamron desligou o telefone no gabinete do avião a jato privado de Benjamin Stone e juntou-se a Gabriel no salão luxuosamente decorado.

— Acabei de informar Ottawa da situação.

— Quem é que está agora em Ottawa?

— Seu velho amigo Zvi Yadin. Neste momento, ele está a caminho de Montreal com uma pequena equipe. Vão esperar pelo avião e pôr Jacqueline e a sua nova amiga sob vigilância.

— Por que Montreal?

— Não leu os jornais?

— Lamento, Ari, mas tenho estado um tanto ocupado.

Na mesa ao lado da cadeira de Shamron estava um monte de jornais, muito bem dispostos de forma a que os cabeçalhos ficassem visíveis. Agarrou no jornal de cima e atirou-o para o colo de Gabriel.

— Vai haver uma cerimônia para a assinatura nas Nações Unidas daqui a três dias. Todo mundo vai estar lá. O presidente americano, o primeiro-ministro, Arafat e os seus delegados. Ao que parece, Tariq vai tentar dar cabo da festa.

Gabriel deitou um olhar de relance ao jornal e atirou-o outra vez para cima da mesa.

— Montreal é um ponto estratégico natural para um homem como Tariq. Ele fala francês fluentemente e tem possibilidade de arranjar passaportes falsos. Vai de avião até Montreal como francês e entra no Québec sem visto. Mal chegue ao Canadá, está quase em casa. Há dezenas de milhares de árabes a viver em Montreal. Tem uma grande quantidade de sítios para se esconder. A segurança ao longo da fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos é fraca ou mesmo não existente. Nalgumas estradas não há sequer postos fronteiriços. Em Montreal, ele pode trocar de passaporte, americano ou canadense, e entrar de carro com toda a facilidade nos Estados Unidos. Ou, se se estiver a sentir aventureiro, pode atravessar a fronteira a pé.

— O Tariq nunca me deu a ideia de ser um homem dado a desportos ao ar livre. — Ele fará tudo o que for necessário para chegar ao

seu alvo. E se isso implicar caminhar dezasseis quilômetros pelo meio da neve, ele caminhará pelo meio da neve.

— Não me agrada que eles tenham mudado as regras em Paris
— disse Gabriel. — Não gosto que o Yusef tenha mentido à Jacqueline sobre a forma como isto ia correr.

— A única coisa que isso quer dizer é que, por razões de segurança, o Tariq acha necessário enganar a sua própria gente. Isso é um procedimento normal para um homem como ele. Arafat fê-lo durante anos. É por essa razão que ele ainda está vivo. Os seus inimigos dentro do movimento palestino não conseguiram chegar até ele. — E vocês também não.

— Bem-visto.

A porta que ligava o salão ao gabinete abriu e Stone entrou. Shamron disse: — Há uma cabina de luxo na parte de trás do avião. Vai dormir. Está com um aspecto horrível.

Gabriel levantou-se sem dizer uma palavra e saiu. Stone instalou o seu corpo de mamute numa cadeira e agarrou uma mão-cheia de castanhas.

— Ele tem paixão — disse enquanto enfiava um par de nozes na boca. — Um assassino com consciência. Gosto disso. O resto do mundo ainda vai gostar mais.

— Benjamin, que diabos está dizendo?

— Ele é a minha galinha dos ovos de ouro. Não entende, Ari? Ele é a maneira como vocês vão pagar as dívidas que têm comigo. Todas elas, riscadas num único e simples pagamento.

— Não sabia que você tinha um livro de contabilidade. Pensei que nos ajudava porque acredita em nós. Achava que nos ajudasse porque queria ajudar a proteger o Estado.

— Deixe-me acabar, Ari. Ouça. Não quero seu dinheiro. Quero ele. Quero que me deixem contar a história dele. Entrego-a ao meu melhor jornalista. Deixem-me publicar a história do israelense que restaura quadros dos velhos mestres de dia e mata palestinos à noite.

— Enlouqueceu?

— Pelo contrário, Ari. Estou falando muito a sério. Vou transformá-la numa série. Vou vender os direitos para fazerem um filme à Hollywood. Deem-me o exclusivo desta caça ao homem. A perspectiva pelo lado de

dentro. Ela irá enviar uma mensagem às minhas tropas de que ainda temos o que é preciso para abanar a Fleet Street. E, isto é a parte melhor, Ari, enviará um sinal forte aos meus financiadores na City de que ainda sou uma força que deve ser levada em conta.

Shamron fez uma cena elaborada acendendo o cigarro. Estudou Stone através de uma nuvem de fumaça, assentindo devagarinho com a cabeça enquanto meditava na gravidade da sua proposta. Stone era um homem se afogando e, a não ser que Shamron fizesse alguma coisa para se libertar dele, levaria ambos para o fundo.

Gabriel tentou dormir, mas sem resultado. Cada vez que fechava os olhos, apareciam-lhe imagens do caso na cabeça. Instintivamente, via-as como reproduções imóveis capturadas a tinta de óleo numa tela. Shamron no Lizard, a convencê-lo a voltar para o serviço. Jacqueline a fazer amor com Yusef. Leah na sua estufa-prisão em Surrey. Yusef a encontrar-se com o seu contato no Hyde Park... Não te preocupes, Yusef. A tua namorada não te vai dizer que não.

Depois pensou na cena que tinha acabado de presenciar no Charles de Gaulle. O trabalho de restauro tinha ensinado a Gabriel uma lição valiosa. Às vezes, o que aparece à superfície é muito diferente daquilo que está a acontecer por baixo. Três anos antes, tinha sido contratado para restaurar um Van Dyck, uma peça que o artista pintara para uma capela particular em Gênova, representando a Assunção de Maria. Quando Gabriel fez a sua primeira análise da superfície do quadro, pareceu-lhe ver qualquer coisa por baixo do rosto da Virgem. Com o passar do tempo, as tintas de cores claras que Van Dyck utilizara para representar a pele tinham desbotado, e parecia que estava a começar a aparecer uma imagem por baixo. Gabriel fez um exame rigoroso do quadro, usando raios X para ver o que é que estava a acontecer sob a superfície. Descobriu uma obra completamente acabada, um retrato de uma mulher bastante carnuda, envergando um vestido comprido branco. O filme a preto e branco dos raios X fazia-a parecer um espectro. Mesmo assim, Gabriel reconheceu a qualidade cintilante das sedas de Van Dyck e as mãos expressivas que caracterizavam os quadros que ele produziu quando estava a viver em Itália. Mais tarde, soube que a obra tinha sido encomendada por um aristocrata

genovês cuja mulher tinha odiado tanto o quadro que se recusara a aceitá-lo. Quando Van Dyck recebeu a encomenda do quadro para a capela, limitou-se a cobrir o quadro antigo com tinta branca e voltara a usar a mesma tela. Na altura em que a tela chegou às mãos de Gabriel, mais de três séculos e meio depois, a mulher do aristocrata genovês tinha-se vingado do artista ao assomar à superfície do seu quadro.

Voltou a fechar os olhos e desta vez adormeceu num sono inquieto. A última imagem que viu, antes se deixar escorregar para a inconsciência, foi Jacqueline e a mulher sentadas no café do aeroporto, numa representação impressionista de uma rua. E, de pé, ao fundo, estava a figura fantasmagórica e translúcida de Tariq a chamar Gabriel com uma mão delicada à Van Dyck.

PARIS

Yusef apanhou um táxi do aeroporto para o centro da cidade. Durante duas horas percorreu Paris de um lado para o outro — de metro, de táxi e a pé. Quando teve a certeza de que estava sozinho, foi a pé até a um apartamento no Décimo Sexto Arrondissement, bastante perto do Bois de Boulogne. À entrada do prédio, havia um telefone e ao lado do telefone, uma lista dos moradores. Yusef carregou no botão para o 4B, que tinha o nome Guzman escrito a azul desbotado. Quando a porta se abriu, entrou rapidamente, atravessou o hall e subiu no elevador até o quarto andar. Bateu à porta. Esta foi instantaneamente aberta por um homem robusto com olhos azuis metalizados e cabelo louro-arruivado. Puxou Yusef para dentro e fechou a porta sem fazer barulho.

Era o princípio da noite em Telaviv quando Mordecai saiu do seu gabinete na suíte para executivos no último andar e se encaminhou pelo corredor até as Operações. Quando entrou na sala, um par de funcionários de olhos pretos de Lev olharam-no com desprezo por cima dos seus terminais de computador.

— Ele ainda está cá?

Um dos funcionários apontou para o gabinete de Lev com a ponta de um lápis roído. Mordecai deu meia-volta e desceu o corredor. Sentia-se um estranho numa aldeia cercada. As pessoas de fora não eram bem-vindas ao reino de Lev, mesmo que essa pessoa fosse o segundo dos funcionários com o posto mais elevado do serviço.

Foi encontrar Lev sentado no seu gabinete soturno, dobrado para a frente, os cotovelos apoiados na secretária, as mãos compridas fechadas e dobradas pela última articulação a pressionar-lhe as têmporas. Com a cabeça careca, os olhos protuberantes e os dedos como tentáculos, parecia-se muito com um louva-a-deus. Quando Mordecai se aproximou, viu que não era nem um dossiê nem um relatório que estava a prender a atenção de Lev, mas um grande volume sobre os escaravelhos da bacia do Amazonas. Lev fechou o livro e empurrou-o para o lado.

— Está a passar-se alguma coisa no Canadá de que eu deva ter conhecimento? — perguntou Mordecai.

— Do que está falando?

— Estava a rever as contas das despesas da seção de Ottawa e reparei numa pequeníssima discrepância nos pagamentos para os funcionários de apoio. Achei que pouparia uns minutos se tratasse do assunto por telefone em vez de por cabo. É mesmo uma coisa insignificante. Pensei que eu e o Zvi podíamos resolver o assunto num minuto ou dois. ,

Lev tamborilou impacientemente com os dedos na secretária.

— O que é que isso tem a ver com as Operações?

— Não consegui encontrar o Zvi. Na verdade, não consegui encontrar ninguém. Parece que toda a tua seção das Operações de Ottawa desapareceu.

— O que é que queres dizer com desapareceu?

— Quero dizer que não se encontram em sítio nenhum.

Desaparecidos sem explicação.

— Com quem falou?

— Uma moça da sala de códigos.

— O que ela disse?

— Que Zvi e todos os seus operacionais se puseram a andar a grande velocidade umas horas atrás.

— Onde está o velho?

— Em algum lugar na Europa.

— Ele acabou de voltar da Europa. Aonde foi desta vez?

Mordecai franziu o cenho. — Acha que o velho me conta alguma coisa? O sacana é tão sigiloso que eu acho que metade do tempo nem ele próprio sabe para onde vai.

— Descubram — disse Lev.

MONTREAL

Leila alugou um carro no aeroporto. Conduziu a grande velocidade por uma via rápida aérea. À direita tinham um rio gelado; à esquerda o nevoeiro gelado pairava por cima de um imenso estaleiro ferroviário como o fumo de uma batalha. As luzes da baixa de Montreal flutuavam à frente delas, obscurecidas por um véu de nuvens baixas e neve que caía. Leila guiava como se conhecesse o caminho. — Já cá estiveste? — perguntou Leila.

Era a primeira vez que dirigia a palavra a Jacqueline desde o café no Charles de Gaulle, em Paris. — Não, nunca. E tu?

— Não.

Jacqueline cruzou os braços no peito e tremeu de frio. O aquecimento estava ligado no máximo, mas mesmo assim estava tanto frio no carro que ela conseguia ver a sua própria respiração.

— Não tenho roupa para este frio — disse.

— Lucien comprará tudo o que precisar.

Bem, então, Lucien ia encontrar-se com ela aqui, em Montreal. Jacqueline soprou para as mãos.

— Está demasiado frio para fazer compras.

— Todas as melhores boutiques em Montreal são debaixo do chão. Nunca terás de pôr um pé lá fora.

— Julgava que me tinhas dito que nunca cá tinhas estado.

E não estive.

Jacqueline encostou a cabeça à janela e fechou os olhos por uns breves instantes. Tinha vindo em business, Leila sentada do outro lado da coxia, uma fila atrás. Uma hora antes de aterrarem, Leila tinha ido à casa de banho. Ao voltar para o lugar, entregara uma nota a Jacqueline: Passa a imigração e a alfândega sozinha e vai ter comigo ao balcão da Hertz.

Leila saiu da via rápida e virou para o Boulevard René Lévesque. O vento uivava através dos desfiladeiros dos arranha-céus de escritórios e hotéis. Os passeios, cobertos de neve, pareciam ter sido despovoados.

Percorreu uns quarteirões e parou à frente de um grande hotel. Um porteiro aproximou-se a correr e abriu a porta de Jacqueline.

— Bem-vindas ao Queen Elizabeth. Vão registrar-se?

— Sim — respondeu Leila. — Nós podemos tratar da nossa bagagem, obrigada.

O porteiro deu-lhe um recibo do carro e sentou-se ao volante. Leila conduziu Jacqueline para o hall enorme e ruidoso. Estava cheio de turistas japoneses. Jacqueline perguntou a si mesma que raio é que os traria a Montreal no pino do Inverno. Leila mudou deliberadamente o saco da mão esquerda para a direita.

Jacqueline obrigou-se a olhar para outro lado. Fora treinada na arte da comunicação impessoal; reconhecia um bom exemplo de linguagem corporal quando o via. O próximo ato estava prestes a começar.

Tariq observou-as do bar do hotel. A sua aparência tinha muda", do desde Lisboa. Calças cinzento-escuras de lã, camisola creme, blazer italiano. Estava impecavelmente barbeado e trazia uns óculos pequenos de aros dourados e lentes brancas. Acrescentara uns toques de cinzento ao cabelo.

Tinha visto a fotografia da mulher chamada Dominique Bonard, mas mesmo assim ficou estupefato com ela. Admirou-se como é que Shamron e Gabriel Allon conseguiram justificar pôr uma mulher daquelas num perigo tão grande.

Olhou em redor do hall do hotel. Sabia que estavam lá, algures, escondidos entre os turistas e os homens de negócios e os empregados do hotel: os vigias de Shamron. Tariq tinha esticado os seus recursos ao trazer a mulher de Londres para Paris e depois para Montreal. Mas, com toda a certeza, eles tinham-se reagrupado e colocado os seus homens no sítio certo. Sabia que no instante em que se aproximasse da mulher, revelar-se-ia imediatamente aos seus inimigos pela primeira vez. Descobriu que estava ansioso por o fazer. Finalmente, depois de todos estes anos na sombra, estava prestes a entrar na luz. Queria gritar: Aqui estou eu. Vejam, sou um homem como vocês, de carne e osso, não sou um monstro. Não tinha vergonha do trabalho de toda a sua vida. Pelo contrário. Estava orgulhoso. Perguntou a si mesmo se Allon poderia dizer a mesma coisa.

Tariq sabia que tinha uma enorme vantagem em relação a Allon. Sabia que estava prestes a morrer. A sua vida acabara. Tinha sobrevivido no

gume da faca do perigo para no fim ser traído, não pelos seus inimigos, mas pelo seu próprio corpo. Iria usar o conhecimento da sua morte iminente como uma arma, a mais poderosa que alguma vez possuía.

Tariq levantou-se, alisou a frente do casaco e atravessou o hall. Subiram no elevador até o décimo quarto andar, seguiram por um corredor silencioso e pararam no quarto 1417. Ele abriu a porta com um cartão eletrônico e depois enfiou o cartão no bolso. Quando Jacqueline entrou no quarto, os ensinamentos e exercícios de memória de Shamron entraram em ação: suíte pequena, quarto e sala separados. Uma mesinha de apoio com um tabuleiro do serviço de quartos com uma salada meio comida. Uma mala de roupa no chão, aberta, ainda por desfazer.

Ele estendeu a mão: — Lucien Daveau. — Dominique Bonard.

Ele sorriu: caloroso, confiante.

— Os meus sócios disseram-me que eras uma mulher muito bonita, mas receio que a descrição deles não te tenha feito justiça.

Os modos e o discurso dele eram muito franceses. Se ela não soubesse que era palestino, tê-lo-ia considerado um parisiense rico.

— Não és o que eu esperava — disse ela, honestamente.

— Oh, a sério? O que é que esperavas? Já a estava a testar — conseguia senti-lo. — O Yusef disse que eras um intelectual. Imagino que estava à espera de uma pessoa de cabelo comprido, jeans azuis e uma camisola com buracos.

— Alguém com um ar mais professoral?

— Sim, é exatamente essa palavra. — Conseguiu sorrir. Não tens um ar terrivelmente professoral. — Isso é porque não sou professor.

— Perguntar-te-ia o que és, mas o Yusef disse-me para não fazer demasiadas perguntas, por isso, suponho que só podemos ter conversas simpáticas, mas banais.

— Já há muito tempo que não tenho conversas simpáticas, mas banais, com uma mulher bonita. Acho que vou gostar imenso destes próximos dias.

— Estás há muito tempo em Montreal?

— Acabaste de me fazer uma pergunta, Dominique.

— Desculpa, só...

— Não é preciso pedir desculpa. Estava apenas a brincar. Cheguei esta manhã.

Como vês, ainda não tive possibilidade de desfazer a mala.

Ela passou da sala para o quarto.

— Não te preocupes. Tenciono dormir no sofá esta noite disse ele.

— Pensava que tínhamos que passar por amantes.

— E vamos passar. '

— E se o pessoal do hotel repara que dormiste no sofá?

— São capazes de partir do princípio que tivemos uma zanga. Ou podem partir do princípio que estive a trabalhar até tarde e que, como não te quis incomodar, adormeci no sofá.

— Pois podem.

— O Yusef disse que eras inteligente, mas esqueceu-se de dizer que também possuis uma mente conspirativa.

A conversa já estava a correr há tempo suficiente. Jacqueline estava orgulhosa pelo fato de ser ela quem estava a orientar a conversa e não ele. Dava-lhe a sensação de que, pelo menos, estava a controlar uma coisa.

— Importas-te que fume? — De maneira nenhuma.

Ela colocou um cigarro entre os lábios e acendeu o isqueiro que Shamron lhe dera. Quase conseguiu imaginar as ondas de rádio a voarem lá para fora, à procura de um receptor.

— Não trouxe roupa para este tipo de clima. A Leila disse-me que me irias levar às compras, para arranjar qualquer coisa mais quente.

— Terei todo o prazer nisso. Peço desculpa pela maneira como tivemos que te manter na ignorância em relação ao sítio para onde ias. Garanto-te que era muito necessário.

— Compreendo. — Uma pausa. — Acho.

— Responde-me a uma pergunta, Dominique. Porque é que concordaste em vir nesta missão comigo? Acreditas no que estamos a fazer? Ou estás a fazê-lo simplesmente por amor?

A coincidência da pergunta dele era quase demasiado vulgar para pensar nela.

Voltou a meter calmamente o isqueiro na carteira e disse:

— Estou a fazer isto porque acredito no amor. Acreditas no amor?

— Acredito no direito do meu povo ter uma pátria escolhida por ele. Nunca tive o luxo do amor.

— Lamento...

Esteve quase a tratá-lo por Lucien, mas, por qualquer razão, parou.
— Não queres dizer o meu nome, Dominique? Porque é que não me queres tratar por Lucien?

— Porque sei que não é o teu nome verdadeiro.

— Como é que sabes isso? — O Yusef disse-me.

— Sabes qual é o meu nome verdadeiro?

— Não, o Yusef recusou-se a dizer-me.

Yusef é um bom homem. — Gosto muito dele.

— Dominique é o teu nome verdadeiro? Foi apanhada desprevenida.

— De que é que estás a falar?

— É uma pergunta simples, realmente. Quero saber se teu nome é mesmo Dominique.

— Já viu o meu passaporte.

— Os passaportes podem ser falsificados com toda a facilidade.

— Talvez para pessoas como vocês! — retorquiu ela, desabridamente. — Ouça, Lucien, ou seja lá como for a porra do teu nome, não gosto da pergunta.

Está a fazer-me sentir desconfortável. Ele sentou-se e esfregou as têmporas.

— Desculpe, tem razão. Por favor, aceita as minhas desculpas. A política do Oriente Médio tem a tendência para fazer com que uma pessoa fique paranoica passado algum tempo. Espero que me desculpes.

— Preciso verificar meu serviço de ligações em Londres.

— Claro. — Estendeu a mão e pegou o receptor do telefone. — Diga o número que eu teclo.

Ela recitou o número e os dedos dele marcaram-no no teclado. Segundos depois, ouviu o telefone tocar — o gemido a dois tempos de um telefone britânico — seguido pelo som da sua própria voz na fita da gravação. Imaginou um técnico, sentado a uma consola de computador em Telaviv, a ler as palavras Hotel Queen Elizabeth, Montreal, Quarto 1417. Estendeu a mão para o receptor, mas ele tapou-o com a mão e olhou para ela.

— Gostaria de ouvir, se não te importares. A paranoia está outra vez a invadir-me.

Jacqueline tinha três mensagens. A primeira era de uma mulher que se identificou como a mãe de Dominique. A segunda era de Julien Isherwood — não sabia onde tinha arrumado um arquivo e perguntava-lhe se não se importaria de lhe dar urna apitadela para o ajudar a localizá-lo. A terceira era de um homem que não se identificou. Ela reconheceu imediatamente a voz de Gabriel. Só queria que soubesses que estou apensar em ti. Se precisares de alguma coisa, estou aqui à tua disposição. Até breve, espero. Adeus.

— Já pode desligar.

Ele premiu o botão do microfone e cortou a ligação.

— Esse não parecia nada o Yusef.

— Não era o Yusef. Era um homem que conheci antes do Yusef.

— Parece que este homem ainda gosta de você.

— Não, ele nunca gostou realmente de mim.

— Mas para mim é óbvio que gostou dele. Vai ver, ainda gosta.

— Estou apaixonada pelo Yusef.

— Ah, é, esqueci. — Levantou-se abruptamente. — Vamos às compras.

MONTREAL

Yadin encontrou-se com Gabriel e Shamron no aeroporto e levou-os de carro até Montreal. Tinha cabelo escuro, curto e encaracolado, uma barba bastante desgrenhada e o corpo de um jogador de rugby. Como era grande, as pessoas tinham a tendência para julgarem que era estúpido, coisa que ele não era. Gabriel passara algum tempo com ele na Academia. Tinham-nos juntado para o curso de combate físico, apesar da enorme diferença de tamanhos. No último dia, Yadin partira duas costelas a Gabriel. Gabriel ripostara com uma cotovelada no queixo de Yadin que lhe deslocou o maxilar. Mais tarde, quando estavam a ser tratados na enfermaria, Yadin confessara que tinha sido Shamron que o mandara fazer aquilo — queria testar a capacidade de Gabriel para aguentar a dor. Gabriel desejara ter quebrado o queixo de Shamron em vez do de Yadin. — Dizem que teremos trinta abaixo de zero esta noite — disse Yadin enquanto apertava o acelerador ao longo da via rápida em direção à cidade baixa. — Trouxe casacos e luvas. E trouxe isto para ti, Gabriel.

Entregou a Gabriel um estojo de combate em aço inoxidável. Lá dentro, estava uma Beretta, calibre 22. Gabriel afagou o cano e a coronha de nogueira. A arma estava fria. Fechou a tampa e colocou o estojo debaixo do assento.

Obrigado por nos pões a par do boletim meteorológico, Zvi — disse Shamron. Mas onde raio é que foi a Jacqueline?

Yadin pô-los rapidamente a par da situação. O voo tinha chegado vinte minutos atrasado e eles tinham-nas apanhado depois de elas terem passado a imigração e a alfândega. A moça alugara um carro da Hertz e seguido para a baixa, para o Hotel Queen Elizabeth. Entregara Jacqueline a um homem: quarentão, bem-vestido, com ar decente. Tinham subido para o quarto. Yadin tinha um *sayan* no pessoal do hotel: um concière sênior. Este informara que o sujeito em questão tinha se registrado no hotel horas antes com o nome de Lucien Daveau. Quarto 1.417.

- Imagens? — perguntou Shamron esperançosamente.
- Nem pensar, chefe. Impossível, dadas as circunstâncias.
- Era Tariq?

— Podia ser. É difícil dizer.

— O que aconteceu à moça?

— Depois da entrega, saiu do hotel. Foi apanhada por outro carro na saída, no Boulevard René Lévesque. Não tentei segui-la. Achei que não podíamos dispensar pessoal.

— Quantas pessoas tem?

— Três homens experimentados e aquela moça nova que me mandou da Academia.

— Como é que estão distribuídos?

— Dois membros da equipe estão no hall do hotel fingindo que fazem compras. Os outros dois estão no exterior, no carro.

Gabriel perguntou: — O nosso amigo da recepção pode nos pôr no quarto?

— Claro.

— Quero pôr uma escuta no telefone.

— Não há problema. Trouxe um kit de Ottawa. Podemos arranjar outro quarto no hotel e montar um posto de escuta. Mas vai prender um membro da equipe.

— Ter acesso ao telefone dele vale bem um membro da equipe.

— Vou usar a moça nova.

— Não, podemos precisar da moça para trabalho de rua.

Yadin olhou para Shamron.

— E agora vamos aos problemas, chefe.

— Que problemas?

— Lev.

— O que há com Lev?

— Enquanto estava à espera que chegassem, contatei a seção.

— E?

— Mordecai telefonou por uma questão rotineira qualquer depois de termos ido embora. É óbvio que ele informou Lev de que a seção tinha desaparecido toda, pois o Lev mandou um telegrama do Centro de Operações, cerca de meia hora mais tarde, a querer saber que porra é que se estava a passar.

— O que é que disseram ao Lev? — perguntou Shamron, desalentado.

— Deixei à nossa secretária uma história para disfarçar. Ela disse ao Lev que tínhamos recebido uma informação de um amigo nos serviços canadenses de que era possível que um membro da Jihad Islâmica estivesse na cidade de Québec e que nós tínhamos corrido para verificar se era verdade. Lev manda outra mensagem de imediato: com autorização de quem? Favor mandar nome do ativista da JI. Etc. etc. Está vendo o filme, não está, chefe?

Shamron praguejou baixinho.

— Mande uma mensagem quando chegar a casa. Diz-lhe que foi falso alarme.

— Ouça, chefe, nós já estamos nisto há muito tempo. Mas o senhor vai voltar a se aposentar, e Lev é bem capaz de assumir. Ele pode tornar minha vida um inferno. Ele gosta dessas coisas. É um sacana.

— Deixe que eu trato do Lev. Você só está fazendo o que eu mando.

— Estou só cumprindo ordens... Certo, chefe?

O celular de Yadin tocou baixinho. Ele abriu com um piparote e levou-o à orelha.

— Sim?

Fez Uma pausa.

— Quem?

Outra pausa.

— Onde?

Outra pausa, ligeiramente maior.

— Fica em cima deles. Mas não se esqueça da pessoa com quem está lidando. Mantenha distância segura.

Cortou a ligação e jogou o celular na mesa.

— O que foi? — perguntou Shamron.

— Ele está se mexendo.

— E Jacqueline?

— Estão juntos.

— Onde?

— Parece que foram às compras.

— Consiga uma foto, Zvi. Preciso ter certeza de que é ele.

Há duas Montreal. Há a Montreal da superfície: no inverno, transforma-se numa tundra coberta de neve. Os ventos do Ártico rugem por entre os arranha-céus e patrulham as vielas tortuosas da Cidade Velha junto ao rio. E há a Montreal subterrânea: um labirinto de cintilantes lojas, cafés, bares, mercados e lojas de roupas de design que serpenteiam embaixo da maior parte da baixa da cidade, tornando possível viajar por vários quarteirões sem nunca pôr um pé no exterior.

Um local adequado para acabar tudo, pensou Jacqueline; dois mundos, duas camadas, duas realidades. Eu sou Jacqueline Delacroix, a modelo. Sou Dominique Bonard, a secretária da Fine Arts de Ishenvood, em Londres. Sou Sarah Halévy, a moça judia de Marselha, a agente do Escritório. Tinha mais camadas do que Montreal.

Caminhava ao lado dele. Ele pousara ao de leve a mão no ombro dela e estava a usá-la para a guiar pelo meio das multidões de pessoas que andavam a fazer compras ao cair da noite. Jacqueline estudava o caleidoscópio de caras que passavam por ela: rapazes e moças franceses, árabes, africanos, judeus — a manta de retalhos étnicos que é Montreal. Se não fosse a forte pronúncia francesa, teria sido capaz de se esquecer que tinha saído de Paris. Ele estava a ver se era seguido — Jacqueline conseguia percebê-lo. Parando à frente de montras, mudando abruptamente de direção, inventando desculpas para tornar a voltar para trás. Ela esperava que a equipe de Shamron fosse boa. Se não fosse, Tariq iria dar por eles. Percorreram as lojas mais exclusivas por baixo da Rue St. Catherine. Numa escolheu um casaco comprido forrado. Noutra um chapéu de pele. Numa terceira, dois pares de calças de ganga e vários pares de roupa interior comprida. Finalmente, numa loja especializada em artigos para o ar livre, escolheu um par de botas forradas. Ele nunca a largou. Quando ela entrou num gabinete de provas para experimentar as calças, ficou à porta a sorrir simpaticamente para a vendedora. Pagou tudo com um cartão de crédito no nome de Lucien Daveau. Quando acabaram, voltaram para o hotel. Ela pensou: De que é que eles estão à espera? Façam-no agora. Abatam-no. Mas eles não o podiam fazer ali — não na Montreal subterrânea. Toda a rede de centros comerciais podia ser selada em poucos minutos. Gabriel e o resto da equipe ficariam encurralados lá dentro. Seriam presos e interrogados. A polícia iria estabelecer uma

relação com o Escritório e toda aquela história iria rebentar na cara de Shamron.

Ele sugeriu tomarem um café antes do jantar e por isso pararam num bar de café expresso a curta distância do hotel. Jacqueline passou os olhos por um guia turístico enquanto ele bebericava a bebida. A dado momento, tirou um frasco de remédio do bolso e engoliu dois comprimidos. Cinco minutos depois — ela sabia o tempo exato porque tinha estado a jogar os jogos de atenção de Shamron durante toda a excursão — um indivíduo, com um fato cinzento de homem de negócios, sentou-se na mesa ao lado. Pousou a pasta no chão: pele preta, material mole, fecho dourado com segredo. O homem ficou durante uns minutos, depois levantou-se e foi embora deixando a pasta. Quando Tariq acabou de beber o seu café, pegou descontraidamente na pasta, juntamente com os embrulhos de Jacqueline.

Duas Montreal, duas realidades, pensou Jacqueline enquanto se encaminhavam para o hotel. Numa realidade, tinham acabado de ir fazer compras. Na outra, Tariq tinha passado uma hora a verificar se estava a ser seguido, e Tariq tinha tomado posse da sua arma.

Gabriel apareceu no balcão da recepção e pediu que o informassem de um bom restaurante. O recepcionista chamava-se Jean — pequeno e bem-arranjado, com um bigode fino e um sorriso gelado de um hoteleiro bem-sucedido. Gabriel falou-lhe num francês rápido. O recepcionista respondeu-lhe na mesma língua. Falou a Gabriel de um excelente bistrô de estilo parisiense chamado Alexandre; depois entregou-lhe um mapa turístico dobrado e disse-lhe a morada. Gabriel enfiou o mapa no bolso de dentro do casaco, agradeceu ao recepcionista e afastou-se. Mas em vez de se dirigir para a porta de entrada, atravessou o hall, entrou num elevador e subiu até o décimo quarto andar.

Percorreu o corredor rapidamente. Na mão direita, levava um saco de compras de plástico de uma das boutiques e dentro do saco estava um telefone do hotel, embrulhado em papel. Quando se aproximava da porta, tirou o mapa do bolso do peito e desdobrou-o. Lá dentro estava um cartão-chave para a porta de Tariq. Pendurado no puxador estava um letreiro "Não Incomodar". Gabriel meteu e tirou o cartão na ranhura da porta, entrou no quarto e fechou a porta silenciosamente. Para posto de comando, Yadin ocupara uma suíte no Sheraton, a uns quarteirões de

distância do Queen Elizabeth no Boulevard René Lévesque. Quando Gabriel entrou na suíte, Shamron estava lá, acompanhado por Yadin e uma moça de cabelo preto que Yadin apresentou como Deborah. Gabriel achou que ela lhe lembrava muito Leah, muito mais do que teria gostado naquele momento. Um grande mapa das ruas de Montreal estava aberto em cima da cama. Shamron tinha empurrado os óculos para a testa e esfregava a cana do nariz enquanto passeava de um lado para o outro. Gabriel serviu-se de uma xícara de café e apertou-a com força para aquecer as mãos.

Yadin disse:

— Já voltaram para o quarto. A escuta está a apanhar a conversa na perfeição. Bom trabalho, Gabriel.

— O que é que estão a dizer?

— Conversa de circunstância, na maior parte do tempo. Mais tarde, mando um homem recolher as fitas. Se houver alguma coisa urgente, o rapaz no quarto telefona.

— Onde é que foram enquanto estiveram fora?

— Andaram às compras durante a maior parte do tempo, mas achamos que o Tariq deve ter uma arma.

Gabriel baixou a xícara e ergueu os olhos atentamente.

— A Deborah estava a segui-los naquela altura — disse Yadin.

— Viu tudo.

Deborah descreveu rapidamente a cena no café. Falou em inglês com pronúncia americana.

— Como é que a Jacqueline se está a aguentar?

— Pareceu-me que bem. Um pouquinho cansada, mas bem.

O telefone tocou. Yadin agarrou-o antes que pudesse tocar uma segunda vez. Escutou durante uns momentos sem falar e depois pousou o receptor e olhou para Shamron.

— Acabou de marcar uma mesa para um restaurante na Rue St.-Denis.

— Como é a área?

— Cafés, lojas, bares, discotecas, esse tipo de coisas — respondeu Yadin. — Muito movimento. Muito boémio.

— É o tipo de sítio onde se pode montar uma operação de vigilância?

— Perfeitamente.

— O tipo de sítio onde um kidon se pode aproximar muito de um alvo?

— Sem problemas.

— E quanto a trajetos de fuga? — perguntou Gabriel.

Teríamos vários — respondeu Yadin. — Poderias dirigir-te para norte, para Outremont ou para Mont-Royal, ou seguir para sul, direito aos expressos. O resto da equipe podia desaparecer na Cidade Velha. Alguém bateu suavemente à porta. Yadin murmurou umas palavras através da porta fechada e depois abriu-a. Um homem com cara de rapazinho, cabelo louro e olhos azuis, entrou na sala.

— Tenho-os num vídeo. Shamron disse:

— Vamos vê-lo.

O jovem ligou a câmara portátil ao aparelho de televisão e passou a fita: Jacqueline e o homem chamado Lucien Daveau deslocavam-se pelo centro comercial subterrâneo. Tinha sido filmado de uma balaustrada num nível acima.

Shamron sorriu.

— É ele. Não há dúvida.

— Como pode ter tanta certeza a partir deste ângulo? — perguntou Gabriel.

— Olha para ele. Olha para as fotografias. É o mesmo homem.

— Tem certeza?

— Sim, tenho certeza. — Shamron desligou a televisão. — Qual é seu problema, Gabriel?

— Não quero é matar o homem errado.

— É Tariq. Acredite em mim. — Shamron olhou para o mapa das ruas de Montreal. — Zvi, mostra a rua St.-Denis. Quero acabar a coisa esta noite e voltar para casa.

MONTREAL

Saíram do quarto do hotel às oito horas, desceram de elevador até o hall de entrada. A hora de ponta dos registros da noite já tinha acabado. Um casal japonês estava a ser fotografado por um estranho. Tariq parou, deu meia-volta e bateu teatralmente nos bolsos como se estivesse à procura de qualquer coisa importante. Quando a sessão de fotografia acabou, recomeçou a andar. Do bar do hotel ouviu-se um clamor: americanos a verem um jogo de futebol na televisão. Desceram uma escada rolante para a Montreal subterrânea e depois percorreram uma pequena distância até a uma estação do metropolitano. Ele fez questão de a manter sempre à sua direita. Ela lembrou-se que ele era canhoto — obviamente não queria que ela estivesse em posição de lhe poder agarrar o braço se fosse sacar da arma. Tentou recordar-se de qual era o tipo de arma que ele preferia.

Uma Makarov; era isso; Tariq gostava da Makarov.

Ele se deslocava pela estação como se conhecesse o caminho. Entraram num trem e seguiram para oeste para a rue St.-Denis. Quando saíram para o exterior, para o boulevard cheio de gente, o frio intenso quase a fez ficar sem respiração.

Pode acontecer num sítio tranquilo, completamente fora da vista, ou pode acontecer no meio de uma rua movimentada...

Manteve os olhos baixos e resistiu ao impulso de olhar para ele.

Podes ver-me a vir, ou talvez não. Se de fato me vires, não deves olhar para mim. Não deves hesitar ou chamar-me. Não deves fazer nenhum barulho...

— Há algum problema? Ele falou sem olhar para ela.

— Estou só a morrer de frio.

— O restaurante não é longe.

Passaram por uma enfiada de bares. O som áspero de uma banda de bines saía de uma taberna numa cave. Uma loja de discos usados. Um restaurante vegetariano. Um salão de tatuagens. Um bando de rapazes skinheads passou por eles. Um deles disse qualquer coisa grosseira a Jacqueline. Tariq olhou-o friamente; o rapaz fechou a boca e afastou-se.

Chegaram ao restaurante. Ficava numa velha casa vitoriana, ligeiramente retirada da rua. Ele conduziu-a pelas escadas acima. O maître ajudou-os a despir os casacos e acompanhou-os até o andar de cima, para uma mesa junto à janela. Tariq sentou-se virado para fora. Ela conseguia ver como os olhos dele escrutinavam a rua lá em baixo. Quando o empregado apareceu, Jacqueline pediu um copo de Bordeaux.

— Monsieur Daveau?

— Água mineral, se faz favor — disse ele. — Lamento, mas esta noite tenho uma leve dor de cabeça.

O restaurante italiano ficava para norte, a meio quarteirão de distância, no lado oposto da rue St.-Denis. Para lá chegarem, Gabriel e Deborah tiveram de descer um pequeno lance de escadas com os degraus gelados. As mesas ao pé da janela estavam todas ocupadas, mas eles estavam sentados suficientemente perto para que Gabriel conseguisse ver o cabelo preto comprido na janela do outro lado da rua. Shamron e Zvi Yadin estavam lá fora numa van alugada. Na extremidade sul do quarteirão, mais perto do limite da Cidade Velha, encontrava-se um dos homens de Yadin, sentado ao volante de um carro de fuga. Outro homem esperava num carro, um quarteirão para ocidente na rue Sanguinet. Tariq estava cercado.

Gabriel pediu vinho, mas não bebeu nada. Pediu uma salada e uma tigela de pasta, mas o cheiro da comida causou-lhe náuseas.

A moça era bem treinada na doutrina do Escritório. Estava ajudando. Flertou com o criado. Conversou com um casal na mesa ao lado. Devorou a comida dela e parte da de Gabriel. Lambeu a mão. Mais uma vez, Gabriel encontrou semelhanças desconfortáveis com Leah. O perfume. Os reflexos dourados nos olhos quase pretos. A forma como as mãos compridas flutuavam quando ela falava. Gabriel olhava pela janela para o pavimento da rue St.-Denis, mas, mentalmente, estava outra vez em Viena, sentado com Leah e Dani na trattoria do Bairro Judeu. Estava a suar. Senda água fria a escorrer-lhe pelo sulco no meio das costas, o suor a escorrer-lhe pelas costelas. A Beretta estava no bolso da frente da parca, a parca pendurada nas costas da cadeira, para que Gabriel conseguisse sentir o peso reconfortante da arma encostada à anca. A moça estava a falar: — Talvez devêssemos sair daqui — dizia ela. — As Caraíbas, St. Bart, um sítio qualquer quente com boa comida e bom vinho.

Gabriel estava a ouvi-la só com parte do cérebro — assentia nas ocasiões certas e até conseguia dizer umas palavras de vez em quando —, mas durante a maior parte do tempo estava a visualizar como iria matar Tariq. Não tinha qualquer prazer com estes pensamentos. Envolvia-se neles não por raiva ou por um desejo de infligir castigo, mas da mesma maneira como podia congeminar uma manobra enviesada através de uma extensão particularmente difícil de água e vento; ou a forma como iria corrigir uma mancha nua numa tela com quinhentos anos.

Visualizou o que iria acontecer depois de Tariq ser abatido. Deborah tomaria conta de si própria. Gabriel era responsável por Jacqueline. Agarrá-la-ia e afastar-se-iam do corpo o mais depressa possível. Um dos homens de Yadin apanhá-los-ia na rue St.-Denis num carro alugado, um Ford verde, e seguiriam para o aeroporto. Trocariam de carro no caminho. No aeroporto dirigir-se-iam diretamente para o terminal privado e embarcariam no jato de Benjamin Stone. Se as coisas corressem de acordo com o plano, estaria de volta a Israel na tarde seguinte.

Se não corressem...

Gabriel afastou a imagem do fracasso da mente.

Nesse preciso instante, o celular tocou baixinho. Levou-o ao ouvido, escutou sem falar. Cortou a ligação, entregou o celular à moça, levantou-se, vestiu o casaco. A Beretta bateu-lhe contra a anca. Enfiou a mão no bolso da parca e agarrou na arma pelo punho.

Já tinha pago a conta antes, para não causar uma cena quando chegasse a hora de se irem embora. A moça seguiu à frente enquanto atravessavam o restaurante. Gabriel estava a arder. Lá fora, escorregou e quase caiu ao subir as escadas. A moça agarrou-o pelo braço e segurou-o. Quando chegaram ao passeio, não havia sinais de Tariq e Jacqueline. Gabriel virou-se de frente para a moça. Deu-lhe um beijo na cara e depois encostou a boca à orelha dela.

— Diz-me quando os vires.

Enterrou a cara no pescoço da moça. O cabelo dela cobria o rosto. Cheirava chocantemente a Leah. Agarrou-a com a mão esquerda. A direita continuava dentro do bolso, envolvendo o punho da Beretta.

Ensaiou a cena uma última vez. Representou-a na mente como se fosse uma aula na Academia. Dá meia-volta, dirige-te diretamente para ele. Não hesites, nem pares. Aproxima-te, puxa da arma com a mão direita,

começa a disparar. Não penses nos transeuntes, pensa apenas no alvo. Transforma-te no terrorista. Deixa de ser o terrorista só quando ele estiver morto. O carregador suplente está no bolso esquerdo se precisares dele. Não te deixes apanhar. És um príncipe. És mais valioso do que todas as outras pessoas. Faz seja o que for para evitares a captura. Se um polícia te confrontar, mata o polícia. Não tens autorização para te deixares capturar em circunstância nenhuma.

— Estão ali.

Ela deu-lhe um leve encontrão para separar os corpos. Gabriel voltou-se e começou a atravessar a rua, desviando os olhos de Tariq apenas o tempo suficiente para se assegurar que não se estava a atravessar à frente de um carro. A mão estava a umedecer a arma.

Não conseguia ouvir nada senão a sua própria respiração e o silvo do sangue a correr velozmente no interior dos ouvidos. Jacqueline olhou para cima. Os olhos cruzaram-se por uma fracção de segundo; depois ela desviou o olhar abruptamente. Tariq agarrou-a pelo cotovelo.

Quando Gabriel tirou a Beretta do bolso, um carro dobrou a curva e avançou velozmente na sua direção. Não teve outro remédio senão sair rapidamente do caminho. Então, o carro parou com uma derrapagem, com Gabriel de um lado e Tariq e Jacqueline do outro.

A porta de trás do lado de Tariq abriu. Ele empurrou Jacqueline para a frente e obrigou-a a entrar no carro. A carteira dela escorregou-lhe do ombro e caiu na rua. Tariq sorriu ferozmente para Gabriel e subiu para o assento de trás, ao lado de Jacqueline.

O carro partiu a toda a velocidade. Gabriel atravessou a rua e apanhou a carteira de Jacqueline. Depois voltou para o restaurante e foi buscar a moça. Percorreram a rue St.-Denis. Gabriel abriu a carteira de Jacqueline e vasculhou o seu conteúdo. Lá dentro estavam a bolsa do dinheiro, o passaporte, alguns artigos de maquilhagem e o isqueiro de ouro que Shamron lhe tinha dado na galeria de arte.

— Devias ter disparado, Gabriel!

— Não tinha nada para que disparar!

— Podias ter disparado por cima do tejadilho daquele carro!

— Tretas!

— Podias ter disparado, mas hesitaste!

— Hesitei porque se tivesse falhado esse tiro por cima do tejadilho do carro, a bala teria ido parar ao restaurante do outro lado da rua e podias acabar com um espectador inocente morto nas mãos.

— Nunca costumavas considerar a possibilidade de falhares.

A van acelerou afastando-se do passeio. Gabriel estava sentado no chão na parte de trás da van, a moça à frente dele, os joelhos encostados ao queixo, a olhá-lo intensamente. Gabriel fechou os olhos e tentou pensar com calma. Era um desastre total.

Jacqueline desaparecera. Não tinha passaporte, não tinha identificação e, o mais importante de tudo, não tinha o sinalizador. Eles tinham tido uma importante vantagem sobre Tariq: a capacidade de saberem sempre onde ela estava. Agora essa vantagem desaparecera.

Imaginou a sequência dos acontecimentos: Tariq e Jacqueline a saírem do restaurante; o carro a aparecer de nenhures; Tariq a empurrar Jacqueline para o banco de trás; o sorriso feroz de Tariq.

Gabriel fechou os olhos e viu a imagem fantasmagórica de Tariq chamando-o com uma mão à Van Dyck. Ele soube sempre, pensou Gabriel. Sabia que era eu que estava me dirigindo para ele na rue St-Denis. Ele me levou para lá.

Shamron estava outra vez falando.

— Sua primeira responsabilidade era com Jacqueline. Não era com uma pessoa qualquer num bistrô atrás dela. Devia ter disparado, fossem quais fossem as consequências!

— Mesmo que conseguisse atingi-lo, Jacqueline estaria condenada. Ela estava no carro, o motor funcionando. Eles iam levá-la, e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir.

— Devia ter disparado no carro. Podíamos ter conseguido encurralá-los naquela rua.

— É isso que queria? Uma luta armada no meio de Montreal? Um tiroteio? Teria outra Lillehammer nas mãos. Outra Ama. Outro desastre para o Escritório.

Shamron voltou-se para trás e olhou furioso para Gabriel, depois virou-se outra vez para a frente.

— E agora, Ari? — perguntou Gabriel.

— Encontramos de novo.

— Como?

— Temos uma boa ideia para onde eles vão.

— Não conseguiremos descobrir Tariq nos Estados Unidos sozinhos.

— O que está sugerindo, Gabriel?

— Precisamos avisar aos americanos de que provavelmente ele está indo para lá. Também temos que dizer aos canadenses. Talvez eles possam impedir que ele a leve para o outro lado da fronteira. Se tivermos sorte, eles podem pará-los antes de chegarem à fronteira.

— Dizer aos americanos e aos canadenses? Dizer o que, exatamente? Que tencionávamos assassinar um palestino em solo canadense? Que fizemos cagada e agora gostaríamos que eles limpassem a porcaria? Não acho que isso cairia muito bem em Otawa ou Washington.

— Então o que fazemos? Ficamos sentados?

— Não, vamos para a América e apertamos a segurança em volta do primeiro-ministro. Tariq não veio tão longe para nada. Vai acabar por ter que fazer sua jogada.

— E se o alvo dele não for o primeiro-ministro?

— A segurança do primeiro-ministro é a minha única preocupação neste momento.

— Tenho certeza de que Jacqueline ficaria satisfeita por ouvir isso.

— Tu sabes o que é que eu quero dizer, Gabriel. Não jogues com as palavras comigo.

— Esqueceste-te de uma coisa, Ari. Ela já não tem passaporte.

Gabriel levantou a carteira de Jacqueline. — Está aqui. Como é que a vão fazer passar a fronteira sem passaporte?

— É óbvio que Tariq tem outras soluções. Ou talvez não tencione levá-la para o outro lado da fronteira. Talvez a mate primeiro. É por isso que devia ter disparado, Gabriel.

SABREVOIS, QUÉBEC

Jacqueline tinha tentado seguir os letreiros das estradas. Estrada 40 através de Montreal. Estrada 10 para o outro lado do rio. Estrada 35 para o campo. Agora esta: Estrada 133, uma estrada provincial de duas faixas que se estendia pelo planalto do Sul do Québec. Era estranho como a Montreal cosmopolita tinha dado tão rapidamente lugar a este vasto espaço vazio. Uma Lua frágil flutuava por cima do horizonte, rodeada por um halo de gelo. A neve, soprada pelo vento, redemoinhava pelo asfalto como uma tempestade de areia. De vez em quando, um objeto flutuava vindo da escuridão. Um silo de cereais sobressaindo da camada de neve. Uma casa numa quinta fracamente iluminada. Um armazém de produtos agrícolas às escuras. À frente, viu luzes de néon. Quando se aproximaram, conseguiu ver que as luzes desenhavam os contornos de uma mulher com seios volumosos: um bar de striptease no meio do nada. Perguntou a si mesma onde arranjariam as moças. Talvez gostassem de ver as irmãs e as amigas a dançarem com os peitos nus. Desolação, pensou. Foi por causa disto que a palavra foi criada.

Após uma hora de viagem, estavam já a poucos quilômetros da fronteira com os Estados Unidos. Ela pensou: Como é que ele me vai passar para o outro lado se o meu passaporte e o resto das minhas coisas estão caídos na rue St-Denis em Montreal?

O meu passaporte e o isqueiro com o sinalizador...

Acontecera tudo tão depressa! Depois de ter dado conta da presença de Gabriel, desviara os olhos e preparara-se para o que pensava que iria acontecer. O carro aparecera de repente e ele tinha-a empurrado lá para dentro tão violentamente que a carteira lhe caíra da mão. Enquanto o carro se afastava velozmente, ela gritou-lhe para voltar para trás e deixá-la ir buscar a carteira, mas ele ignorou-a e disse ao motorista para andar mais depressa. Foi nessa altura que Jacqueline se apercebeu de que a mulher que ela conhecia como Leila é que ia a guiar. Uns quarteirões mais à frente, trocaram de carro. O condutor era o mesmo homem que tinha deixado a pasta para Tariq no café do subterrâneo. Desta vez percorreram vários quarteirões até a área de Montreal conhecida por Outremont. Aí

voltaram a trocar de carro pela última vez. Agora, Tariq ia a conduzir. Ele estava a suar. Jacqueline conseguia ver o brilho na pele no clarão verde-lima das luzes do painel de instrumentos. A cara estava mortalmente pálida, tinha círculos escuros por baixo dos olhos e a mão direita tremia.

— Importa-se de me explicar o que aconteceu lá atrás, em Montreal?

— Foi apenas uma precaução de segurança de rotina.

— Chama aquilo rotina? Se era assim tão rotineiro, por que não me deixou voltar para apanhar a bolsa?

— De tempos em tempos dou por mim sendo vigiado pelos serviços secretos israelenses e seus amigos do Ocidente. Também estou sendo monitorado pelos meus inimigos no interior do movimento palestino. Os meus instintos disseram-me que alguém nos estava a vigiar em Montreal.

— Essa charada custou minha carteira e todas as coisas que estavam lá dentro.

— Não se preocupe, Dominique. Eu substituo suas coisas.

— Há coisas que não podem ser substituídas.

— Como o isqueiro de ouro?

Jacqueline sentiu uma dor na barriga. Lembrou-se de Yusef brincando com o isqueiro a caminho do apartamento em Hounslow. Céus, ele sabe.

Mudou de assunto.

— Na verdade, estava era pensando no meu passaporte.

— Seu passaporte também pode ser substituído. Levo-a ao consulado francês em Montreal. Diga que o perdeste ou que o roubaram e eles fazem um novo.

Não, vão descobrir que era falso e vou acabar numa prisão do Canadá.

— Por que essas pessoas estão vigiando você?

— Porque querem saber para onde vou e com quem me encontro.

— Por quê?

— Porque não querem que eu tenha êxito.

— O que você está tentando fazer para eles ficarem tão preocupados?

— Estou apenas tentando levar um pouco de justiça ao chamado processo de paz. Não quero que meu povo aceite uma fatiazinha da nossa terra ancestral só porque, agora, os americanos e um punhado de israelenses estão dispostos a nos deixar ficar com ela. Oferecem as migalhas que caem da mesa deles. Não quero migalhas, Dominique. Quero o pão todo.

— Metade de um pão é melhor do que nada.

— Discordo respeitosamente.

Um letreiro da autoestrada flutuou do meio da neve que rodopiava. A fronteira estava a cinco quilômetros. — Para onde é que me vais levar?

— Para o outro lado.

— E como é que tencionas fazer-me atravessar a fronteira sem passaporte?

— Nós fizemos outros preparativos.

— Outros preparativos? Que tipo de preparativos?

— Tenho outro passaporte para ti. Um passaporte canadense.

— Como conseguiu um passaporte canadense?

Outro letreiro: a fronteira estava agora a três quilômetros.

— Não é seu, claro.

— Espere aí! Yusef prometeu que não me pediria nada ilegal.

— Não vai fazer nada de ilegal. É uma fronteira aberta e o passaporte é perfeitamente válido.

— Pode ser válido, mas não é meu!

— Não interessa que não seja seu. Ninguém vai te interrogar.

— Não vou entrar nos Estados Unidos com um passaporte falso!

Para o carro! Quero sair!

— Se a deixasse aqui morreria gelada antes de conseguir chegar a um lugar seguro.

— Então me deixe num lugar qualquer! Deixe-me sair dessa história!

— Dominique, foi por causa disto que te trouxemos de Londres: para me ajudar a passar esta fronteira. — Mentiu! Você e Yusef!

— Sim, achamos que era necessário enganar um pouquinho.

— Um pouquinho?!

— Mas agora, nada disso interessa. O que interessa é que eu preciso atravessar a fronteira e preciso da tua ajuda.

A fronteira estava agora a cerca de quilómetro e meio. Ela conseguia ver as fortes luzes brancas do posto. Pensou no que deveria fazer. Imaginou que lhe poderia dizer simplesmente que não. E o que é que ele faria então? Daria meia-volta, matá-la-ia, atiraria o corpo para a neve e atravessaria a fronteira sozinho. Pensou em enganá-lo: dizendo sim e alertando o funcionário no posto. Mas Tariq limitar-se-ia a matá-la e ao guarda da fronteira. Haveria uma investigação, o papel do Escritório no assunto viria a lume. Seria um fiasco embaraçoso para Ari Shamron. Só tinha uma opção. Continuar com o jogo durante mais um tempo e arranjar uma maneira de alertar Gabriel.

— Deixe-me ver o passaporte.

Entregou-o.

Abriu-o e olhou para o nome: Hélène Sarraut. Depois olhou para a fotografia:

Leila. A aparência era vaga mas convincente.

— Vais fazê-lo? Jacqueline disse:

— Continua a guiar.

Entrou na praça do posto fronteiriço e travou. Um guarda da fronteira saiu da cabina e disse:

— Boa noite. Para onde é que vai esta noite?

— Burlington — disse Tariq.

Negócios ou prazer? ? "

— A minha irmã está doente.

— Lamento saber isso. Quanto tempo é que tencionam ficar?

— Um dia, no máximo dois.

— Passaportes, por favor.

Tariq entregou-lhos. O guarda abriu-os e examinou as fotografias e os nomes.

Depois espiou dentro do carro e olhou as caras.

Fechou os passaportes e devolveu-os.

— Tenham uma boa estadia. E guie com cuidado. O boletim meteorológico diz que vem aí uma grande tempestade mais para o fim da noite.

Tariq agarrou nos passaportes, meteu a primeira e atravessou lentamente a fronteira, entrando em Vermont. Meteu os passaportes no bolso e, uns momentos depois, quando já estavam longe da fronteira, puxou de uma Makarov e encostou o cano na parte lateral da cabeça dela.

WASHINGTON, DC.

Yasser Arafat estava sentado à secretária na suíte presidencial no Madison Hotel, a desbravar uma pilha de papéis, ouvindo o trânsito noturno a silvar ao longo do pavimento molhado da Fifth Avenue. Fez uma pausa por uns instantes, enfiou uma tâmara tunisina na boca e depois engoliu umas colheradas de iogurte. Era muito cuidadoso com a sua dieta, não bebia nem consumia álcool e nunca bebia café. Isso tinha-o ajudado a sobreviver a um estilo de vida revolucionário exigente que poderia ter destruído qualquer outro homem. Como não estava à espera de mais visitas nessa noite, trocara o uniforme por um fato de treino azul. A cabeça careca estava descoberta e, como de costume, tinha uma barba de vários dias na cara empapuçada. Tinha postos os óculos para ler que lhe aumentavam os olhos parecidos com os de um sapo. O grosso lábio inferior esticava-se para fora, dando-lhe o ar de uma criança à beira das lágrimas.

Possuía uma memória quase fotográfica para caras e materiais escritos, o que lhe permitia trabalhar rapidamente a pilha de documentos, parando de quando em quando para escrever umas notas nas margens de memorandos ou assinar o seu nome. Tinha agora a seu cargo a Faixa de Gaza e uma grande porção da margem ocidental, um desenvolvimento que teria parecido impossível poucos anos antes. A sua Autoridade Palestina era responsável pelos detalhes mundanos da administração corrente, como a recolha do lixo e as escolas. Era uma diferença tremenda em relação aos velhos tempos, quando fora o guerrilheiro mais famoso do mundo.

Pôs de lado o que ainda lhe faltava fazer e abriu um documento encadernado numa capa de pele. Era uma cópia do acordo provisório que ia assinar no dia seguinte nas Nações Unidas, em Nova York. O acordo era, no entanto, outro passo em frente para a realização da obra da sua vida: a criação de um Estado palestino. Era muito menos do que ele tinha querido quando iniciara este caminho — nessa altura sonhara com a destruição de Israel —, mas era o melhor que iria conseguir. Havia alguns no interior do movimento que desejavam que ele falhasse, alguns até lhe desejavam a

morte. Os que rejeitavam, os sonhadores. Se lhes fizessem a vontade, os palestinos estariam condenados para sempre aos campos de refugiados da diáspora.

Um assessor bateu à porta. Arafat levantou os olhos quando ele entrou. — Desculpa incomodar-te, Abu Amar, mas o presidente está ao telefone. Arafat sorriu. Isto também teria sido impossível apenas há uns anos.

— O que é que ele quer a estas horas da noite?

— Diz que a mulher não está na cidade e que está aborrecido. Quer saber se estarias disposto a ir à Casa Branca para lhe fazeres companhia.

— Agora?

— Sim, agora.

— Para fazer o quê?

O assessor encolheu os ombros. — Conversar, calculo eu.

— Diz-lhe que estarei lá dentro de dez minutos.

Arafat levantou-se, despiu o fato de treino e enfiou o seu uniforme de caqui habitual e o tradicional lenço palestino. Usava o kaffyeh preto e branco dos camponeses com a parte da frente a formar um bico para simbolizar o mapa da Palestina. O assessor voltou a aparecer com um sobretudo que pôs nos ombros de Arafat. Saíram juntos para o corredor e foram imediatamente rodeados por um grupo de seguranças. Alguns faziam parte da sua guarda pessoal, os restantes eram dos Serviços de Segurança Diplomáticos dos Estados Unidos. Desceram o corredor, Arafat no centro do grupo, e entraram num elevador privado, que os levou até a garagem. Aí, Arafat enfiou-se na parte de trás de uma limusina. Um momento depois, a sua caravana seguia velozmente pela Fifth Avenue em direção ao sul e à Casa Branca.

Arafat olhou para fora da janela. Um pouco como nos velhos tempos, esta corrida a altas horas da noite através de ruas molhadas

— como aquelas ocasiões em que ele nunca passava duas noites seguidas na mesma cama. Às vezes até chegava a mudar de residência a meio da noite, quando os seus instintos bem afinados pressentiam que havia perigo. Evitava os sítios públicos — nunca comia em restaurantes, nunca ia ao cinema ou ao teatro. A pele ficou cheia de manchas por falta de sol. As suas capacidades de sobrevivência tinham frustrado centenas de

tentativas para o matar da parte dos israelenses e dos seus inimigos no interior do movimento. Outros não tinham tido tanta sorte. Pensou no seu velho amigo e segundo no comando, Abu Jihad. Ele tinha dirigido os esforços de guerra nos territórios ocupados e ajudado a organizar a intifada. E, por causa disso, os israelenses tinham-no assassinado na sua villa em Túnis. Arafat sabia que sem Abu Jihad nunca estaria onde estava agora: a atravessar Washington para um encontro secreto com o presidente americano. Era uma pena que o seu velho amigo não estivesse ali para assistir. A caravana passou a barricada na Pennsylvania Avenue e entrou nos jardins da Casa Branca. Momentos depois, o carro de Arafat parou sob o abrigo do Pórtico Norte.

O guarda, um marine, avançou e abriu a porta.

— Boa noite, senhor Arafat. Por aqui, se faz favor.

O presidente James Beckwith estava à espera na sala de visitas da residência na Mansão Executiva. Parecia que tinha acabado de sair do convés do seu barco à vela. Vestia um par de calças de caqui muito amarrotadas e uma camisola grossa de decote redondo.

Era um homem alto, com o cabelo prateado e modos delicados. O rosto permanentemente bronzeado projectava juventude e exuberância, apesar de ter quase setenta anos de idade.

Sentaram-se em frente da lareira, Beckwith a beber um copo de uísque, Arafat a bebericar chá adoçado com mel. Quando Beckwith estivera no Senado, tinha sido um dos mais fervorosos aliados dos israelenses e chefiara a oposição ao reconhecimento da OLP — de fato, tinha-se referido com regularidade a Arafat e à OLP como "terroristas sedentos de sangue". Agora, os dois homens eram aliados muito chegados na procura da paz para o Oriente Médio. Arafat precisava de Beckwith para pressionar os israelenses a fazer concessões na mesa das negociações. Beckwith precisava de Arafat para manter os radicais e os fundamentalistas na linha, a fim de que as negociações pudessem continuar. Passada uma hora, Beckwith abordou os assassinatos do embaixador Eliyahu e de David Morgenthau.

— O meu diretor da CIA diz que, provavelmente, seu velho amigo Tariq esteve por trás dos dois atentados, mas não tem provas.

Arafat sorriu.

— Nunca duvidei nem por um momento que fosse Tariq. Mas se sua CIA acha que vai conseguir isso, receio que estejam tristemente enganados. Tariq não trabalha assim.

— Se ele continua a matar judeus, vai fazer com que seja mais difícil continuarmos a avançar para um acordo definitivo.

— Desculpe a minha franqueza, senhor Presidente, mas Tariq só é um fator se o senhor e os israelenses deixarem que ele seja um fator. Ele não age em meu nome. Não opera a partir do território controlado pela Autoridade Palestina. Não fala aos palestinos que querem a paz.

— Tudo verdade, mas não há nada que o senhor possa fazer para o dissuadir?

— Ao Tariq? — Arafat abanou a cabeça lentamente. — Nós fomos amigos íntimos em outros tempos. Ele era um dos meus melhores agentes dos serviços secretos. Mas me abandonou por causa da minha decisão de renunciar ao terrorismo e começar as negociações de paz. Não nos falamos há anos.

— Talvez ele agora o ouça.

— Receio que Tariq não ouça outra voz senão a dele mesmo. É um homem perseguido por demônios.

— Todos nós somos, especialmente quando se chega a minha idade.

— Ou a minha — disse Arafat. — Mas receio que Tariq seja perseguido por um tipo diferente de demônio. Ele é um homem novo que está morrendo e quer acertar as contas antes de partir.

Beckwith ergueu as sobrancelhas, surpreso:

— Morrendo?

— Segundo as minhas fontes, ele tem um tumor cerebral grave.

— Os israelenses sabem disso?

— Sim — disse Arafat. — Eu mesmo lhes disse.

— A quem?

— Ao chefe do serviço secreto deles, Ari Shamron.

— Espanta-me que o chefe dos serviços secretos tenha negligenciado partilhar esta informação com a CIA.

Arafat riu.

— Calculo que nunca tenha conhecido Shamron. Ele é matreiro e um guerreiro da velha escola. Shamron tem o hábito de nunca deixar que a

mão esquerda saiba o que a direita está a fazer. Sabe qual é o lema do serviço secreto israelense?

— Lamento, mas não.

— "Por meio do engano farás a guerra". Ari Shamron vive segundo essas palavras.

— Acha que Shamron pode estar fazendo algum jogo?

— Tudo é possível quando se trata de Shamron. Veja, há pessoas nos serviços secretos israelenses que querem Tariq morto, sejam quais forem os custos. Mas há outros, lamento dizer, que gostariam que ele fosse bem-sucedido.

— Em qual das categorias está Shamron?

Arafat franziu o sobrolho.

— Quem me dera saber.

Pouco antes da meia-noite, o presidente acompanhou Arafat até o carro que o esperava. Faziam um par muito pouco harmonioso, o presidente alto e aristocrático e o pequeno revolucionário nas suas vestes verde-azeitona e o kaffyeh esvoaçante. Beckwith disse:

— Sei que amanhã vai à recepção em casa do Douglas Cannon depois da cerimônia da assinatura. Eu e o Douglas somos bons amigos.

— Eu e ele também somos amigos. Ele viu a justeza da causa palestina muito antes da maioria dos políticos americanos. Foi preciso uma grande coragem, tendo em conta o fato de ser um senador de Nova York, onde o lobby judeu é tão forte.

— O Douglas sempre defendeu as suas ideias sem se preocupar com as consequências políticas. É isso que o distingue da maioria dos políticos desta maldita cidade. Por favor, dê-lhe os meus afetuosos cumprimentos quando o vir.

— Com certeza.

Trocaram um aperto de mão formal por baixo do Pórtico Norte; depois, Arafat voltou-se e encaminhou-se para a limusina.

— E faça-me outro favor, senhor Arafat.

O palestino deu meia-volta e ergueu uma sobrancelha.

— Qual?

— Tenha cuidado.

— Sempre — disse Arafat.

Depois entrou na parte de trás do carro e foi embora.

BURLINGTON, VERMONT

— O teu nome não é Dominique Bonard e não trabalhas para uma galeria de arte em Londres. Trabalhas para os serviços secretos israelenses. E saímos de Montreal da forma que saímos porque o teu amigo Gabriel Allon me vinha matar. A boca de Jacqueline ficou seca. Teve a sensação de que a garganta se lhe ia fechar. Lembrou-se do que Gabriel lhe dissera em Londres: Dominique Bonard não tem nada a recear deste homem. Se ele pressionar, pressiona tu também. — De que raio é que estás a falar? Não conheço ninguém chamado Gabriel Allon! Pára a porra do carro! Para onde é que pensas que me levas, porra? O que é que te deu?

Ele bateu-lhe no lado da cabeça com a arma: um golpe curto e brutal que lhe fez vir as lágrimas aos olhos instantaneamente. Levantou a mão, apalpou o couro cabeludo, encontrou sangue.

— Filho-da-mãe! Ele ignorou-a.

— O teu nome não é Dominique Bonard e não trabalhas para uma galeria de arte em Londres. Trabalhas para o Ari Shamron. És uma agente israelense. Estás a trabalhar com o Gabriel Allon. Era o Gabriel Allon que vinha a atravessar a rua na nossa direção em Montreal. Vinha matar-me.

Quem me dera que te calasses com esta merda! Não sei do que é que estás a falar! Não conheço ninguém chamado Gabriel e não conheço ninguém chamado Ari Shamron!

Ele bateu-lhe outra vez, um golpe que pareceu vir do nada. Acertou exatamente no mesmo sítio. A dor foi tão intensa que, apesar de todos os seus esforços, começou a chorar.

— Estou a dizer-te a verdade! Outra pancada: mais forte.

— Chamo-me Dominique Bonard! Trabalho para...

Outra pancada: ainda mais forte. Sentia-se a perder os sentidos. — Filho-da-mãe — disse ela a chorar. Carregou com os dedos na ferida. — Para onde é que me estás a levar?

Mais uma vez, ele ignorou-a. Se estava a tentar dar com ela em doida, estava a resultar. Quando ele falou, havia um toque de piedade na sua voz, como se tivesse pena dela. Jacqueline sabia o que é que ele estava

a tentar fazer. Estava a tentar quebrar a resistência que lhe restava, fazê-la acreditar que tinha sido traída e que estava completamente sozinha.

— Foste para Túnis com o Gabriel Allon e passaste por amante dele enquanto ele planeava o assassinato de Abu Jihad.

— Nunca estive em Túnis em toda a minha vida, quanto mais com alguém chamado Gabriel Allon!

Ele levantou a arma para a voltar a agredir, mas desta vez ela viu o golpe a vir e levantou as mãos num gesto de defesa. — Por favor! — gritou.

— Não me tornes a bater!

Ele baixou a arma. Até parecia não ter estômago para aquilo.

— Ele envelheceu desde a última vez que o vi. Acho que tem esse direito, tendo em conta tudo aquilo por que tem passado.

Jacqueline sentiu a vontade de resistir a desmoronar-se. A realidade do que era trabalhar para os serviços secretos atingiu-a. Antes, tinha sido uma aventura, uma coisa que fazia para sentir que era mais do que uma cara e um corpo bonitos. Mas isto era a verdadeira natureza da guerra secreta de Ari Shamron. Era suja e violenta e agora estava apanhada nela. Tinha de pensar numa forma de conseguir controlar a situação. Talvez conseguisse descobrir os planos dele. Talvez conseguisse arranjar maneira de avisar Gabriel e

Shamron. Talvez consiga descobrir uma maneira de sobreviver. — Eles vão vir atrás de ti — disse ela. — Provavelmente, metade da polícia do Canadá e dos Estados Unidos já está à nossa procura neste momento. Nunca irás conseguir chegar a Nova York.

— Na verdade, duvido que haja mais alguém à nossa procura, excepto os teus amigos Gabriel Allon e Shamron. Desconfio que não podem pedir ajuda aos Canadenses, porque, provavelmente, os Canadenses e os Americanos não sabem que eles estão aqui. Se descobrirem agora, isso pode ser muito embaraçoso para o teu serviço.

Meteu a mão no bolso e entregou-lhe um lenço para a cabeça.

— A propósito, nós soubemos que estavas a trabalhar para o Escritório mal entraste na vida do Yusef.

— Como?

— Queres mesmo saber?

— Quero.

— Está bem, mas primeiro tens de me responder a umas perguntas. És mesmo francesa?

Então, pensou ela, ele não sabe tudo,

— Sim, sou francesa — respondeu.

— Também és judia?

— Sim.

— Dominique Bonard é o seu nome verdadeiro?

— Não.

— Qual é seu nome verdadeiro?

Ela pensou: Qual é meu nome verdadeiro? Sou mesmo Jacqueline Delacroix? Não, isso foi apenas um nome que o Marcel Lambert deu a uma moça bonita de Marselha. Se vou morrer, vou morrer com o nome com que nasci.

— Sarah — respondeu ela. — Sarah Halévy.

— Que nome tão bonito. Bem, Sarah Halévy, acho que tem o direito de saber como acabou metida num problema como este.

Olhou para ela para ver sua reação, mas ela devolveu-lhe o olhar com hostilidade gelada.

— A propósito, se quiser pode me tratar por Tariq.

Ele falou durante uma hora sem parar. Era evidente que estava se divertindo.

Afinal de contas, tinha conseguido bater os serviços secretos mais temidos do mundo. Contou-lhe como tinha sabido que levaram Gabriel de volta ao Escritório para caçá-lo. Contou do alerta de segurança que tinham emitido para todos os agentes de campo. Contou como Yusef tinha informado imediatamente ao controlador sobre o contato com uma francesa atraente.

— Dissemos a Yusef para continuar a ver você enquanto verificávamos sua história em Paris. Descobrimos uma falha, uma falha mínima, mas mesmo assim, uma falha. Tiramos sua foto em Londres e comparamos com as fotos de uma mulher que trabalhou com Gabriel Allon em Túnis. Dissemos a Yusef para aprofundar a relação com esta Dominique Bonard. Dissemos para criar uma ligação emocional com ela: um laço de confiança.

Ela pensou nas longas conversas que tiveram. Nas preleções dele sobre o sofrimento do povo palestino. Na confissão sobre as cicatrizes nas

costas e a noite terrível em Shatila. Tinha estado sempre convencida de que estava controlando o jogo, que era ela que enganava e manipulava — quando, na realidade, era Yusef.

— Quando achamos que sua relação tinha progredido, dissemos a Yusef para pedir um favor muito especial: estaria disposta a acompanhar um dignitário palestino em missão secreta importante? Você apresentou argumentos contrários muito convincentes, mas acabou por dizer que sim, claro, porque não é Dominique Bonard, uma secretária numa galeria de arte de Londres, mas Sarah Halévy, agente dos serviços secretos israelenses. Ari Shamron e Gabriel Allon partiram do princípio, e corretamente, de que esse dignitário era eu, visto que tenho o hábito de usar mulheres insuspeitas nas minhas operações. Colocaram você nesta situação extremamente perigosa porque queriam me apanhar. Mas agora vou virar o jogo contra eles. Vou te usar para trazer Allon até mim.

— Deixe-o — disse ela. — Ele já sofreu o suficiente por sua causa.

— Allon sofreu? Gabriel Allon assassinou meu irmão. O sofrimento dele não é nada comparado ao sofrimento que infligiu a minha família.

— Seu irmão era um terrorista! Seu irmão merecia morrer!

— Meu irmão lutava por seu povo. Não merecia ser morto a tiro como um cão, deitado na cama.

— Foi há muito tempo. Agora já acabou. Fique comigo em vez do Gabriel.

— Isso é muito nobre de sua parte, Sarah, mas seu amigo Gabriel não vai perder outra mulher para mim sem lutar. Feche os olhos e descanse. Ainda temos que andar muito esta noite.

Estava quase a amanhecer quando Tariq cruzou velozmente a Whitestone Bridge e entrou em Queens. O trânsito começou a tornar-se mais intenso quando passou pelo Aeroporto La Guardiã. A este, o céu tinha-se tornado cinzento-claro com a aproximação da aurora. Ligou o rádio, ouviu as notícias sobre o trânsito, depois baixou o som e concentrou-se na condução. Minutos depois, o rio East apareceu. Jacqueline conseguia ver os primeiros raios de sol refletidos nos arranha-céus de Manhattan.

Tariq saiu da via rápida e seguiu pelas ruas do Brooklyn. Agora que havia luz, ela conseguia vê-lo claramente pela primeira vez desde a tarde anterior. A noite longa tinha deixado as suas marcas. Estava pálido, os

olhos ensanguentados e cansados. Guiava com a mão direita, a esquerda estava no colo, a apertar a Makarov.

Jacqueline olhou para os letreiros das ruas: Coney Island Avenue. O bairro tinha-se tornado marcadamente médio-oriental e asiático. Mercados paquistaneses coloridos com bancas de fruta espalhavam-se pelos passeios. Restaurantes árabes e libaneses. Companhias do Médio-Oriente. Uma loja de tapetes e azulejos. Uma mesquita, com uma fachada de mármore falso, verde e branco, erguida no exterior de tijolo de um antigo armazém.

Tariq virou para uma calma rua residencial chamada Parkville Avenue e conduziu vagorosamente durante um quarteirão, parando à frente de um edifício quadrado de tijolo com três andares, na esquina da East Eight Street. No rés-do-chão havia uma delicatessen com as janelas e a porta tapadas com pranchas de madeira. Desligou o motor e deu duas buzínadelas curtas. Uma luz cintilou por breves instantes no apartamento do segundo andar.

— Espera que eu dê a volta ao carro — disse ele, calmamente.

— Não abras a porta. Se abrires a porta, mato-te. Quando sairmos do carro, entra imediatamente e sobe as escadas. Se fizeres qualquer barulho, se tentares fugir, mato-te. Estás a compreender?

Ela assentiu com a cabeça. Ele enfiou a Makarov na parte da frente do casaco e saiu do carro, depois deu a volta por trás do carro, abriu a porta e puxou-a pela mão. Fechou a porta e atravessaram rapidamente a rua. A porta do rés-do-chão estava entreaberta. Entraram e atravessaram um pequeno hall cheio de prospectos espalhados pelo chão. O esqueleto de uma bicicleta ferrugenta e sem pneus estava encostada à ombreira descascada da porta.

Tariq subiu as escadas, ainda a agarrar-lhe a mão; a pele estava quente e úmida. A escada cheirava a caril e a terebintina. Uma porta abriu, e uma cara apareceu por breves instantes na escuridão, um homem de barba, com um roupão branco. Olhou para Tariq e voltou a enfiar-se no apartamento, fechando a porta silenciosamente. Chegaram a uma porta marcada 2A. Tariq bateu duas vezes, devagarinho.

Leila abriu a porta e puxou Jacqueline para dentro.

CIDADE DE NOVA YORK

Uma hora depois, Ari Shamron chegou à missão diplomática israelense nas Nações Unidas, no cruzamento da Second Avenue com a 46rd Street. Passou por entre um grupo de manifestantes, a cabeça levemente inclinada, e entrou. Um membro dos serviços de segurança da missão estava à espera dele no hall e acompanhou-o até a sala segura. O primeiro-ministro encontrava-se lá, rodeado por um trio de assessores que pareciam estar nervosos, tamborilando com os dedos no tampo da mesa. Shamron sentou-se e olhou para o chefe do pessoal do primeiro-ministro.

— Dá-me uma cópia da agenda dele e saiam.

Quando os assessores saíram um a um da sala, o primeiro-ministro perguntou:

— O que é que aconteceu em Montreal?

Shamron fez-lhe um relatório pormenorizado. Quando acabou, o primeiro-ministro fechou os olhos e apertou a cana do nariz com os dedos.

— Tirei-te da reforma para restaurares a reputação do Escritório, Ari, não para criares mais outro desastre! Tens algum motivo para pensares que os Canadenses sabiam da nossa presença em Montreal?

— Não, senhor primeiro-ministro.

— Achas que a moça ainda está viva?

É difícil de dizer, mas a situação parece bastante sombria.

As mulheres que se cruzaram com o Tariq no passado não se saíram muito bem. — A imprensa vai ter um dia de festa com isto. Já estou a ver os cabeçalhos: Bela Modelo Francesa Agente Secreta de Israel! Porra, Ari!

— Não há nenhuma maneira de ela poder ser formalmente ligada ao Escritório.

— Alguém vai descobrir a história, Ari. Há sempre alguém que o faz. — Se o fizerem, usaremos os nossos amigos, como o Benjamin Stone, para a desacreditar. Posso garantir-lhe um desmentido total de todos os aspectos desta história.

— Não quero um desmentido! Tu prometeste-me a cabeça do Tariq numa bandeja sem borradas nem impressões digitais! Continuo a querer a

cabeça do Tariq numa bandeja e quero a Jacqueline Delacroix viva.

— Queremos a mesma coisa, senhor primeiro-ministro. Mas neste momento a sua segurança é a nossa primeira prioridade.

Shamron agarrou na agenda e começou a ler.

— Depois da cerimônia nas Nações Unidas, segue para o distrito financeiro para um encontro com investidores, seguindo-se uma aparição na Bolsa de Nova York. A seguir, vai para o Waldorf para um almoço oferecido pelos Amigos do Sião. — Shamron levantou os olhos por um breve instante. — E isto é a primeira parte do dia. Depois do almoço vai a Brooklyn visitar um centro da comunidade judaica e falar sobre o processo de paz. Depois volta a Manhattan para uma série de beberetes e recepções.

Shamron baixou o papel e olhou para o primeiro-ministro.

— Isto é um pesadelo de segurança. Quero que o Allon seja destacado para a sua escolta pessoal durante todo o dia.

— Porquê o Allon?

— Porque ele viu bem o Tariq em Montreal. Se o Tariq andar por aí, o Gabriel identifica-o.

— Diz-lhe para vestir um fato. — Não me parece que ele tenha um. Arranja-lhe um.

Era um apartamento minúsculo: uma sala escassamente mobilada, uma cozinha com um fogão de dois bicos e um lava-louça de porcelana rachada; um quarto com uma cama individual, uma casa de banho que cheirava a umidade. As janelas estavam tapadas com cobertores grossos que não deixavam passar luz nenhuma. Tariq abriu a porta do armário. Lá dentro estava uma mala grande com os lados reforçados. Levou a mala para a sala, pousou-a no chão e abriu-a. Calças pretas de tecido de gabardina, muito bem engomadas e dobradas, casaco de cerimônia branco, camisa branca e um laço. No compartimento com fecho de correr, uma carteira. Tariq abriu-a e estudou o conteúdo: uma carta de condução de Nova York com o nome de Emilio Gonzalez, um cartão Visa, um cartão de um clube vídeo, um conjunto de recibos variados, um cartão de identificação para prender na roupa. Kemel tinha feito bom trabalho.

Tariq olhou para a fotografia. Emilio Gonzalez era um homem que estava a ficar careca e com o cabelo e o bigode grisalhos. As bochechas eram mais cheias do que as de Tariq; nada que umas quantas bolas de

algodão não resolvessem. Tirou a roupa da mala e pendurou-a com todo o cuidado nas costas de uma cadeira. Depois tirou o último artigo da mala — um pequeno estojo de toilette de couro, e foi para a casa de banho.

Colocou o estojo no lavatório e pôs a fotografia de Emilio Gonzalez de pé na prateleira por baixo do espelho. Tariq olhou para o seu reflexo no espelho. Mal reconheceu a sua própria cara: círculos escuros e fundos por baixo dos olhos, faces cavadas, lábios exangues. Parte daquilo era falta de sono — não se conseguia lembrar da última vez em que dormira —, mas a doença era responsável pela maior parte. O tumor estava a persegui-lo: dormência nas extremidades, zumbidos nos ouvidos, dores de cabeça insuportáveis, cansaço. Não tinha muito mais tempo de vida. Havia chegado a este ponto, a este momento na História, com pouco tempo a perder.

Abriu o estojo, tirou uma tesoura e uma navalha e começou a cortar o cabelo. Levou quase uma hora a fazer o trabalho.

A transformação era notável. Com o cabelo prateado, o bigode e as faces mais cheias, estava espantosamente parecido com o homem na fotografia. Mas Tariq sabia que as subtilidades da sua representação eram tão importantes como a parecença. Se se comportasse como Emílio Gonzalez, nenhum guarda da segurança nem nenhum polícia o iria interrogar. Se atuasse como um terrorista numa missão suicida, morreria numa prisão americana.

Foi para a sala, despiu-se e vestiu a farda de criado. Depois voltou para a casa de banho para um último olhar ao espelho. Penteou o cabelo ralo para cima da sua careca recente e sentiu-se vagamente deprimido. Morrer numa terra estranha, com o nome de outro homem e a cara de outro homem. Supunha que era a conclusão lógica para a vida que levava. Agora só havia uma coisa a fazer, garantir que a sua vida não tinha sido desperdiçada numa causa perdida.

Dirigiu-se para o quarto.

Quando entrou, Leila levantou-se, a cara assustada, e ergueu a arma.

— Sou eu — disse ele baixinho em árabe. — Pousa a arma antes que ela dispare e firas alguém.

Leila fez o que ele lhe disse e depois abanou a cabeça maravilhada.

— É espantoso. Nunca te teria reconhecido.

— A ideia é exatamente essa.

— É evidente que desperdiçaste a tua verdadeira vocação. Devias ter sido ator. — Bem, está tudo a postos. Agora, a única coisa de que precisamos é do Gabriel Allon.

Tariq olhou para Jacqueline. Esta estava deitada na cama pequena, com os braços e as pernas abertos, os pulsos e os tornozelos presos com quatro algemas, a boca tapada com adesivo grosso.

— Achei interessante que minutos depois de teres chegado ao quarto do hotel em Montreal tivesses ido ouvir as mensagens telefônicas do teu apartamento em Londres. Quando trabalhava para a OLP, descobrimos que os israelenses tinham a capacidade de apanharem virtualmente todos os telefones do mundo e encaminhá-los diretamente para o seu quartel-general em Telaviv por uma linha 349 segura. Obviamente, foi o que fizeram com o teu telefone em Londres; quando marcaste o número, deves ter informado o quartel-general de que estavas no Hotel Queen Elizabeth em Montreal.

Tariq sentou-se na borda da cama e afastou suavemente o cabelo da cara de Jacqueline. Ela fechou os olhos e tentou afastar-se do seu toque.

— Vou usar esse aparelho mais uma vez para enganar o Ari Shamron e o Gabriel Allon. A Leila não é nada má como atriz. Quando eu estiver pronto a avançar contra o meu alvo, ela vai telefonar para o teu número de Londres e fazer-se passar por ti. Vai dizer ao quartel-general onde eu estou e aquilo que estou prestes a fazer. O quartel-general vai informar o Shamron, e o Shamron vai mandar imediatamente o Gabriel Allon para o local. Como é óbvio, eu saberei que o Allon está a chegar. Por isso, terei uma vantagem importante.

Agarrou na Makarov, enfiou o cano debaixo do queixo dela.

— Se for boa moça, se se portar bem, nós a deixaremos viver. Mal Leila dê esse telefonema, terá de sair daqui. Ela é que vai decidir se Ari Shamron vai encontrar um corpo algemado a esta cama. Está compreendendo?

Jacqueline olhou para ele com uma insolência fria. Ele pressionou o cano da arma contra a carne mole da garganta dela até ela gemer através da mordaça. — Está compreendendo?

Ela assentiu com a cabeça.

Tariq levantou-se, enfiou a Makarov no cós da calça. Depois foi para a sala, vestiu um sobretudo, calçou umas luvas, e saiu.

Uma tarde fria e clara, o Sol a brilhar intensamente. Tariq pôs uns óculos escuros e levantou a gola do sobretudo. Dirigiu-se para a Coney Island Avenue e passou por uma enfiada de lojas até encontrar um merceiro especializado em produtos do Médio-Oriente. Entrou na loja pequena, acompanhado pelo retinir de um sino na porta, e foi imediatamente invadido pelos cheiros do seu país. Café e especiarias, cordeiro assado, mel e tabaco.

Um adolescente estava atrás do balcão. Vestia uma camisola dos Yankees e estava a falar muito depressa, num árabe com pronúncia marroquina, num telefone sem fios.

— Tâmaras — disse Tariq em inglês. — Estou à procura de tâmaras secas.

O rapaz fez uma pausa na conversa. — Na fila de trás à esquerda.

Tariq fez o caminho pelo meio dos corredores estreitos até chegar ao fundo da loja. As tâmaras estavam na prateleira de cima. Quando Tariq se esticou para lhes chegar, sentiu a Makarov a espetar-se no fundo das costas. Tirou as tâmaras e olhou para o rótulo: Tunísia. Perfeito.

Pagou e saiu. Da Coney Island Avenue, seguiu para leste, pelas ruas residenciais mais calmas, passando por pequenos prédios de apartamentos e vivendas de tijolo minúsculas, até chegar à paragem do metropolitano na Newkirk Avenue. Comprou um bilhete e desceu as escadas para o pequeno e exposto cais. Dois minutos depois entrou no trem para Manhattan.

Gabriel estava a começar a acreditar que nunca iria encontrar Tariq. Naquele momento estava a subir velozmente a Park Avenue, no banco da frente de uma pequena van, rodeado pelo resto da escolta do primeiro-ministro. Gabriel vestia um fato cinzento que pedira emprestado a um dos outros seguranças. O casaco era demasiado grande, as calças demasiado curtas. Sentia-se um idiota chapado — uma pessoa que chega a um restaurante sem a roupa adequada e tem de pedir um casaco emprestado. Não interessava; tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

Até ali, o dia correra sem problemas. O primeiro-ministro tinha tomado café com um grupo de poderosos investidores bancários para discutirem as oportunidades de negócio em Israel. Depois fizera uma visita

ao andar da Bolsa de Valores de Nova York. Gabriel tinha estado sempre ao seu lado. Não deixara nada ao acaso. Fixara atentamente todas as caras — os banqueiros, os porteiros, as pessoas na rua — à procura de Tariq. Lembrava-se da cara de Tariq na rue St.-Denis em Montreal: o sorriso trocista enquanto empurrava Jacqueline para dentro do carro e se ia embora.

Perguntou a si próprio se ela ainda estaria viva. Pensou na enfiada de mulheres mortas que Tariq deixara na sua esteira: a americana em Paris, a prostituta em Amsterdam, a moça da loja em Viena.

Pediu um celular emprestado a um dos outros agentes de segurança e ligou para Shamron na missão diplomática. Shamron não ouvira nada. Gabriel cortou a ligação e praguejou baixinho. Estava a começar a perder a esperança. Parecia que Tariq os tinha vencido mais uma vez.

A caravana entrou na garagem do estacionamento do Hotel Waldorf-Astoria. O primeiro-ministro desceu da limusina e apertou umas quantas mãos antes de ser escoltado até o grande salão de baile. Gabriel ia uns passos atrás dele. Quando o primeiro-ministro entrou no salão, um milhar de pessoas levantou-se e começou a aplaudir. O primeiro-ministro avançou para o pódio, resplandecendo na recepção calorosa. Gabriel circulou lentamente pelo salão à procura de Tariq. Tariq saiu do metro na estação da Broadway-Lafayette Street e apanhou o trem número 5. Desembarcou na estação da East 86 Street e foi a pé desde a Lexington Avenue até a Fifth Avenue, apreciando os antigos e magníficos prédios de apartamentos de pedra castanha. Depois percorreu dois quarteirões até a 88th Street. Parou em frente de um prédio virado para o parque. Uma van da Elite Catering estava estacionada em segunda fila na 88th Street; criados de casaco branco transportavam caixas de comida e bebidas pela porta de serviço. Olhou para o relógio. Já não faltava muito. Atravessou a Fifth Avenue, sentou-se num banco ao sol e esperou. Jacqueline fechou os olhos, tentou pensar. Tariq ia utilizar os recursos e a tecnologia do Escritório para atrair Gabriel para uma armadilha. Imaginou-o no seu novo disfarce; mesmo ela mal o reconheceria e tinham estado juntos todos os minutos das últimas dezoito horas. Ia ser difícil, senão mesmo impossível, que Gabriel o visse. Tariq tinha razão: ele ia ter as vantagens todas. Gabriel nunca o veria aproximar-se.

A moça entrou no quarto, uma caneca de chá nas mãos, a arma enfiada na frente dos jeans. Passeou vagorosamente de um lado para o outro, a olhar para Jacqueline, enquanto bebia o chá. Depois sentou-se na borda da cama. — Diz-me uma coisa, Dominique. Fizeste amor com o Tariq enquanto estavam em Montreal?

Jacqueline olhou para a moça, interrogando-se sobre que possível relevância aquela pergunta poderia ter naquele momento. A moça levantou a ponta da blusa de Jacqueline, deixando a barriga nua, e deitou-lhe o chá a esgaldar na pele.

A mordada abafou o grito de Jacqueline. A moça soprou, ternamente, para cima da pele queimada e tapou-a com a blusa de Jacqueline. Até a sensação do algodão leve em cima da pele fazia doer. Fechou os olhos e sentiu lágrimas esgaldantes a escorrem-lhe pelas faces.

Leila disse:

— Vamos experimentar outra vez. Fizeste amor com o Tariq?
Jacqueline abanou a cabeça, com os olhos ainda fechados.

— Que pena para ti — disse ela. — Ouvi dizer que ele é um amante maravilhoso. A moça em Paris contou-me tudo com pormenores muito explícitos. De certa forma, acho que ela teve sorte por o Tariq ter acabado por a matar. Nenhum outro homem iria fazer amor com ela da maneira que ele fez. A vida amorosa dela iria ser uma série de desilusões.

Jacqueline compreendeu que nunca iria pôr um pé fora daquele quarto viva. Leila era uma psicopata que não tencionava deixá-la viver. De fato, provavelmente, até teria prazer com a morte dela. Não, pensou, se ia morrer, iria morrer segundo os seus termos. Morreria a tentar salvar a vida de Gabriel.

Mas como?

Tinha de imaginar uma maneira de fugir. Para fazer isso tinha de convencer Leila a deixá-la sair da cama.

Através da mordada, Jacqueline conseguiu murmurar:

Preciso ir ao banheiro.

— O que disse?

Jacqueline repetiu as palavras com mais veemência.

— Se precisa ir, vai — disse Leila.

— Por favor — disse Jacqueline.

Leila pôs a caneca vazia no chão e tirou a arma do cós da calça.
— Lembre-se, não precisamos de você para nada. Se tentar fugir, dou um tiro nessa seu lindo rosto. Entendeu?

Jacqueline assentiu com a cabeça.

Leila abriu as algemas, começando pelas mãos de Jacqueline e acabando com os pés.

— Levante! — ordenou Leila. — Devagar. E caminhe, devagar, para o banheiro, com as mãos atrás da cabeça.

Jacqueline fez o que lhe mandavam. Entrou no banheiro, voltou-se e ia fechar a porta. Leila pôs a mão na porta e apontou a arma para a cara de Jacqueline.

— O que acha que está fazendo?

— Por favor — disse Jacqueline.

Leila olhou em volta. O banheiro não tinha janelas, não havia outra maneira de sair sem ser pela porta.

— Bata na porta quando acabar, Dominique. Fique lá dentro até eu dizer que pode sair.

Jacqueline baixou a calça e sentou-se no vaso. E agora? Para ter qualquer hipótese de fugir, precisaria de uma arma qualquer. Talvez conseguisse agredi-la com a tampa da sanita. Não, demasiado grande, demasiado pesada. Olhou em volta da casa de banho: um frasco de champô, um sabonete, uma lata de creme de barbear, uma gilete descartável, uma lima de unha.

Uma lima de unha.

Estava na prateleira em cima do lavatório, por baixo do espelho: uma lima de metal, com uma ponta arredondada e a outra afiada. Jacqueline lembrou-se do curso de autodefesa que fizera na Academia. O instrumento mais simples podia ser transformado numa arma letal se o atacante a enfiasse no lugar certo: os olhos, os ouvidos, a garganta. Cuidadosamente, pegou na lima de unhas e agarrou-a na horizontal, fechando a mão de forma a que uns dois centímetros e meio da lâmina saíssem da mão. Mas serei mesmo capa de fazer isso?

Jacqueline pensou no que Tariq iria fazer a Gabriel. Pensou no que Leila lhe iria fazer a si. Levantou a blusa e olhou para a pele queimada do abdômen. Levantou-se e bateu à porta.

— Abre a porta devagar e saia com as mãos atrás da cabeça.

Jacqueline escondeu a lima na palma da mão direita, abriu a porta e pôs as mãos atrás da cabeça. A seguir, saiu para a sala de estar. Leila estava lá, apontando a arma para o peito de Jacqueline. — Volte para o quarto — disse, gesticulando com a arma. Jacqueline voltou-se e foi para o quarto, Leila seguindo-a a um passo de distância, a arma nas mãos esticadas. Jacqueline parou na beira da cama.

Leila disse:

— Deite-se e prenda a algema no pulso direito.

Jacqueline hesitou.

Leila gritou: — Faça isso!

Jacqueline rodopiou. Ao virar-se, usou o polegar para pôr a lâmina da lima de fora. Leila foi apanhada completamente desprevenida. Em vez de disparar, levantou as mãos por instinto. Jacqueline fazia pontaria no canal auditivo, mas Leila mexeu-se o suficiente para que a ponta da lima rasgasse a pele da maçã do rosto.

Era uma ferida profunda e o sangue começou a esguichar de imediato. Leila gritou de dor, a arma caiu de suas mãos.

Jacqueline resistiu ao impulso natural de tentar pegar a arma e obrigou-se a esfaquear a moça outra vez. Puxou o braço para trás e jogou-o num arco amplo. Desta vez, a lâmina atingiu Leila de lado, no pescoço.

Sangue quente jorrou na mão de Jacqueline.

Largou a lima. Estava espetada no pescoço de Leila. Ela olhou para Jacqueline, em seu olhar uma mistura peculiar de dor, pavor e completa surpresa, as mãos agarrando o objeto de metal no pescoço.

Jacqueline abaixou-se e pegou a arma caída.

Leila arrancou a lima do pescoço e lançou-se contra Jacqueline, com uma raiva assassina nos olhos.

Jacqueline levantou a arma e disparou, acertando-a no coração.

NOVA YORK

Tariq levantou-se e atravessou a Fifth Avenue. Foi até a entrada de serviço do prédio de apartamentos e pegou numa caixa de champanhe que estava mesmo na entrada. Um homem com um avental e cabelo preto muito oleoso olhou para cima.

— Que raio é que pensas que estás a fazer?

Tariq encolheu os ombros, continuando a segurar a caixa de champanhe. — O meu nome é Emílio Gonzalez.

— E? . . ;

— Disseram-me para vir até aqui. Trabalho para a Elite Catering. '

— Então, como é que não te conheço?

— Este é o meu primeiro trabalho para eles. Recebi uma chamada esta manhã. O tipo disse-me para me pôr a mexer para aqui imediatamente; festa grande, precisava de ajuda extra. Por isso aqui estou.

— Bom, uma festa grande e dava-me jeito um par de mãos extra. Uma pessoa importante também. Uma data de segurança dos diabos lá em cima.

— Então?

— Então, do que é que estás à espera, porra? Leva isso para cima e põe-te depressa cá em baixo.

Sim, senhor.

No pequeno apartamento, o tiro soou como um disparo de canhão. Com certeza que alguém o ouvira. Jacqueline tinha de sair dali depressa. Mas devia fazer uma coisa primeiro. Tinha de avisar Gabriel do plano de Tariq.

Passou por cima do corpo de Leila, agarrou no receptor e marcou o número de Londres. Quando ouviu a gravação da sua própria voz, marcou mais três números. Deu-se uma série de cliques, seguida de um zumbido, depois a voz de uma mulher nova.

— Sim.

— Preciso de Ari Shamron, prioridade um. É uma emergência.

- Palavra-chave?
- Jericó. Por favor, rápido!
- Aguarde, por favor.

A calma na voz da mulher era exasperante. Deu-se uma outra série de cliques e zumbidos, mas desta vez era a voz de Shamron na linha.

— Jacqueline? És mesmo tu? Onde é que estás? — Não tenho certeza. Algures em Brooklyn.

— Espera. Vou pedir a tua endereço exata à sede.

— Não me deixes sozinha!

— Não deixo. Estou mesmo aqui. Ela começou a chorar.

— O que é que aconteceu?

— O Tariq anda algures por aí! Está disfarçado de empregado. Está com um aspecto totalmente diferente de Montreal. Vai utilizar a linha segura para atrair o Gabriel para uma armadilha, mas matei a Leila com uma lima para as unhas e a arma dela.

Apercebeu-se de que provavelmente soava como uma histérica.

— A moça está aí agora?

— Sim, mesmo ao meu lado, no chão. Oh, Ari, é horrível.

— Tens de sair daí. Diz-me só uma coisa: sabes para onde é que o Tariq vai?

— Não.

Foi então que ouviu passos pesados na escadaria.

Merda!

Sussurrou: — Vem aí alguém!

— Sai daí!

— Só há uma saída.

Ouviu baterem à porta: duas pancadas decididas que pareciam ter abanado o apartamento inteiro.

— Ari, não sei o que fazer.

— Não faça barulho e espera.

Mais três pancadas, ainda mais fortes. Mais nenhum passo. Quem quer que estivesse ali fora, ainda não se tinha ido embora.

Não estava preparada para o som seguinte: um baque violento, seguido do ranger de madeira a lascar. O barulho foi tão forte que Jacqueline esperou ver várias pessoas a entrar pela sala dentro, mas era

apenas um homem — o homem que tinha aparecido na entrada naquela manhã, quando Tariq a trouxera ao prédio.

Segurava um bastão de baseball nos punhos cerrados.

Jacqueline deixou cair o receptor. O homem olhou para o corpo de Leila, a seguir para Jacqueline. Depois levantou o bastão e começou a correr na sua direção. Jacqueline apontou a arma e disparou dois tiros. O primeiro atingiu-o bem no alto do ombro, fazendo-o rodopiar. O segundo rasgou-lhe o centro das costas, cortando sua medula espinhal. Avançou e disparou mais dois tiros. A sala estava cheia da fumaça da pistola e do cheiro da pólvora, as paredes e o chão salpicados de sangue. Jacqueline ajoelhou-se e pegou o telefone.

— Ari?

— Graças a Deus. Ouça bem, Jacqueline. Tem que sair daí já.

— Não me diga, Ari! Para onde vou?

— Ao que parece, está na esquina da Parkville Avenue com East 8th Street, no Brooklyn.

— Isso não me diz nada.

— Saia do prédio e vai até a Parkville Avenue. Vira à esquerda em Parkville e vai até Coney Island Avenue. Em Coney Island Avenue, vira à direita. Não atravesse Coney Island. Fica desse lado da rua. Continua a andar. Alguém vai te buscar.

— Quem?

— Faz mas é o que digo e sai já daí! A linha ficou muda.

Deixou cair o receptor no chão e pegou no casaco, que estava caído no chão junto à cama. Vestiu o casaco, enfiou a arma no bolso da frente e saiu depressa. Seguiu as instruções de Shamron e, um momento depois, estava a passar em frente das fachadas das lojas de Coney Island Avenue.

A um quilômetro e meio de distância, no auditório de um centro da comunidade judaica em Ocean Avenue, Gabriel estava parado a poucos metros do primeiro-ministro, enquanto este lia a história de Masada a um grupo de crianças da escola. Um outro membro do serviço de segurança do primeiro-ministro bateu ao de leve no ombro de Gabriel e sussurrou:

— Tens uma chamada. Parece urgente.

Gabriel entrou no hall. Um outro guarda-costas entregou-lhe um celular.

— Sim?

Shamron disse:

— Ela está viva.

— O quê? Onde é que ela está?

— A caminho daí, em Coney Island Avenue. Está no lado oeste da rua. Está sozinha. Vai buscá-la. Deixo que ela conte o resto.

Gabriel cortou a ligação e olhou para cima.

— Preciso de um carro! Já!

Dois minutos mais tarde, Gabriel avançava a toda velocidade para o norte, ao longo da Coney Island Avenue, os olhos a sondar os peões nos passeios, à procura de algum sinal de Jacqueline. Shamron dissera que estaria do lado oeste da rua, mas Gabriel olhou para ambos os lados, não fosse o caso de ela ter ficado confundida ou assustada por outra coisa qualquer. Leu as tabuletas das ruas que passavam: Avenue L, Avenue K, Avenue J...

Porra! Onde diabos está ela?

Descobriu-a na interseção da Coney Island com a Avenue H. O cabelo estava desgrenhado, a cara inchada. Tinha a expressão de uma presa. Ainda assim, estava serena e tranquila. Gabriel conseguia ver-lhe os olhos a perscrutar, para trás e para a frente.

Fez depressa uma inversão de marcha, encostou à berma do passeio e esticou-se pelo banco da frente para abrir a porta do lado do passageiro. Por reflexo, ela afastou-se uns passos para trás e enfiou a mão no bolso. Depois viu quem era e a serenidade desfez-se.

— Gabriel — murmurou. — Graças a Deus.

— Entra — disse ele, calmamente. Gabriel enfiou-se no trânsito, acelerando rapidamente.

Após uns quantos quarteirões, ela disse:

— Encosta.

Gabriel virou numa rua lateral e estacionou, o motor a trabalhar.

— Estás bem, Jacqueline? O que é que aconteceu? Conta-me tudo.

Começou a chorar, primeiro suavemente; depois, todo o corpo começou a agitar-se com soluços violentos. Gabriel puxou-a para si e apertou-a bem.

— Acabou — disse ele, suavemente. — Acabou tudo.

— Por favor, nunca mais me deixes, Gabriel. Fica comigo, Gabriel. Por favor, fica comigo.

NOVA YORK

Tariq circulou pelas magníficas salas com vista para o Central Park, enquanto os convidados lhe depositavam despreocupadamente coisas na bandeja oval: copos vazios, pratos com restos de comida, guardanapos amarrotados, beatas. Olhou de relance para o relógio. Leila já teria feito a chamada por esta altura. Allon estava provavelmente a caminho. Terminaria em breve.

Atravessou a biblioteca. Um par de portas envidraçadas dava para a varanda. Apesar do frio, uma mão-cheia de convidados estava lá fora a apreciar a vista. Quando Tariq entrou na varanda, o apito de sirenes longínquas encheu o ar. Andou até a balaustrada e olhou para a Fifth Avenue: uma caravana, acompanhada de escolta policial e batedores.

O convidado de honra estava prestes a chegar.

Mas onde diabos está Allon?

— Desculpe? Olá?

Tariq olhou para cima. Uma mulher com casaco de peles estava a acenar-lhe. Tinha ficado tão absorvido pela visão da caravana a aproximar-se que se esquecera que estava a passar por empregado.

A mulher ergueu um copo meio vazio de vinho tinto.

— Pode levar isto, por favor?

— Com certeza, minha senhora.

Tariq atravessou a varanda e parou ao lado da mulher, que agora estava a falar com um amigo. Sem olhar, esticou-se e tentou co— locar o copo na bandeja de Tariq, mas o copo baloiçou na pequena base e caiu, salpicando vinho tinto por cima do casaco branco de Tariq.

— Oh, céus — disse a mulher. — Peço imensa desculpa. Depois voltou-se como se nada se tivesse passado e retomou a conversa.

Tariq levou a bandeja de volta para a cozinha.

— Que merda que aconteceu?

Era o homem do avental e do cabelo preto oleoso: Rodney, o chefe.
— Uma mulher entornou-me vinho em cima.

Tariq colocou a bandeja cheia no balcão ao lado do lava-louça. Exatamente nessa altura, ouviu uma salva de palmas ressoar pelo apartamento. O convidado de honra tinha entrado na sala. Tariq pegou numa bandeja vazia e começou a sair da cozinha. Rodney perguntou:

— Onde é que pensas que vais?
— Outra vez lá para fora, para fazer o meu trabalho.
— Com um aspecto desses é que não vais. Estás encarregue da cozinha agora.

Vai para ali e ajuda com a louça.

— Posso limpar o casaco.
— É vinho tinto, amigo. O casaco está estragado.
— Mas...
— Vai mas é para ali e começa a tratar daquela louça.

Douglas Cannon disse:

— Presidente Arafat, é tão bom voltar a vê-lo. Arafat sorriu.
— Digo o mesmo, Senador. Ou devo dizer Embaixador Cannon agora?

— Douglas serve perfeitamente.

Cannon pegou na mão pequena de Arafat com as suas patas de urso e apertou-a vigorosamente. Cannon era um homem alto, com ombros largos e uma juba grisalha e desgrenhada. A cintura tinha engrossado com a idade, mas a pança estava bem escondida por um impecável blazer azul feito por medida. A revista *The New Yorker* chamara-o, em tempos, um Péricles dos tempos modernos — um erudito e filantropo brilhante que subiu do mundo da vida académica até se tornar num dos mais poderosos democratas do Senado. Dois anos antes, tinha sido chamado a voltar da reforma para servir como embaixador americano na corte de St. James's em Londres. No entanto, o seu período como embaixador fora interrompido quando ficou gravemente ferido num ataque terrorista. Agora não dava quaisquer sinais disso, enquanto pegava na mão de Arafat e o impelia para a festa. — Fiquei tão desolado com o atentado à sua vida, Douglas. É bom vê-lo de novo tão em forma. Recebeu as flores que a Suhla e eu lhe enviamos?

— Sim, sem dúvida. Eram as mais bonitas no quarto do hospital. Muito obrigado. Mas chega de falarmos de mim. Venha, por aqui. Há aqui uma série de pessoas interessadas em conhecê-lo.

— Não duvido — disse Arafat, a sorrir. — Indique o caminho.

Gabriel acelerou pela Brooklyn Bridge em direção a Manhattan. Jacqueline tinha-se recomposto e estava a fazer-lhe um relato minucioso das últimas quarenta e oito horas, a começar pela noite no apartamento de habitação social perto de Heathrow, terminando com a sequência horrenda dos acontecimentos em Brooklyn. Gabriel obrigou-se a ouvir desapaixonadamente, a pôr momentaneamente de lado a raiva em relação ao que Tariq lhe tinha feito, a fim de poder procurar pistas para as intenções dele.

Um pormenor chamou-lhe a atenção. Porque sentiu Tariq necessidade de trazer Gabriel até si, pondo Leila a fazer-se passar por Jacqueline através da ligação telefônica segura?

A resposta era, decerto, bastante simples: porque não acreditava que Gabriel fosse estar no local onde pretendia atacar. Mas porque não? Se tinha vindo a Nova York para assassinar o primeiro-ministro de Israel, o grande fazedor da paz, então iria certamente partir do princípio de que Gabriel estaria ao lado do primeiro-ministro. Afinal de contas, Gabriel tinha acabado de ver Tariq em Montreal.

Gabriel pensou no quadro de Van Dyck: uma cena religiosa à superfície, uma mulher bastante feia por baixo. Um quadro, duas realidades. Toda a operação havia sido como aquele quadro, e Tariq tinha-o batido a cada passo.

Porra, Gabriel. Não tenha medo de confiar nos teus instintos!

Pegou no celular e marcou o número de Shamron na missão diplomática. Quando Shamron apareceu na linha, Gabriel perguntou laconicamente: — Onde é que está o Arafat?

Escutou por um momento e depois disse:

— Merda! Acho que o Tariq está disfarçado de empregado. Diz ao pessoal de Arafat que estou indo para aí.

Cortou a ligação e olhou para Jacqueline.

— Ainda tens a arma da moça?

Ela acenou com a cabeça.

— Ainda tem alguma coisa?

Jacqueline abriu o carregador e contou as balas que sobravam.

— Cinco — respondeu.

Gabriel virou para o norte, em direção à FDR Drive, e pisou fundo no acelerador.

Tariq foi até a entrada da cozinha e espreitou pelo corredor para a festa. Lâmpadas de flash disparavam enquanto os convidados posavam para fotografias com Arafat. Tariq abanou a cabeça. Há dez anos atrás, estas mesmas pessoas tinham descartado Arafat como sendo um terrorista impiedoso. Agora estavam a tratá-lo como uma estrela de rock de kaffyeh.

Tariq procurou Allon pela sala. Alguma coisa devia ter corrido mal. Talvez Leila não tivesse conseguido estabelecer urna ligação telefônica. Talvez Allon estivesse a fazer um jogo qualquer. Qualquer que fosse o caso, Tariq sabia que não podia esperar muito para agir. Conhecia Arafat melhor do que ninguém. O velho era dado a alterações de planos à última da hora. Fora assim que tinha sobrevivido todos estes anos. Podia abandonar a festa a qualquer momento e Tariq iria perder a oportunidade de o matar.

Tinha querido matá-los aos dois ao mesmo tempo — Allon e Arafat, um último ato de vingança —, mas parecia que isso não aconteceria. Quando matasse Arafat, os guarda-costas lhe cairiam em cima. Resistiria e não lhes deixaria alternativa senão matá-lo. Qualquer coisa é melhor do que deixar o tumor me matar. Allon perderia tudo aquilo e, por isso, sua vida seria poupada. Arafat, o covarde traidor, não iria ter tanta sorte. Rodney bateu ao de leve no ombro de Tariq.

— Começa a lavar a louça, meu amigo, ou esta vai ser a última festa em que vais trabalhar.

Rodney afastou-se. Tariq foi até a despensa e acendeu a luz. Esticou-se até a prateleira de cima e tirou o saco de tâmaras tunisinas que tinha aí escondido uma hora antes. Levou as tâmaras para a cozinha e dispô-las numa travessa de porcelana branca. A seguir, começou a abrir caminho pela multidão. Arafat estava parado no centro da sala de visitas principal, rodeado por meia dúzia de assessores e homens da segurança e uma multidão a desejar-lhe felicidades. O embaixador Cannon estava ao seu lado. Tariq avançou, a coronha da Makarov a fazer-lhe força na carne do abdômen. Arafat estava agora a três metros de distância, mas havia cinco pessoas entre ele e Tariq, incluindo um guarda-costas. Arafat era tão pequeno que Tariq mal o conseguia ver através da multidão — só o preto e branco do kaffyeh xadrez. Se sacasse agora a Makarov com certeza um dos

guarda-costas perceberia e abriria fogo. Tariq tinha de se aproximar mais, antes de sacar da arma e fazer desenrolar o estratagema das tâmaras.

Mas agora Tariq tinha outro problema. A multidão à volta de Arafat estava tão apertada que não se conseguia aproximar mais. Parado exatamente à sua frente estava um homem alto com um fato cinzento-escuro. Quando Tariq lhe bateu ao de leve no ombro, o homem voltou-se por breves instantes e, ao reparar na travessa e no casaco branco de Tariq, disse:

— Não, obrigado.

— São para o Presidente Arafat — disse Tariq, e o homem afastou-se com relutância.

A seguir, Tariq viu-se confrontado com uma mulher. Uma vez mais, bateu ao de leve no ombro da mulher, esperou que se afastasse, e aproximou-se mais um metro do alvo. Mas agora estava ao lado de um dos assessores de Arafat. Estava prestes a bater ao de leve no ombro do homem quando ouviu um celular a chilrear. O assessor enfiou a mão no bolso do peito do casaco e levou rapidamente o telefone ao ouvido. Ouviu atentamente por um momento, depois enfiou o celular no bolso, inclinou-se para a frente e sussurrou ao ouvido de Arafat. Arafat voltou-se depois para Cannon e disse:

— Receio que tenha um assunto urgente para tratar.

Tariq pensou: Porra, mas o homem tem a sorte do Diabo! Arafat disse:

— Preciso ter uma conversa ao telefone em particular.

— Penso que vai achar o meu escritório de seu agrado. Por favor, venha já por aqui.

Arafat desembaraçou-se da multidão e, juntamente com Cannon e o grupo de assessores, deslocou-se por um corredor, em direção aos fundos do apartamento. Um momento depois, desapareceram para dentro de uma sala. Um dos guarda-costas de Arafat assumiu imediatamente um posto em frente à porta. Cannon e os assessores apareceram passado um momento e voltaram a juntar-se à festa.

Tariq sabia que tinha de atacar agora ou iria perder a oportunidade. Cortou caminho pela sala de estar apinhada e atravessou o corredor, parando à frente do guarda-costas. Tariq conseguiu perceber que era um membro da unidade de segurança privada de Arafat, um homem

que saberia não haver nada de que o líder palestino gostasse mais do que de uma boa tâmara tunisina.

— Um dos assessores do Sr. Arafat pediu-me para lhe trazer isto.

O guarda olhou para a travessa de tâmaras, depois para Tariq.

Tariq pensou: Podemos fazer isto de uma de duas maneiras. Podes deixar-me passar tranquilamente ou posso sacar da arma e dar-te um tiro na cara e a seguir entrar. O guarda roubou uma das tâmaras e enfiou-a na boca. A seguir, abriu a porta e disse:

— Deixe a travessa e volte a sair imediatamente. Tariq acenou com a cabeça e entrou no escritório.

Gabriel estacionou a minivan em segunda fila na 88th Street. Saiu, ignorando os gritos de um polícia de giro, e correu para a entrada do prédio na Fifth Avenue, Jacqueline umas passadas atrás. Quando entraram no hall, três pessoas esperavam-nos: um membro da unidade de segurança privada de Arafat, um agente americano do Serviço de Segurança Diplomático e um polícia de Nova York.

Um porteiro estava a segurar um dos elevadores. Carregou no botão para o décimo sétimo andar no momento em que se amontoaram na cabina.

O agente do SSD disse:

— Espero bem que tenha razão em relação a isto, meu amigo.

Gabriel tirou a Beretta para fora, enfiou a primeira munição na câmara e voltou a enfiá-la debaixo do casaco. O porteiro exclamou:

— Jesus Cristo!

Era um escritório pequeno: uma secretária antiga cinzelada com incrustações de couro, embutidos no teto alto, decorado com frisos, estantes repletas de volumes de história e biografias, uma fogueira de lenha a crepitar lentamente numa lareira de mármore. Arafat estava ao telefone, a ouvir atentamente. Depois murmurou umas quantas palavras em árabe, pousou o receptor e olhou para Tariq. Quando viu a travessa de tâmaras, a cara irrompeu num sorriso caloroso e infantil. Tariq disse em árabe:

— Que a paz esteja consigo, Presidente Arafat. Um dos seus assessores pediu-me para lhe trazer isto. — Tâmaras! Que maravilha.

Tirou uma, examinou-a brevemente e trincou-a. — Esta tâmara é da Tunísia, tenho certeza.

Creio que tem razão, Presidente Arafat. — Falas árabe com um sotaque palestino.

— Isso é porque sou da Palestina. — De que parte da Palestina?

— A minha família vivia na Alta Galileia antes de al-Nakba. Cresci nos campos de refugiados do Líbano.

Tariq pousou a travessa das tâmaras em cima da mesa e desabotoou o casaco para poder chegar à Makarov. Arafat inclinou ligeiramente a cabeça e tocou no lábio inferior.

— Não estás bem, meu irmão?

— Só estou um pouco cansado. Tenho andado a trabalhar muito ultimamente. — Sei qual é o aspecto do cansaço, meu irmão. Vi o que a falta de sono me fez ao longo dos anos. Vi o que fez aos homens à minha volta. Mas não sofres só de cansaço. Estás doente, meu irmão. Consigo percebê-lo. Tenho um instinto muito poderoso para estas coisas.

— Tem razão, Presidente Arafat. Não me tenho sentido bem nestes últimos tempos. — Qual é a natureza da tua doença, meu irmão?

— Por favor, Presidente Arafat, o senhor está demasiado ocupado, e é demasiado importante, para se preocupar com os problemas de um homem comum como eu. — É aí que te enganas, meu irmão. Sempre pensei em mim como o pai de todo o povo palestino. Quando alguém do meu povo sofre, eu sofro.

— A sua preocupação tem enorme importância para mim, Presidente Arafat.

— É um tumor, não é, meu irmão? Sofres de algum tipo de cancro?

Tariq não disse nada. Arafat alterou abruptamente o rumo da conversa. — Diz-me uma coisa, meu amigo. Qual dos meus assessores te pediu para me trazeres essas tâmaras?

Tariq pensou: Então, os instintos de sobrevivência dele continuam tão fortes como sempre. Pensou numa noite em Túnis há muito tempo atrás. Uma reunião interminável, uma sessão tipicamente de Arafat, a começar à meia-noite e a prolongar-se até de madrugada. A certa altura, chegara uma encomenda, dirigida ao próprio Arafat, de um diplomata iraquiano em Ama. Ficara pousada na sua secretária durante algum tempo, por abrir, até que, finalmente, Arafat se levantou e disse: "Está uma bomba nessa encomenda, Tariq! Consigo cheirá-la! Livra-te dela!"

Tariq afastara a encomenda e entregara-a a um engenheiro da Fatah para a examinar. O velho tivera razão. Os israelenses tinham conseguido colocar uma bomba numa reunião de funcionários superiores da OLP. Se Arafat tivesse aberto a encomenda, toda a chefia de topo teria sido liquidada.

Tariq disse:

— Não me disse o nome. Disse-me apenas para trazer as tâmaras. Arafat esticou-se e tirou mais uma tâmara da travessa de Tariq.

— É estranho, mas parece-me muito familiar. Já nos encontramos antes?

— Infelizmente, não.

— Tem certeza disso? É que nunca esqueço uma cara.

— Tenho certeza, Presidente Arafat.

— Lembra-me um antigo camarada; um homem que serviu ao meu lado durante os bons tempos e os maus.

— Receio ser apenas um trabalhador.

— Devo a minha vida a esse homem. Protegeu-me dos meus inimigos. Salvou-me a vida mais vezes do que me apetece recordar.

Arafat levantou a cara em direção ao teto e fechou os olhos por um momento. — Lembro-me de uma noite em particular. Tinha sido chamado a Damasco para uma reunião com o irmão do presidente Assad. Este meu amigo implorou-me para não ir. Foi nos velhos tempos, quando o Assad e a sua polícia secreta me queriam morto. A reunião correu bem, mas quando estávamos prestes a embarcar na caravana para a viagem de regresso a Beirute, este amigo meu diz-me que não é seguro. Estás a ver, tinha sido informado de que os Sírios pretendiam fazer uma emboscada à caravana e assassinar-me. Enviamos a caravana como isco e esse homem conseguiu esconder-me em Damasco, mesmo debaixo do nariz dos Sírios. Mais tarde, nessa noite, recebemos notícias de que forças especiais sírias tinham atacado a caravana à saída de Damasco e que vários dos meus homens tinham sido mortos. Foi uma noite muito triste, mas continuava vivo, graças a esse homem.

— Uma história muito interessante, Presidente Arafat.

— Permites-me o prazer de contar mais uma?

— Provavelmente devia ir-me embora — respondeu Tariq, à procura da Makarov.

— Por favor, não vai demorar muito. Tariq hesitou e disse:
— É claro, Presidente Arafat. Adoraria ouvir a história. '
— Senta-te, meu amigo. Deves estar cansado.
— Não seria apropriado.
— Como queiras — respondeu Arafat. — Foi durante o cerco a Beirute. Os israelenses estavam a tentar eliminar a OLP de uma vez por todas. Também me queriam morto. Onde quer que fosse, caíam bombas e foguetes israelenses. Era como se soubessem sempre onde eu estava. Então esse meu amigo começa a investigar. Descobre que os serviços secretos israelenses tinham recrutado vários espões entre o meu pessoal. Descobre que os israelenses deram aos espões sinalizadores de rádio, para saberem onde estou sempre. Prende os espões e convence-os a confessar os crimes. Quer enviar uma mensagem a outros potenciais espões de que este tipo de traição não será tolerada. Pede-me que assine sentenças de morte para os espões poderem ser executados.

— E fê-lo?
— Não o fiz. Disse a esse homem que, se executasse os traidores, estaria a fazer dos irmãos e primos inimigos. Disse a esse homem que seriam castigados de uma maneira diferente: seriam excluídos da revolução. Banidos. Exilados. Para mim, isto seria um castigo pior do que a morte. Mas disse-lhe uma outra coisa. Disse-lhe que, independentemente da gravidade dos seus crimes, nós, os palestinos, não nos podemos andar a matar uns aos outros. Tal como as coisas são, já temos demasiados inimigos.

E como é que esse homem reagiu?
— Zangou-se comigo. Disse-me que era um idiota. Era o único dos meus funcionários superiores que tinha a coragem de me falar dessa maneira. Tinha o coração de um leão, esse homem. Arafat parou e depois disse.

— Já não o vejo há muitos anos. Ouvi dizer que está muito doente. Ouvi dizer que já não tem muito tempo de vida.

— Lamento ouvir isso.
— Quando tivermos o nosso próprio Estado, vou recompensá-lo por todas as grandes coisas que fez pelo movimento. Quando tivermos o nosso próprio Estado, e as nossas próprias escolas, as crianças da Palestina vão aprender sobre os seus feitos heroicos. Nas aldeias, vão contar

histórias acerca deste homem à volta das fogueiras, à noite. Vai ser um grande herói do povo palestino. Arafat baixou a voz.

— Mas não se agora fizer alguma coisa parva. Então vai ser recordado apenas como mais um fanático.

Arafat olhou fixamente para os olhos de Tariq e disse calmamente:

— Se tens de fazer esta coisa, meu irmão, então fá-la e despachate. Se não tens estômago para isso, então sugiro que te vás embora daqui, e rápido, e encontres alguma maneira de acabares a tua vida com dignidade. Arafat levantou ligeiramente o queixo. Tariq olhou para baixo, sorriu ligeiramente e abotoou o casaco devagar.

— Creio que me confundi com outro homem. Que a paz esteja consigo, meu irmão. Tariq voltou-se e abandonou o escritório. Arafat olhou para o guarda-costas e disse:

— Entra para aqui e fecha a porta, meu idiota.

A seguir, soltou um longo suspiro e tentou acalmar as mãos que tremiam. Entraram no apartamento, Gabriel e Jacqueline lado a lado, rodeados pelo grupo dos homens da segurança. O aparecimento repentino de cinco pessoas muito agitadas trouxe uma onda de sobressalto pelos convidados, e a festa ficou imediatamente em silêncio. Gabriel tinha a mão dentro do casaco, os dedos à volta da coronha da Beretta. Olhou rapidamente à volta da sala; havia no mínimo uma meia dúzia de empregados de casaco branco a circular pela multidão. Olhou para Jacqueline. Ela abanou a cabeça.

Douglas Cannon juntou-se ao grupo enquanto passavam do hall da entrada para a grande sala de estar com vista para a Fifth Avenue e para o parque. Três empregados estavam a circular pelos convidados, a distribuir aperitivos e copos de champanhe. Dois dos empregados eram mulheres. Jacqueline olhou para o homem. — Não é ele.

Nesse momento, reparou num homem de casaco branco a desaparecer para dentro da cozinha. Vira-o apenas por um instante, mas tinha a certeza.

— Gabriel! Ele está ali! Gabriel olhou para Cannon.

— Onde é que está o Arafat?

— No meu escritório a usar o telefone. '

— Onde é o escritório? — No fim daquele corredor!

Gabriel abriu caminho pelos convidados e correu pelo corredor. Quando irrompeu pela porta, viu-se confrontado por um guarda-costas a apontar-lhe uma pistola diretamente ao peito. Arafat estava sentado calmamente à secretária. — Receio que ele já tenha vindo e ido — disse Arafat. — Ainda estou aqui, no entanto, mas não graças a vocês.

Gabriel voltou-se e saiu do escritório a correr.

Tariq atravessou a cozinha depressa. Havia uma porta dos fundos, que dava para umas escadas de serviço. Saiu pela porta e fechou-a depressa. Estavam várias caixas de champanhe no patamar. Empurrou as caixas contra a porta. Não eram bastante pesadas para a bloquear por completo, apenas suficientemente pesadas para atrasar quem quer que estivesse a tentar passar, o que era a sua intenção. Desceu até o patamar seguinte, sacou da Makarov e esperou.

Gabriel irrompeu pela cozinha, a Beretta em punho, no momento em que a porta dos fundos se estava a fechar. Fez um sprint pela cozinha e tentou abri-la. A maçaneta rodou, mas a porta em si não se mexeu.

Jacqueline entrou na cozinha correndo.

Gabriel deu um passo atrás e a seguir atirou o ombro contra a porta. Abriu uns quantos centímetros e, do outro lado, conseguiu ouvir um baque forte, seguido do som de vidro a estilhaçar-se.

Voltou a empurrar a porta. Desta vez deu de si, embora ainda houvesse alguma resistência.

Empurrou de novo, e a porta abriu por completo. Gabriel entrou no patamar e olhou para baixo.

Tariq estava parado no patamar de baixo, os pés afastados, a Makarov nas mãos esticadas.

Gabriel viu os clarões do cano da pistola na luz fraca e sentiu a primeira bala a rasgar-lhe o peito. Pensou como era apropriado que terminasse assim. Tinha morto o seu primeiro homem na escadaria de um prédio de apartamentos e agora ia morrer da mesma maneira. Havia uma qualidade circular nisso, como um bom trecho de música. Pôs-se a pensar se Tariq o tinha planejado deste modo, desde o início.

Conseguia ouvir Tariq a correr pelas escadas abaixo. Depois viu o rosto de Jacqueline a inclinar-se sobre si — o rosto lindo de Jacqueline. Em seguida, o rosto dela transformou-se em água, apenas para ser substituído pelo rosto da mulher do Van Dyck perdido. E depois desmaiou.

Enquanto Gabriel perdia os sentidos, Jacqueline gritava:

— Chamem uma ambulância!

A seguir, levantou-se e começou a correr escada abaixo. Acima ouviu um dos homens da segurança gritar:

— Alto!

Ignorou-o.

Conseguia ouvir o bater dos pés de Tariq ecoando nos degraus acima, em seu encalço. Enfiou a mão no bolso e tirou a arma que tinha trazido do apartamento no Brooklyn. Pensou: Já fi isso duas vezes hoje. Posso fazer outra vez.

Correu. As escadas pareciam não ter fim. Tentou lembrar-se em que andar era o apartamento. Dezesete — sim, era isso; tinha certeza. Passou por uma porta que dizia oitavo andar.

Pensou: Continue, Jacqueline. Não desacelere. Ele está doente. Está morrendo. Você pode apanhá-lo. Mexa-se!

Pensou em Gabriel, sua vida se esvaindo no patamar acima dela. Obrigou-se a correr ainda mais depressa. Lançou-se pelas escadas tão depressa que os pés sentiram dificuldades em permanecer debaixo do corpo. Imaginou que, alcançando Tariq e matando-o, talvez salvasse a vida a Gabriel.

Pensou no dia em que Gabriel a tinha vindo buscar, lembrou-se do passeio de bicicleta que tinha dado pelas encostas à volta de Valbonne, o fogo nas coxas quando se obrigara a estabelecer um novo recorde.

Faz isso outra vez!

Chegou ao fundo da escadaria. Havia uma porta de incêndio de metal e estava a fechar-se devagar.

Tariq estava mesmo à frente dela!

Escancarou a porta e atravessou-a num sprint. À sua frente, estendia-se um corredor com cerca de quinze metros, com outra porta na outra extremidade. A meio do corredor, estava Tariq.

Estava claramente exausto. O ritmo estava a começar a diminuir, as passadas curtas e descoordenadas. Voltou-se e olhou por cima do ombro, a cara uma máscara de dor devido à corrida pelas escadas abaixo. Jacqueline ergueu a arma e disparou dois tiros em rápida sucessão. O primeiro pareceu passar-lhe inofensivamente por cima da cabeça, mas o segundo atingiu-o bem no alto do ombro esquerdo, deitando-o ao chão. Enquanto

caía no chão, a arma fugiu-lhe da mão e deslizou pelo corredor até bater na porta, ao fundo. Jacqueline avançou e disparou repetidamente, uma e outra vez, até a arma não ter mais balas e ter certeza absoluta de que Tariq al-Hourani estava morto. Nessa altura, a porta ao fundo do corredor abriu. Apontou a arma ao homem que a atravessava, mas era apenas Ari Shamron. Este avançou, fê-la largar a arma e enfiou-a no bolso do casaco.

— Onde é que está o Gabriel?

— Lá em cima.

— É grave?

— Acho que sim.

— Leve-me até ele.

Jacqueline olhou para o corpo de Tariq.

— Então é ele?

— Que fique aí estendido — respondeu Shamron — Que os cães lambam seu sangue. Leve-me ao Gabriel. Quero ver Gabriel.

JERUSALÉM: MARÇO

Gabriel acordou. Olhou para o mostrador luminoso do relógio, fechou os olhos: cinco e um quarto. Deixou-se ficar ali deitado, a tentar calcular quanto tempo tinha dormido. A tentar recordar-se de quando se tinha levantado do sofá e arrastado até a cama quanto tempo depois disso demorara até ter deslizado para a inconsciência? Tinha realmente dormido? A cabeça estivera tão desperta com sonhos que parecia não ter dormido.

Deixou-se ficar deitado sem se mexer, à espera para ver se o sono o levava outra vez, mas não adiantava. Depois vieram os sons: o chamamento de um muezim, a pairar pelo vale Hinnom, vindo de Silwan. Um sino de igreja a soar no Bairro Armênio. Os fiéis tinham acordado. Os infiéis e os psicologicamente perturbados não tinham outra hipótese senão juntarem-se a eles.

Apalpou o peito com as pontas dos dedos, testando se havia dor. Não era tão má como ontem. Cada dia era um pouco melhor. Saiu da cama com cuidado, entrou na cozinha, preparou café, fez umas torradas. Era um prisioneiro e, como qualquer prisioneiro, confortava-se com o ritual da rotina.

A sua cela não era em nada uma cela, mas sim um agradável apartamento seguro com vista para Zion Gate: chão de mosaicos frescos, tapetes brancos, mobília branca. Lembrava a Gabriel um hospital, o que em grande medida era. Vestiu uma camisola, um blusão cinzento de algodão com uma gola lassa, e levou o pequeno-almoço, passando as portas envidraçadas, para a mesa pequena na varanda.

Enquanto esperava pelo nascer do dia, examinou os cheiros particulares que, combinados, criavam a fragrância única de Jerusalém: salva e jasmim, mel e café, couro e tabaco, cipreste e eucalipto. Então chegou a madrugada. Na falta do trabalho de restauro, Jerusalém ao nascer do Sol transformara-se na arte de Gabriel. As últimas estrelas derreteram-se, o Sol espreitou pelo espinhaço da montanha que separava Jerusalém do deserto da margem ocidental. A primeira luz escorreu pela encosta cor de argila do monte das Oliveiras, depois desencadeou um fogo

dourado na Cúpula do Rochedo. A seguir, os raios caíram sobre a Igreja da Assunção, tornando escarlate a fachada da igreja virada para este e deixando o resto embrenhado na sombra.

Gabriel terminou o pequeno-almoço, levou a louça para a cozinha, lavou-a meticulosamente no lava-louça e colocou-a no escoredor para secar. E agora? Em algumas manhãs, ficava em casa e lia. Ultimamente, tinha começado a fazer caminhadas, um pouco mais longe de cada vez. Ontem, subira até o cume do monte Scopus. Descobriu que o ajudava a pensar, a tentar encontrar um sentido no meio dos destroços do caso.

Tomou um duche, vestiu-se e desceu. Quando saiu do prédio de apartamentos e entrou na rua, ouviu uma série de sons: um aparte roufenho, a porta de um carro a fechar-se, um motor a ligar-se. Os vigilantes de Shamron. Gabriel ignorou-os, apertou o fecho do casaco para se proteger do frio matinal e começou a andar. Atravessou Khativat Yerushalayim, entrou na Cidade Velha pela Porta de Jafa. Vagueou pelos mercados movimentados de El Bazaar: montes de grãos-de-bico e de lentilhas, pilhas de pão sem fermento, sacos a transbordar de especiarias aromáticas e grãos de café torrados, rapazes na venda ambulante de bugigangas e cafeteiras de prata. Um rapaz árabe enfiou uma estátua de Jesus em madeira de oliveira na mão de Gabriel e pediu um preço exorbitante. Tinha os olhos castanhos penetrantes de Tariq. Gabriel devolveu a estátua ao rapaz e, num árabe perfeito, disse-lhe que era muito.

Uma vez livre do mercado barulhento, passeou-se pelas vielas sossegadas e sinuosas, dirigindo-se gradualmente para este, a caminho do monte do Templo. O ar ia aquecendo devagar. Era quase Primavera. Lá em cima, estava um céu azul-celeste sem nuvens, mas o Sol ainda estava demasiado baixo para penetrar no labirinto da Cidade Velha. Gabriel flutuou por entre as sombras, um céptico no meio dos crentes neste lugar onde a devoção e o ódio colidiam. Calculou que, como todos os outros, estivesse à procura de respostas. Respostas diferentes, mas ainda assim respostas.

Vagueou durante muito tempo, pensando. Seguiu pelas ruelas escuras e frescas, para onde quer que o conduzissem. As vezes, deparava-se com um portão fechado ou com um muro impenetrável de pedra herodiana. Às vezes, chegava a um pátio banhado pela luz do Sol. Por um

instante, as coisas pareciam-lhe claras. Depois seguia por mais uma viela sinuosa, as sombras cercavam-no e apercebia-se de que ainda não estava nada mais perto da verdade.

Chegou a uma viela que dava para a Via Dolorosa. Uns metros à sua frente, um raio de luz caiu sobre as pedras do caminho. Ficou a observar enquanto dois homens, um hasside com um shtreimel preto e um árabe com um kaffiyeh branco esvoaçante, se aproximaram um do outro. Passaram um pelo outro sem olhar, sem um aceno ou uma olhadela de relance, e cada um seguiu o seu caminho. Gabriel foi até Beit ha-Bad e saiu da Cidade Velha pela Porta de Damasco. Shamron chamou Gabriel a Tiberíades nessa noite, para jantar. Comeram no terraço, embaixo de aquecedores a gás sibilantes. Gabriel não queria estar ali, mas desempenhou o papel do convidado cortês — ouviu as histórias do velho, contou algumas.

— Lev pediu demissão hoje. Disse que já não podia trabalhar mais numa organização em que o diretor de Operações não esteja a par de uma grande operação.

— Tem lá sua razão. Aceitou?

— Não tive escolha. — Shamron sorriu. — A posição do pobrezinho ficou insustentável. Tínhamos esmagado a serpente. Tínhamos decapitado a organização de Tariq e reunido seus soldados rasos. E Lev estava completamente por fora de tudo. Expliquei minhas razões para executar a operação como o fiz. Disse-lhe que o primeiro-ministro precisava poder negar tudo por completo e, infelizmente, isso implicava enganar meu próprio adjunto. Lev não se conformou.

— E os demais filhos problemáticos?

— Vão embora em breve.

Shamron pousou o garfo e levantou os olhos, na direção de Gabriel.

— Teremos várias vagas na suíte executiva no Boulevard do Rei Saul. Posso tentá-lo a voltar? Como soa chefe de Operações?

— Não estou interessado. Além disso, nunca fui homem de burocracia.

— Também acho, mas nunca me perdoaria se não tentasse.

— Então, e os americanos? Conseguiu ficar de novo nas boas graças deles? — Devagar mas de certeza. Parecem ter aceitado a nossa

versão da história: que tínhamos infiltrado um agente na organização do Tariq e que o agente fora revelado. Que não tivemos outra escolha que não fosse tomar as medidas apropriadas para salvaguardar a vida do agente. Continuam furiosos por não os termos posto a par da situação mais cedo.

— Isso é bem compreensível, tendo em conta a maneira como acabou. O que você disse a eles?

— Disse-lhes que não fazíamos ideia de que o Tariq estivesse em Nova York até a Jacqueline se ter libertado e nos alertar.

— E acreditaram nisso? — Até eu agora acredito.

— O meu nome veio à baila?

— De tempos em tempos. Adrian Carter quer pôr as mãos em você de novo.

— Oh, Deus.

— Não se preocupe. Não vou permitir.

Antes de sair dos Estados Unidos, Gabriel foi obrigado a aguentar oito horas de interrogatório: CIA, FBI, a polícia da cidade de Nova York. Shamron esteve a seu lado, como um bom advogado de defesa num depoimento — fazia objeções, respondia, lançava obstáculos a cada passo. No fim, tudo descambou numa troca de berros. Dois dias depois, um relato completo da operação contra Tariq, com base em fontes anônimas de serviços secretos ocidentais e do Oriente Médio, surgiu no *New York Times*. O nome de Gabriel foi publicado. O de Jacqueline também.

— Estou convencido de que foi Carter que divulgou tudo ao *Times*.

Gabriel detectou uma pincelada de admiração na voz do velho. Também ele já tinha usado a imprensa para estripar um inimigo, uma ou duas vezes ao longo dos anos.

— Acho que ele tinha razão para estar zangado comigo. Menti na cara dele sobre nosso conhecimento em relação ao envolvimento de Tariq em Paris.

— Lev também deve ter falado.

— Claro que sim. Carter está fora do meu alcance. O pequeno Lev vai pagar bem.

Shamron afastou o prato uns centímetros, apoiou os cotovelos curtos na mesa e tapou a boca com o punho.

— Pelo menos, a nossa reputação de um serviço de ação corajoso foi restaurada. Afinal de contas, eliminamos mesmo Tariq no meio de

Manhattan e salvamos a vida de Arafat.

— Não graças a mim.

— Do que está falando?

— Tariq quase me matou. E podia ter matado Arafat se não tivesse se acovardado no último minuto. Por que o deixou viver?

— Arafat tem estado muito calado em relação ao que se passou naquele escritório. Obviamente, disse algo que fez com que Tariq mudasse de ideia.

— Algum sinal do Yusef?

Shamron abanou a cabeça. — Vamos continuar a procurá-lo, é claro, mas duvido que voltemos a encontrá-lo. Já deve estar bem enfiado nas montanhas do Afeganistão a esta altura.

— E Benjamin Stone?

— Relaxando no Caribe, a bordo do seu iate.

Shamron mudou de rumo abruptamente.

— Fui visitar Jacqueline hoje.

— Como é que ela está?

— Por que não pergunta você mesmo? Ela quer ver você.

— Tenho que voltar para Jerusalém.

— Por que, Gabriel? Para poder perder mais tempo perambulando pela Cidade Velha com os malucos? Vai ver a moça. Passe algum tempo com ela. Quem sabe? Pode até se divertir.

— Quando vou poder ir embora?

— Na minha opinião profissional, nunca será seguro para sair de Israel.

— Quero ir para casa.

— Esta é sua casa, Gabriel!

Mas Gabriel limitou-se a abanar a cabeça devagar.

— O que foi que eu te fiz, Gabriel? Por que odeia tanto seu povo e seu país?

— Não odeio ninguém. Só não tenho paz nenhuma aqui.

— Então quer voltar correndo para a Europa? Voltar para seus quadros? Faça-me um favor. Saia de Jerusalém por uns dias. Pegue um carro e viaje por este seu país. Volte a conhecê-lo. Pode ser que goste.

— Não tenho vontade de fazer isso. Prefiro ficar em Jerusalém até você me liberar.

— Dane-se, Gabriel!
Shamron bateu com o punho na mesa, fazendo a louça pular.
— Passou os últimos anos da vida consertando tudo e todos menos a você mesmo. Restaura quadros e veleiros velhos. Restaurou o Escritório. Restaurou Jacqueline e Julian Isherwood. Até conseguiu restaurar Tariq... de uma forma estranha, assegurou que o enterrássemos na Alta Galileia. Mas agora é hora de restaurar a si mesmo. Saia daquele apartamento. Viva a vida, antes que acorde um dia e descubra que é um velho. Como eu.
— Então, e seus vigilantes?
— Coloquei-os lá para seu próprio bem.
— Livre-se deles.
Shamron esticou o queixo.
— Está bem, está por sua conta.

Enquanto Gabriel voltava de carro para Jerusalém nessa noite, pensou em como as coisas tinham corrido tão bem ao velho. Lev e os outros tinham-se ido embora, Tariq estava morto e a reputação do Escritório tinha sido restaurada. Nada mau para umas semanas de trabalho, Ari. Mesmo nada mau.

Primeiro, Gabriel foi para sul, descendo pelas escarpas e crateras áridas do Negev, até Eilat e ao mar Vermelho. Passou um dia a apanhar sol na praia, mas depressa se sentiu impaciente e partiu em direção ao norte, apanhando a via rápida pelo Negev Ocidental acima, até Beersheba, e depois a faixa negra da autoestrada através do deserto da Judeia e da margem ocidental.

Algo o fez escalar o extenuante Caminho da Serpente pelo lado este de Masada e vaguear pelas ruínas da antiga fortaleza. Evitou o piroso turístico do mar Morto, passou uma tarde a deambular pelos mercados árabes de Hebron e Jenin. Desejou poder ver a cara de Shamron, a observá-lo enquanto regateava com os comerciantes, com os seus kaffyehs brancos, debaixo do olhar firme de veteranos de olhos escuros da intifada.

Atravessou o vale Jezreel de carro e parou depois dos portões da colônia rural, logo à saída de Afula, na estrada para Nazaré, onde vivera em criança. Pensou em entrar. Para fazer o quê? Para ver o quê? Os pais

tinham morado há muito e, se por algum milagre, acabasse por encontrar alguém que conhecesse, podia apenas mentir.

Continuou a guiar, continuou a seguir para norte. Flores selvagens ardiam nas encostas enquanto se dirigia para a Galileia. Guiou à volta das margens do lago. A seguir, até a cidade antiga de Safed, na montanha. A seguir, até os montes Golã. Estacionou junto à estrada, ao pé de um pastor druso a cuidar do rebanho, ficou a ver o pôr do sol no Dedo da Galileia. Pela primeira vez em muitos anos, sentiu algo parecido com contentamento. Algo parecido com paz.

Voltou para o carro, desceu os Golãs, até um kibbut na saída de Qiryat Shemona. Era uma noite de sexta-feira. Foi até a sala de jantar, para uma refeição shabbat, sentou-se com um grupo de adultos do kibut: lavradores com as caras queimadas pelo sol e as mãos calejadas. Ignoraram-no durante algum tempo. Depois, um deles, um homem mais velho, perguntou-lhe o nome e de onde era. Disse-lhes que se chamava Gabriel. Que era do vale Jezreel mas que tinha estado fora durante muito tempo.

De manhã, atravessou as férteis terras planas da planície costeira e guiou para sul, ao longo do Mediterrâneo — atravessando Acra, Haifa, Cesareia e Netanya —, até finalmente dar por si na praia de Herzliya.

Ela estava encostada à balaustrada, os braços cruzados, a olhar para o mar ao pôr do Sol, o vento a empurrar-lhe madeixas do cabelo para cima da cara. Tinha vestida uma blusa branca larga e usava os óculos escuros de uma mulher que andava escondida.

Gabriel esperou que ela reparasse nele. Acabou por o fazer. Tinha sido treinada por Ari Shamron, e nenhum aluno do grande Shamron deixaria alguma vez de reparar num homem parado por baixo do seu terraço. Quando por fim o viu, um sorriso irrompeu, depois apagou-se. Levantou a mão, o aceno relutante de alguém que tinha sido queimado pelo fogo secreto. Gabriel baixou a cabeça e começou a andar.

Beberam vinho branco gelado no terraço e fizeram conversa de circunstância, evitando a operação ou Shamron ou as feridas de Gabriel. Gabriel contou-lhe a viagem. Jacqueline disse que gostaria de ter ido. Depois pediu desculpa por ter dito algo assim — não tinha o direito.

— Então porque é que vieste cá depois de todas estas semanas, Gabriel? Nunca fazes nada sem uma razão.

Queria ouvi-la uma vez mais: a versão de Tariq da história. Da maneira como ele lhe tinha contado naquela noite, durante a viagem de carro desde a fronteira para Nova York. Olhou para o mar enquanto ela falava, observando o vento a atirar a areia de um lado para o outro, o luar nas ondas, mas estava a ouvir intensamente. Quando ela terminou, continuava a não conseguir encaixar as últimas peças. Era como um quadro inacabado ou uma série de notas musicais sem resolução. Ela convidou-o a ficar para jantar. Mentiu e respondeu-lhe que tinha assuntos urgentes em Jerusalém.

— Ari disse que você quer ir embora. Quais são seus planos?

— Tenho um homem chamado Vecellio a minha espera em Londres.

— Tem certeza de que é seguro voltar?

— Não vou ter problema. E você?

— A minha história foi escancarada pelos jornais e telas de TV de todo o mundo. Nunca vou poder voltar à minha vida antiga. Não tenho outra escolha a não ser ficar aqui.

— Peço desculpas por te envolve nisso tudo, Jacqueline. Espero que possa me perdoar.

— Perdoar? Não, Gabriel, exatamente o contrário, na verdade. Agradeço. Tive exatamente o que queria.

Um segundo de hesitação.

— Bom, quase tudo.

Levou-o até embaixo, na praia. Beijou-a suavemente na boca, tocou-lhe no cabelo. A seguir, voltou-se e encaminhou-se para o carro. Parou uma vez para olhá-la por cima do ombro, mas ela já tinha desaparecido.

Estava com fome, por isso, em vez de ir direto a Jerusalém, parou em Telaviv para jantar. Estacionou na Rua Balfour, foi a pé até Sheinkin, perambulou por cafés da moda e lojas avant-garde, pensando na rue St.-Denis em Montreal. Tinha a sensação de que estava sendo seguido. Nada de específico, apenas o vislumbre de um rosto familiar demais — uma cor, um chapéu.

Comprou um jornal num quiosque, sentou-se num restaurante com pequenas mesas redondas que se espalhavam até a calçada.

Pedi um zfaafe e cerveja, depois abriu o jornal e leu o artigo principal da primeira página: Benjamin Stone, editor e empresário rebelde, está desaparecido e teme-se que tenha se afogado ao largo de St. Martin, no Caribe. As autoridades acreditam que Stone tenha caído de seu iate de luxo durante a noite. Gabriel fechou o jornal.

Como vai Benjamin Stone?

Relaxando no Caribe, a bordo de seu iate.

Quando chegou a comida, dobrou o jornal e deixou-o cair na cadeira vaga. Olhou para cima e reparou num homem lá fora, na calçada: elegante, bem-apessoado, cabelos pretos encaracolados, moça israelense loura ao braço. Gabriel pousou o garfo, olhou fixa e diretamente para ele, mandando às favas toda a discrição e as artes do ofício.

Não havia dúvida, qualquer dúvida: Yusef al-Tawfiki.

Gabriel deixou dinheiro em cima da mesa e saiu. Durante trinta minutos, seguiu-o. Ao longo de Sheinkin, depois de Allenby, depois até a Marginal. Uma cara pode enganar, mas, por vezes, o andar de um homem é tão singular como as impressões digitais. Gabriel seguira Yusef durante semanas em Londres. O seu andar estava gravado na memória de Gabriel. O fluir das ancas. A linha das costas. O modo como parecia estar sempre nas pontas dos pés, preparado para atacar de súbito.

Gabriel tentou lembrar-se se ele era canhoto ou destro. Imaginou-o parado na janela, apenas de cuecas, um relógio prateado grosso no pulso esquerdo. E destro. Se tivesse sido treinado pelo Escritório, usaria a arma no quadril esquerdo.

Gabriel aumentou o ritmo, reduzindo a distância entre eles, e puxou a Beretta. Apertou o cano da arma contra a parte de baixo das costas de Yusef e a seguir, num movimento rápido, enfiou a mão por baixo do casaco dele e sacou sua arma do coldre.

Yusef começou a virar-se.

Gabriel enfiou-lhe a arma ainda com mais força nas costas.

— Não se mexa, ou faço um buraco na sua espinha. E continue a andar.

Gabriel falou em hebraico. Yusef ficou muito quieto.

— Diga a sua namorada para dar uma volta.

Yusef fez um gesto com a cabeça para a moça; ela afastou-se rapidamente.

— Anda — disse Gabriel.

— Para onde?

— Até a praia.

Atravessaram a Marginal, Yusef à frente, Gabriel atrás, a arma fazendo pressão no rim de Yusef. Desceram um lance de escadas e caminharam pela praia até as luzes da Marginal se tornarem indistintas.

— Quem é você?

— Vai se foder! Quem você pensa que é para me pegar assim?

— Tem sorte de ainda estar vivo. Pelo que sei, você é da organização do Tariq. Pode ter vindo a Israel pôr uma bomba ou explodir um mercado. Ainda posso te matar, a não ser que me diga quem é.

— Não tem direito de falar assim comigo!

— Quem infiltrou você?

— Quem você acha?

— Shamron?

— Muito bem. Todos sempre dizem que você é esperto.

— Por quê?

— Se quer saber o porquê, fale com Shamron. Só fiz o que me mandaram. Mas me deixe dizer uma coisa. Se se aproximar de mim novamente, mato você. Não me importa quem você tenha sido.

Estendeu a mão, a palma para cima. Gabriel deu-lhe a arma. Voltou a enfiá-la no coldre. Voltou-se e caminhou pela praia escura em direção às luzes brilhantes da Marginal.

Os relâmpagos faiscavam sobre as encostas da Alta Galileia, enquanto Gabriel dirigia ao longo da margem do lago rumo à villa de Shamron. Rami estava à espera junto ao portão.

Quando Gabriel baixou a janela, Rami espetou a cabeça para dentro e deu uma olhada rápida no interior.

— Ele está no terraço. Estacione aqui. Vai a pé até a casa.

Rami estendeu a mão.

— Acredita mesmo que eu seja capaz de dar um tiro no sacana?

— Me dá a merda da arma, Allon, ou não poderá ir até a casa.

Gabriel entregou a Beretta e subiu a entrada. Relâmpagos explodiram sobre as encostas, iluminando as nuvens que rodopiavam, o vento a provocar ondas encrespadas na superfície do lago. Os gritos das

aves aquáticas enchiam o ar. Olhou para cima, em direção ao terraço, e viu Shamron, iluminado pelos postes a gás.

Quando Gabriel chegou ao terraço, encontrou Shamron na mesma posição, mas em vez de olhar para baixo, para a entrada, estava concentrado na tempestade acima das montanhas. Foi então que os relâmpagos pararam e o vento morreu. O lago ficou em silêncio e os pássaros pararam de gritar. Não havia um som. Apenas o sibilar dos postes a gás de Shamron, ardendo intensamente.

— Sim, começou Shamron, havia um verdadeiro Yusef al-Tawfiki, mas estava morto, assassinado em Shatila, na noite do massacre falangista, juntamente com o resto da família. Um dos agentes de Shamron entrou na casa após a matança e roubou os documentos da família. Os al-Tawfiki não tinham mais parentes no Líbano. Apenas um tio em Londres — um tio, do lado da mãe, que nunca tinha visto o sobrinho pequeno. Dias mais tarde aparece um rapaz num hospital de Beirute Oeste. Gravemente ferido, sem identificação. Os médicos perguntam seu nome. Diz que se chama Yusef al-Tawfiki.

— Como ele ficou com a ferida nas costas? — quis saber Gabriel.

— Foi posta lá por um médico ligado ao Escritório. O rapaz foi tratado no hospital em Beirute Ocidental e a ONU começou a procurar este tio misterioso em Londres. Demoraram uma semana para descobri-lo. Contaram o que tinha acontecido ao rapaz. O tio tomou providências para trazê-lo para a Inglaterra.

Era uma criança, pensou Gabriel: treze, talvez catorze anos. Como Shamron o tinha descoberto? Como o tinha treinado? Era monstruoso demais para pensar.

Shamron estalou os dedos poderosos tão alto que Rami, parado na porta da casa de guarda, olhou para cima de repente.

— E é assim que temos um agente no campo do inimigo, um rapaz cuja vida foi despedaçada por uma brutalidade inimaginável. Um rapaz com fogo no peito, que detesta os israelenses. Um rapaz que, um dia, se tornará um combatente e se vingará das pessoas que chacinaram sua família.

— Notável — disse Gabriel.

— Quando já tinha idade suficiente, Yusef começou a andar com a facção radical palestina de Londres. Atraiu a atenção de um caça-talentos

para a organização de Tariq. Examinaram-no. Limpo, ou assim pensavam. Puseram-no na seção de serviço secreto e planejamento. O Escritório tinha agora um agente numa das organizações terroristas mais perigosas da terra. Era tão valioso que o material dele tinha a lista de distribuição mais curta da história do Escritório: apenas uma pessoa, eu.

Shamron sentou-se e gesticulou na direção da cadeira vazia. Gabriel continuou em pé.

— Meses atrás, Yusef enviou-nos um relatório fascinante. Havia um rumor varrendo a organização: Tariq tinha um tumor cerebral. Tariq estava morrendo. A luta pela sucessão tinha começado. Os coronéis de Tariq competiam pela posição. E outra coisa: Tariq não queria partir em silêncio. Pretendia armar um pequeno inferno na terra antes de flutuar a caminho do Paraíso. Matar um embaixador ou dois. Bombardear uns quantos escritórios de companhias aéreas. Talvez abater um jato comercial.

— Então você me procura depois do atentado de Paris. Conta essa história triste de que o Escritório já não consegue operar direito. Que o Escritório não conseguia encontrar o Escritório sem um mapa. Como um idiota, concordo. E, ao mesmo tempo, sussurra no ouvido de Tariq que estou de volta e à procura dele. E o jogo começa.

— A organização dele era rigidamente compartimentada. Mesmo com um homem lá dentro, sabia que Tariq seria difícil de abater. Tinha de ajudá-lo a cometer um erro. Pensei que se acenasse para ele com o Gabriel Allon, podia deixá-lo zangado. Pensei que podia fazê-lo atacar, expor-se por tempo suficiente para lhe espetar uma faca no coração.

— Então me põe atrás de Yusef, seu próprio agente. Diz que é vulnerável à aproximação de uma mulher. Vigio-o durante dois dias, está com duas mulheres diferentes. Também eram do Escritório?

— Eram garotas do Yusef. Ele nunca teve dificuldade para conseguir mulheres sozinho.

— Peço a Jacqueline para me ajudar. Supostamente, é um trabalho rápido. Mas Yusef acaba se interessando por ela. Yusef quer continuar a vê-la. Digo a você para tirá-la da operação. Mas você me obriga a mantê-la.

Shamron cruzou os braços, contraiu o maxilar. Claramente, queria ver quanto é que Gabriel tinha descoberto sozinho.

— Yusef diz a sua gente que está sendo vigiado. Também fala da moça francesa com quem tem andado. Conta que acha que pode ser uma

agente israelense. Tariq entra em êxtase. Tariq tem esperado isso. Diz a Yusef para recrutar a moça sob falsos pretextos, para uma missão. Sabem que Jacqueline vai morder a isca, pois sabem que ela é do Escritório.

— Bravo, Gabriel.

— Ela sabia?

— Jacqueline?

— Sim, Jacqueline! Sabia a verdade?

— É claro que não. Está apaixonada por você. Nunca concordaria em te enganar.

— Por que não me disse simplesmente a verdade?

— Diga uma coisa, Gabriel. Se tivesse ido até a Cornualha e pedido para sair da aposentadoria e servir de isca para Tariq, por acaso teria feito? É claro que não.

— Então põe minha vida em risco. E a da Jacqueline!

— Peço desculpas pelo que aconteceu em Nova York. Foi muito mais longe do que o previsto.

— Mas ele já estava morrendo. Por que não deixou simplesmente que o tumor matasse Tariq?

— Porque a organização continuaria sem ele. Ficaria muito mais perigosa e imprevisível do que antes. E porque a minha organização estava em ruínas. O Escritório precisava de um golpe para restaurar a confiança do governo e do povo de Israel.

— Então, e se o governo e o povo descobrissem exatamente como você conseguiu esse grande golpe?

— O primeiro-ministro sabe de tudo.

— E o povo?

— Nem pense em correr para os jornais.

— Por quê? Porque posso acabar como Benjamin Stone?

Shamron não disse nada. Gabriel abanou a cabeça.

— Você seria capaz mesmo de fazer, não é? Também me mataria se me metesse em seu caminho. E ainda se pergunta por que não consegue dormir à noite.

— Alguém tem de fazer estas coisas, Gabriel! Se não for eu, quem? Se os nossos inimigos pensarem que o Escritório está fraco, então os nossos inimigos vão nos testar. Talvez matassem uns quantos judeus sempre que lhes desse vontade. Os sírios talvez irrompessem outra vez por

aquelas encostas e nos tentassem expulsar para o mar. Um outro Hitler talvez ficasse com a ideia de que podia exterminar meu povo enquanto o mundo assiste sem fazer nada. Posso te envergonhar de vez em quando. Posso usar métodos que acha repugnantes, mas, secretamente, está contente que eu esteja aqui. Ajuda você a dormir à noite.

— Por quê? — perguntou Gabriel. — Por que mentir depois desses anos todos? Por que não dizer as coisas como elas são? Por que dedicar-se a uma mentira tão elaborada?

Shamron conseguiu dar um sorriso fraco.

— Alguma vez te falei da noite em que raptamos Eichmann?

— Já ouvi essa história uma centena de vezes.

— Mas nunca a história toda.

Shamron fechou os olhos e estremeceu ligeiramente, como se a lembrança fosse dolorosa.

— Sabíamos que o sacana pegava sempre o mesmo ônibus para casa todas as noites. Tudo o que tínhamos de fazer era agarrá-lo quando saísse. Já o tínhamos praticado uma centena de vezes. Durante os exercícios, fui capaz de executar a apreensão em doze segundos. Mas naquela noite, ao sair do carro, tropecei. Eichmann quase fugiu porque eu tropecei. Sabe por que tropecei, Gabriel? Tropecei porque tinha esquecido de apertar os cadarços. Peguei-o, é claro. Mas aprendi uma lição valiosa naquela noite. Não deixe absolutamente nada ao acaso.

— Então não foi nenhum acidente Yusef passar pela minha mesa hoje à noite em Telaviv? — perguntou Gabriel. — Você o enviou lá para que eu o visse. Queria que eu soubesse a verdade.

Shamron inclinou a cabeça uma fração de centímetro. Realmente.

Eram quatro da manhã quando Gabriel voltou ao apartamento em Jerusalém. Em cima da mesa estava um envelope grande do Escritório. Lá dentro, três envelopes mais pequenos: um continha um bilhete de avião para o voo da manhã para Londres, outro continha três passaportes de nacionalidades diferentes e um terceiro estava cheio de dólares americanos e de libras esterlinas. Gabriel colocou os envelopes mais pequenos no maior e levou-o até o quarto, onde arrumou os pertences que faltavam na mochila. O voo era só dali a cinco horas. Pensou em dormir, sabia que não conseguiria. Pensou em guiar até Herzliya.

Jacqueline. Nada daquilo tinha sido verdadeiro. Só Jacqueline. Foi até a cozinha e fez café. Depois foi até a varanda e esperou pela madrugada.

EPÍLOGO

PORT NAVAS, CORNUALHA

Algo fez Peel acordar. Colocou-se de lado, pegou a lanterna que estava na mesa de cabeceira e apontou-a para o relógio: 3h15 da manhã. Apagou a luz e deixou-se ficar acordado na escuridão, ouvindo o vento gemendo nas bordas do telhado, a mãe e Derek conversando baixinho no quarto ao lado.

Só conseguia ouvir pedaços da conversa, por isso fechou os olhos, lembrando-se de algo sobre os cegos ouvirem melhor do que quem vê.

— Estou tendo dificuldade com a nova peça — dizia Derek. — Parece que não consigo entrar no primeiro ato... difícil com uma criança em casa... voltar para Londres para estar com o pai... tempo juntos a sós... amantes de novo...

Estava prestes a tapar os ouvidos com a almofada quando ouviu um som lá fora no cais: um carro pequeno, chacoalhando como um carro de bois com uma roda quebrada. Sentou-se, afastou os cobertores, pôs os pés no chão de madeira frio. Levou a lanterna até a janela e olhou lá para fora: uma única luz traseira vermelha pairando no cais na direção do viveiro de ostras.

O carro sumiu entre as árvores, depois apareceu um momento mais tarde, só que agora Peel estava olhando diretamente para os faróis. Era um MG e estava parando em frente ao chalé do velho capataz. Peel levantou a lanterna, apontou-a para o carro, apagou e acendeu a luz duas vezes. Os faróis do MG piscaram em resposta. A seguir, o motor parou e os faróis se apagaram.

Peel voltou para a cama e puxou os cobertores até o queixo. Derek e a mãe continuavam a conversar, mas não se importou muito. O estranho tinha voltado a Port Navas. Peel fechou os olhos e não demorou a dormir.

FIM

AGRADECIMENTOS

Este livro não poderia ter sido escrito sem a ajuda generosa de David Buli. É, sem dúvida, um dos melhores restauradores de arte do mundo e tive o privilégio de passar muitas horas agradáveis na sua companhia. Concedeu-me, sem contrapartidas, o seu tempo e conhecimentos e permitiu-me deambular tanto pelo seu estúdio como pelas suas memórias. Estou eternamente agradecido por isso. Um agradecimento especial à talentosa mulher de David, Teresa Longyear; a Lucy Bisognano, antigo membro do staff de preservação da National Gallery, que tentou me ensinar os princípios básicos da análise por Raios X; e a Maxwell Anderson, diretor do Whitney Museum of American Art, por sua amizade e ajuda. desnecessário dizer que não têm quaisquer responsabilidades por erros, omissões ou liberdades dramáticas.

Wolf Blitzer, amigo e colega dos meus tempos na CNN, ajudou-me generosamente a preencher alguns espaços em branco na minha pesquisa sobre a comunidade dos serviços secretos israelenses. Louis Toscano, autor de Triple Cross, um livro inovador sobre o caso Vanunu, leu o meu manuscrito e disponibilizou seus conhecimentos profundos. Glenn Whidden respondeu a todas as minhas perguntas sobre a arte da escuta, tal como o fez um antigo chefe do Escritório dos Serviços Técnicos da CIA.

Ion Trewin, diretor executivo de Weidenfeld & Nicolson em Londres, leu meu manuscrito e, como sempre, disponibilizou conselhos sábios. Joseph Finder e Mark T. Sullivan forneceram apoio moral inestimável e fizeram-me rir durante todo esse tempo. Andrew Neil abriu-nos a casa e partilhou algumas experiências notáveis no mundo da imprensa londrina. Ernie Lyles respondeu a todas as minhas perguntas sobre armas semiautomáticas e fez de mim um atirador decente com uma Glock e uma Browning.

Um agradecimento especial a Peter e Paula White, por uma semana encantadora na East Cornwall e uma viagem de barco memorável por Helford Passage. Também ao staff da venerável loja londrina de material de arte, L. Cornellissen & Son, e do Hotel Queen Elizabeth em

Montreal. E a Phyllis e Bernard Jacob, pelo seu amor, apoio e por um dia nas ruas do Brooklyn de que nunca me esquecerei.

Entre as dúzias de livros não ficcionais que consultei enquanto preparava este manuscrito, vários revelaram-se particularmente úteis: *Every Spy a Prince*, de Dan Raviv e Yossi Melman; *Gideon's Spies*, de Gordon Thomas; *Israel: A History* e *The Holocaust: A. History of the Jews of Europe During the Second World War*, de Martin Gilbert; *The Gun and the Olive Branch*, de David Hirst; *Way of Deception*, de Victor Ostrovsky e Clair Hoy; *The Hit Team*, de David B. Tinnin e Dag Christensen; *My Home, My Land*, de Abu Iyad; *The Quest for the Red Prime*, de Michael Bar-Zohar e Eitan Haber; *The Palestinians*, de Jonathan Dimbleby; *Arafat*, de Alan Hart; e *The Holocaust and the Jews of Marseille*, de Donna F. Ryan.

Um agradecimento sentido à equipe da International Creative Management em Nova York: Jack Horner, John De Laney e, claro, a minha agente literária, Esther Newberg. Seu apoio e amizade significam tudo para mim.

E, por fim, ao talentoso grupo de profissionais da Random House: Ann Godoff, Andy Carpenter, Christen Kidd, Sybil Pincus, Lesley Oelsner, e meu editor, Daniel Menaker. É um privilégio trabalhar com uma pessoa com seu enorme talento.

Digitalização: Dores Cunha

